



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MARINALVA BEZERRA VILAR DE CARVALHO**

**“O MÉDICO DISSE QUE ESTOU MAGRINHO”: ALIMENTAÇÃO NA INFÂNCIA  
COMO UMA PRÁTICA EDUCATIVA NA PARAÍBA (1918 A 1937)**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2017**

**MARINALVA BEZERRA VILAR DE CARVALHO**

**“O MÉDICO DISSE QUE ESTOU MAGRINHO”: ALIMENTAÇÃO NA INFÂNCIA  
COMO UMA PRÁTICA EDUCATIVA NA PARAÍBA (1918 A 1937)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.  
Linha de pesquisa: História Cultural das Práticas Educativas.

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira.

**CAMPINA GRANDE - PB  
2017**

MARINALVA BEZERRA VILAR DE CARVALHO

“O MÉDICO DISSE QUE ESTOU MAGRINHO”: ALIMENTAÇÃO NA INFÂNCIA  
COMO UMA PRÁTICA EDUCATIVA NA PARAÍBA (1918 A 1937)

Aprovada em: 20 / 12 / 2017.

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (UFCG)  
Orientador



---

Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior (UFRN/UFCG)  
Examinador Interno



---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (UEPB)  
Examinadora Externa

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Regina Coelli Gomes Nascimento (UFCG)  
Examinadora Interna - Suplente

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Margareth Maria de Melo (UEPB)  
Examinadora Externa - Suplente

**DEUS,**

Dedico este trabalho a DEUS, pois nunca me abandonou, mesmo quando me esqueço de agradecer, ele nunca me faltou nas dificuldades. Dedico a DEUS, pois sem ele não há realizações na minha vida. Agradeço porque nunca desistiu de mim, mesmo quando minhas ações não foram as melhores para ele. Agradeço a DEUS porque acredito na sua existência que comanda minha vida. Só DEUS é o limite dos meus sonhos.

## AGRADECIMENTOS

**Agradecer é uma arte**, só o faz, verdadeiramente, quem vê, sente e vive a vida como um presente, uma possibilidade. Agradecer é a capacidade de reconhecer a importância do outro na sua vida. Nos reduzimos a nada sem a presença do outro em nosso cotidiano [...]. Vivemos em permanente interdependência. Para a minha existência o outro se torna uma exigência.

(Pe. EDERSON IAROCHEVSKI).

Também considero que agradecer é uma Arte, mas não sendo artista, arrisco a fazer uso das minhas sensibilidades para agradecer e reconhecer a importância de cada um desses seres criados por DEUS que contribuíram para essa conquista. Com isso, corro o risco de deslocar uma percepção de detalhes de maneira mais ampliada a um e, por vezes, suprimir de outro, no entanto, cada um tem sua importância que resulta das circunstâncias nas quais esses seres especiais se posicionaram e se posicionam em minha vida. É nesta controvérsia que arrisco a tecer essa narrativa, para tal, me aproprio das “tecnologias de fabricação de sujeitos”, de Foucault, e tento construir a atuação desses sujeitos como obra de arte. Deste ponto de vista, realço as diferentes formas que cada um me tocou nessa construção. Como efeito, fica o desafio...

Ao Professor PhD Iranilson Buriti de Oliveira, meu querido orientador, que alicerçou meu sonho desde o ano de 2009, quando fui aluna especial do programa de pós-graduação. O considero meu ‘anjo intelectual’, que respeito e admiro. Com sua sapiência me conduziu a tecer esta dissertação. Sou eternamente grata pela sua dedicação e amizade.

Professora Dr<sup>a</sup>. Eronides Câmara de Araújo (Nilda), agradeço pelas belas aulas das sensibilidades, quando me ensinou a gostar e a ler Michel Foucault, autor que nos possibilita ver e viver a vida de outras maneiras.

À Professora Dr<sup>a</sup>. Regina Coelli Gomes Nascimento, que além das aulas das sensibilidades em parceria com Nilda, acreditou em mim nas aulas de estágio, quando pudemos completar uma a outra acreditando em algo melhor para os graduandos. Também contribuiu com sua sabedoria, sensibilidade e incentivo na construção desse sonho.

À Professora Dr<sup>a</sup>. Silêde Leila Cavalcante, da cadeira de Metodologia do Ensino da História no 1º e 2º Graus. Agradeço a confiança, o carinho por ter nos permitido adentrar nas suas aulas para ministrar o estágio docência com plena liberdade metodológica, reconhecendo nosso desempenho e contribuindo para nosso crescimento intelectual e profissional.

À Professora Dr<sup>a</sup>. Marinalva Vilar de Lima, da cadeira Cultura, Poder e Identidades e História Cultural e Social que transformou nossas manhãs das segundas-feiras em encontros agradáveis com risos e aprendizado, provocando a hibridização dos nossos conhecimentos.

Ao Dr. Luciano Mendonça de Lima, que em parceria com a Dr<sup>a</sup> Marinalva Vilar de Lima, ministrou a cadeira História Cultural e Social, contribuindo para pensarmos nosso lugar enquanto historiadora e pesquisadora.

Ao Professor Dr. Gervácio Batista Aranha, que sabiamente nos mostrou as possibilidades dos caminhos teóricos para se pensar uma História crítica e reflexiva.

À querida Dr<sup>a</sup>. Vivian Galdino de Andrade, da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, ex-aluna que muito me orgulhou pelo reencontro, em que pudemos realçar nossos laços de amizade compartilhando aprendizado, experiências e afetividades. ‘Doce menina’ que, com sabedoria e sensibilidade, teceu importantes contribuições para a conclusão desta dissertação.

Ao Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior, que com dedicação e gentileza, abrilhantou nossa banca lendo e contribuindo para o aperfeiçoamento deste trabalho. E entre as belas reflexões que pude ter com ele, esta marcou e vale a pena repetir: “Se não é para somar, não precisa estar perto”. Esse pensamento reflete exatamente o que ele é, sensível, humano e prestativo.

À Professora Dr<sup>a</sup> Patrícia Cristina de Aragão Araújo, pela presteza e carinho com que acolheu meu convite para estar nesta banca, contribuindo com seus saberes. Agradeço pela força que sempre me deu para continuar em busca deste sonho.

À Professora Dr<sup>a</sup> Margareth Maria de Melo participante da banca examinadora. Agradeço por ser esta pessoa tão solícita que nos honra com sua presença nessa conquista.

Aos graduandos de História, turma 2016, que foram receptivos nas aulas do estágio docência e contribuíram cada um à sua maneira, para o êxito dessa fantástica experiência na minha vida. Jovens estudantes, cheios de sonhos e sabedoria, aos quais desejo todas as melhores conquistas.

Ao secretário do PPGH, Felipe, que sempre nos atendeu com atenção e presteza.

À querida amiga e Secretária do Curso de História e Dinter, Socorro Costa, obrigada pelo apoio, por aquelas palavras de carinho e as ajudas indispensáveis sempre na hora certa.

Aos amigos Alexandro Santos, João Diogo Trindade, Janaina Leandro, Thalita Mariana Moura, Leonilda de França, Nita Keoma, Neusa Victor e Hercília Maria Souza, que conquistei neste curso, jovens inteligentes e admiráveis, aos quais desejo muitas conquistas. Agradeço a atenção, o carinho e o compartilhamento das preocupações com nossas produções. Aos demais estudantes do curso, que todos consigam realizar seus sonhos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que tem contribuído para as formações e qualificações dos profissionais no espaço acadêmico e viabilizou meu encontro com as fontes para este estudo.

Aos funcionários da Biblioteca Municipal da cidade de Esperança, da Biblioteca Obras Raras Átila de Almeida da UEPB, do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, do Arquivo particular do Dr. Maurílio de Almeida no município de João Pessoa. Lugares onde estive para realizar as pesquisas.

À gestora da escola Municipal Lafayete Cavalcante, Maria Angélica Leal Barros, onde atuo como professora de História. Agradeço imensamente o apoio, o carinho e a disponibilidade de tempo que me concedeu para as aulas.

Aos professores José Macedo e Wagner Christian, da escola Municipal Lafayette Cavalcante, parceiros do trabalho que contribuíram quando precisei.

Ao meu querido esposo Sanção Vilar de Carvalho, que sempre respeitou minha vontade de estudar e sempre contribuiu com o nosso lar, já que eu não podia dar conta de tudo sozinha.

Ao meu amado filho Pablo Bezerra Vilar, presente de DEUS na minha vida, ele que acompanhou minhas lágrimas nas diversas tentativas de seleção que fiz e sempre dizia: “Calma, mainha, na próxima vai dar certo, você vai conseguir”. Obrigada, filho. Mamãe conseguiu!

Meus pais, Milton Bezerra e Helena de Castro, aos meus irmãos, irmãs e sobrinhos, com quem compartilho meus sonhos e, cada um à sua maneira, participam das minhas conquistas.

“De todo o coração vos agradeço, Senhor, e proclamo as vossas maravilhas” (Sl 9,2).

Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho.

## RESUMO

CARVALHO, Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho. **“O médico disse que estou magrinho”**: alimentação na infância como uma prática educativa na Paraíba (1918 a 1937), (2017). 209 fls. Dissertação. Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Campina Grande- PB, 2017.

Este trabalho teve por objetivo analisar como os anúncios publicitários de alimentação infantil, que circularam em revistas e jornais no estado da Paraíba, entre 1918 a 1937 do século XX, divulgavam práticas educativas para alimentar as crianças. Para construir esta operação historiográfica, dialogamos com a história do movimento nacional de intervenção do Estado e sua interface com o movimento sanitarista nos sertões, tendo como alvo a saúde como um dos preceitos para o desenvolvimento da nação. Problematicamos as práticas médicas com as prescrições dos alimentos, o papel da mãe com a ‘missão social’ da maternidade e os discursos da eugenia e da higiene na perspectiva neolamarckiana que transformou a criança em alvo dos discursos biológicos e políticos. Os anúncios foram interpretados pelas tramas da História Cultural com a metodologia da análise do discurso, pelo prisma de Michel Foucault, através dos dispositivos da governamentalidade, da biopolítica e do biopoder. Os aspectos representativos das imagens das crianças foram interpretados pela ótica de Roger Chartier. Utilizamos como fontes os periódicos *A União* (1918- 1937) e a revista *Era Nova* (1921 e 1926). Com estes olhares teóricos, identificamos as estratégias dos anúncios com a política eugênica para vender os produtos e as influências das políticas públicas em torno das ‘novas’ práticas educativas das mães alimentarem as crianças, preparando-as para serem o ‘futuro da Pátria’.

**Palavras-chave:** Alimentação Infantil. Maternidade. Eugenia. Práticas educativas.

## ABSTRACT

CARVALHO, Marinalva Bezerra Vilar de. **“The doctor said i am too thin”**: Childhood feeding as a an educational practice on Paraíba (1918 up to 1937), (2017). 209 pages. Dissertation. Post-Graduation on History. Federal University of Campina Grande- PB, 2017.

The objective of this study was to analyze how advertisements of infant feeding, which circulated in magazines and newspapers in the state of Paraíba, between 1918 and 1937 of the 20th century, disseminated educational practices for feeding children. In order to construct this historiographical operation, we had dialogues with the history of Brazil in the period of the First Republic when there was the national movement of state intervention in the sanitary movement on the sertões region and in the urban areas aiming the health directed towards the construction of the national identity that also had impact in Paraíba with an ideal of having a healthy and robust people as symbols of progress and civilization. We problematize medical practices with food prescriptions, the role of the mother, the 'social mission' of motherhood, and the discourses of eugenics and hygiene in the Neolamarckian perspective explained by Stepan that transformed the child as the target of biological and political discourses around your health. The ads were interpreted by the plots of Cultural History with the methodology of the discourse analysis by the prism of Michel Foucault, through the devices of governmentality, biopolitics and biopower. The representative aspects of children's images were interpreted by the prism of Roger Chartier. We used as sources the periodicals The Union and the New Era. With these theoretical perspectives, we identify the advertising strategies with the eugenic policy to sell the products and the influences of the public policies around the 'new' educational practices of the mothers feeding the children preparing them to be 'future of the Homeland'.

**Keywords:** Childhood Feeding. Motherhood. Eugenics. Educational practices.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 01</b> O leite materno.....	42
<b>Imagem 02</b> Leite Moça.....	46
<b>Imagem 03</b> As Crianças De Hoje.....	48
<b>Imagem 04</b> Mães que amamentam.....	56
<b>Imagem 05</b> Dae ao vosso filho um producto superior!”.....	59
<b>Imagem 06</b> Mães!.....	61
<b>Imagem 07</b> A Mortalidade Infantil.....	64
<b>Imagem 08</b> Como alimentar o seu bebê?.....	67
<b>Imagem 09</b> Para cada caso um leite em pó Nestlé .....	69
<b>Imagem 10</b> Mingau de Farinha Lactea Nestlé.....	75
<b>Imagem 11</b> O que é a Farinha Sabino Pinho.....	83
<b>Imagem 12</b> Dryco é leite em pó.....	96
<b>Imagem 13</b> Primeiro Dente.....	99
<b>Imagem 14</b> Cirurgião Dentista Dr. Janson Lima.....	100
<b>Imagem 15</b> Prédio da Assistência Dentária Infantil.....	101
<b>Imagem 16</b> Balança Filizola.....	103
<b>Imagem 17</b> Que garoto peralta.....	106
<b>Imagem 18</b> Pernas bambas.....	109
<b>Imagem 19</b> Qual dellas merece mais cuidado?.....	111
<b>Imagem 20</b> Si elle pudesse fallar.....	114
<b>Imagem 21</b> Mamadeiras e bicos.....	115
<b>Imagem 22</b> Leite Condensado marca ‘Moça’ .....	117
<b>Imagem 23</b> O Somno do bebê deve ser calmo.....	118
<b>Imagem 24</b> Um bebé Nestlé.....	120
<b>Imagem 25</b> Trabalhando no duro... como se fosse gente grande.....	122
<b>Imagem 26</b> Farinha Lactea Nestlé: alegria, força, vivacidade.....	125
<b>Imagem 27</b> A Farinha Lactea Nestlé é uma tentação.....	127
<b>Imagem 28</b> Maizena Durya.....	129
<b>Imagem 29</b> Que bella creança.....	131
<b>Imagem 30</b> A Esperança da Pátria.....	132
<b>Imagem 31</b> Para as creanças brincar é viver.....	133
<b>Imagem 32</b> Má nutrição e fraqueza organica.....	138

<b>Imagem 33</b> Até as creanças.....	139
<b>Imagem 34</b> Saúde.....	141
<b>Imagem 35</b> Bebés.....	142
<b>Imagem 36</b> Emulsão de Scott- rica em vitaminas.....	144
<b>Imagem 37</b> Ama para creanças.....	149
<b>Imagem 38</b> Leites em pó Nestlé.....	152
<b>Imagem 39</b> Leite Eledon.....	154
<b>Imagem 40</b> Leite condensado Moça.....	155
<b>Imagem 41</b> O Leite Moça protege a criança.....	156
<b>Imagem 42</b> Leite Nacional Ararense.....	162
<b>Imagem 43</b> Farinha Lactea Nestlé.....	165
<b>Imagem 44</b> Observações clínicas recentes.....	167
<b>Imagem 45</b> Farinha dos Petizes.....	168
<b>Imagem 46</b> Pondo a bocca no mundo.....	170
<b>Imagem 47</b> 50 annos de confiança.....	172
<b>Imagem 48</b> Inauguração da Cozinha Dietética.....	177
<b>Imagem 49</b> Entrega do leite às mães.....	179
<b>Imagem 50</b> Mães alimentando os filhos no lactário.....	180

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> Causas da Mortalidade Infantil no Brasil .....	50
<b>Quadro 02</b> Diferentes tipos de Leites em Pó.....	70
<b>Quadro 03</b> Composição da banana.....	85
<b>Quadro 04</b> Óbitos Segundo as Idades.....	95
<b>Quadro 05</b> Referências para o Peso da Criança.....	104
<b>Quadro 06</b> Os Efeitos da Cozinha Dietética.....	182

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

C331m Carvalho, Marinalva Bezerra Vilar de.  
“O médico disse que estou magrinho” : alimentação na infância como uma prática educativa na Paraíba (1918 a 1937) / Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho. – Campina Grande, 2018.  
209 f. : il.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.  
"Orientação: Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira".  
Referências.

1. Alimentação Infantil. 2. Maternidade. 3. Eugênia. 4. Práticas Educativas. I. Oliveira, Iranilson Buriti de. II. Título.

CDU 930:641.1 (043)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
Trajetórias do encontro com as crianças e o despertar do tema.....	14
A alimentação como objeto cultural de investigação histórica.....	16
Limites do tempo, espaço e objetivos da pesquisa.....	19
Descortinando as fontes.....	26
Configurações metodológicas e trilhas teóricas.....	33
<b>CAPÍTULO I - MATERNIDADE E MEDICINA DE PAPEL: AS PRESCRIÇÕES DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA ‘NOBRE’ MISSÃO DE ALIMENTAR A CRIANÇA.....</b>	<b>40</b>
1.1 Traços do projeto de nação: pelos fios dos alimentos.....	41
1.2 Mãe: a nação se renova no teu ventre .....	54
1.3 “Há dúvidas? Procure um médico: as prescrições dos alimentos” .....	72
<b>CAPÍTULO II - O CORPO FALA SEM PALAVRAS: A REPRESENTAÇÃO DA SAÚDE E DA BELEZA DA CRIANÇA NOS ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DE ALIMENTAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>89</b>
2.1 Sem alimentação não há saúde: o corpo regado ao leite.....	90
2.2 Corpos robustos: esculpidos com massas.....	123
2.3 Que bella creança: o corpo com a Emulsão de Scott.....	130
<b>CAPÍTULO III - “APETITE ASSIM É SIGNAL DE SAÚDE”: A CRIANÇA SADIA E ROBUSTA NOS DISCURSOS DOS ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DE ALIMENTAÇÃO INFANTIL DE 1918 A 1937.....</b>	<b>135</b>
3.1 “Robusteza sua criança: dê-lhe a Emulsão de Scott.....	136
3.2 O futuro do bebê depende da alimentação! Os leites e os farináceos industrializados.....	148
3.3 Institucionalização da alimentação para criança: o caso do lactário.....	174
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>184</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>187</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>196</b>

## INTRODUÇÃO

---

### Trajetórias do encontro com as crianças e o despertar do tema

Bom dia começa com alegria,  
 Bom dia começa com amor,  
 O sol a brilhar,  
 As aves a voar,  
 Bom dia coleguinhas,  
 Bom diaaaa!!!!<sup>1</sup>  
 (Compositor: Júlio D'zambê).

A canção: “Bom dia começa com alegria” nos remete a um belo dia de fevereiro de 2004, quando fomos a um lugar ao qual chamamos de “liberdade”<sup>2</sup>. Era uma creche Municipal em Campina Grande-PB. Após a aprovação no concurso público, fomos designadas para esta unidade de ensino como professora de Educação Infantil. Esse lugar representava a liberdade, porque foi lá onde tivemos a oportunidade de compartilhar emoções e construir conhecimentos através da ludicidade e da afetividade. Então, passamos a viver outras experiências e expectativas com relação à educação escolar, diferente da que já tínhamos há 10 anos como professora do componente curricular de História.

Era segunda-feira, uma manhã ensolarada, às 7h, nos aproximamos do portão da creche, onde vimos mães ansiosas por deixarem seus “tesouros” sob os cuidados daquelas educadoras até então desconhecidas, pois era o primeiro dia de aula. Então, percebemos corpinhos miúdos, olhinhos chorando, uns agarrados ao pescoço da mãe, outro às pernas, porque esta já conduzia outro filho nos braços. O dia prometia muitas emoções... Lá estávamos para enfrentar um novo desafio profissional.

Adentramos no espaço da creche e, logo depois, a gestora abriu o portão. As crianças corriam, as mães corriam atrás, e entre choros e gritos recebemos 22 ‘pimpolhos’ para cuidarmos e educá-los. Apesar daquela balbúrdia, mantivemos o equilíbrio e logo percebemos que as crianças conduziam em suas mãos pipocas e pelotas. Mas não nos atrevemos a confiscar este troféu. Imaginamos que ele representava o acalento da ausência da mãe.

O desafio desse primeiro dia era controlar aquele ‘hino de choro’ que ecoava na sala de aula. Logo, começamos a cantar, e aqueles olhinhos arregalados, cheios de lágrimas, nos olhavam e nada compreendiam. Eram pequenas crianças com apenas três anos de idade.

---

<sup>1</sup> Canção cantada na creche para dar boas-vindas e bom dia às crianças antes de iniciar as aulas. Foi a que cantamos no primeiro dia de aula.

<sup>2</sup>O termo liberdade foi usado como uma metáfora, para identificar como eu me sentia com esta nova experiência de trabalho.

Assim, começou nosso primeiro dia de liberdade. Os dias se passaram, fomos nos adaptando à pedagogização da creche. Cultivamos afeto, atenção e inquietações por aquelas crianças.

Fazia parte da rotina pedagógica da creche as práticas educativas de incentivo à alimentação na infância. Mas aquelas pipocas, pirulitos, biscoitos recheados e outras guloseimas industrializadas estavam sempre nas mãos daquelas crianças quando vinham de casa e isso fazia com que não aceitassem o café da manhã que era oferecido naquela unidade de ensino.

Entre um contato e outro com as mães, elas narravam que em casa os filhos não ‘comiam comida de panela<sup>3</sup>’, só queriam mingaus e vitaminas. Na creche, as crianças não usavam mamadeiras, o discurso era: “Vamos tomar leitinho com biscoito que é bom. Comer feijão com arroz e legumes que é para ficar forte<sup>4</sup>.” Assim, com um cardápio balanceado, estávamos desenvolvendo nas crianças uma ‘nova’ prática educativa. Mas, se na creche as crianças estavam sendo pedagogizadas para um ‘novo’ hábito alimentar, então, por que as mães não conseguiam estabelecer essa rotina em casa com as crianças?

Esta era uma questão contemporânea que, certamente, não teríamos as respostas nas prescrições e nos discursos dos médicos higienistas dos anos 1920 e 1930, no Brasil e na Paraíba, mas nos conduziu a pensarmos muitas questões sobre o papel das mães como educadoras dos hábitos alimentares dos seus filhos e dos interesses das crianças pelos alimentos industrializados.

O desvendamento ou/não dessas inquietações numa dimensão mais acadêmica começou a ser rascunhado no ano de 2009, quando cursamos como aluna especial a disciplina Medicalização Social, Identidades e Controle do Corpo, ministrada pelo Professor Doutor Iranilson Buriti de Oliveira, no Programa de Mestrado em História da PPGH/UFCG. Na ocasião, fomos sensibilizadas a outras provocações sobre a problematização constatada, bem como novas possibilidades de interpretações acerca das práticas educativas de alimentar as crianças e sobre a participação das mães nesta ‘missão’.

As crianças do ‘primeiro dia de liberdade’ já não fazem parte da nossa atuação profissional, mas ainda as trazemos no coração, porque, foi a partir dos cinco anos de convivência com elas que percebemos o processo de construção de uma pedagogização institucional com base na família e no Estado, para discipliná-las. Assim, após esse encontro e

---

<sup>3</sup> Expressão popular que se refere aos alimentos cozidos, tais como grãos, legumes e carnes. Também usada para se referir a uma alimentação saudável.

<sup>4</sup> A musicalização na creche antes das refeições funcionava como prática educativa de incentivo e atração para as crianças terem interesse por alimentos diferentes dos que geralmente eram oferecidos pelos familiares. Também despertava uma nova relação de valorização com o ato de comer, bem como despertava hábitos alimentares saudáveis, o que certamente favorecia o desenvolvimento da “arte de comer bem”.

sensibilizada pela importância da alimentação, começamos uma ‘via crúsis’ na trajetória acadêmica com a escrita do projeto de pesquisa para a seleção do Mestrado, que entre livros e lágrimas só veio a se concretizar no ano de 2016, culminando com a conclusão e aprovação desta dissertação, orientada com sabedoria e sensibilidades pelo Professor Doutor Iranilson Buriti de Oliveira, na linha de pesquisa História Cultural das Práticas Educativas<sup>5</sup>. Essa linha se apresenta como uma ‘nova’ possibilidade do Programa de Pós-Graduação em História da UFCG de se fazer história a partir do conceito de sensibilidades, oportunizando a construção de narrativas históricas por meio das práticas culturais. Nesta perspectiva, este estudo se apresenta como uma contribuição nesse espaço acadêmico, no sentido de possibilitar a discussão de um objeto ainda pouco estudado no campo das novas produções historiográficas aqui na Paraíba.

### **A alimentação como objeto cultural de investigação histórica**

Escolher o objeto alimentação infantil para uma investigação historiográfica foi um desafio, tendo em vista que, por se constituir como uma categoria histórica e cultural, há muitas possibilidades de pesquisas em diferentes áreas do conhecimento. Essas constatações dificultaram em alguns momentos nossas escolhas. Mas, além da vivência profissional numa creche cuja rotina pedagógica envolvia alimentação, outro referencial que nos ajudou a pensar novas possibilidades de estudar este tema foi o livro *História da Alimentação*, de Flandrin e Montanari (1998). Este é composto por uma coletânea de textos de vários autores que construíram narrativas históricas sobre os sentidos e significados da alimentação, as práticas culturais de alimentação e os valores simbólicos dos alimentos do homem da pré-história ao final do século XX, período de grande efervescência industrial dos alimentos, assim descrito por Flandrin e Montanari (1998, p. 858), “[...] a planetarização da indústria agroalimentar e a distribuição em grande escala introduzem uma espécie de sincretismo culinário generalizado [...]”. Com a industrialização dos alimentos se constrói uma padronização alimentar para os sujeitos sem considerar as especificidades de cada um.

---

<sup>5</sup> A linha História Cultural das Práticas Educativas se organiza em torno de investigações sobre a história cultural das práticas educativas e das sociabilidades, com o objetivo de pesquisar campos temáticos como: cultura escolar e escolarização, formação prática e discursos profissionais, bem como espaços/lugares de produção de práticas e de discursos e de identidades, a exemplo dos hospitais, seminários teológicos, instituições de pesquisa, organizações voluntárias e filantrópicas, associações profissionais e sociedades científicas, instituições de cuidado e disciplina e a produção de sujeitos.

No livro, foi narrada uma retrospectiva do ser humano e a sua relação com a alimentação, considerando não só a necessidade biológica de sobrevivência, mas vários aspectos das práticas culturais a partir do processo de apropriação dos novos alimentos e especiarias vindos das Américas e do Oriente. Portanto, o objeto alimentação nos convidava a pensar várias possibilidades de problematizações, considerando seu status cultural que passa por transformações discursivas e percorre o pensar e o agir diante dos alimentos, podendo ser ponto de inclusão e exclusão social a partir das transformações nos hábitos e práticas alimentares na sociedade, no que diz respeito às políticas públicas, às questões econômicas, à saúde, entre outras significações. Para Poulain (2013, p. 182), é “[...] pela alimentação que se tecem e se mantêm os vínculos sociais”. Compreendemos que uma prática cultural não é apenas uma prática adaptativa dos indivíduos com o ‘outro’, mas uma integração do biológico, do cultural e do espiritual, ou seja, ao praticar o ato de comer, o homem se insere num espaço cultural.

Portanto, no espaço cultural das práticas alimentares das crianças no estado da Paraíba, entre os anos de 1918 a 1937, problematizamos a alimentação infantil como uma prática cultural interpretada pela pesquisa histórica na perspectiva da História Cultural. E, segundo Santos (2005, p. 13), “[...] foi com F. Braudel, herdeiro de Febvre e Bloch, que a História da Alimentação ganhou fisionomia definitiva no campo da pesquisa histórica”. Ele “[...] trabalhou o conceito de cultura material abrangendo os aspectos mais imediatos da sobrevivência humana: a comida, a habitação e o vestuário.” Então, beneficiando-se do prestígio cultural dado à comida por Braudel<sup>6</sup> pensamos em fazer uma análise dos discursos nos anúncios<sup>7</sup> publicitários de alimentação infantil publicados nas fontes usadas para este estudo.

Segundo Bezerra (2012, p. 159), “[...] no Brasil, a discussão acadêmica sobre o tema alimentação emergiu, com maior propriedade, nos anos 1930, desencadeando a constituição de um campo de saber específico.” O tema ganhou visibilidade tanto no campo da nutrição, como nos aspectos sociais e econômicos. E, nesse contexto, foram lançadas várias obras, a

---

<sup>6</sup> BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV - XVIII**: I- As estruturas do cotidiano. II. Os jogos da troca. III. O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 3v. Um clássico da historiografia contemporânea, cuja tradução brasileira foi publicada em 1995, apresenta o resultado das leituras feitas por Fernand Braudel (1902-1985), um estudo da civilização material no contexto econômico, ressaltando, também, as mudanças no cotidiano do homem.

<sup>7</sup> O termo anúncio publicitário que aparece no objetivo desse estudo se refere à nossa concepção sobre a linguagem usada na temporalidade dessa pesquisa, no entanto, segundo Jerry Kirpatrick (1997, p. 27), “[...] o anúncio raramente vende produto” ele é tido como entretenimento. A propaganda é venda por meios de comunicação de massa. Seu objetivo é vender produtos”. KIRPATRICK, Jerry. **Em defesa da propaganda**: argumentos a partir da razão, do egoísmo ético e do capitalismo laissez-faire. Tradução: MADUREIRA, Gisela. Ed. Geração Editorial, São Paulo, 1997.

exemplo do livro ‘Problema da Alimentação no Brasil’<sup>8</sup>, de autoria de Josué de Castro. Ou seja, a alimentação tornou-se um objeto de estudo que pode envolver decisões políticas e culturais, podendo ser interpretadas e problematizadas.

Na fase da Primeira República no Brasil, o governo federal, com o discurso de modernizar o país, buscou pôr em prática a política da eugenia<sup>9</sup> e da higienização, além de tentar resolver a crise de abastecimento de alimentos provocada pela carestia e a má distribuição com a criação do Comissariado de Alimentação Pública (CAP), por meio do Decreto nº. 13.069, de 12 de junho de 1918<sup>10</sup>. Neste cenário, a alimentação, um dos componentes necessários para o vigor e o crescimento do corpo dos ‘futuros cidadãos da pátria’, foi recepcionada pelos anúncios publicitários de alimentos para crianças, que passaram a apresentar ‘soluções’ nutricionais e alimentícias para elas. Brites e Nunes, ao estudarem infâncias e propagandas em revistas: anos 1920 – 1950, argumentam:

[...] a alimentação nutritiva poderia proporcionar geração de crianças mais saudáveis, mais “aptas”, mais bem constituídas para o presente e para a vida adulta futura. A publicidade de alimentos foi um dos nichos mais desenvolvidos, e ainda o é, dos anúncios de produtos destinados à infância. [...] A indústria alimentícia se desenvolverá pensando, falando e projetando alimentos para o público infantil, e isto já pode ser observado de modo incipiente desde 1903. (BRITES E NUNES, 2012, p. 99).

Os argumentos de Brites e Nunes (2012) demonstram que havia a preocupação em oferecer alimentos industrializados como sendo saudáveis para as crianças. Uma tendência que cresceu com a chegada dos produtos industrializados<sup>11</sup> da Nestlé, mas não era acessível às crianças ‘pobres’. No entanto, segundo Araújo (2014, p. 1002), “[...] a realidade da criança preocupava as autoridades públicas e privadas com o adoecimento infantil, deixando de ser apenas preocupação de entidades caritativas”. Essa realidade das doenças entre as crianças apresentadas por Araújo (2014) também era presente no estado da Paraíba, conforme

<sup>8</sup> CASTRO, Josué de. **O problema da alimentação no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. (Coleção Brasileira, v.29). 1934.

<sup>9</sup> Eugenia foi o termo "inventado" por Francis Galton (1822-1911), fisiologista inglês, para designar a ciência que trata dos fatores capazes de aprimorar as qualidades hereditárias da raça humana. Um dos objetivos de Galton era encorajar o nascimento de indivíduos mais eminentes ou capazes e desencorajar o nascimento dos incapazes. (MANSANERA e SILVA, 2000, p. 119).

<sup>10</sup> Mais informações desse decreto ver: <[www2.camara.leg.br/.../decret/.../decreto-13069-12-junho-1918-524146-norma-pe.ht](http://www2.camara.leg.br/.../decret/.../decreto-13069-12-junho-1918-524146-norma-pe.ht)> Acesso em: 4 mar. 2017.

<sup>11</sup> Em 1921, a empresa Nestlé iniciou sua produção no Brasil, em Araras (SP). O leite condensado Moça foi o primeiro produto da empresa a ser fabricado no Brasil. Com o seu sucesso, vários outros produtos foram lançados e, atualmente, são comercializados no território brasileiro mais de 1000 itens sob a chancela da Nestlé. O Leite Moça ainda é o que detém maior volume de vendas. Disponível em: <<https://www.nestle.com.br/site/anestle/>> Acesso em: 4 abr. 2017.

constatamos na cidade da Parahyba<sup>12</sup> do Norte, através do relato do Presidente Sólton Barbosa de Lucena, em 1924, “Continuam, contudo a impressionar-me de modo contristador o obituário de crianças nas primeiras idades, de 0 a 5 anos e o coeficiente dos óbitos devidos à tuberculose pulmonar<sup>13</sup>”.

Ainda segundo Bezerra (2012, p. 159), “[...] no Brasil, foram desenvolvidas análises das práticas alimentares da população, tendo em vista o desenvolvimento social e econômico do país, a racionalidade alimentar e a tese da ignorância alimentar”. A existência desses indicadores apresentados por Bezerra (2012) nos levaram a crer que os governos reconheciam as deficiências nutricionais da população, ao mesmo tempo elegia a questão alimentar como um fator essencial ao desenvolvimento da nação, tendo em vista interesses políticos e econômicos. Sendo, então, idealizadas ‘novas’ lógicas nutricionais colocadas como condição estruturante da ‘nova’ ordem social e econômica para modernizar o país. Por este viés, podemos, também, encontrar os efeitos da dupla “higiene-eugenia” nos discursos dos anúncios de alimentação para o público infantil construindo práticas culturais, ligando à alimentação a formação de uma ‘nação sadia e higienizada’.

### **Limites do tempo, espaço e objetivos da pesquisa**

Uma pesquisa que envolve sujeitos como mães e crianças possibilita várias interpretações por diferentes olhares das ciências, revela um leque de concepções através de várias problematizações, constitui uma rede multidimensional de acontecimentos históricos. Então, para construir este estudo com estes protagonistas, traçamos uma breve cartografia sobre as representações dos sujeitos mãe e criança, numa trama histórica que envolveu maternidade, higienização, beleza, alimentação e saúde. No balançar dessa rede, para sintonizá-los nessa trama, apresentamos o tempo, o espaço e os objetivos percorridos.

O historiador, ao investigar um acontecimento histórico, busca situar quando ele aconteceu, e para construir uma operação historiográfica existem diversas possibilidades de escolhas, que pode ser um tempo natural estabelecido pelos fenômenos da natureza ou um tempo mecânico construído em torno de um relógio ou de um calendário. Portanto, tempo e

---

<sup>12</sup> O nome da cidade Parahyba do Norte se refere à capital do estado da Paraíba que foi substituído por João Pessoa em 1930, em homenagem prestada ao governador do Estado, assassinado na cidade do Recife, neste ano. Mas como esse estudo se inicia antes dessa temporalidade, no primeiro momento da trajetória utilizamos o nome Parahyba do Norte. Também esclarecemos que ao transcreever as informações dos anúncios publicitários, respeitamos as normas ortográficas da época da sua divulgação.

<sup>13</sup> Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado da Parahyba, na Abertura da 1ª Sessão Ordinária da 9ª Legislatura a 1º de março de 1924 pelo Dr. Sólton Barbosa de Lucena, Presidente do Estado da Parahyba do Norte: Imprensa Oficial. Transcrita de acordo com o original.

história estão relacionados e nos ajudam a problematizar as experiências humanas. Então, ao situar este estudo numa temporalidade específica comungamos da afirmativa de Le Goff (1990, p. 30), “[...] que a concepção do tempo é de grande importância para a história”.

Na perspectiva de Le Goff (1990), salientamos que o recorte temporal desta pesquisa que se situa entre os anos de 1918 a 1937, inicia-se na primeira fase da República e se estende até os primeiros anos da Era Vargas, é de suma importância porque se ambienta no contexto da história do Brasil, marcada pela efervescência dos acontecimentos econômicos, sociais, políticos e culturais em torno do projeto de construção da identidade de uma nação higienizada, racialmente pura e civilizada. E como disse Reis (2011, p. 11), o “[...] tempo histórico esculpe as formas da experiência vivida [...] não é uma infinidade de fatos sucessivos como a linha, é uma infinidade de pontos”. E são justamente alguns pontos dos acontecimentos nesta temporalidade que utilizamos para tecer este estudo.

O ponto inicial foi o ano de 1918, escolhido porque nesse período o cenário nacional foi marcado pelo ato político de intervenção do Estado federal nas políticas de saúde pública e alimentação, com a criação do Comissariado de Alimentação Pública<sup>14</sup>. No que se refere à saúde, Santos (1985, p. 12) informa que, “[...] “durante seu último ano de governo, Venceslau Brás criou o Serviço de Profilaxia Rural, que representaria em pouco tempo, na área de saúde pública, o instrumento de atuação federal nos estados do Nordeste”. Outra referência significativa desta temporalidade no contexto das discussões a que esse estudo se propõe foi a fundação, em 15 de janeiro de 1918, da primeira Sociedade de Eugenia em São Paulo, sob a direção do médico Renato Kehl<sup>15</sup>, um dos divulgadores da eugenia no Brasil. Segundo Fiuza

---

<sup>14</sup> O Comissariado de Alimentação Pública (CAP) foi um órgão público criado pelo governo federal Delfim Moreira (1918-1919), em junho de 1918, como enfrentamento da crise de abastecimento alimentar vivenciada no Brasil neste período. A criação do CAP teve como objetivo explícito intervir para regular o setor de alimentos, da produção ao consumo. O órgão, sediado no Rio de Janeiro (à época Distrito Federal) e vinculado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, fixou os preços máximos para a venda a varejo dos gêneros de primeira necessidade e autorizou o Poder Executivo, durante o estado de guerra, a requisitar qualquer quantidade de gêneros de primeira necessidade. MENEZES, Francisco. PORTO, Sílvia. GRISA, Cátia. **Abastecimento alimentar e compras públicas no Brasil: um resgate histórico**. Série Políticas Sociais e de Alimentação. Vol.1. Athalaia Gráfica e Editora. Disponível em: <www.mds.gov.br/...alimentar/\_Institucional\_.pdf.> Acesso em: 24 ago. 2017.

<sup>15</sup> Renato Kehl graduou-se em Farmácia pela Faculdade de Farmácia de São Paulo, em 1909. A partir de 1910, estudou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Durante os seis anos em que permaneceu no curso de Medicina, obteve contato com as obras e as ideias de cientistas como Lamarck, Darwin, Spencer, Broca, Lapouge, Agassiz, Dechambre, Galton e Weismann. As concepções extraídas destes autores teriam despertado seu interesse pelo debate sobre raça, evolução, degeneração, hereditariedade e, principalmente, pelas ideias eugênicas. Dentre estes autores, o cientista britânico Francis Galton, o fundador da “ciência eugênica”, foi quem exerceu maior fascínio, considerado por ele como um “verdadeiro humanista”. O primeiro trabalho de Renato Kehl sobre eugenia foi em 1917, quando pronunciou uma conferência, realizada na cidade de São Paulo, intitulada “Eugenia”. Consistiu em apresentar ao público a sua concepção de eugênico e ressaltou a importância de se estudar a eugenia num momento em que as ideias nacionalistas encontravam-se em pleno desenvolvimento no Brasil, em que se “[...] despertam as forças regeneradoras” em defesa da nacionalidade. Em sua concepção, a

(2016, p 89), “Renato Kehl destaca a diferença básica entre “eugenia” e “eugenismo”, sendo que, a primeira designa a ciência eugênica com suas técnicas e métodos, já a segunda representa a ação eugênica, ou seja, sua aplicação num determinado grupo social”. Conhecer a distinção desses termos nos ajudou na contextualização das publicidades cujo foco estava centralizado no eugenismo.

Nesta temporalidade, a cidade da Parahyba do Norte recebeu o Departamento de Profilaxia Rural, que segundo Soares Jr. e Arruda (2014, p. 135), “[...] tinha nos primeiros anos do século XX a incansável batalha do médico-sanitarista Flávio Maroja<sup>16</sup>, que via apenas ser possível mudar o quadro anti-higiênico através da criação de uma educação sanitária”, seguindo esta “[...] os moldes dos padrões europeus e norte-americano”. Este município, capital do estado da Paraíba, enfrentava os problemas de higiene, de abastecimento de água, escoamento dos esgotos, remoção de lixo, insalubridade urbana e a inexistência da educação higiênica.

Diante deste cenário, com o objetivo de estabelecer as normas de higiene e de profilaxia em prol da saúde pública do estado, no sentido de combater as epidemias, começaram a surgir as primeiras ações referentes à atuação do *Serviço de Higiene Pública*. “A criação, em 1895, da *Inspectoria e Higiene* que tinha dentro de suas atribuições – uma espécie de repartição – chamada de *Serviço de Higiene Pública*. Porém, a institucionalização do *Serviço de Higiene Pública do Estado da Parahyba* dá-se apenas em 1911”. (SOARES JR., 2011, p. 46).

Os relatos de Santos (1985), de Soares Jr. e Arruda (2014) nos mostraram a centralização dos serviços públicos de saúde sob a tutela do governo federal, quando estendeu essa política para a região Nordeste, o que nos levou a crer que esse governo iniciava um processo de reconhecimento das necessidades da baixa qualidade de vida dessa população a

---

eugenia deveria ser encarada como ‘a ciência do dia’, pois sua implantação significaria a elevação das ‘qualidades físicas da população nacional’, além de ensinar os verdadeiros caminhos da regeneração racial, o que lhe rendeu o título de ‘pai da eugenia no Brasil’”. Conforme se referia o escritor Monteiro Lobato. SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Em nome da raça: a propaganda eugênica e as ideias de Renato Kehl nos anos 1910 e 1920. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, 2006, p. 29-70. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/>> Acesso em: 15 mar. 2017.

<sup>16</sup> Flávio Maroja era médico sanitário, desempenhou várias funções relevantes na medicina paraibana. Vale ressaltar que seu grande trabalho deu-se no sentido da higienização e dos cuidados com a saúde pública. Num momento em que uma série de epidemias – a varíola, a peste bubônica - assolavam a população paraibana. Foi diretor da Santa Casa de Misericórdia, chefe da Saúde dos Portos, participou da fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba, criada em 16 de fevereiro de 1924, e propôs a criação do *Instituto Vaccinogenico*. A imagem política de Flávio Maroja é amplamente divulgada como — “o amigo do povo”, aquele que “cogita o progresso”, que “congratula-se com os patrícios”, que está “vivamente empenhado” e que atende prontamente, “cheio de entusiasmo”, a todos. (SOARES JR., Azemar dos Santos. **Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)** - Dissertação de Mestrado- UFPB/CCHLA. João Pessoa: [s.n.], 2011. 193f).

partir das doenças endêmicas, exercendo sobre ela seu poder de intervenção social, com vistas à política sanitária em vigor no país, criando, também, o Serviço de Profilaxia Rural<sup>17</sup> e o Serviço de Medicamentos Oficiais (1918)<sup>18</sup>.

Estes acontecimentos são significativos, porque, como o espaço da pesquisa foi o estado da Paraíba, constatamos, através da dissertação de Soares Jr., intitulada “Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)”, que o Departamento de Profilaxia Rural, “[...] atuou durante a epidemia de peste bubônica e, logo depois, durante os casos de gripe espanhola que assolaram a população da cidade da Parahyba do Norte em 1918” (SOARES JR., 2011, p. 51). Portanto, existiam nesses espaços ‘males’ sociais e culturais, e só investindo na educação higiênica e disciplinando os corpos a partir da conscientização e das mudanças nas práticas da alimentação era que a população deste estado poderia seguir o progresso e contribuir com a nação.

Sobre os problemas existentes no estado da Paraíba, encontramos o pronunciamento do governador Francisco Camillo de Hollanda<sup>19</sup>, proferido na Assembleia Legislativa em 1º de setembro de 1918, com informações retratando a situação quanto às doenças endêmicas e anunciando possíveis decisões para socorrer os acometidos por elas. Portanto, muitas interrogações nos levaram a pensar sobre a situação da criança neste estado<sup>20</sup> nessa temporalidade e nos inspiram às seguintes reflexões: Existiam orientações de práticas educativas para as mães com relação aos alimentos adequados e necessários às crianças? Quais as orientações dos médicos para garantir uma ‘boa’ educação alimentar para as crianças, registradas nos discursos dos anúncios? Qual/Quais a(s) estratégia(s) dos anúncios publicitários para conduzir práticas educativas de alimentar as crianças para serem sadias e belas? Estes questionamentos nos ajudaram a delinear a escrita deste trabalho, que na trilha dos objetivos possibilitaram outras reflexões.

Tivemos, então, um campo fértil de acontecimentos que marcaram as reformas da política sanitária de higiene e da eugenia no Brasil e na Paraíba nos primeiros anos da Primeira República, na perspectiva das reformas urbanas e no corpo social. Um

<sup>17</sup> Decreto nº 13.001, de 1º de Maio de 1918. Dispõe sobre organização das comissões de médicos e auxiliares para o serviço de prophylaxia rural. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-13001-1-maio-1918-502844-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 10 jan. 2017.

<sup>18</sup> Legislação Informatizada - Decreto nº 13.000, de 1º de Maio de 1918 - Publicação Original Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-13000-1-maio-1918-501750-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 10 jan. /2017.

<sup>19</sup> No governo de Francisco Camillo de Hollanda, através do Decreto de nº 14.354, de 15 de setembro de 1920, foi instituída a Comissão de Saneamento e Profilaxia Rural-CSPR.

<sup>20</sup> A cidade da Parahyba do Norte é, atualmente, João Pessoa, capital do Estado da Parahyba. Estamos utilizando esse nome nesse estudo, pois a mesma só terá seu nome alterado em 1930, para homenagear o governador assassinado, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque.

acontecimento significativo para este estudo ocorreu no Centenário da Independência do Brasil, em 1922, o Primeiro Congresso de Proteção à Infância<sup>21</sup>, realizado no Rio de Janeiro, e segundo Camara (2006, p. 758), “[...] concebido como momento simbólico de reflexão e validação de modelos civilizatórios e de políticas de assistência e proteção para o país”. O “[...] evento configurou-se como a racionalidade científica e técnica, a partir dos quais, poderiam se pensar saídas redentoras para a infância em prol de um projeto de nação [...]”.

Elegemos como fim do recorte deste estudo o ano de 1937, um período significativo que marcou um novo ciclo de expansão institucional da saúde pública no Brasil com a Lei nº 378, de 13 Janeiro de 1937<sup>22</sup>, que dava nova organização ao *Ministério da Saúde e Educação Pública*. Esta lei estabeleceu a criação de órgãos de cooperação que iriam ajudar esse ministério nas atividades administrativas e dividiu o país em oito regiões de cooperação, ficando o estado da Paraíba sob a tutela da 4ª Região, constituída pelos estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Alagoas.

A proposta da Lei nº 378 era dar novos rumos para a política de saúde pública e adequá-la aos princípios básicos que tinham definido a política social do Estado Novo<sup>23</sup>. Segundo Hochman (2005, p. 132), “[...] a implementação dessa reforma pretendia aumentar a presença dos serviços sanitários federais nos estados, reformulando a relação entre estes e a União”. Nesta lei, manteve-se a preocupação com a saúde da criança e da mãe, presente no Art. 54. “Fica creado o *Instituto Nacional de Puericultura*, destinado a realizar estudos, inqueritos e pesquisas sobre os problemas relativos á maternidade e á saude<sup>24</sup> da criança”.

Apropriando-nos da ideia de Certeau (1982, p. 56), de que “[...] toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural”, escolhemos como lugar desta articulação histórica o estado da Paraíba que também vivenciou a efervescência das políticas públicas de proteção e da assistência à infância, para afirmação

---

<sup>21</sup> Idealizado pelo Departamento da Criança no Brasil e presidido pelo médico Arthur Moncorvo Filho, o Primeiro Congresso buscou capitanear os debates do ponto de vista social, médico, pedagógico e higiênico, dando especial destaque às relações que envolviam os papéis a serem desenvolvidos pela Família, pelo Estado e pela Sociedade. Dividido em cinco seções temáticas - Sociologia e legislação; Assistência; Pedagogia; Medicina Infantil; Higiene, o Primeiro Congresso congregou intelectuais oriundos dos diferentes campos de saberes, bem como associações, corporações e estabelecimentos de ensino de todo o território nacional envolvidos com a promoção de iniciativas e pesquisas relativas à infância brasileira. CAMARA, Sônia. Sementeira do Amanhã: o primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância e sua perspectiva educativa e regeneradora da criança pobre. In: **Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação**. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 757-769.

<sup>22</sup> Mais informações sobre essa lei podem ser encontradas em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1930-1949/L0378.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/L0378.htm)> Acesso em: 05 mar. 2017.

<sup>23</sup> Foi o regime político brasileiro fundado por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, que vigorou até 29 de outubro de 1945. Era caracterizado pela centralização do poder com autoritarismo, também conhecido como Era Vargas.

<sup>24</sup> Transcrição conforme o original da Lei nº 378, de 13 janeiro de 1937.

da identidade nacional a partir das práticas de controle e vigilância, com a criação de obras públicas de assistência física e cultural à criança. Nesta perspectiva, desde 1º de novembro de 1912, na capital do estado da Paraíba, foi fundado o Instituto de Protecção e Assistência à Infância<sup>25</sup>, que atendia às mães a partir de 1º de agosto de 1920, com 17 leitos de maternidade, sendo esta instituição administrada pelo Dr. Walfredo Guedes Pereira.

Ainda com relação à capital do estado da Paraíba, escolhemos um acontecimento que foi veiculado no jornal *A União* como marco referencial de parada desta pesquisa e que envolveu a mãe e a alimentação para a criança. O acontecimento foi a inauguração, às 9h da manhã do dia 15 de junho de 1937<sup>26</sup>, do ‘primeiro lactario’ instalado na Diretoria Geral de Saúde Pública, com o título de Cozinha Dietética, idealizada para distribuir leite e outros alimentos às mães e às crianças, “[...] prestando os mais relevantes serviços à população da capital, na sua nobre finalidade de alimentar a criança desvalida”<sup>27</sup>.

Optamos por este recorte temporal porque constatamos, através das pesquisas nos periódicos *A União* e *a Era Nova*, que existiam vários anúncios publicitários de alimentação para o público infantil e artigos impulsionados pelos discursos dos médicos higienistas que construíram e divulgaram projetos de assistência e proteção à infância aliados aos métodos científicos da eugenia como referencial para ‘salvar’ a nação, preparando-a para a modernização e a civilização. Nesta perspectiva, os anúncios, muitas vezes legitimados pelo saber científico do médico, estimulavam a participação da mulher-mãe como ferramenta indispensável para disciplinar e higienizar a família, tendo como objetivo cuidar, alimentar e educar os ‘futuros cidadãos’ da pátria.

Nesta trama, delimitamos como objetivo, analisar como os anúncios publicitários de alimentação infantil, que circularam em revistas e jornais no estado da Paraíba, entre 1918 a 1937 do século XX, divulgavam práticas educativas para alimentação das crianças. O objetivo suscitou outras reflexões que, para respondê-las, foram necessários objetivos específicos, a fim de problematizarmos e interpretarmos como foram articuladas as divulgações das práticas culturais<sup>28</sup> de cuidados com a alimentação infantil através dos discursos nos anúncios

<sup>25</sup> Mais informações ver o anexo IV fotográfico, retirado da *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba* - João Pessoa, em 1933, p. 3.

<sup>26</sup> Notícia veiculada no jornal *A União*, Ano XLV, quarta-feira, 16 de junho de 1937, nº 106. Título da notícia: Um governo que cumpre seu programa de assistência social. Fato ocorrido no governo de Argemiro de Figueiredo e do prefeito Osvaldo Trigueiro de Albuquerque Melo.

<sup>27</sup> Trecho da reportagem sobre a inauguração da Cozinha Dietética, no jornal *A União*, 1937, p. 5-10.

<sup>28</sup> São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros. BARROS, José D’Assunção. Nova História Cultural – considerações sobre o seu

publicitários. Tratamos, então, de: 1- Discutir como os anúncios publicitários contribuíram para as ‘novas’ práticas educativas de alimentar a criança, usando o fortalecimento da maternidade e as prescrições médicas. 2- Interpretar como os discursos e as imagens dos anúncios publicitários de alimentação para criança representaram a saúde e a beleza a partir das novas práticas educativas de se alimentar. 3- Explicar como os anúncios publicitários representaram a eugenia e a higienização como práticas educativas de alimentar a criança para ser robusta e sadia.

Estes objetivos estão articulados em torno dos discursos dos anúncios publicitários de alimentação para criança, problematizados como uma prática cultural, tendo como sujeito alvo desta trama a criança. Salientamos que o termo usual no início da temporalidade deste estudo para se referir à divulgação de produtos era ‘reclames’, com textos que apresentavam inicialmente divulgação de medicamentos. Mas, com a emergência do consumo nos anos 1920, a partir da divulgação de novos produtos, os reclames se apropriaram de novos dispositivos na forma e na narrativa de divulgação.

As divulgações de vendas de produtos através do ‘reclames’ passaram a usar ‘novos’ valores culturais, diferentes linguagens, imagens com representações sociais e coletivas estimulando o consumo e a liberdade com um universo simbólico de bens de consumo, construindo no imaginário social os ‘ares’ da modernidade. Com esta trajetória, segundo Aucar, Rocha e Pereira (2005, p. 25), “[...] ao longo do século XX, no Brasil, passou a ser conhecido como “publicidade”. É claro que se pode encontrar “[...] anúncios” e de fato eles estão suficientemente documentados nos jornais e revistas brasileiras desde o início do século XIX ou até mesmo antes disso”. Considerando estas explicações, deixamos claro que neste trabalho utilizamos o termo propaganda e anúncio publicitário como poder de persuasão para convencer o consumidor, pois estes termos ainda eram frequentes nas sessões de divulgação do jornal *A União*.

Para construirmos estas narrativas lançamos mão dos fundamentos teóricos metodológicos da História Cultural, que nos possibilitou discutirmos como as práticas culturais de alimentação para a criança foram construídas nos discursos dos anúncios publicitários, tendo como ponto de intersecção os discursos da eugenia e da higiene envolvendo os médicos e as mães nesta ‘missão. Portanto, nos limites e nas possibilidades que o tema e as fontes nos permitiram, arriscamos construir uma história das práticas educativas de alimentar as crianças no estado da Paraíba.

## Descortinando as fontes

Acreditamos que a escrita da história faz parte do ofício do historiador, e como diz Le Goff (2002, p. 21), “[...] o historiador não pode ser um sedentário, um burocrata da história, deve ser um andarilho fiel a seu dever de exploração e de aventura”<sup>29</sup>. E foi se lançando nesta aventura, na certeza da História Cultural como um porto seguro, que empreendemos as pesquisas para a construção de uma operação historiográfica delimitada pelo lugar e pelos métodos da pesquisa. Longe de conceber as fontes como simples instrumentos de análises, elas são importantes à medida que tentamos isolá-las das amarras econômicas, remetendo-as a um status cultural, quando articuladas produziram efeitos de mudanças comportamentais a partir dos ‘modelos de crianças’ representadas nos discursos dos anúncios publicitários de alimentos infantis. Essa prática certamente tornou-se possível ao realizarmos uma ‘operação histórica’ aos modos de Certeau (1982, p. 56), o que significa dizer que, encarar a história como “[...] uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura) [...]”.

Na perspectiva de Certeau (1982), buscamos articular os discursos dos anúncios publicitários de alimentação infantil que circularam no estado da Paraíba como uma prática cultural, analisando como eles construíram as práticas educativas de alimentar a criança. O desafio foi interpretarmos as fontes silenciadas apresentando o controle dos corpos e comportamentos das crianças pensadas como sujeitos ativos de um projeto nacional. Para construir essa ‘operação’ considerando a ampliação da concepção de documento, elegemos como fontes a revista *Era Nova*<sup>30</sup> (1921-1926), o jornal *A União*<sup>31</sup> (1918-1937), o livro *Cartilha das Mães* (1935) do médico Martinho da Rocha. Documentos oficiais: Mensagens apresentadas à Assembleia Legislativa da Parahyba pelo Dr. Francisco Camillo de Hollanda, 1919; Mensagem do Presidente do Estado João Suassuna, apresentada à Assembleia Legislativa da Parahyba, em 1 de outubro de 1926; Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado da Parahyba, legislatura pelo Dr. Solon Barbosa de Lucena, em 1º de

<sup>29</sup> Citado no prefácio do livro *Apologia da História*, na edição lançada no Brasil, 1997, quando Le Goff faz uma análise da contribuição teórica do pensamento de Marc Bloch para o ofício do historiador.

<sup>30</sup> A revista *Era Nova*, fundada em março de 1921, na cidade de Bananeiras, pelo jornalista e literata Severino Lucena - não tinha foco específico no público feminino.

<sup>31</sup> Jornal *A União* é um jornal estatal paraibano, editado na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil. Trata-se do único jornal oficial ainda existente no Brasil. Foi fundado no dia 2 de fevereiro de 1893, pelo então presidente da Província, Álvaro Machado. O jornal surgiu como órgão do Partido Republicano do Estado da Paraíba, agremiação fundada pelo próprio Álvaro Machado.

setembro de 1923; e o 6º Boletim do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância em 27 de agosto de 1922.

A escolha destes documentos oficiais aconteceu em virtude de alguns questionamentos que surgiram no trajeto da escrita e precisavam ser respondidos. Como afirmou Bacellar (2008, p. 38), “[...] cabe ao historiador, ao acessar tais documentos, o papel fundamental de alertar para sua importância, pressionando por melhores atenções para com os registros do passado”. Foi justamente para conhecer o passado pensado sobre a criança e as ações em torno dela na Paraíba que estas fontes foram importantes.

No artigo, “Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos”, a historiadora Tania Regina de Luca (2008) apresentou um debate sobre o grande esforço e os desafios da historiografia de reservar à imprensa o status teórico e metodológico como fonte de pesquisa histórica, tendo em vista que apresentam registros fragmentários, muitas vezes movidos por intencionalidades, compromissos e paixões. No entanto, reiterando as armadilhas reservadas pela imprensa, Luca (2008, p. 118) colocou que “[...] o estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970 ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica”.

Dada essa possibilidade assegurada por Luca (2008), salientamos a importância da existência da historicidade no que diz respeito ao tema desta pesquisa nas fontes selecionadas, com as quais dialogamos como “objetos vivos”, guiadas pela metodologia da análise dos discursos dos anúncios de alimentos infantis, considerando que elas não são o espelho da realidade, mas uma representação construída, que foi idealizada para o momento histórico vigente na temporalidade das suas publicações.

Para realizarmos este ofício, lançamos mão de leituras sobre esse passado, através de uma exaustiva investigação em arquivos públicos, a fim de encontrarmos as desejadas fontes para essa construção. Nesta trajetória, tivemos a cautela de não nos perdermos na diversidade de documentos quando adentrávamos nesses espaços. Foi preciso estabelecer um diálogo com as fontes que nos deram respostas às interrogações idealizadas. Então, de posse das sensibilidades que nos moveram para realizar o projeto de pesquisa, organizamos as visitas, disciplinando nosso corpo para ler no silêncio dos arquivos as relevantes informações que os documentos nos transmitiam.

Assim, numa manhã ensolarada, constatada a partir dos raios do sol que refletiam nas folhas da árvore ao lado da nossa janela, enfrentamos o calor, o trânsito movimentado e iniciamos a trajetória de acesso ao acervo da Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida, da

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Caminhamos ao encontro das fontes para ‘catar’ as contribuições que pudéssemos para a construção de uma historiografia.

Neste primeiro dia da pesquisa nos deixamos conduzir pelos encantamentos e expectativas. Cruzar aquele arco de acesso ao campus da universidade nos deu a sensação de entrarmos no ‘reino dos imortais’. Mas era preciso caminhar por aquele calçamento de pedras, cruzar a porta de vidro e percorrer aquele corredor silencioso e escuro. Até que fomos recebidas por uma funcionária, trajando um vestido branco que elegantemente parecia flutuar naquele lugar. Ao ouvir nosso pedido nos concedeu as fontes desejadas. Com o olhar, percorremos aquele espaço um pouco sombrio, frio, silencioso, porém, organizado, onde outros pesquisadores já concentrados catavam as letras das suas fontes.

Em nossa mente vieram as palavras de Arlette Farge (2009, p. 55), “[...] nas salas de arquivo os cochichos enrugam a superfície do silêncio, os olhos se perdem e a história se decide”. Mas, o documento em nossas mãos não tinha as respostas que queríamos. Alguns textos incompletos, letras ilegíveis, folhas cheias de nervuras, as imagens dos anúncios de alimentação infantil não apareciam, mas lentamente insistíamos em folhear. Quem sabe na próxima página encontrávamos o que queríamos.

Sabemos que toda pesquisa tem ritmos e processos diferentes, o primeiro prazer de ir até um arquivo é a esperança que vamos encontrar as fontes (documentos) que desejamos. Então, pensávamos em ler, interpretar e produzir nosso sonhado trabalho acadêmico. No entanto, além dos muitos atalhos no processo da chegada até aquele espaço, enfrentamos a ausência das fontes, as intempéries da presença ilegível e, sobretudo, cortes inesperados que nos conduziram por outros caminhos.

Desejávamos ler, interpretar os anúncios publicitários de alimentação infantil<sup>32</sup>, dialogar com a história e saber o que ela podia nos transmitir, pois, para nós, era importante encontrarmos esse passado. Mas, a *Era Nova* (1921-1926), eleita como uma das fontes deste estudo, nos apontou outros sujeitos, outras cenas. Com essa fonte só foi possível articular a problematização com as transformações urbanísticas e algumas práticas disciplinares para as crianças, pensadas a partir da ideia de progresso e modernização que tomou conta da Paraíba nos anos 1920 e 1930, alicerçada pela política higienista que pretendia disciplinar hábitos e costumes das famílias brasileiras. Portanto, para construir esta narrativa, os impressos nas

---

<sup>32</sup> Durante as pesquisas, em diversos exemplares do jornal *A União*, encontramos o Emulsão de Scott como um alimento tônico que deveria ser consumido pela criança, para ficar sadia e robusta de acordo com os padrões de saúde idealizados para a época pesquisada. Por isso, nos apropriamos de algumas dessas propagandas neste estudo. As transcrições dos discursos das propagandas estão de acordo com a ortografia original.

revistas se destacavam pela leveza dos discursos por onde desfilavam textos literários e notícias sobre diversos acontecimentos da época.

O estado da Paraíba também acompanhou essas inovações, conforme podemos observar na *Era Nova*, destacando-se nas capas as imagens das mulheres jovens de famílias influentes da sociedade paraibana. Nas capas dessa revista as mulheres deixavam transparecer docilidade, beleza e ousadia, a exemplo do exemplar nº 01 de 27 de março de 1921<sup>33</sup>, que destacava a imagem da senhoria Maria do Céu Silva, sentada ao volante de um carro, nos transmitindo a ideia de que as mulheres viveriam os ‘novos’ desafios da modernidade.

Ao folharmos o primeiro exemplar do editorial, intitulado de ‘Esta Revista’<sup>34</sup>, assinado pela redação, constatamos que o público alvo não eram as mulheres, fato que não lhe impedia de anunciar o disciplinamento que era pensado para a mulher nas sessões de outros exemplares, tais como: “educação feminina”, “educação de mulher”, “educação doméstica”. Portanto, por ser um periódico que tinha como público alvo os intelectuais paraibanos, há de se imaginar que entre esses leitores existiam as mulheres consumidoras das práticas discursivas que, certamente, também eram mães. Assim, há de se convir que as crianças alvos das pedagogizações anunciadas nos anúncios de alimentos eram dessa ‘elite’ consumidora. Nesta perspectiva, a pesquisa nos revelava que iniciávamos uma construção histórica da idealização da criança burguesa na Paraíba.

Outra fonte deste estudo foi o jornal *A União*. Ir ao seu encontro provocou nosso deslocamento por outros caminhos além dos limites da cidade que habitamos. Saindo do sedentarismo, como bem nos disse Le Goff (1990), movidas pela paixão e a razão, acordamos cedo, pegamos aquele ônibus amarelo e verde, onde já estavam outros passageiros que, em função do horário do trajeto, apresentavam sonolência e aquele lugar era tomado pelo silêncio. Só o vento que entrava pela janela e os raios do sol que começavam a brilhar nos diziam que nascia mais um dia. Então, na ausência da comunicação entre aqueles transeuntes, percorremos as estradas que nos levaram ao município de Esperança. Ao descermos do transporte, fomos atraídas pela bela imagem de uma Igreja pintada de cor azul. Logo percebemos que esta definia os limites das duas artérias que delimitam a entrada e a saída daquela cidade. Após alguns instantes de admiração dessa paisagem percorremos duas ruas

<sup>33</sup> A imagem desta capa está no anexo V.

<sup>34</sup> “Apresentamos em público o primeiro numero dessa revista, cujo empreendimento nasceu de despreziosos intellectuae, que visam apenas, sem vaidades nem ambições, o desenvolvimento literário do nosso meio, cooperando em prol das ideias fecundas, que são o apanagio intellectual dos povos cultos. Hemos de nos esforçar para fazel-a um orgam de publicidade que interesse a todas as classes e prepara-lá com meticoloso acuramento, tornando-a variada, amena, sabendo a todos os paladares na exuberância de suas especialidades, esclarecendo, dest’arte, ao industrial e ao comerciante, ao leitor burguez e ao leitor letrado e incentivando ao mesmo passo o amor dos jogos desportivos com ilustrações e aplausos”.

comerciais a pé e chegamos ao arquivo da Secretaria de Educação no município de Esperança<sup>35</sup> - PB.

Considerando a experiência no arquivo da Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida, a ansiedade de encontrar as fontes já era mais contida. Neste segundo arquivo experimentamos a liberdade sem as vigilâncias que delimitavam o tempo e disciplinavam nosso corpo. Nele, fomos recebidas com o sorriso espontâneo e, com o livre arbítrio, percorremos os espaços entre estantes e livros empoeirados sem as exigências dos cuidados e as técnicas adequadas para o manuseio das fontes. Evidentemente que não podemos tomar essa realidade como uma desorganização, mas nos serviu de advertência que, como pesquisadora em arquivos, além dos encantamentos pelas fontes e da liberdade de acesso, era preciso pôr em prática as regras do manuseio adequado bem como os cuidados com a nossa saúde e a preservação do acervo.

Essa experiência nos deixou mais livres para paquerarmos e nos apaixonarmos pelas fontes, tendo em vista que ficamos liberadas para observar, selecionar e manusear o que nos interessava. Então, nos deparamos com a facilidade do acesso sem prévia consulta, sem delimitação de horário e sem controle no manuseio das fontes. Como se não bastasse essa total liberdade, o silêncio do espaço era minado pelo livre trânsito de visitantes que o buscam simplesmente para conversar com os funcionários do setor. Neste lugar, a prática da pesquisa é ditada pelo compromisso do pesquisador, cuja consciência do valor histórico das fontes conduz ao zelo no manuseio dos documentos. Mas, como diz Farge “[...] em plena coleta, não há como dispensar informações, pois o importante é deter o conjunto de dados sobre a questão, naturalmente nos limites cronológicos e espaciais previamente estabelecidos” (2009, p. 66).

E nos deparamos justamente com esses limites cronológicos das fontes, conforme nos coloca Farge (2009), pois no acervo do arquivo do município de Esperança só encontramos exemplares do jornal *A União* a partir de 1926. Com este corte inesperado, foi preciso uma aventura por outros arquivos. Partimos, então, para a cidade de João Pessoa- PB, a fim de pesquisarmos no IHGP<sup>36</sup>. Mais uma manhã de sol e sonolenta, dentro de um ônibus em busca do ‘alimento’ para esse estudo, os exemplares do jornal *A União* a partir da temporalidade de

<sup>35</sup> Esperança é um município brasileiro situado na Mesoregião do Agreste do estado da Paraíba. Sua população foi estimada em 31.095 habitantes pelo Censo brasileiro de 2010. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/paraiba/esperanca.pdf>> Acesso em: 09 fev. 2017.

<sup>36</sup> O Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, criado em 1905, teve como um dos fundadores o médico Flávio Maroja, que presidiu a casa por vinte e quatro anos, nos períodos 1907/08 e 1909/32, quando foi eleito Presidente de Honra. Os fundadores do IHGP almejavam construir a História da Paraíba e a instituição passaria a ser a grande guardiã dessa história. SOARES JR., Azemar dos Santos. **Corpos hígidos:** o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924 João Pessoa: [s.n.], 2011. 193f.

1918. A presença desses exemplares no arquivo eram sinais de que a nossa temporalidade era viável para esse estudo. A sua ausência nos dava a sensação que a pesquisa não estava bem delimitada, não havia um porto seguro, e isso bloqueava nossa imaginação para escrever e imobilizava os documentos já catalogados.

Portanto, quem deseja aventurar-se num arquivo precisa ser movida pela sensibilidade histórica, pela paixão e identificação com um objeto e uma temporalidade. Aqueles que optam pelas fontes em arquivos públicos enfrentam os desafios da busca e a angústia do desencontro. Muitas vezes, foi preciso contar com a sorte /ou/ uma ajuda espiritual e a paciência para essa caça aleatória. E, muitas vezes, cantar para não chorar e desistir. No texto - Uso e mau uso dos arquivos, o historiador Carlos Bacellar diz (2008, p. 23) que “[...] pesquisar em arquivos é o destino de muitos dos jovens profissionais que ingressam nos cursos de pós-graduação em História”. Essa afirmação de Bacellar (2008) fortalecia nossa ação em buscar mais um arquivo como célula guardiã das fontes que precisávamos.

Com esta missão, tentamos decifrar a difícil arte de investigar e só foi possível quando, através de outro pesquisador que se encontrava no IHGP (Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba), ficamos sabendo que nessa cidade existe o Arquivo Maurílio de Almeida<sup>37</sup>. Então, após uma bela caminhada no sol de verão, às 13h, na companhia do arquivista<sup>38</sup> que presta serviço nesse lugar, avistamos uma casa estilo sobrado, pintada de branco com detalhes em azul. Para o acesso, percorremos uma escada também azul com piso de mármore branco e numa sala ampla, entre estantes e livros, se deu o encontro com os fios da história registrados nos diversos exemplares do jornal *A União* de 1918, era o que faltava para traçarmos este trabalho.

Confessamos que foi um momento muito feliz, uma alegria que se repetia a cada exemplar folheado num exercício de paciência e cuidado com aquelas folhas frágeis, dia após dia, numa prática monótona, com leituras lentas, por vezes angustiantes, começamos a enxergar pequenos e singelos anúncios que nos deram indícios que nosso estudo era viável. E entre notícias, poesias, fotografias e anúncios, buscamos traçar com a arte da escrita e a doçura capturada nas imagens das crianças, as práticas culturais pensadas para alimentá-las. E no exercício da leitura eram muitas as interpretações a partir dos exemplares do jornal *A União*, organizados e encadernados por semestre, nos quais encontramos registros históricos

<sup>37</sup> Arquivo Maurílio de Almeida, rua das Trincheiras, bairro Jaguaribe, nº 656, na cidade de João Pessoa-PB.

<sup>38</sup> Sávio Silva faz parte do projeto Acervos digitais e extensão universitária: formação e cultura, executado a partir do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros e indígenas (NEABI), do Departamento de História da universidade federal da Paraíba (UFPB), tem como objetivo organizar e divulgar o acervo documental do Arquivo Maurílio de Almeida. (Essas informações foram concedidas pelo arquivista Sávio Silva na ocasião da nossa visita a este lugar).

das mudanças ocorridas na Paraíba nas questões econômicas, urbanísticas, saúde, educação, comportamentos, o que favoreceu traçar um olhar atento e crítico de suas conexões com a temática em discussão neste estudo.

Como periódico estatal, este jornal circulou no estado da Paraíba no período que faz parte do recorte temporal desse estudo. Divulgou discursos eugênicos, higienista, saúde educação e, conseqüentemente, se constituiu como artefato com ‘ares’ da modernidade, com a vinculação de novas ideias, valores e comportamentos urbanos para a mulher-mãe e para a criança. É uma fonte expressiva de representações e divulgações de vários produtos, entre eles, os alimentícios voltados para as crianças, revelando-se como um referencial de práticas educativas e pedagogização do corpo infantil e da sociedade paraibana.

Nesta articulação, constatamos a importância dos anúncios, sendo então requisitados como fontes articuladoras dessa ‘operação histórica’, visto que, segundo Luca (2008, p. 123), “[...] a publicidade também se articulou às novas demandas da vida urbana do início do século XX, no que diz respeito à imprensa periódica [...]”. Por este viés, o jornal *A União* se constitui como fonte primordial para interpretarmos as transformações urbanas, sociais e culturais através das suas representações nos anúncios publicitários e nos artigos. Desse modo, ao trilhar os desafios de construir essa história, enfrentamos as tensões e as relações de poder no diálogo com as fontes e com as articulações metodológicas que a pesquisa nos impôs.

Vale salientar que os textos citados que foram retirados das fontes seguem a ortografia da época pesquisada, estão transcritos da mesma forma que se encontram nos anúncios e, ao organizarmos a composição dos capítulos, percebemos que não seria possível analisá-los na sequência cronológica. Assim, considerando a história como ciência em construção, não narramos um passado e julgamos, mas, a partir das releituras das fontes que estão sujeitas às influências do nosso tempo e dos acontecimentos os quais elegemos como referencial histórico de tempo e lugar, buscamos construir uma teia historiográfica envolvendo como protagonista o sujeito criança, tecido a partir da alimentação, com a incisão dos médicos higienistas e dos cuidados das mães.

O livro ‘*Cartilha das Mães*’ de 1935, uma espécie de manual da puericultura no Brasil foi outra fonte muito importante na construção deste trabalho. Como extensão da memória do Dr. Martinho da Rocha, este nos ajudou a caminhar pelos discursos da higiene e do eugenismo em torno da criança. Proporcionou-nos conhecer as características construídas para se identificar uma criança robusta e sadia, com as quais problematizamos e interpretamos os discursos dos anúncios de alimentação para o público infantil.

## Configurações metodológicas e trilhas teóricas

Neste espaço, apresentamos as configurações teórico-metodológicas que direcionaram este estudo. Esta investigação foi pensada na perspectiva da História Cultural, em torno da escola dos Annales, da qual participaram Lucien Febvre e Fernand Braudel, que foram os principais responsáveis pela formação de uma tradição historiográfica com base na alimentação após a criação do conceito de vida material de Braudel, dando visibilidade à alimentação, à vida cotidiana, ao corpo e à família como objetos para a pesquisa histórica.

Com essa possibilidade fizemos uma pesquisa histórica trilhando uma leitura crítica dos anúncios de alimentos infantis publicados nos periódicos, tendo como ferramenta metodológica a análise do discurso pelo prisma de Michel Foucault (1996, p. 10), “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo qual se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”. Nessa perspectiva, problematizamos os discursos dos anúncios publicitários como representações dos interesses da política eugênica e higienista voltadas para as famílias e, em particular, sobre as crianças, como ‘regimes de verdades’, que para Foucault (1997, p. 11), “[...] a ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem”.

Para analisarmos os discursos dos anúncios publicitários de alimentação infantil, considerando as possibilidades que a história cultural nos ofereceu para entendermos as significações das práticas cotidianas de uma dada época, elegemos como categoria inicial a ‘estratégia’. E para alcançarmos esse objetivo, as ideias de estratégias<sup>39</sup> mais convenientes estão presentes nos estudos de Certeau (1994, p. 46), “[...] chamo de ‘estratégia’ o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’”. Nessa perspectiva, Certeau (1994) nos ajudou a problematizarmos as estratégias usadas nos anúncios de alimentos a partir da projeção feita sobre a criança.

Com a categoria estratégia foi possível analisar os discursos construídos sobre os benefícios da alimentação para o corpo da criança, como um tipo de poder próprio, capaz de servir à gestão de outros poderes. Ou seja, como diz Certeau (1994, p. 99), “[...] a estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças”. Nessa discussão,

---

<sup>39</sup> Categoria discutida por Michel Certeau, no livro: **A Invenção do Cotidiano 1** - Artes de fazer. Ed. Vozes. 4ª ed. p. 97-102. 1999.

Certeau (1994) certamente nos ajudou a identificar que as práticas de consumo transmitidas pelos anúncios implicam aos consumidores tomarem para si essa representação exposta nos discursos ao ponto de suscitar interesses pelo produto divulgado. Embora no estudo não tenha sido possível captar as práticas dos consumidores, já que quem fala é o anúncio e não os consumidores, projetamos, a partir das análises, as representações dos discursos na intervenção no corpo da criança.

Para problematizarmos o corpo da criança como um lugar de intervenção, consideramos as imagens e os discursos dos anúncios como uma representação. Essa categoria foi tomada de empréstimo de Roger Chartier (2002), que pensa a representação como algo expresso nos discursos, mas que se torna diferenciada a partir de como os indivíduos notam e pensam o que está representado. Ou seja, se constrói um sentido a partir das leituras que o sujeito faz dos discursos. Portanto, disse-nos Chartier (2002, p. 20), “[...] a representação é um instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objecto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ [...]”. Essa noção de representação nos permitiu articularmos as práticas culturais de alimentação apresentadas nos discursos dos anúncios com a política da eugenia e da higienização sobre os corpos das crianças, tendo as intervenções das mães e dos médicos nesta construção.

No espaço da história cultural o corpo ganhou visibilidade e passou a ser moldado e remodelado a partir da intervenção de várias práticas discursivas que lhes concede sentido social. No entanto, o que nos interessou neste estudo foi interpretar como o corpo da criança foi representado nos anúncios publicitários, na perspectiva da cientificização para ser sadio, robusto e belo como condição de passagem para uma vida adulta útil ao país. Como nos diz Louro (2000, p. 8), o “[...] corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença, com mudanças de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer ou com novas formas de intervenção médica e tecnológica”. Portanto, era preciso evitar que a criança fosse um obstáculo ao progresso e para isso foram idealizadas várias intervenções.

Com esta teia realizamos uma análise envolvendo algumas tecnologias de poder apresentadas por Foucault (1997, p. 83-111), a exemplo da ‘arte de governar’. “O governo de si por si, na sua articulação com as relações com o outro”. Ou seja, a prática da governamentalidade moderna, cuja experiência resulta na biopolítica. Para Revel (2005, p. 55), “[...] essa biopolítica implica, entretanto, não somente uma gestão da população, mas um controle das estratégias que os indivíduos, na sua liberdade, podem ter em relação a eles mesmos e uns em relação aos outros”. Portanto, essa biopolítica tem como objetivo o controle

e a formação do indivíduo e da sociedade não apenas como algo negativo, mas como uma rede de construção social.

A captação desse poder colocado por Foucault (1997), no âmbito dos periódicos, só foi possível ao empreendermos certos procedimentos de análise crítica, a fim de verificar o público alvo que consumia suas informações, bem como vincular os anúncios aos acontecimentos históricos do período investigado. Foi um sério desafio para nós, porque tivemos que considerar que esse poder não é naturalizado, mas é revestido de um conjunto de práticas, que podemos perceber nos anúncios, tais como: a) as diferentes técnicas editoriais de representação da criança; b) as estratégias de persuasão nos anúncios; c) as ilustrações e os textos como portadores de sentidos e intencionalidades.

Para identificarmos como o corpo infantil foi construído, o capturamos nas redes dos anúncios pelo prisma de Foucault (2000, p. 103), “[...] é essa rede que define as condições de possibilidade de um debate ou de um problema, é ela a portadora da historicidade do saber”. Nessa perspectiva, buscamos dar visibilidade a como o corpo infantil foi subjetivado, disciplinado pelos anúncios para ser ‘belo, sadio e higienizado’. Levando em consideração que a alimentação em estudo foi concebida como um bem cultural que influencia nos hábitos, nas práticas alimentares e na aparência das crianças na Paraíba, a utilização das imagens nos anúncios nos aproximaram de um passado e para descrevê-lo dialogamos com algumas categorias conceituais, tais como: criança, maternidade, higienização e beleza.

Estas categorias conceituais foram articuladas com as discussões teóricas possibilitando a construção do corpo dessa pesquisa, a fim de dar visibilidade à seguinte problematização: Como os anúncios publicitários de alimentos infantis presentes nos exemplares de *A União* produziram práticas educativas para alimentar a criança?

Utilizamos a categoria criança, concebendo-a como um sujeito construído pela disciplina dos anúncios publicitários e pela política eugenista, cujo corpo apresentava características universais, como um ser frágil, que necessitava de atenção, cuidados, alimentação, educação. Vale salientar que para a identificação do sujeito criança não fizemos distinção de gênero e utilizamos como referência a ideia de Corazza (2000, p. 129 - 253), de que “[...] a criança é concebida [...] como a mais completa representação de pureza e inocência [...] a fase da primeira infância de zero a três anos e a segunda infância, de três a sete anos”. Portanto, foram com estas fases que dialogamos nos discursos dos anúncios de alimentação infantil, que não estavam imunes ao contexto socioeconômico do processo industrial do Brasil, entrelaçado com o saber do médico-higienista.

Outra categoria importante foi a higienização, que está problematizada como uma categoria cultural resultante de um conjunto de práticas diárias de cuidados com objetivos de disciplinar o corpo<sup>40</sup> para o bem estar e a saúde. Como diz Foucault (2001, p. 15), “[...] no corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos”. No desejo dos médicos higienistas estava a proposta de ‘cuidar’ da população, educando-a e ensinando-a novos hábitos de se alimentar e cuidar de si<sup>41</sup>, ou seja, a higienização do corpo é um dos costumes submetidos à intervenção social do Estado. Para Luengo (2010, p. 29), “[...] o pensamento higienista seria, então, uma das formas disciplinares que surgiram como objetivo de reestruturar o núcleo familiar, mas isso só ocorre através do poder médico”.

O comentário de Luengo (2010) nos fez perceber que os médicos higienistas associavam os hábitos higiênicos às boas maneiras e, em nome da saúde, constatamos ampla proliferação de discursos em torno deste tema, estabelecido como uma ação disciplinar com um conjunto de técnicas de poder para moldar a criança, tornando os ‘corpos dóceis’, pensando no adulto de amanhã para um modelo de sociedade civilizada, visando atender aos ideais de nação higienizada e com vistas à modernização do país, sendo a criança o sujeito primordial. E para garantir a sua existência, a educação e os cuidados, foi ‘inventada’ pelos médicos higienistas a ‘maternidade científica’.

Sobre a invenção da maternidade científica, Moura (2011, p. 62) alerta que “[...] o objetivo não era apenas assistir à mulher, mas visava à mulher-mãe, provedora do filho da nação [...]”, uma vez que “[...] o filho precisava ser saudável, para ocupar uma função vital, como mão de obra para sua inserção social”. Esta discussão em torno da maternidade está presente neste estudo, porque os anúncios e os discursos médicos estão direcionados para uma ‘mulher-mãe’, e foi a ela que delegaram a missão de conduzir as práticas alimentares idealizadas pelos médicos para as crianças e que estão representadas nos anúncios interpretados.

Considerando os esclarecimentos de Moura (2011), analisamos as práticas da maternidade exercida sobre o corpo da mulher-mãe pelo prisma do biopoder<sup>42</sup>, que amplia a

---

<sup>40</sup> Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados. “[...] O corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença, com mudanças de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer ou com novas formas de intervenção médica e tecnológica” (LOURO, 2000, p. 8).

<sup>41</sup> “O cuidado de si vai ser considerado, portanto, como o momento do primeiro despertar. Situa-se exatamente no momento em que os olhos se abrem, em que se sai do sono e se alcança a luz” (FOUCAULT, 2006, p. 11).

<sup>42</sup> “Este biopoder foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos [...]” (FOUCAULT, 1999, p. 132).

preocupação para os cuidados com a população, como também individualiza sua atenção com relação à saúde com a atuação da medicina na higiene e na medicalização. Mas, há de se considerar, também, que nem tudo era pensado sob essa ótica. É interessante salientarmos que o prognóstico da maternidade poderia ser outro, conforme nos colocou Badinter (1980, p. 18), “[...] se é indiscutível que uma criança não pode sobreviver e desenvolver-se sem uma atenção e os cuidados maternos, não é certo que todas as mães humanas sejam predestinadas a oferecer-lhe esse amor de que ela necessita”.

Este questionamento de Badinter (1980) não fazia parte dos discursos médicos da época. Então, as mães, através dos anúncios e dos discursos médicos, eram sensibilizadas para exercerem o biopoder sobre o corpo da criança, com o objetivo de assegurar a vida, mas também de ‘controlar a espécie humana. Assim, entrava em cena a função social pensada e articulada para a mulher nessa temporalidade que foi a maternidade, proclamada pelos discursos médicos como um ‘dom natural’ e ‘divino’ da mulher.

Outro conceito problematizado nesse estudo foi a beleza. Como categoria cultural este conceito varia de acordo com o tempo e as sociedades que recriavam e criam seus padrões estéticos, influenciados pelo clima, pela economia, pela ciência, pela política, etc. No caso deste estudo, a estética da beleza da criança foi construída pela ciência médica, mas não definia gênero. Para o Dr. Martinho da Rocha (1935), a beleza da criança estava na representação dela apresentar os aspectos de ser sadia, ou seja, com ausência da doença que seria refletida na cor corada da pele lisa, boca rosada, carnes rijas, manta gordurosa subcutânea, consistência muscular. A criança não deveria ser gorda, pois isto seria um ‘traço de imperfeição’. E, esclarecia, “[...] a obesidade, tão carinhosamente cultivada pelas mães, é um perigo para a criança [...] o peso por si só não basta como atestado de saúde.” (ROCHA, 1935, p. 160-162).

Nos anos 1920, multiplicaram-se os procedimentos para avaliar um ‘corpo’ gordo, resultando na renovação de hábitos e costumes. Para Vigarello (2012, p. 305), “[...] a visão da obesidade chega nos anos 20 ao universo das observações contemporâneas. O gordo é uma ameaça estética tanto quanto vital”. Assim, vários aspectos de beleza passaram a ser enunciados envolvendo mais sentimentos, sensibilidades e práticas de higiene e alimentação como forma de se obter saúde e, provavelmente, ser mais ‘belo’. As mães foram convocadas para contribuírem com esta beleza à medida que alimentavam seus filhos de forma ‘adequada’, conseqüentemente, no padrão ‘normal’ para esta época. Nas palavras de Oliveira (2003, p. 3), “[...] uma criança normal seria, por excelência, uma criança saudável, esta preocupação não dizia respeito apenas aos médicos, mas aos pais, educadores e governantes

da pátria”. Ou seja, o corpo da criança seria alvo de múltiplos saberes, adestrados com fins políticos e econômicos.

Interpretando Oliveira (2003), no plano simbólico dos anúncios publicitários de alimentação infantil, ser normal era estar bem alimentado, não apresentar as doenças do corpo e as ‘deformações morais’, o que certamente refletia de forma negativa na beleza. As representações de um ideal de beleza para as crianças nos anúncios<sup>43</sup> publicitários de alimentação para o público infantil estavam como uma espécie de atrativo, sensibilizando as mães para o consumo, fazendo com que o sujeito (criança) se sentisse participante da sociedade idealizada. Assim, a imagem da beleza se revelava como uma forma de controle. Ou seja, saúde e beleza eram estimuladas pelos médicos e a criança, no sentido foucaultiano (1999), era vigiada e controlada para ser um ‘corpo dócil’.

Este trabalho está composto por três capítulos. O primeiro capítulo intitulado: “Maternidade e medicina de papel: as prescrições das práticas educativas da ‘nobre’ missão de alimentar a criança”. Tivemos por objetivo discutir como os anúncios publicitários contribuíram para as ‘novas’ práticas educativas de alimentar a criança, usando o fortalecimento da maternidade e as prescrições médicas. Este foi construído em três tópicos. No primeiro, “Traços do projeto de nação: pelos fios dos alimentos”, discutimos o incentivo à maternidade pelos preceitos eugênicos e higiênicos; analisamos o poder de persuasão da publicidade, utilizando a compreensão de Jerry Kirkpatrick (1997, p. 27), para quem “[...] a propaganda é venda pelos meios de comunicação de massa. O apelo à emoção, na verdade, é um apelo por valores, aquilo que os consumidores valorizam e que estão procurando nos produtos”. Também apresentamos a condição da mortalidade infantil na Paraíba. O segundo tópico foi intitulado: “Mãe: a nação se renova no teu ventre”. Neste, problematizamos os discursos persuasivos dos anúncios publicitários em torno da maternidade, sensibilizando as mães para que adquirissem os produtos divulgados para alimentarem os filhos. Já no terceiro tópico, com o título: “Há dúvidas? Procure um médico: as prescrições dos alimentos”, interpretamos os discursos médicos em torno das prescrições dos alimentos para a criança, considerando os anúncios selecionados.

O segundo capítulo, identificado pelo título: “O corpo fala sem palavras: a representação da saúde e da beleza da criança nos anúncios publicitários de alimentação infantil”. O objetivo foi interpretar como os discursos e as imagens dos anúncios publicitários

---

<sup>43</sup> Gostaríamos de esclarecer que os anúncios de alimentos para criança apresentados neste estudo não obedecem uma ordem cronológica, os mesmos foram analisados de acordo com a composição de itens que a dissertação foi estruturada, considerando os objetivos delimitados.

de alimentação para criança representaram a saúde e a beleza a partir das novas práticas educativas de se alimentar. Organizamos em três tópicos separados de acordo com os produtos. O primeiro tópico identificado por: “Sem alimentação não há saúde: o corpo regado ao leite”. Utilizamos apenas publicidades de divulgação dos leites; No segundo item: “Corpos robustos: esculpido com massas”, problematizamos os anúncios na linha dos farináceos. O último tópico: “Que bella creança: o corpo com a Emulsão de Scott”. O diferencial deste capítulo para o anterior foi que neste problematizamos o corpo da criança considerando a saúde como sinônimo de beleza. Recepcionamos a concepção de beleza a partir de Georges Vigarello (2016), como uma condição de bem estar a partir da ausência da doença. E para identificar esta condição na criança analisamos as representações delas nas imagens e na comunicação verbal na publicidade por meio dos signos das palavras.

O terceiro capítulo intitula-se: “Apetite assim é sinal de saúde”: a criança sadia e robusta nos discursos dos anúncios publicitários de alimentação infantil de 1918 a 1937”. Tivemos por objetivo explicar como os anúncios publicitários representaram o eugenismo e a higienização nas práticas educativas de alimentar a criança para ser robusta e sadia. Os discursos das propagandas foram analisados considerando a eugenia preventiva na perspectiva neolamarckiana. Este capítulo foi organizado em três tópicos, sendo o primeiro intitulado: “Robusteça sua criança: dê-lhe a Emulsão de Scott; o segundo: O futuro do bebê depende da alimentação!: os leites e as farinhas industrializadas; por último: Institucionalização da Alimentação para Criança: o caso do lactário. Finalizamos com as práticas alimentares deste lactário na Paraíba, no ano de 1937.

## CAPÍTULO I

### MATERNIDADE E MEDICINA DE PAPEL: AS PRESCRIÇÕES DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA 'NOBRE' MISSÃO DE ALIMENTAR A CRIANÇA



**MÃE...**  
São três letras apenas,  
As desse nome bendito:  
Três letrinhas, nada mais...  
E nelas cabe o infinito  
É palavra tão pequena  
Confessam mesmo os ateus  
És do tamanho do céu  
E apenas menor do que Deus!  
(Mário Quintana/1906-1994).

## 1.1 Traços do projeto de nação: pelos fios dos alimentos

Qualquer leitor sensível às ações humanas que envolvem amor, cuidados e respeito, certamente se deixa seduzir pela exaltação e valorização da Mãe nas palavras do escritor Mário Quintana<sup>44</sup>, que estão registradas na entrada desta dissertação. Como mãe e filha, também nos convencem de que pelos filhos buscamos o infinito e reconhecemos DEUS nesse limite. Mas, do ponto de vista da historiografia, isto tem consequências que podem ser problematizadas, porque nem tudo está naturalmente explicado e inscrito na natureza feminina. Como afirma Badinter (1985, p. 1):

[...] o amor materno [...] não é um determinismo, mas algo que se adquire. Tais como o vêm hoje, é produto da evolução social desde princípios do século XIX, [...] como todos os sentimentos humanos, ele varia de acordo com as flutuações socioeconômicas da história.

Estes argumentos de Badinter (1985) nos servem de alicerce para interpretarmos como a maternidade foi construída nos anúncios publicitários de alimentos infantis que circularam no estado da Paraíba, entre 1918 a 1937, com os quais iniciamos a construção deste estudo. Pensada para acomodar uma criança ‘robusta’, ‘bela’ e ‘sadia’ sob os cuidados de uma mulher-mãe, representada nos anúncios como ‘elegante’, ‘rainha do lar’, esposa que, com graça e meiguice deveria conciliar as atribuições de mãe-educadora para a ‘gloria’ e o futuro dos filhos da pátria. E o médico, que também exerceu o saber pedagógico pelo prisma da medicina sobre as crianças. Eis o objetivo neste primeiro capítulo: discutir como os anúncios publicitários contribuíram para as ‘novas’ práticas educativas de alimentar a criança, usando o fortalecimento da maternidade e as prescrições médicas.

O fortalecimento da maternidade era uma tendência significativa nos anúncios publicitários nos anos de 1920 e 1930 e, de acordo com Luna (2009), “[...] a imprensa feminina não poupava metáforas ao se referir à maternidade, tratada como ‘missão primordial da mulher’, ‘expressão mais alta de sua feminilidade’”. Estes discursos objetivavam a mulher como esposa e mãe ideal, cuidadora dos filhos e do lar. Como prática persuasiva para sensibilizar o ‘eu’ do consumidor, esse ‘ideal’ de maternidade foi explorado como ‘bandeira’ mercadológica na cultura do consumo para vender alimentos industrializados para as crianças. Então, usavam-se fotografias ou imagens desenhadas com representações de mães

---

<sup>44</sup> Mário de Miranda Quintana (1906-1994) foi um poeta, tradutor e jornalista brasileiro, nasceu na cidade de Alegrete, no Rio Grande do Sul. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/mario\\_quintana/-phpt](https://www.ebiografia.com/mario_quintana/-phpt)> Acesso em: 02 mar. 2017.

alimentando seus filhos, conforme esta que ilustra a entrada deste capítulo para a divulgação do leite Lactogeno<sup>45</sup>

### Imagem 01 - O leite materno...

**O leite materno...**

... é para o lactente o melhor leite pelo seu alto valor imunizante e suas características physicas e chímicas.

Na falta deste porém, sendo necessario recorrer á alimentação artificial, deve-se escolher de preferencia o leite cuja composição — uma vez diluido — mais se approxime physica e chímicamente ao leite materno. Lactogeno — que é leite e nada mais que leite — preenche satisfactoriamente essa exigencia comquanto a sua porcentagem em lactose, gordura e proteínas é quasi identica á do leite materno. Além disso, é de facil digestão — mesmo para o delicado estomago do lactente — pois os globulos de gordura do leite de vacca tiveram seu volume muitissimo reduzido por um processo especial de homogeneização. De facil manejo e de qualidade garantida, é factor de tranquillidade para o medico que o aconselha e para a mãe que o administra.

**É UM PRODUCTO NESTLÉ**

**Fonte:** *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba*- João Pessoa, Ano VIII, nº 1933, s/p.

Com o objetivo de estimular as vendas do leite Lactogeno, este anúncio usava como arte persuasiva o discurso da ciência médica em torno do fortalecimento da maternidade por meio da exaltação ao aleitamento materno. No entanto, ao exaltar esta maternidade, o anúncio divulgava o leite Lactogeno como sendo a mais ‘perfeita composição artificial’ que substituiria o leite materno, pois o mesmo continha nutrientes necessários à criança, de modo que, o seu desenvolvimento com o consumo deste leite, obedecia as ‘leis naturais’. Ou seja,

<sup>45</sup> “O leite materno é para o lactente o melhor leite pelo seu alto valor imunizante e suas características physicas e chímicas. Na falta deste, porém, sendo necessario recorrer á alimentação artificial, deve-se escolher de preferênciã o leite cuja com, posição- uma vez deluido- mais se approxime physica e chinicamente ao leite materno. Lactogeno- que é leite e nada mais que leite- preenche satisfatoriamente essa exigência comquanto a sua porcentagem em lactose, gordura e proteínas é quase idêntica á do leite materno. Além disso, é de fácil digestão- mesmo para o delicado estomago do lactente- pois os glóbulos de gordura do leite de vacca tiveram seu volume muitíssimo reduzido por um processo especial de homogeneização. De fácil manejo e de qualidade garantida, é factor de tranquillidade para o médico que o aconselha e para a mãe que o administra. É um producto Nestlé”. (*Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba* - João Pessoa, Ano VIII, nº 1933, s/p.).

apesar de ser um alimento artificial, mantinha-se o vínculo entre mãe e filho, pela aproximação da composição deste leite. Percebemos um discurso de poder sobre o corpo da mulher a partir dos esclarecimentos fisiológicos e orgânicos do corpo da criança para legitimar a eficácia do leite Lactogeno. Não seria um poder negativo, pois, como disse Foucault (2015, 239), “[...] se apenas se exerce um poder negativo ele seria frágil. O poder, longe de impedir o saber, o produz”.

Interpretamos que a produção deste saber apresentado por Foucault (2015) era legitimada pelo médico que ‘aconselhava’ o consumo do Lactogeno como um produto eficaz no corpo da criança, tendo como aliada a mãe. O poder deste discurso estava, também, na divulgação do fabricante do leite. “É um producto Nestlé”, dando visibilidade à marca mundialmente auto divulgada como aquela que produz alimentos nutricionalmente balanceados e que, certamente, contribuía para a ‘boa’ nutrição, saúde e bem-estar da criança.

A circulação destes discursos e a estética da imagem da mãe buscavam despertar o desejo para o consumo do produto e ‘suprir’ uma necessidade sensibilizando a psique da mãe, para não ‘sofrer’ da culpa de não poder exercer com plenitude a maternidade. Trata-se, porém, de uma imagem desenhada, manipulada com finalidade persuasiva que, no plano inventivo, usava uma mulher elegante, aparentemente de posses financeiras, com um apelo emocional no silêncio visual do olhar para a criança com expressão de afeto e ternura. Estes argumentos, certamente, também ‘convenceria’ o consumidor, uma vez que somos sensibilizados por aqueles que sentimos amor.

Considerando as teias do marketing da propaganda como mestre de obra da ciência Histórica, cuja construção atravessa o tempo, elegemos os discursos dos anúncios publicitários como práticas educativas que envolveram as mães e os médicos, tendo como alvo a criança para construir este primeiro capítulo. Eles são as ferramentas desta construção e foram interpretados como práticas de governamentalidade com as suas especificidades e utilidades concebidos como representações<sup>46</sup> escritas e em imagens que, para Pesavento (2004, p. 42), “[...] seria, pois decifrar a realidade do passado por meio das representações [...] que se constroem como fontes através do olhar do historiador”.

Os anúncios publicitários interpretados não estão numa ordem cronológica, tendo em vista que de um ano para o outro eles apresentavam enunciações e problematizações

---

<sup>46</sup> O conceito de representação usado para compreender as construções sobre o papel da mulher-mãe foi recepcionado a partir de Chartier, quando diz “[...] que a coisa não existe a não ser no signo que a exhibe [...] a representação transforma-se em máquina de fabrico de respeito e de submissão [...] que é necessário onde quer que falte o possível recurso a uma violência imediata.” (CHARTIER, 2002, p. 21-22).

diferentes. Neste capítulo, foram problematizados os anúncios com direcionamentos em função da criança, de acordo com os conhecimentos da eugenia e da higiene como dispositivos para se obter ‘bons cidadãos’, tendo a mãe exercendo a maternidade como função moral de educar, alimentar e preparar as ‘gerações de amanhã’, aliando-se aos médicos higienistas como protagonistas do projeto de nação moderna, que prescreviam e orientavam as mães sobre as práticas de cuidados com o corpo da criança, com a moral e a alimentação.

Escolher a eugenia como um conceito histórico de um pensamento segregacionista e excludente para interpretar os discursos dos anúncios publicitários de alimentação infantil foi um desafio teórico, considerando que, segundo Stepan (1990, p. 341), “[...] a eugenia foi saudada como a ‘nova’ ciência capaz de levar a uma ‘nova ordem social’ por meio do aprimoramento médico da raça humana (Sociedade Eugênica de São Paulo).” Sabemos, através de Stepan (1990), que nos anos 1920, os médicos e os outros intelectuais que abraçaram esta bandeira não chegavam a um consenso para explicar os problemas da delinquência juvenil, a prostituição, o alcoolismo, as doenças venéreas, a nutrição e a criminalidade que havia no Brasil.

Aliado a estes problemas relatados na imprensa médica e nos jornais *A União* e periódicos havia, também, o posicionamento da elite brasileira influenciado por ideias racistas vindas do exterior, que compartilhavam da concepção de degeneração da raça, da influência do clima no atraso social e econômico do país, gerando uma sociedade instável que refletia na falta do progresso da nação. Portanto, tivemos uma teia de justificativas para se construir um conceito que nos desse o norte para explicarmos nossas análises.

Embora não tenha sido o objetivo deste estudo traçar um panorama desses acontecimentos que envolveram a eugenia no Brasil, consideramos importante apresentarmos alguns esclarecimentos sobre o segmento científico que embasou as discussões da eugenia no Brasil, com as quais analisamos os discursos dos anúncios. Inicialmente, consideramos as explicações de Stepan, no contexto dos anos 1920.

Nas atividades públicas do início da década de 1920 no Brasil, predominou o estilo otimista da eugenia lamarckiana. No Brasil assim como na França, os pontos de vista neolamarckianos sobre a eugenia permitiram que se forjassem alianças entre eles e as organizações públicas mais amplas de saneamento e higiene. (STEPAN, 1990, p. 348-349).

Estas informações de Stepan (1990) dão visibilidade à falta de consenso entre os médicos e outros intelectuais para aplicabilidade do projeto de eugenia<sup>47</sup> no Brasil como, por exemplo, o debate científico em torno do neolamarckianos, estilo que predominou no Brasil nos anos 1920 e 1930. Neste, “[...] os eugenistas chamavam particular atenção para a própria reprodução humana – sexualidade, matrimônio e o problema de infecções, especialmente por doenças venéreas, em um casamento.” (STEPAN, 1990, p. 349). Portanto, a ideia era garantir a eugenia como uma ciência capaz de construir uma ‘nova’ ordem social no Brasil, compactuando a higienização dos corpos e a ‘purificação da raça’, o que certamente se justificava pela organização de grupos e eventos<sup>48</sup> que discutiam várias questões, entre elas a saúde e a alimentação, que nos interessou neste estudo.

De posse do olhar da historiografia cultural que tenta decifrar a História pelos modos de pensar, sentir, representar, ou seja, pelas práticas culturais, escolhemos os anúncios publicitários de alimentação infantil como divulgadores das práticas educativas para alimentar as crianças no estado da Paraíba, entre 1918 a 1937, para isto, não concebemos o suposto consumidor como um indivíduo que agia por instintos e impulsos inatos, mas problematizamos os anúncios como possuidores de um suposto poder coercitivo<sup>49</sup>, conforme nos apresentou Jerry Kirkpatrick.

[...] os críticos da propaganda atribuem ao “poder coercitivo” a criação de necessidades e vontades usando técnicas de persuasão [...]” E, de acordo com isso, concluí-se que, “a propaganda é um estímulo externo ambiental que controla nossas vidas [...] muda os gostos e preferências dos consumidores, criando necessidades e vontades que eles de outra forma, não teriam”. (KIRKPATRICK, 1997, p. 66- 67).

Considerando estas ideias de Kirkpatrick (1997), não tivemos como interagir com os consumidores dos produtos anunciados nas propagandas problematizadas e interpretadas neste estudo como possibilidades de confirmar /ou/ não o consumo dos produtos anunciados. No entanto, buscamos nos certificar dos estímulos às necessidades e vontades no contexto da

---

<sup>47</sup> “No Brasil, o termo incidentalmente fora preferido pelo filólogo brasileiro João Ribeiro à outra palavra aventada em português, ‘eugênica’, recomendada por outros cientistas e gramáticos” (KEHL, 1935; ROQUETTE PINTO, 1927). “O termo ‘eugenia’ foi ainda mais distinguido pelo acento no ‘i’, talvez para enfatizar sua semelhança com a francesa ‘eugénique’, de tônica similar. Seja como for, ‘eugenia’ foi a palavra usada rotineiramente, muitas vezes sem o acento”. (STEPAN, 1990, p. 335).

<sup>48</sup> O Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado no Rio de Janeiro, em 1929. As comemorações do centenário da fundação da Academia Nacional de Medicina (STEPAN, 1990, p. 334).

<sup>49</sup> O termo poder coercitivo da propaganda é o título do terceiro capítulo do livro: Em defesa da Propaganda, de Jerry Kirkpatrick. O autor ressalta que os críticos da propaganda atribuem ao “poder coercitivo” que ela cria, necessidade e vontade, usando técnicas de persuasão, o que os críticos consideram ser o mesmo que coerção (1997, p. 66).

eugenia e da higienização, divulgados pelos anúncios através do suposto ‘livre arbítrio’ do consumidor.

Jerry Kirkpatrick (1997, p. 46) explicou que o “[...] livre-arbítrio é a nossa escolha por pensar, por exercitar nossa capacidade racional.” Então, de posse deste argumento, a assertiva é de que a propaganda não teria o poder de forçar o sujeito a comprar os produtos divulgados, sem que este tivesse interesse ou necessitasse do mesmo. Ou seja, as famílias na Paraíba possuíam o ‘livre-arbítrio’ para decidir consumir /ou/ não os produtos divulgados. Neste contexto, compreendemos que o sujeito é livre e, nesse caso, essa ideia se aproximava do diálogo de Foucault (1987), quando discutiu que o “[...] poder só pode ser exercido sobre sujeitos livres porque se não houver resistência, não se faz necessário o exercício das práticas de poder.” Portanto, é na perspectiva da relação de poder, a partir da persuasão através dos dispositivos ‘necessidade’ e da ‘vontade’ que continuamos este diálogo, pois a suposta liberdade do consumidor não impedia que as indústrias de alimentos persuadissem as mães para adquirirem os produtos divulgados, cujos ‘benefícios’ também eram reforçados através das prescrições médicas.

Imagem 02 - Leite Moça<sup>50</sup>



Fonte: *A União*, 5 jun. de 1919, p. 3.

<sup>50</sup> Com o seu uso diário cria-se filhos sadios e fortes evitando-se a enterite, a tuberculose e outras enfermidades graves- Pureza garantida. (*A União*, 5 de jun. de 1919, p. 3).

Este anúncio de 1919 apresentou o ‘Leite Moça’ como um alimento para criança. Esta divulgação nos causou estranhamento, visto que desconhecíamos tais prescrições e, pelo fato de conhecermos seu sabor como um leite excessivamente adocicado e de aparência pastosa, embora tenha um aroma que nos agrada. No entanto, o poder de persuasão do discurso estimulava a vontade para o consumo deste produto como prescrição para se criar ‘filhos saudios e fortes’. Com esta imbricação de possibilidades, certamente, a mãe passaria a ter a vontade de dar este leite para o filho.

Ao apresentar que o leite evitava doenças nos filhos, como, por exemplo, a enterite<sup>51</sup>, a mãe certamente veria o leite também como um medicamento para cuidar da saúde do filho, já que esta doença apresentada no anúncio afetava a região gastrointestinal da criança. Assim, vendia-se um padrão ‘ideal’ de ser criança. A nosso ver, o problema não estava em construir ‘necessidades’ e despertar ‘vontades’, mas na homogeneização destas práticas, naturalizando uma realidade ao ponto de omitir as diferenças, fazendo com que os ‘benefícios’ de um produto fossem adequados a todos.

Os discursos persuasivos deste anúncio como estratégia mercadológica divulgavam sutilmente os valores culturais desta época e construíam práticas educativas que atendiam aos interesses da política eugenista do Brasil que, entre outros interesses, estava a necessidade de ‘eugenizar’, ‘educar’ e ‘fortificar’ a sociedade brasileira. Sobre o poder do discurso persuasivo que identificamos neste anúncio, encontramos em Adilson Citelli (2002, p. 32) que “[...] o discurso persuasivo se dota de recursos retóricos objetivando o fim último de convencer ou alterar atitudes e comportamentos já estabelecidos”. O que “[...] nos levou a deduzir que o discurso persuasivo é sempre expressão de um discurso institucional”.

O discurso institucional explicado por Citelli (2002) estava na política eugênica representada na transformação do corpo da criança que o ‘Leite Moça’ poderia proporcionar ao ser consumido. A expressão ‘cria-se filhos’ refletia a intencionalidade de sensibilizar a mãe para ver este alimento como adequado para o filho, já que o mesmo também era divulgado com ‘pureza garantida’, focando na higienização do alimento. Portanto, a prática de se alimentar com este produto assumia uma dimensão de ‘valorização da criança’, supostamente garantida pela parceria entre a mãe e o ‘Leite Moça’. Ou seja, haveria um investimento no biológico pelo dispositivo do biopoder.

---

<sup>51</sup> Também conhecida como **doença de crohn**, a enterite é uma enfermidade que afeta a região **gastrointestinal**, que pode ir da boca do paciente até a região do ânus, mas pode atingir também a outras partes do corpo, como pele, vesícula, osso, fígado, entre outros. Disponível em: <<https://www.saudemedicina.com>> Acesso em: 07 set. 2017.

Conforme já mencionamos em outro momento, os anúncios de alimentos infantis são os alicerces dessa produção. No entanto, durante as pesquisas encontramos o da Emulsão de Scott, apresentado pelo anunciante como um ‘tônico alimento’. Este encontro nos causou estranhamento, tendo em vista que nas vivências da nossa infância o consumo deste produto era concebido como um medicamento estimulante de apetite que atualmente ainda é comercializando, tendo sua fórmula<sup>52</sup> modificada como o aditivo de sabores laranja e morango, pois a fórmula e o cheiro original eram do ‘óleo de bacalhau’.

Então, de posse desta informação, foi na perspectiva do alimento que problematizamos alguns anúncios da Emulsão de Scott, nos quais identificamos orientações de práticas educativas para as mães e para as crianças sob a ótica da eugenia preventiva que predominou no Brasil nos anos 1920. Outra curiosidade que identificamos foi que os discursos acompanhavam as fases de crescimento das crianças deixando transparecer que ele proporcionava um equilíbrio alimentar.

**Imagem 03 - As Crianças De Hoje** <sup>53</sup>



**Fonte:** *A União*, 4 jul. de 1935, p. 5.

<sup>52</sup> A atual composição deste produto pode ser conferida na bula que se encontra no anexo VI. Disponível em: <<http://facilbula.com.br/medicamento/2490/emulsao-cott>> Acesso em: 07 set. 2017.

<sup>53</sup> As Crianças De Hoje SÃO OS HOMENS DE AMANHÃ- DÊ AO BRASIL Homens sadios, robustos, tornando, hoje, as crianças bastante vigorosas. As vitaminas A e D são indispensáveis ao bom desenvolvimento das crianças, pois fortalecem os ossos, os dentes e dão força e resistência. E vitaminas A e D se encontram em abundância no tônico alimento. Emulsão de Scott. (*A União*, 4 de jul. de 1935, p. 5).

Sugerindo que estava de acordo com os padrões nutricionais cientificamente divulgados na época, com o slogan “As crianças de hoje - São os homens de amanhã”, identificamos as características da eugenia representadas pelo esforço da ciência moderna para a regeneração física e mental das crianças, apresentando a eficácia das vitaminas A<sup>54</sup> e D<sup>55</sup> que estavam presentes na composição deste tônico alimento extraído do óleo do bacalhau da Noruega. O termo ‘bastante vigorosa’ funcionava como um componente disciplinar indicando força, poder, beleza, pensados para dar visibilidade ao corpo da criança como constituição de um sujeito de poder e, também, estimulando a compra da Emulsão.

Estabelecendo as conexões do potencial ‘desenvolvimento da criança’ com a promessa de fortalecer ‘os ossos, os dentes e dar força e resistência’, este anúncio construiu representações que funcionavam como uma dimensão pedagógica e buscavam sensibilizar as mães para criar filhos saudáveis e robustos, se adequando aos padrões idealizados nos discursos dos médicos pediatras que contribuíram para a construção de um mercado consumidor para as crianças ao prescreverem os produtos industrializados e já alertavam sobre o alto índice de mortalidade infantil no Brasil.

A difícil condição da saúde da criança foi alertada pelo Dr. Carlos Arthur Moncorvo Filho<sup>56</sup>, segundo Carneiro (2000, p. 100), como “[...] pioneiro na bandeira da assistência médico-social da criança brasileira. Ele “[...] atribuía as moléstias infantis causadora da espantosa mortalidade de crianças [...]”. As informações de Carneiro (2000) deram visibilidade às ações do Dr. Moncorvo Filho, para resolver os problemas que afetavam a criança que passou a ser alvo de uma governamentalidade por parte do governo, através das instituições de proteção e assistência e a partir de um conjunto de práticas médicas para combater as epidemias com a higiene, a educação, a alimentação e o preparo dos médicos pediatras e das mães.

---

<sup>54</sup> A vitamina A (retinol) é nutriente essencial, necessário em pequenas quantidades em humanos para o adequado funcionamento do sistema visual, crescimento e desenvolvimento, expressão gênica, manutenção da integridade celular epitelial, função imune, defesa antioxidante e reprodução. O termo vitamina A refere-se a um grupo de compostos, que inclui retinol, retinaldeído e ácido retinóico. Do ponto de vista formal, o termo vitamina A inclui ainda os carotenóides, com atividade pró-vitamina A, que atuam como precursores alimentares do retinol. Disponível em: <<http://www.sbp.com.br/fileadmin/>>. Acesso em: 07 set. 2017.

<sup>55</sup> As principais fontes alimentares de vitamina D são as carnes, peixes e frutos do mar, como salmão, sardinha e mariscos, e alimentos como ovo, leite, fígado, queijos e cogumelos. Além dos alimentos, a principal fonte desta vitamina é a sua produção na pele a partir da exposição dos raios do sol, sendo importante tomar banho de sol diariamente, durante cerca de 15 minutos. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/alimentos-ricos-em-vitamina-d>>. Acesso em: 07 set. 2017.

<sup>56</sup> Em março de 1880, Moncorvo Filho fundou o Instituto de Proteção e Assistência à Infância no Rio de Janeiro, ele esperava que o Instituto se tornasse o alicerce de um programa nacional de assistência à infância. Ele também tentou incorporar mulheres das classes médias e altas em seu projeto de assistência à criança. Como parte importante do Instituto, Moncorvo Filho organizou as Damas da Assistência à Infância. (WADSWORTH, 1999).

Com relação às mortes de criança no estado da Paraíba, encontramos um pronunciamento do médico sanitarista Dr. Luís Rodrigues de Sousa<sup>57</sup>, apresentado na Conferência de encerramento da ‘Semana da Criança’, em 1943, ocorrida na cidade de Itabaiana-PB. No pronunciamento, disse o médico: “Pelos dados colhidos naquele ano, tivemos 159 óbitos de crianças menores de 1 ano e 312 nascidos vivos, registrados em cartórios”. Este pronunciamento retratava a difícil realidade da criança no Brasil e no estado da Paraíba, dando visibilidade à ausência do poder público e à baixa expectativa de vida que tinha a criança neste Estado.

**Quadro 01 - Causas da Mortalidade Infantil no Brasil**

Perigo alimentar	32%,
Perigo infectuoso sem a sífilis	22%
Sífilis	28%,
Perigo congênito	10%
Outras causas	10%.

**Fonte:** Conferência de encerramento da Semana da Criança’, em Itabaiana, em 17 de outubro de 1943. Pronunciamento do médico Sanitarista do Departamento de Saúde, Luís Rodrigues de Sousa. Quadro construído pela autora.

Os dados apresentados pelo Dr. Luís Rodrigues de Sousa, tendo como maior índice 32% de mortes atribuídas ao ‘perigo alimentar’, nos fez pensar que havia uma baixa ingestão energética e de nutrientes dos alimentos oferecidos às crianças, o que certamente provocava as infecções intestinais, baixo peso e esses altos índices de mortalidade infantil. Considerando a percentagem dessas mortes apresentadas por este médico, concluímos que as ações públicas voltadas para as crianças com a fundação dos institutos de proteção ainda não surtiam efetivamente os efeitos desejados. E que a oferta de alimentos industrializados não era acessível a toda a população, tendo em vista o baixo poder aquisitivo da maioria.

As crianças da cidade da Parahyba do Norte<sup>58</sup> também não estavam imunes às fragilidades da saúde e da alimentação, cujas descrições encontramos num pronunciamento do Dr. Solon Barbosa de Lucena, presidente do estado da Paraíba.

<sup>57</sup> Apesar deste pronunciamento estar publicado num documento que não faz parte da temporalidade delimitada para este estudo, consideramos pertinente apresentá-lo, tendo em vista que refletia uma realidade já constatada, anterior à data da divulgação. (Pronunciamento do médico Sanitarista do Departamento de Saúde Luis Rodrigues de Sousa, realizado em 17 de outubro de 1943. *Imprensa Oficial*- João Pessoa. p. 5-6).

<sup>58</sup> Atual João Pessoa, capital do estado da Paraíba, que recebeu esse nome em 1930.

Causa-me, porem, certa apprehensão ao percorrer as cifras da estatística demographica desta capital ,o augmento considerável de mortalidade pela tuberculoses e molestiasda primeira idade, phenomeno este já por mim assinalado em mensagens anteriores, Creio que não estar em erro attribuindo a devastação da tuberculose á alimentação parca, deficiente e de má qualidade, consumida pela maioria de nossa população[...] De 1409 obtos verificados nesta capital no decurso do anno passado, 203 tiveram como causa a tuberculose, occorrendo mais 563 outros devidos a moléstias da primeira idade e nascimentos mortos que não terão, em sua maioria outras causas, senão aquellas há puco assignaladas<sup>59</sup>.

Os dados no quadro 01, apresentados pelo médico sanitaria Dr. Luís Rodrigues de Sousa e as informações do Presidente do Estado Dr. Solon Barbosa de Lucena, certamente justificavam a necessidade das crianças consumirem as vitaminas A e D, apresentadas no anúncio da Emulsão de Scott, cuja função da vitamina ‘A’ era atuar na visão, na prevenção de doenças e infecções e a vitamina ‘D’, essencial para evitar o raquitismo, para o fortalecimento dos dentes e dos ossos, tornando-os rijos e sadios. Então, o anúncio ativava a compulsão para se adquirir o produto a partir do diálogo com o saber científico eugênico estabelecido no Brasil, pautando-se no fortalecimento do homem (raça) no contexto da formação da nacionalidade brasileira.

O anúncio publicitário da Emulsão estimulava o consumo do produto como um ato preventivo para se tornar um brasileiro sadio. Nestes termos, nos esclareceu Souza (2006, p. 14-15), “[...] o programa eugênico brasileiro se definiu pela divulgação de medidas oriundas da ‘eugenia preventiva’, cujo interesse visava ampliar as reformas do ambiente social”. Buscava-se um domínio do corpo da criança tendo em vista o progresso e a salvação da pátria, convertendo-se num discurso institucional e persuasivo das práticas da eugenia.

Sob a ótica da “eugenia preventiva”, apresentada por Souza (2006), identificamos na *Era Nova* a matéria intitulada: ‘Necessidade do exame pré-nupcial’, assinada pelo Dr. Elpídio de Almeida. Por essa evidência, constatamos que o saber médico na Paraíba recepcionou as práticas dessa política e apelava para as mudanças na legislação nacional para que, através do controle nupcial, fosse feita uma seleção social, para se evitar os filhos ‘indesejados’.

O congresso devia votar leis salvaguardadoras do futuro da nossa raça. Mas não esperemos que ellas apareçam. Antes das providencias dos nossos legisladores, que ás mais das vezes chegam demasiadamente tarde, devíamos trabalhar por implantar em nossos costumnes a exigência do exame de sanidade dos conjuges como condição imprescindível á realização do casamento [...] Evita-se, assim, que moças sadias e puras se casassem com indivíduos no período contagioso da avaria, ou no estado de amollecimento

---

<sup>59</sup> Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado da Parahyba, na 4ª sessão ordinária da 8ª legislatura, em 1º de setembro de 1923, p. 55.

da tuberculose, gerando em vez de crianças risonhas e felizes, seres degenerados e inúteis. (ALMEIDA, Elpídio. *Era Nova*, volume 03, 01 de maio, 1921, p. 15).

No trecho citado, o Dr. Elpídio de Almeida apelava para o controle nupcial como dispositivo do poder com a governamentalidade para exercer o controle da população com as práticas da eugenia física e moral, para evitar a hereditariedade de indivíduos doentes, sobretudo considerando que nessa época existiam as ‘doenças sociais’ como o alcoolismo e a sífilis. Não realizar o exame pré-nupcial representava um prejuízo para as famílias, mas, sobretudo, para a nação, porque o governo pretendia o progresso e a modernidade, e nessa perspectiva precisava de uma população sadia, robusta e higienizada moralmente.

A certeza do atraso da institucionalização do exame pré-nupcial levou este médico a apelar para as práticas culturais das famílias, de exigir esse exame que deveria averiguar, também, a ‘sanidade do pretendente’, usando como argumentos a exposição ao contágio, bem como os perigos de gerar filhos ‘degenerados e inúteis’. Essa preocupação com a degeneração e inutilidade da criança traduzia o discurso científico da eugenia usado como prática para se atingir a ‘raça pura’, a partir do controle direto da reprodução humana, como pregava o fundador da “ciência eugênica”, Francis Galton<sup>60</sup>.

Os argumentos do Dr. Elpídio de Almeida apelando para as famílias paraibanas exigirem o exame pré-nupcial se assemelhavam às ideias de Francis Galton, que via na metodologia de análise da hereditariedade um meio criterioso, através do casamento, para a melhoria genética e intelectual dos seres humanos. Por este prisma, o doutor Almeida sensibilizava a conscientização dos sujeitos, instruindo-os e educando-os a partir dos pressupostos eugênicos. Com este propósito, sugeriu que as práticas culturais também deveriam acompanhar essas mudanças como mecanismo para melhorar o vigor físico e intelectual do “homem brasileiro”, protegendo-o da delinquência.

O Dr. Elpídio de Almeida era apenas mais um defensor do discurso eugênico influenciado pelo contexto nacional que pairava no cenário intelectual brasileiro, que via o determinismo genético como um fator relevante para a degeneração física, moral e social do futuro cidadão brasileiro e que, possivelmente, ameaçava a formação de uma ‘raça superior’

---

<sup>60</sup> Francis Galton pretendeu estender as implicações da teoria da seleção natural, indicando que os seus estudos demonstravam que, além da cor do olho, feição, altura e demais aspectos fisiológicos, também traços comportamentais, habilidades intelectuais, poéticas e artísticas seriam transmitidas dos pais. DEL CONT, Valdeir. 2008, p. 206). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v6n2/04>> Acesso em: 15 mar. 2017.

que só seria possível com a procriação entre os ‘bem nascidos’, cujo surgimento buscamos entender através dos comentários de Stepan.

O surgimento da eugenia brasileira foi condicionado pela situação racial do país, nação racialmente híbrida, resultado da fusão de indígenas, africanos e povos europeus [...] o Brasil era tido como exemplo ideal da ‘degeneração’ que ocorria em nações tropicais racialmente híbridas [...] os cruzamentos ‘promíscuos’ que tinham ocorrido no Brasil desde os tempos coloniais até aquele momento haviam produzido um povo degenerado, instável, incapaz de desenvolvimento progressivo. (STEPAN, 2004, p. 338).

Com as ideias de Stepan (2004), de que a degeneração da raça brasileira estava intimamente relacionada aos cruzamentos ‘promíscuos’, compreendemos a posição do Dr. Elpídio de Almeida em clamar pelo envolvimento das famílias sobre as questões sociais, com relação ao casamento. Sobre essa mesma realidade nos diz Martins (2010, p. 100), “[...] a família passou, também, a ser vista como uma instituição política, antes que privada”. Neste contexto, com vistas às transformações sociais, o médico propunha uma ação civilizadora que passava inicialmente pelos indivíduos para a ‘melhoria’ da sociedade e a ferramenta principal era a mãe. Porém, como salientou Martins,

[...] a valorização da mulher-mãe não pode ser vista como resultado de um reconhecimento direto dos direitos das mulheres à saúde e à assistência social, embora fosse assim formulada pelas mulheres ativistas, feministas ou não. Portanto, configura-se nos discursos maternalista uma concepção instrumental da mulher-mãe, pois é através dela que os filantropos, os médicos e os funcionários do Estado podem alcançar a criança. (MARTINS, 2010, p. 101).

Os argumentos de Martins (2010) dão visibilidade à teia de interesses que havia em torno do fortalecimento da maternidade, cujas estratégias também foram sendo apropriadas pelos discursos dos anúncios que exploravam a ‘imagem da mãe’, com apologia de ser uma ‘mulher feliz’. No entanto, precisava ser preparada para esta felicidade com os princípios da eugenia e da puericultura, cujos objetivos eram contribuir para o processo da transformação da sociedade brasileira, tendo a criança como representação de um grupo distinto, com necessidades específicas, cuja importância estava na sua existência, não só para a família, mas para a Pátria.

O anúncio da Emulsão de Scott, problematizado no início deste estudo de forma simbólica, representava um ‘elo’ de comunicação da intenção social e política dos interesses dos governos para o progresso da nação, pois o mesmo corroborava que era necessário dar ao Brasil ‘homens sadios e robustos’, construindo uma expectativa de desenvolvimento em torno

da criança. Portanto, essas reflexões alicerçaram a primeira interrogação deste trabalho. Existiam orientações de práticas educativas para as mães com relação aos alimentos necessários às crianças?

## 1.2 Mãe: a nação se renova no teu ventre

O futuro do seu bebé depende da alimentação na primeira infância<sup>61</sup>

A frase na entrada deste espaço revela o objetivo de apresentarmos as discussões em torno da maternidade, tendo como objeto problematizado os anúncios de alimentação para o público infantil. Escolhemos os anúncios que deram visibilidade às prescrições das práticas da maternidade para a mulher-mãe, tendo como fio condutor as ‘novas’ práticas culturais de alimentar a criança, considerando os discursos construídos pelo saber médico e pelos anunciantes que colocavam as mães como benfeitoras da alimentação da criança, iniciando com o aleitamento materno e dando continuidade com os alimentos artificiais de ‘boa qualidade’.

Buscamos interpretar os discursos dos anúncios publicitários na perspectiva das relações de poder que envolveram essas práticas a partir da ideia de não conceber o poder como um todo homogêneo, mas que deve ser analisado, segundo Foucault (1979, p. 183), “[...] como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia [...] o poder funciona e se exerce em rede.”

A primeira rede de poder que envolveu a mãe foi a intervenção do Estado na questão da maternidade, problematizado neste estudo quando ocorreu, a partir da década de 1920 do século XX e foi legitimada pelos discursos dos médicos obstetras e pediatras. Marinho (2011, p. 2) nos explicou que “[...] a ciência moderna ‘provava’ que a maternidade era uma necessidade biológica para a mulher, pois o seu corpo funcionaria para atender às necessidades do instinto maternal de gerar a vida e de criar filhos”.

As ideias de Marinho (2011) nos apresentaram a construção da naturalização do caráter biológico da mulher na condição para ser mãe, no entanto, os anúncios publicitários que não estavam alheios a essas discussões nos revelaram o caráter cultural dessa construção a partir dos discursos de cuidados com o corpo da mãe, pois este também precisava estar

---

<sup>61</sup> Frase do anúncio da Farinha Láctea, veiculada no jornal *A União*, 2 de jul. de 1936, p. 7.

sadio. Assim, encontramos no anúncio da Emulsão de Scott, em forma de artigo, os seguintes argumentos:

A' espera do Bêbé

Durante o período da gravidez, o organismo feminino requer um adicional de forças, em benefício do ser que tem de vir á luz, afim de que elle nasça em condições de perfeita saúde. A Emulsão de Scott de óleo de fígado e, em tal oportunidade, verdadeiramente providencial pela sua formidável riqueza em vitaminas, fonte de energia e vitalidade [...] A Emulsão de Scott é preparada por methodos rigorosamente scientificos com o Oleo de Fígado de Bacalhau da Noruega, puro e fresco, refinado no próprio local da pesca. [...] As suas vantagens durante o período gravídico estendem-se ao período da amamentação porque a Emulsão de Scott enriquece grandemente o leite materno [...] (*A União*, 25 de jan. de 1936, p. 5).

Foi possível interpretar na propaganda ‘A espera do Bêbé’ da Emulsão de Scott, que embora a maternidade fosse vista como um ‘dom sagrado’ e como extensão desse dom o aleitamento, a mãe precisava de uma força a mais como preparação dessa espera, já que a finalidade do fortalecimento do corpo da mãe era dar condição de saúde perfeita ao filho que iria nascer. Com esta lógica, se ampliavam as obrigações das mulheres com a família e com a pátria. Sobre esse legado nos diz Freire (2009, p. 68), “[...] mostrava-se em sintonia com o ideário nacionalista que depositava nas crianças a esperança de progresso e construção da nação brasileira”.

Inspirada pelas palavras de Freire (2009), constatamos que os saberes envolvidos neste anúncio estavam em conexão com os discursos eugênicos do cuidado com o vigor do corpo da mãe. Ao transformarem o ‘óleo de fígado’ de bacalhau da Noruega em alimento essencial para as mães, o produto adquiria uma função pública, já que o alvo era a criança que estava sendo gerada para o ‘futuro do país’. Então, o anúncio se apropriava dos conhecimentos científicos, fazendo do ‘cheiro desagradável de peixe’ que era exalado por este produto, um alimento ‘necessário’ para o vigor e a saúde e assegurava suas vendas com a logística de ser um alimento produzido por ‘methodos rigorosamente scientificos’.

O estímulo à compra desse produto foi marcado por uma relação de poder a partir de uma prática de controle para atender uma normatização social, pensada e idealizada para a mulher-mãe que podemos constatar nos seguintes argumentos. “As suas vantagens durante o período gravídico estendem-se ao período da amamentação porque a Emulsão de Scott enriquece grandemente o leite materno”. Interpretamos que as afirmações das vantagens do consumo deste alimento pelas mulheres na fase gestacional poderiam ser constatadas através

da criança, já que o produto, ao ter na sua composição vitaminas A e D, permitia a absorção destes nutrientes através do leite materno.

Esta propaganda também se mostrava a favor da amamentação, expondo sua ‘riqueza em vitaminas’, preparando a mãe para o aleitamento materno, a fim de evitar a alimentação artificial para a criança. Sendo a maternidade apresentada como um ‘dom divino’, era natural esperar da mãe a prática da amamentação. Então, elas eram estimuladas pelos médicos puericultores desde a estadia no hospital maternidade. E, assim, se construía uma rede de divulgação, conectando os interesses mercadológicos da indústria alimentícia com os ideais eugênicos de uma nação livre de doenças.

**Imagem 04 - Mães que amamentam<sup>62</sup>**



**Fonte:** *A União*, 9 jul. de 1934, p. 5.

Com o título: ‘Mães que amamentam’, ficava implícito o poder disciplinar neste anúncio do Toddy. As mães ganhavam visibilidade, como uma espécie de monitoramento das suas práticas maternas a partir do complemento do anúncio quando disse: “Para as mães que amamentam Toddy é o melhor, o de mais fácil digestão e o mais nutritivo dos alimentos”. Neste contexto, havia um assujeitamento sem violência, com a ideia de necessidade sobre as mães para favorecer a criança. Assim, a mãe tornava-se um instrumento de proteção da criança através dos cuidados com o seu corpo e a sua saúde.

<sup>62</sup> Mães que amamentam. Para as mães que amamentam TODDY é o melhor, o de mais facil digestão e o mais nutritivo dos alimentos. TODDY, Nutre, fortalece e vigoriza. (*A União*, 30 de set. de 1934, p. 7).

Amamentar não era apenas um ato simbólico de garantir um alimento ao filho, era uma prática cultural que colocava sobre o corpo das mães a responsabilidade com a vida e a saúde dos pequeninos. Com esta missão a mãe não poderia ter um corpo doente e o Toddy era ofertado como um alimento que nutre, fortalece e vigoriza. No entanto, não temos como avaliar a eficácia deste produto sobre as mães desta época, mas pelas informações contemporâneas sobre o consumo deste produto, constatamos que o mesmo, numa embalagem de 400g, contém um percentual de 90% de açúcar<sup>63</sup>. Ainda sobre a imperiosa função da mãe na amamentação, vejamos o que dizia o próximo anúncio.

A mãe e o filho no período da amamentação

Quando a mãe amamenta o filhinho, tem necessidade, mais do que nunca, de fortifica-se não somente em seu próprio benefício, como do seu Bêbé. São duas vidas a defender. O leite materno, o mais precioso dos alimentos, precisa ser enriquecido para garantia do desenvolvimento normal e da saúde da criança. [...] A Emulsão de Scott é, então o tonico-alimento indicado. É uma fonte de saúde, de robustez, de vitalidade, tanto para as mães, como para o Bêbé [...] (*A União*, 9 de jul. de 1934, p. 5).

Nestes discursos sobre a Emulsão de Scott identificamos as pressões do Estado brasileiro sobre a família, especialmente sobre a mulher-mãe, com as práticas da amamentação, o que implicava em cuidado e zelo pelo ‘futuro da pátria’. Este anúncio se apresentava como um narrador que parecia estar em diálogo com as leitoras, alimentando a expectativa da saúde para elas e as crianças. Assim, era estimulada a relação de dependência da criança do ‘amor materno’. Então, como diz Badinter (1992, p. 65), “[...] a teoria do instinto materno postula que a mãe é a única capaz de cuidar do recém-nascido e da criança porque foi determinada biologicamente para isso”. Assim, “O par mãe/criança formaria uma unidade ideal que ninguém pode nem deve perturbar”.

No artigo ‘Instituto de Protecção e Assistencia a Infancia’<sup>64</sup>, uma representação do par mãe e filho nos chamou atenção pelos dispositivos de controle das práticas das mães de cuidarem dos seus filhos conforme estava colocado por Badinter (1992). No discurso, destacavam-se as representações dos dispositivos de controle das práticas de cuidados das mães sobre as crianças por meio da alimentação. Ele estava decorando a parede de um dos

<sup>63</sup> MENDES, Valéria. Você sabe a quantidade de açúcar que tem nos achocolatados em pó? Divulgada em 25/03/2014, 09hs. Disponível em: <<http://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2014/03/25/noticias-saude>> Acesso em: 07 set. 2017.

<sup>64</sup> Este instituto foi fundado em 1º de novembro de 1912, sob a direção do Dr. Walfredo Guedes Pereira. *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba* - João Pessoa, Ano VIII, nº 1933, p. 3. Mais informações deste instituto estão nos anexos.

dormitórios<sup>65</sup> da maternidade do Instituto de Assistência e Proteção à Infância da Paraíba, com a seguinte frase: “A mãe que não amamenta seu filho é meio mãe”. Assim, na direção de uma intervenção salvadora da criança, o médico construía sentimentos de culpa para a mãe que não amamentava.

No prefácio do livro “Imagem e discurso”, Mendes (2013. p. 13) nos informa que as “[...] imagens têm a faculdade de nos comover, nos indignar, nos fazer rir, nos persuadir, nos distrair, nos fazer fantasiar; podem ser produtos de alucinações, estabelecer o cenário de nossos sonhos [...]”. Então, a frase exposta no dormitório do instituto colocava a maternidade como algo inerente à mulher, que manifestava seu dom de mãe ao amamentar o filho. De posse desta sentença sobre as mães, estabelecida pelo saber da ciência médica, a mãe era persuadida e se construíram uma multiplicidade de sentimentos em torno da defesa e proteção da criança.

Acompanhando este cenário, a indústria alimentícia divulgava alimentos ‘apropriados para as crianças e para as mães’. Cultivar este sonho era um desafio devido aos altos números de mortalidade infantil. E para superar esta triste constatação era incentivada a alimentação com os critérios dos pediatras, pois ele seria o primeiro a ter os conhecimentos da ciência com requisitos básicos para eugenzar e higienizar os corpos dos pequeninos, pois como dizia o Dr. Martinho da Rocha (1935, p. 7), “[...] criar bebês robustos, não é fácil. Fugir a estes perigos é arte que só conhece um profissional treinado e especializado. Escolhido o medico do seu filho execute com pertinacia suas ordens”. Assim, para esta difícil ‘missão *salvífica*’, os cuidados da mãe com a alimentação deveriam ser iniciados durante a gravidez e depois esta era convocada a exercer as vigilâncias dos alimentos a serem ingeridos e dos que iria oferecer ao lactente.

---

<sup>65</sup> A imagem desse dormitório está no anexo III. (*Era Nova*, anno 1, nº 13, 1º de out. de 1921).

**Imagem 05 - Dae ao vosso filho um producto superior!...<sup>66</sup>**



Fonte: *A União*, 5 jul. de 1928, p. 3.

O título ‘Dae ao vosso filho um producto superior!’, no primeiro plano se apresentava de forma atrativa pela formatação da letra em caixa alta, evidenciando a mãe, o médico e a criança como alvos deste discurso. No segundo momento, buscava atrair a consumidora pela possibilidade de se firmar socialmente com superioridade. Ou seja, a mãe tinha seu olhar disciplinado pelo atrativo do grafismo e pela beleza da criança intencionalmente produzida neste desenho representando os princípios eugênicos, pela cor branca, a beleza e a robustez. O gesto singelo em pegar na mamadeira dava a conotação de independência da criança, uma função concreta dos ‘benefícios’ adquiridos pelo consumo do produto e esperado para o futuro da Pátria.

Embora o norte desta análise não tenha sido priorizar os aspectos econômicos que envolveram a comercialização de alimentos, não podemos ignorar o fragmento do anúncio quando disse: ‘além de econômica porque uma lata é suficiente para alimentar uma creança 7 dias’. Mediante estes supostos conselhos foram delineadas práticas de controle de gastos e de

<sup>66</sup> DAE AO VOSSO FILHO UM PRODUCTO SUPERIOR!... De uma alimentação perfeita- mente sadia depende a delicada saúde das CREANÇAS! Usando Farinha BÉBÉ evitam-se cuidados e remédios!... A Farinha BÉBÉ, além de econômica porque uma lata é suficiente para alimentar uma creança 7 dias, é rica em Leite, poderosa no delicado período da dentição, que é o verdadeiro espantinho das senhoras mães, é indispensável nos casos de: Gastro-Interite, Diarrhéas, Dysenteria, Estomatite, Infecção Intestinal e em qualquer caso febril. Ministrae ao vosso filho Farinha BÉBÉ, alimentação aconselhada pelas principaes summidades MEDICAS. (*A União*, 5 de jul. de 1928, p. 3).

uso do produto. Trata-se, então, de uma técnica de governamentalidade exercida sobre a mãe, articulada com o corpo da criança sem o uso da violência, pois o objetivo também era adestrar o comportamento.

Para evitar na criança as ‘doenças deformadoras do corpo’, esta farinha era apresentada como ‘promessa de saúde’ e a mãe era disciplinada para alimentar a criança com a ‘Farinha BéBé’, cujos benefícios eram mostrados pelos ‘melhores médicos’. Quanto às doenças apresentadas: ‘Gastro-Interite, Diarrhéas, Dysenteria, Estomatite, Infecção Intestina’, percebemos que o anúncio não estava alheio às más condições de saúde e higiene das crianças nesse período, pois estas doenças também eram provocadas pela falta de uma alimentação adequada com nutrientes necessários ao pleno desenvolvimento da criança. Tal constatação também foi exposta no pronunciamento do Dr. Luis Rodrigues de Sousa, alertada na secção: ‘Nota sobre nutrição e distúrbios nutritivos da criança’ e no anúncio do Leiteiro Eledon.

Como tratar os embaraços gastro-intestinaes das creanças.

A dieta ou restrição alimentar é a primeira conducta adoptar nos casos de manifestações gastros-intestinaes dos lactentes, o que vale dizer das diarrhéas, vômitos, etc. Sendo elas em geral consequências de intoxicações provenientes da má alimentação. As mães conseguem melhor resultado administrando o leiteiro Eledon que aliaes é empregado por todos os pediatras. O leite de vacca nessa ocasião é perigoso não só porque muitas vezes elle se encontra contaminado, mas também por causa da gordura, da lactose [...]. (*A União*, 21 de jul. de 1936, p. 5).

Apropriando-se de um dado marcante na vida das crianças nessa época, que eram os problemas de saúde resultado da ‘má qualidade’ da alimentação, o Leiteiro Eledon foi apresentado como uma solução nutricional para este problema e já se encarregava de alertar para um perigo eminente que seria o consumo do leite de vaca. Os perigos oferecidos pelo leite de vaca, certamente acontecia por causa das contaminações devido às condições insalubres dos estábulos, que segundo o Dr. Vicente Edmundo Rocco<sup>67</sup> (2006), a situação foi reconhecida pelo Dr. Walfredo Guedes Pereira, que atuou nos serviços de profilaxia nas áreas urbanas e no interior do estado na profilaxia da tuberculização do gado leiteiro. “Provocando violenta reação dos donos dos estábulos. O prefeito resistiu e continuou com a fiscalização e o sacrificio dos animais doentes”. (ROCCO, 2006, p. 128).

Então, estaria nas mãos das mães sob a fiscalização das autoridades de saúde pública que, em caso de dúvidas, deveria recorrer ao médico para ofertar um ‘bom’ alimento à

<sup>67</sup> Por Dr. Vicente Edmundo Rocco nos Anais da Academia Paraibana de Medicina Ano II, Vol. II escrito em 31/07/1997 p. 126-130. Ano da publicação dos Anais 2006. Disponível em: <<https://issuu.com/apmed/docs/apmed-anais-volume-02>> Acesso em: 03 out. 2017.

criança. O anúncio do Leitelho<sup>68</sup> Eledon ampliava os deveres das mães em relação à fragilidade do filho e traçava um retrato da ‘mãe ideal’ e dedicada ao bebê. Ou seja, aquela que, além do amor e dos cuidados, deveria disciplinar a alimentação.

A divulgação do leite Eledon despertava as práticas de cuidados com a criança, disciplinando as mães sobre a higiene na hora de escolher um alimento que não estivesse contaminado. Tais esclarecimentos eram importantes e parecia haver uma interação comunicacional entre o consumidor e o produto, construindo uma relação de confiança e garantia da qualidade do mesmo. Essa eficácia estava legitimada pelo saber do médico pediatra que, como autoridade conhecedora das necessidades de uma criança, prescrevia este alimento como sendo ideal para evitar os gastos-intestinaes dos lactentes.

### Imagem 06 - Mães!<sup>69</sup>



Fonte: *A União*, 11 jul. de 1928, p. 3.

Ainda sobre a Farinha BÉBÉ, encontramos este outro anúncio que consideramos importante interpretá-lo, cuja comunicação ampliava o público alvo do alimento, mas o apelo

<sup>68</sup> “Acido lácteo derivado da fermentação de diversas espécies de assucars, tendo por base a lactose” (SOARES, Dr. João – *Revista de Medicina da Paraíba*, Anno IV, Nº2, 1935, p 11).

<sup>69</sup> MÃES!...Não deixe faltar na vossa dispensa Farinha BÉBÉ, alimento infantil tão precioso e sem rival no delicado período de dentição. A creança rachitica progride com a Farinha BÉBÉ, produto escrupulosamente manipulado e que resolveu o magno problema da alimentação INFANTIL.Util aos velhos, os fracos convalescentes. E amas que amamentam! (*A União*, 11 de jul. de 1928, p. 3).

foi direcionado às mães, fortalecendo a crença da sua importante atuação em prol da proteção da criança. Foi utilizado como estratégia argumentativa de incentivo ao consumo, os ‘benefícios’ sobre a dentição da criança. Os cuidados com a dentição também preconizava ter uma boca saudável, sem cáries, favorecendo uma boa mastigação e que, além de ser um dispositivo de saúde, também era uma representação estética da beleza.

Ao especificar que a Farinha BÉBÉ era “escrupulosamente manipulada e que resolveu o magno problema da alimentação”, o anúncio dava visibilidade que existiam problemas com relação à alimentação da criança no Brasil e que esta deficiência alimentar era um dos agravantes da mortalidade infantil, provocada, também, pela ingestão de alimentos sem higiene, conforme já comentamos em outro momento deste trabalho. Ou seja, sob rigorosa vigilância da higiene, requisito básico do projeto de nação para garantir filhos saudáveis, a Farinha BÉBÉ se apresentava como um produto ‘ideal’. Então, podemos fazer uma pré conclusão desses argumentos, de que os perigos de errar nas práticas da maternidade alimentando a criança de forma inadequada, além de provocar a morte da criança, representava, também, o não cumprimento da expectativa social que foi construída sobre a mãe e que, em caso de erro, comprometia de forma negativa a regeneração física e moral das ‘crianças de amanhã’.

Com este objetivo, o anúncio sensibilizava também pela representação da imagem da mãe que erguia a criança como um troféu supostamente fortalecido pelo consumo da Farinha BÉBÉ. Concebemos a imagem da criança projetada para o alto como uma representação importante para o cenário da época, tendo em vista o futuro da criança, pois como nos disse Chartier (2002, p. 17), “[...] as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor a sua concepção social, os valores que são os seus, e o seu domínio”.

Portanto, as representações das crianças nos discursos publicitários da Farinha BÉBÉ, como disse Chartier (2002), “[...] tenta impor a sua concepção social” e os desenhos foram construídos no sentido de corroborar para esta transformação das crianças em cidadãos potencialmente ‘fortes’, reiterando os sentidos e intencionalidades dos discursos eugenistas propagados no Brasil no contexto social, histórico e político em que foram produzidos. Os saberes apresentados sobre as doenças funcionavam como estratégias para garantir as vendas e para isto a construção discursiva sensibilizava o consumidor contribuindo para a construção de novas práticas educativas de alimentar a criança.

A ideia de progresso idealizada para o Brasil se via ameaçada por vários problemas sociais e culturais que comprometiam o desenvolvimento das crianças, entre eles, o mais

significativo era a mortalidade infantil. Este fato também foi alertado no Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância pelo orador Dr. Ferreira Chaves (1922, p. 121) quando disse,

[...] cumpre-nos neste momento balancear o desfalque da nossa população pela mortalidade infantil, cujo numero excede o das maiores epidemias<sup>70</sup>, [...] essa mortalidade apresenta no interior do paiz numeros tão elevados que reclamam providencias mais complexas e dependentes de estudos mais demorados [...].

Os argumentos do Dr. Ferreira Chaves demonstravam que o governo federal sabia das dificuldades enfrentadas pelos pequeninos para sobreviverem. Na Paraíba, a precariedade dos serviços de Saúde Pública era reconhecida pelo governo local, e em pronunciamento à Assembléia Legislativa, em 22 de outubro de 1920, o presidente do estado, Francisco Camillo de Hollanda declarou, “[...] este departamento da pública administração está longe de corresponder com rigor a multiplicidade dos fins, para precaver salvaguardando as populações das endemias invasoras [...]” (HOLLANDA, 1920, p. 8).

De posse da arte de despertar o impulso para o consumo, a publicidade se apropriava destes dados da mortalidade infantil e reinventava uma nação com foco no corpo da criança, reverberando no adulto forte como forma de estimular as vendas. Para isto, também construiu a falsa ideologia de que um grave problema social e político pudesse ser resolvido com o consumo de um determinado alimento. Com uma dimensão retórica sob a ótica do capitalismo, os anunciantes se revestiam da sua força persuasiva e invadiam a privacidade das famílias, despertando as vontades e desejos dos consumidores para os seus produtos.

Acreditamos que, com estas práticas, a publicidade construía a ‘cultura do consumo’, interpretada aqui pelo prisma de Cuche, que ao explicar o termo cultura, pelo olhar do iluminismo no século XVIII, disse: “[...] a cultura é associada às ideias de progresso, de evolução, de educação, de razão que estão no centro do pensamento da época.” (CUCHE, 1999, p. 21). E justamente apelando para a ideia de progresso físico e mental da criança que os anúncios publicitários utilizavam como faceta para construir as necessidades das ‘futuras gerações’. Vejamos o que dizia o próximo anúncio neste contexto.

---

<sup>70</sup> Trecho da palestra proferida na sessão de abertura do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância pelo Dr. Ferreira Chaves, Ministro do Interior, em 27 de ago. de 1922.

## Imagem 07 - A Mortalidade Infantil<sup>71</sup>



Fonte: *A União*, 9 mai. 1936, p. 7.

Com a ideia de que muita luz pode gerar sombra, o primeiro argumento interpretativo deste anúncio do leite Lactogeno e Nestogeno que nos chama a atenção foi o título: ‘Mortalidade infantil’ que estava na representação da sombra da criança. À primeira vista, esta sombra deixava a impressão de que o corpo da criança havia conquistado maior importância no anúncio. Porém, o que estava sendo propagado eram os problemas que afetavam as crianças e comprometiam de forma negativa o seu desenvolvimento e o projeto de modernização do Brasil.

O anúncio naturalizava a questão da mortalidade das crianças como um problema apenas alimentar, o que certamente seria facilmente resolvido a partir do consumo do produto anunciado, quando diz, “[...] É necessário, apenas, saber qual é que melhor se adequa à idade, estado ou constituição da criança. E, para isso convém pedir a opinião do seu médico”. As mães eram disciplinadas para ouvir o saber médico e proporcionar à criança o produto

<sup>71</sup> A mortalidade infantil é, no Brasil o perigo nº 1. A principal causa? Os distúrbios nutritivos decorrentes de uma alimentação falha, de má qualidade ou inadequada. No entanto é fácil evitá-los. Basta usar os produtos Nestlé. E, necessário, apenas saber qual é que melhor se adequa à idade, estado ou constituição da criança. E, para isso convém pedir a opinião do seu médico. Se a escolha recair sobre leites em pó, ele pode indicar o Lactogeno ou Nestogeno. Ambos se enquadram nos mais modernos princípios da dietética infantil, e são produtos de confiança conforme comprova o grande consumo que têm, e os exemplos dados resultados que com eles são conseguidos. (*A União*, 9 de mai. 1936, p. 7).

prescrito por ele. Como diz Foucault (2008, p. 16), “[...] a disciplina se exerce no corpo do indivíduo, mas, na verdade, o indivíduo não é na disciplina o dado primeiro sobre o qual ela se exercia”.

Este disciplinamento das mães se identificava com os esclarecimentos de Foucault (2008), cujo alvo era a criança, porque nela estava depositado o desejo de uma nação sadia e robusta. A simbologia da criança representada na sombra trazia para o cenário do lar a presença de um dado marcante no cotidiano de muitas famílias. De acordo com esta publicidade, só o consumo desse leite artificial poderia vir a ‘salvar’ as criancinhas, bastava a mãe ter o cuidado com a idade da criança. Nesta perspectiva, a mãe tinha seu corpo governado para poder agir sobre o outro corpo. Como nos disse Freire.

Ao vincular diretamente a mortalidade infantil e alimentação, e propor como solução tanto o aleitamento materno quanto o mercenário, e até mesmo o aleitamento artificial- desde que sob supervisão médica. Os governos davam continuidade ao seu projeto de progresso para a nação. (FREIRE, 2009, p. 206).

Nos argumentos de Freire (2009) se confirmavam que a alimentação era um fator preponderante do fortalecimento das crianças, a fim de evitar as doenças e os altos índices de mortalidade infantil, mas além da necessidade de um alimento ‘adequado’, outros fatores também influenciavam na mortalidade infantil. Sobre esse problema encontramos,

[...] as causas da mortalidade infantil estão a hereditariedade patológica – abrangia moléstias como a sífilis e o alcoolismo – a ignorância – por parte das mulheres, uma vez que as mães sem informações e ignorantes da classe pobre não sabiam cuidar da higiene dos nenês – a pobreza – refletida na má alimentação das mães e dos filhos e no trabalho excessivo das mulheres – os transtornos digestivos, os distúrbios respiratórios, as causas natais e pré-natais e a amamentação mercenária. (FERNANDES e OLIVEIRA, 2012, p. 7).

As informações de Fernandes e Oliveira (2012) confirmavam a existência da mortalidade infantil devido à precariedade da alimentação e das condições de higiene das crianças. A partir destas referências fomos levadas a perceber a apropriação do anúncio da realidade social da criança ao desenvolver as tecnologias do eu, de modo a torná-lo aceitável. Então, a mãe, no exercício da sua prática social da maternidade, exercia sobre a criança o biopoder<sup>72</sup>. Ou seja, individualizava sua atenção com relação à saúde do corpo da criança,

---

<sup>72</sup> “Este biopoder foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos [...]” (FOUCAULT, 1999, p. 132).

representada por meio da alimentação e ampliava esses resultados para a nação. Vejamos um exemplo dessa governança no discurso do anúncio do Leite Eledon.

Como preparar o alimento...Para preparar 100grs de leite, tomar 100grs de água e 10 de Eledon, 2 grs de farinha de creme de arroz e 5 de açúcar, [...] desmanchar o creme de arroz em 1 ou 2 colheres de sopa d'água. Ajuntar depois a água uma medida de açúcar. Fazer ferver 5 minutos a fogo brando. Deixar esfriar até a temperatura do corpo, mais ou menos. (*A União*, 21 de jul. de 1936, p. 5).

As orientações sobre o preparo do Leite Eledon se apresentavam como disciplinamento das práticas de ser mãe além da preocupação e dos cuidados com a higienização da criança. Era preciso, também, estar atenta ao modo ‘correto’ de preparar o alimento como estratégia de aliança ao eugenismo para o enfrentamento da elevada mortalidade infantil. Essas práticas do preparo do alimento orientadas neste anúncio desnaturalizava a predisposição da mãe em amamentar a criança. Com esta prática da maternidade de alimentar a criança com o leite artificial ela também exercia a proteção à criança, desempenhando sua função patriótica, oferecendo um leite de ‘boa qualidade’.

Para ilustrar esta evidência pedagógica sobre a maternidade, apresentamos o fragmento de um anúncio de remédios que também defendia esse princípio como o meio mais adequado para o bem estar da criança. Com o título: ‘As crianças do peito’, enfatizava-se a importância da amamentação para o desenvolvimento sadio da criança.

Nunca é demais repetir:

O leite materno é insubstituível as crianças até os 6 meses de idade, Só em casos excepcionaes a critério de médico especialista, será feita alimentação artificial ou mista (ao seio e na mamadeira). Criança bem alimentada é criança calma; dorme bem e chora pouco. A alimentação mal orientada determina, entre outras complicações as diarrhéas, que são os espantalhos das mães. Remédios para essas diarrhéas o Eldoformio [...] (*A União*, 22 de fev. de 1933, p. 5).

Proporcionar à mãe um leite que substituísse a amamentação para aquela que não poderia oferecer o seio ao filho, era um desafio que contrariava os discursos médicos, mas foi amplamente explorada pela indústria de alimentos para criança, que se encarregava de aliviar a ‘culpa’ das mães divulgando leites que certamente supririam as necessidades da criança, conforme as prescrições dos médicos, quando esta não amamentava. E os anúncios não perdiam a oportunidade de manter a ‘aliança’ com as mães.

### Imagem 08 - Como alimentar o seu bebê?<sup>73</sup>



Fonte: *A União*, 23 jun. de 1935, p. 3.

O título: ‘Como alimentar o seu bebê?’ partia do pressuposto da ‘ignorância’ da mãe sobre como alimentar o filho quando esta não dispunha do leite materno. Como alternativa segura, o leite condensado ‘Moça’ foi apresentado como um produto primordial. Tal indicação contrariava as prescrições dos médicos que, segundo Freire (2009, p. 208), “[...] defendiam que a função maternal deveria começar na própria maternidade, onde as puérperas incorporariam que o leite materno era o alimento mais adequado para o filho”. Contrariando este prognóstico, a mãe não precisava ficar triste, o leite condensado ‘Moça’ tinha a missão de resolver perfeitamente o problema da alimentação artificial das crianças. Então, entrava em cena uma ‘nova’ fórmula para tornar a criança robusta, mas que não eximia a mãe da sua prática da maternidade, vista “[...] como eminentemente feminina e de alta relevância para o progresso do país.” (FREIRE, 2009, p. 210).

Embora o anúncio se colocasse como um defensor do aleitamento materno, ele se apresentava como um substituto que se distinguia dos demais leites artificiais, por ter ‘qualidade garantida’. Esta característica anunciada objetivava despertar a vontade de

<sup>73</sup> Como alimentar o seu bebê? Não há dúvidas: o melhor alimento para o recém-nascido é o leite materno. Não se entristeça porém se não pode amamentar o seu bebê. Existe um recurso absolutamente eficaz: o LEITE CONDENSADO ‘MOÇA’ que resolve perfeitamente o problema da alimentação artificial das crianças a um preço relativamente baixo. A sua qualidade é garantida e um factor de tranquilidade para a mãe providente. De por isso ao seu filho o LEITE CONDENSADO ‘MOÇA’. (*A União*, 23 de jun. de 1935, p. 3).

consumir o alimento como sendo o mais próximo do suprimento das necessidades nutricionais que a criança precisava para estar bem alimentada. Seguindo esta lógica, a mãe teria tranquilidade e supostamente não padecia da ‘culpa’ do não cumprimento do seu ‘dever sagrado’ da maternidade, culturalmente propagados com a amamentação.

Para acertar na criação do filho e provê-lo de saúde e robustez, a mãe era alvo de muitas informações além das que circulavam nos anúncios publicitários de alimentação infantil. Na Paraíba, além das informações do jornal *A União*, que tinha uma sessão intitulada ‘Para as Mães’ e Página Feminina, a revista *Era Nova* também se encarregava de contribuir nesta missão, conforme o artigo encontrado.

Consagra a Maternidade seus cuidados a vida endo-uterina. Essa é a phase mais delicada que o menino atravessa. A mil vicissitude está elle sujeito: traumatismo, compressões, e deformidades de toda a sorte, distúrbios pryschicos e nervosos e vícios falta de hygiene que lhe podem acarretar graves irregularidades no desenvolvimento orgânico. Entre as causas de assombrosa mortalidade dos primeiros dias de vida e ainda podemos accrescentar, dos dois primeiros annos, figura o abandono a que se deixa a mulher no período da gravidez. Que o repouso, a hygiene o trato cuidadoso da mulher mormento nós últimos mezes que precedem ao parto, muito influem para a vitalidade e resistência orgânica do filho que traz ao seio é coisa sobre o que se não discute (*Era Nova*, Anno 1, nº 13, 01 de out. de 1921).

As orientações mencionadas estavam em sintonia com os discursos de intelectuais, médicos e cientistas que ‘inventaram um Brasil moderno’, e com essa finalidade a mulher e a criança foram convocadas como ferramentas dessa construção. Como argumenta Herschmann (1994, p. 51), “[...] o objetivo era normatizar, secularizar os costumes, segundo os discursos daquele período, constituir uma sociedade ‘higiênica e civilizada’. No entanto, era preciso superar a mortalidade infantil com a intervenção social dos métodos eugênicos de constituir seres biologicamente sadios.

Este artigo reproduzia estes discursos para as mães na Paraíba e, certamente, acreditavam que elas bem informadas ao cuidar de si, também cuidariam dos filhos que estavam prestes a nascer. Esse cuidado de si estava subordinado ao conhecimento de si, pois essa prática seria uma atitude em favor da vida da mãe e do filho. Por extensão, garantiam a ‘sobrevivência da pátria’ que estava sendo construída nos discursos políticos e nas ações dos médicos eugenistas e higienistas. E a indústria de alimentação infantil, em sintonia com estes acontecimentos buscava, também, sua ‘glória’ no espaço do capitalismo, surpreendendo as mães e os médicos com um conjunto de leites para as necessidades individuais das crianças.

Imagem 09 - Para cada caso um leite em pó Nestlé<sup>74</sup>



Fonte: *A União*, 19 jun. de 1934, p. 15.

Diferente dos anúncios já apresentados, que homogeneizava o consumo para todas as crianças sem considerar as individualidades do sujeito, este apresentava uma dimensão científica oposta ao ‘dom divino da maternidade’ ao considerar uma fórmula específica de leite para a necessidade de cada criança. Como ‘autoridade’ na questão da alimentação infantil, os três tipos variados do leite apresentavam uma composição de nutrientes supostamente apropriados para a regeneração da criança, a partir de uma visão otimista dos seus benefícios para promover o adequado crescimento e o desenvolvimento, preservando a saúde destes que seriam os futuros cidadãos de uma pátria promissora, com operários sadios. Para melhor interpretarmos os nutrientes dos leites da imagem 09, apresentamos estas composições no quadro 02, como forma de evidenciar as distinções e de situá-los nas práticas alimentares da criança.

<sup>74</sup>*A União*, 19 de junho de 1934, p. 15. Os textos referentes a esta imagem estão no quadro 02.

### Quadro 02- Diferentes tipos de Leites em Pó

Para cada caso um leite em pó NESTLÉ		
<p>Leite em Pó gordo-Lactogeno.</p> <p>Homogeneizado é o leite cuja a composição, uma vez deluída é o que mais se aproximado leite materno.</p> <p>Composição:</p> <p>Gordura 25%            Proteínas 16,2%            Lactose 53,3%            Cinzos 35%            Agua 20%</p>	<p>Leite em Pó meio gordo-Nestogeno.</p> <p>Contendo 4 assucares diferentes indicados para as crianças que não suportam o leite gordo.</p> <p>Composição:</p> <p>Gordura 12,0%            Proteínas 20,0%            Lactose 30,0%            Maltose 15,0 %            Sacharose 15,0%            Cinzos 47%            Agua 33%</p>	<p>Leitelho ácido em Pó-Eledon</p> <p>De fácil preparacão indicado nos casos de dysenteria nos lactentes, crianças e adultos.</p> <p>Composição:</p> <p>Gordura 12,0%            Proteínas 20,0%            Lactose 30,0%            Maltose 15,0 %            Sacharose 15,0%            Cinzos 47%            Agua 33%.</p>

**Fonte:** *A União*, 19 jun. de 1934, p. 15. Quadro produzido pela autora.

O leite em pó gordo Lactogeno já era divulgado para as mães desde o início dos anos 1920 como um produto que melhor substituíva o leite materno, podendo ser oferecido à criança após o 6º mês de vida. A ideia de ‘leite gordo’ pode ser interpretada como um leite completo ao desenvolvimento da criança, por isso, a sua semelhança com o leite materno. Este leite era divulgado em vários exemplares de *A União*, como um modelo de referência numa realidade histórica, em que a imagem da criança precisava ser destacada pelo seu vigor. Mais do que uma caracterização da criança saudável, este leite agiria como um elo entre a mãe e o filho, numa aproximação que não seria prejudicada com o fim da amamentação.

O leite meio gordo Nestogeno era apresentado de modo que as informações fossem as mais completas e variadas possíveis. Como um produto adaptável à necessidade da criança, este sensibilizava as mães para perceberem as condições de saúde do filho. Mediante tal constatação, a mãe estaria segura em ter um leite que suprisse as necessidades do lactente. Já o leite Eledon só seria consumido em casos específicos, pois sua fórmula homogeneizava o consumo a partir de uma necessidade de saúde, que seria curar ‘desarranjos intestinais’. Ao conduzir o consumo por este prisma, o anúncio desconsiderava a fragilidade corporal da criança diferente do adulto, pelo qual o leite também poderia ser consumido.

Este anúncio construiu uma cultura de consumo que assumiu valor de necessidade através da apresentação das composições químicas dos leites com a lógica de integrar o consumo da criança aos gostos e preferências. Com efeito, o consumidor estaria mais próximo do que foi idealizado para ele através do consumo destes produtos, com ‘garantia’ os nutrientes necessários ao vigor e à robustez. Neste sentido, a publicidade assumiu um caráter representativo de solução para os problemas apresentados. A materialidade do corpo foi explorada pelo incentivo ao consumo quando o suposto consumidor foi disciplinado pelas informações nutricionais dos produtos.

De posse do cenário de progresso e de modernidade para a nação, em que este conjunto de leite individualizou a criança, cresceram e se diversificavam os argumentos dos anúncios publicitários de alimentação infantil com ênfase no papel da mãe como aquela que educava o filho de acordo com os interesses nacionais, nitidamente centralizando sob sua responsabilidade, alicerçada pelo saber da ciência médica como representantes dos ‘interesses coletivos’. Sendo os médicos representantes das ideias do poder público, a contribuição dos mesmos no projeto de nação também ocorreria com as prescrições destes leites, o que completava a ‘aliança’ com o fabricante - a Nestlé.

Educar as mães com os conhecimentos científicos de como praticar a maternidade preventiva foi uma forma de promover a parceria entre estas e o governo para surtir os efeitos desejados. Sobre essa questão, nos disse Marinho (2011, p. 4), “[...] os médicos não se limitavam a acusar as mães de inaptas ou de relapsas na criação de seus filhos, mas promoviam as mães como novas educadoras no meio familiar, possuindo, assim, uma missão civilizadora e, conseqüentemente, redentora do país”.

Interpretando Marinho (2011), não bastava ser mãe, tinha que participar da vida do filho e acertar na formação dos valores morais e na vitalidade do corpo. Neste contexto, a mãe perdia a sua individualidade e agiria como um ‘agente social’ junto à comunidade, até mesmo contrariando as limitações da vida biológica quando não podia amamentar o filho, fazia uso do alimento artificial, sob a lógica dos discursos médicos. Nesta composição de interesses, para completar o tripé da estruturação política social brasileira, igualmente atendendo aos interesses das indústrias de alimentação infantil, encontramos o saber médico, sobre os quais discutimos no próximo tópico.

### 1.3 Há dúvidas? Procure um médico: as prescrições dos alimentos

“Redima-se a infância pela ciência, pela caridade e pelo amor”.<sup>75</sup>

A frase do Dr. Manuel Tolosa Latour, na entrada deste espaço, nos levou a perceber que o impacto transformador da sociedade estava no cientificismo preventivo como o grande redentor da criança. O apelo à caridade e ao amor conduziu a ideia da necessidade de mobilizar a sociedade em torno de ‘salvar’ a criança da degeneração social e das debilidades orgânicas. No Brasil, ela saiu do anonimato do seio familiar e ganhou visibilidade nos discursos da modernização do país, sendo institucionalmente e socialmente construída como uma fase de transição para uma vida adulta, na qual repousava um recurso econômico e social para o progresso da nação.

Dando continuidade à construção deste trabalho, objetivamos encontrar respostas para o seguinte questionamento: quais as orientações dos médicos para garantir uma ‘boa’ educação alimentar às crianças, registradas nos discursos dos anúncios publicitários? Articulamos nesta escrita outras informações sobre os médicos e a assistência à infância no estado na Paraíba, como forma de completar essa historiografia. Pelo prisma de Chartier (2002, p. 27), “[...] a história deve ser construída como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido”. Então, problematizando os anúncios de alimentação infantil construímos esses sentidos das prescrições dos médicos com relação aos alimentos divulgados nos anúncios para alimentar as crianças.

A intervenção médica na vida da criança passou primeiro pela vida das mães e estas iam além dos limites corporais da maternidade. Para elas eram repassadas informações sobre alimentação e regras de higiene através dos cursos de puericultura ministrados nos currículos das escolas normais, de acordo com os princípios eugênicos. As mães que não frequentavam estes cursos, certamente se apropriavam destas informações ao ler os jornais, que também exerciam função pedagógica sobre elas, que eram alvos das vigilâncias, das cobranças e das orientações que circulavam nos periódicos e ilustravam estes preceitos, a exemplo da

---

<sup>75</sup> Frase citada na p. 117, por Glauco Carneio no livro: Um Compromisso com a Esperança: história da Sociedade Brasileira de Pediatria, 1910 -2000, Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 2000. Dr. Manuel Tolosa Latour, médico pediatra nascido na cidade de Madrid-Espanha, em 8 de agosto de 1857, de descendência francesa por parte da mãe. Escreveu vários artigos científicos e literários relacionados às crianças. Ingressou na real academia de medicina de Madrid em 8 de julho de 1900. Faleceu em 12/06/1919. Disponível em: <<http://www.ranm.es/academicos/academicos-tolosa-y-latour-manuel.html>> Acesso em: 30 mar. 2017.

publicidade do medicamento<sup>76</sup> Eldoformio, prescrito para as diarreias em adultos e crianças, intitulado: ‘A hygiene e as doenças na infancia’.

As mães devem instruir se nos preceitos dictados pela hygiene e pela puericultura. As crianças são muito sujeitas aos disturbios intestinaes por falta de regimes alimentares adequados. A hygiene e a puericultura indicam as regras para a racionalização da alimentação de summa importancia, sobretudo nos casos de alimentação artificial dos bebés. As mães devem, pois, procurar livros existentes sobre estes assumptos, bem como frequentar os departamentos de hygiene infantil para receber as instrucções necessárias [...] (*A União*, 6 de jan. de 1937, p. 5).

Estes discursos, ao mesmo tempo em que divulgavam o produto, funcionavam como uma espécie de manual com modelos de vigilâncias e referências sobre as ‘boas’ práticas da maternidade, despertando as mães para as ‘novas práticas culturais’ de se cuidar das crianças. Identificamos, também, um poder disciplinar problematizado por Foucault (1987), quando, através das informações, as mães eram ‘adestradas’ para se apropriarem das técnicas específicas de se cuidar das crianças. Interpretamos essas sugestões de cuidados com a criança como sanções normalizadoras dos procedimentos específicos para ser uma ‘boa’ mãe, se adequando ao modelo ideal para ela, construído pelo discurso da ‘maternidade científica’.

Foram inúmeros os médicos que se sensibilizaram pela condição social e biológica da criança. Na história do Brasil, de acordo com Carneiro (2000, p. 101), “Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo (1946-1901) foi o pioneiro da Pediatria brasileira. Estagiou dois anos na França nos serviços pediátricos dos professores Bouchut e Roger”. Os conhecimentos adquiridos nos anos de estudos e experiência na Pediatria foram registrados em diversos livros e artigos, entre eles, destacamos o livro ‘Do exercício e ensino Médico no Brasil’, neste, o médico já enfatizava a importância com a higiene infantil e o aleitamento materno.

E em 10 de dezembro de 1881, o Dr. Moncorvo de Figueiredo fundou, no Rio de Janeiro, a Policlínica-Geral, na Rua da Lapa, 93, na própria residência, tendo como secretário-geral o Dr. Carlos Ramos, e manteve seu curso de Pediatria por 19 anos, cujas características eram a ‘ciência e a caridade’. Ele alertava os demais médicos e o poder público sobre a precariedade da vida das crianças e a necessidade de mais estudos sobre elas, conforme podemos observar no seguinte discurso.

---

<sup>76</sup> Nesta temporalidade muitos remédios eram divulgados como garantia de deixar a criança robusta, embora não seja nossa temática os remédios, gostaríamos de exemplificar este contexto com os seguintes medicamentos. Biotônico Fontoura, estimulador de apetite. Rarical, um produto polivitamínico e polimineral indicado para pessoas que possuem deficiência de vitaminas e minerais em seu organismo, associadas à anemia, desnutrição, convalescenças. Disponível em: <<http://www.mundoboaforma.com.br/>> Acesso em: 19 set. 2017.

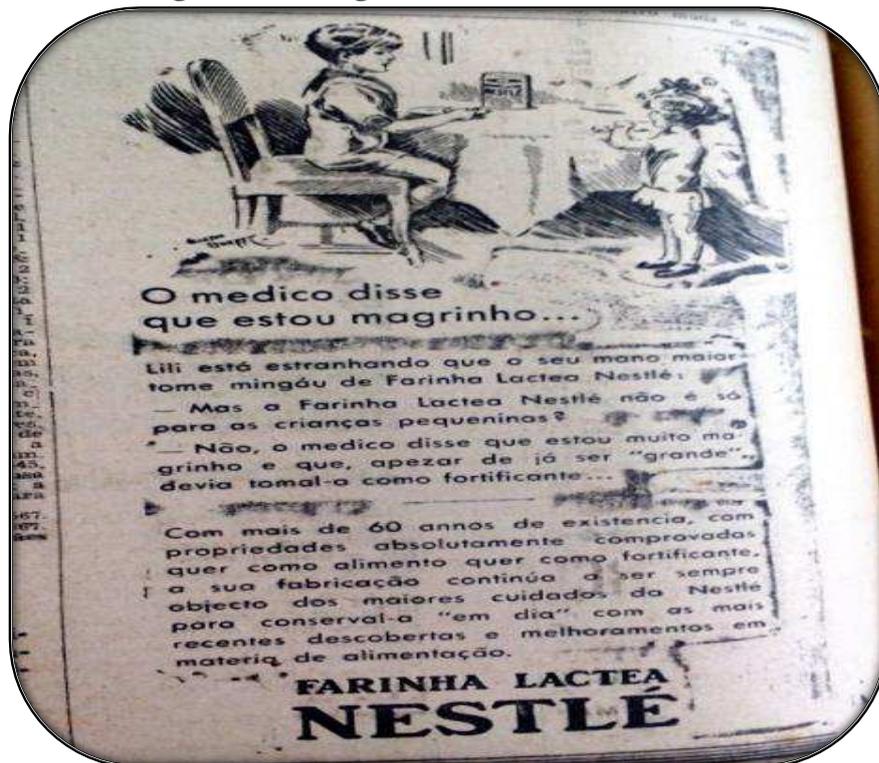
A frequência exagerada das moléstias que assaltam a infância, a sua crescida letalidade e finalmente as particularidades que oferecem tais moléstias demonstram a necessidade inadiável de se prestar à criança doente grande soma de cuidados especiais, cuidados que exigem por sua vez conhecimentos que só pode possuir o médico que se tenha consagrado ao estudo, aliás, difícil, da patologia infantil (CARNEIRO, 2000, p. 106).

As palavras deste médico davam visibilidade ao ‘mal social’ existente no país em torno da criança que, para ser combatido, era necessário fomentar novas práticas de higiene e novos estudos para preparar os médicos com aptidão para tratarem as ‘moléstias das crianças’. Com seus ideais e práticas, este médico desempenhou papel importante nas discussões sobre higiene, as questões nutricionais e os cuidados necessários para a saúde e o bem estar das crianças. Outro que seguiu seus passos foi o seu filho Arthur Moncorvo de Figueiredo Filho (1871-1944). Segundo Carneiro (2000, p. 114), “Moncorvo Filho não se detinha na Medicina da criança, mas se informava sobre as deficiências na higiene infantil, mostrando a mortalidade dos pequeninos em grande parte evitável bem como na área do abandono moral”.

Com estas práticas, Moncorvo Filho externava seu viés higienista, cujo compromisso com a criança estava representado na fundação do Instituto de Proteção e Assistência à Infância no Rio de Janeiro, em 1899, iniciando uma cruzada pessoal de assistência à infância. Ele idealizou uma organização social em prol da criança que, entre outras atribuições, deveria inspecionar e regular as amas de leite, estudar as condições de vida das crianças pobres, providenciar proteção contra o abuso e a negligência para com menores, inspecionar as escolas, fiscalizar o trabalho feminino e de menores nas indústrias. (CARNEIRO, 2000). As práticas de assistência à criança, preconizadas por este médico, refletiam o discurso republicano da época. Assim, para Rizzini (2004, p. 28), “[...] no período republicano a tônica centrou-se na identificação e no estudo das categorias necessitadas de proteção e reforma”, isso “[...] visando ao melhor aparelhamento institucional capaz de ‘salvar’ a infância brasileira no século XX”.

Estes médicos conquistaram espaço de destaque na sociedade brasileira e ao prescreverem soluções biológicas e morais para as crianças, legitimavam os programas de modernização promulgados pelas elites brasileiras com o objetivo de evidenciar o progresso do país em favor próprio. O poder institucional dos médicos consolidava o fortalecimento da maternidade focando na relação de dependência da criança e colocando sobre as mães as responsabilidades com a saúde dos pequeninos, cujas práticas envolviam a alimentação e a higiene que estão analisadas neste estudo nos discursos publicitários.

Imagem 10 - Mingau de Farinha Lactea Nestlé<sup>77</sup>



Fonte: *A União*, 24 jul. de 1934, p. 10.

Ao buscar se aproximar do consumidor, este anúncio idealizou um diálogo entre irmãos, nas imagens desenhadas representado as crianças. A figuração estética estava centrada na sobreposição do gênero masculino que, mesmo já sendo ‘crescido’, demonstrava interesse em consumir a Farinha Lactea. No entanto, a ênfase da prática discursiva estava na intervenção simbólica do médico, na frase de abertura do anúncio, ‘o médico disse que estou magrinho...’, destacando uma identidade social potencialmente reconhecida e que legitimava o consumo do produto pela necessidade de ficar forte. As prescrições do médico para consumir este produto o conectava como um pilar de sustentação da eugenia voltada para o fortalecimento do corpo da criança, reconhecido no discurso como ‘magrinho’, o que certamente não atendia às expectativas de uma vida sadia e robusta, conforme era idealizada para as crianças nesta época.

Como disse Foucault (1994, p. 83), “[...] a medicina e o médico são, portanto, o primeiro objeto da normalização. Antes de aplicar a noção de normal ao doente, se começa

<sup>77</sup> “O medico disse que estou magrinho... Lili está estranhando que o seu mano maior, tome mingáu de Farinha Lactea Nestlé. - Mas a Farinha Lactea Nestlé, não é só para as crianças pequeninas? - Não, o medico disse que está muito magrinho e que, apesar de já ser ‘grande’ devia tomal-o como fortificante... Com mais de 60 annos de existencia, com propriedades absolutamente comprovadas quer como alimento quer como fortificante, a sua fabricação continúa a ser sempre objecto dos maiores cuidados da Nestlé para conserval-o ‘em dia’ com as mais recentes descobertas e melhoramento em materia de alimentação. FARINHA LACTEA NESTLÉ”. (*A União*, 24 de jul. de 1934, p. 10).

por aplicá-la ao médico”. Acreditamos que na Paraíba essa normatização aconteceu com a Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba, com a sistematização da profissão e o reconhecimento do status social, a partir de um lugar de referência. Este reconhecimento do papel do médico como homem das ciências eugênicas e higienistas, cuja intervenção se propunha a ‘prevenir e curar’ as degenerações morais e corporais da população brasileira, estava no consciente dos médicos, conforme podemos identificar na frase do Dr. Lauro dos Guimarães Wanderley<sup>78</sup>: “O médico é o reflexo de DEUS na esperança dos que sofrem”. Esta frase do Dr. Wanderley certamente refletia sua religiosidade nas práticas médicas diárias, conforme descreveu o Dr. João Cavalcante de Albuquerque: “Na qualidade de cristão fervoroso, tinha o hábito de antes de entrar na sala de cirurgia, ia a Capela da Casa de Saúde Frei Martinho, orar e pedir a intercessão divina para o sucesso da operação que ia realizar” (2006, p. 84).

Esta valorização e reconhecimento do saber médico como necessário para a sociedade repercutiu por todo o país, especialmente voltado para a criança, desde 27 de julho de 1910 com a fundação da Sociedade Brasileira de Pediatria<sup>79</sup>, no município do Rio de Janeiro. As indústrias alimentícias com os seus anúncios publicitários se apropriaram dessa valorização, a partir de um conhecimento legitimado pela ciência, para divulgar produtos e estimular o consumo, tendo como aliados os discursos médicos.

O tempo de existência de ‘60 anos da Farinha Lactea Nestlé’ orientava o pensamento do consumidor para sua credibilidade no processo social e histórico do país no contexto da higienização dos alimentos. Esta iniciativa era o complemento dos cuidados com a saúde oferecida pelos produtos, contribuindo com as práticas disciplinares e as normatizações pensadas para as crianças e as famílias, numa relação de poder através das práticas sociais e culturais de alimentação. Neste cenário, identificamos o papel do Estado, que na aliança com as indústrias alimentícias sob a ótica dos médicos, controlavam as práticas alimentares das crianças com diferentes estratégias de dominação.

---

<sup>78</sup> Nasceu no município de Natal, Rio Grande do Norte, em 3 de março de 1900, teve como cenário da sua atuação de médico a cidade de João Pessoa, onde também tomou posse da cadeira nº 25 como patrono da Academia Paraibana de Medicina. Atuou como cirurgião do Hospital Santa Isabel e no Instituto de Assistência e Proteção à Infância e 2º e 1º Assistente na Maternidade do Estado. Como professor atuou na cadeira de Genecologia. (Por Dr. João Cavalcante de Albuquerque nos Anais da Academia Paraibana de Medicina Ano II, Vol. II, escrito em 31/07/1997 p. 126-130. Ano da publicação dos Anais 2006. Disponível em: <<https://issuu.com/apmed/docs/apmed-anais-volume-02>> Acesso em: 03 out. 2017.

<sup>79</sup> Fundador o Dr. Fernandes Figueira, que também esteve na Comissão do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à infância, realizado no Rio de Janeiro, entre 27 de agosto a 5 de setembro de 1922. (CARNEIRO, 2000, p. 143).

Um exemplo significativo da presença dos interesses do Estado com relação ao desenvolvimento das crianças estava nos discursos médicos, conforme encontramos citado por Gondra (2002), quando este fez referências à palestra do Dr. Fernando Magalhães, proferida na sessão de abertura do 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, em 1922, atribuindo a este ‘pequeno ser’ importante contribuição que ele poderia vir a dar na economia do país.

Para ele, o aproveitamento e o avigoreamento da criança representavam a economia, o acréscimo das forças vivas da nacionalidade. E indagava seu auditório: “De que vale sacrifícios para trazer ao Brasil imigrantes quando deixamos emigrarem para a eternidade as criancinhas [...] Uma criança que se perde, material e moralmente não significa sómente uma saudade para a família, uma vergonha para os paes; é mais do isto, uma força que se perde para a sociedade. (MAGALHÃES apud GONDRA, 2002, p. 113).

Esta comunicação do Dr. Fernando Magalhães (1922) correspondia às expectativas que alimentavam os discursos que davam visibilidade às crianças como protagonistas da pátria. Então, sobre elas foram construídas expectativas exaltadas pelo domínio científico. Ao conclamar a plateia para suas ideias, o médico revelava seus princípios eugênicos e buscava sensibilizar para a missão nacionalista com um ideal civilizador, colocando a fragilidade da criança como um problema político, mas, também, social e econômico. Ao mesmo tempo em que protagonizavam a criança como força produtiva para o país, o Estado teria que enfrentar a questão do “menor abandonado<sup>80</sup>”, definida tanto pela “[...] ausência dos pais quanto pela incapacidade da família de oferecer condições apropriadas de vida à sua prole, uma série de subcategorias foi criada ao longo do século XX pelos órgãos oficiais de assistência”. (RIZZINI, 2004, p. 29).

Para Mansanera e Silva (2000, p. 117):

[...] o discurso médico-higiênico acompanhou o início do processo de transformação política e econômica da sociedade brasileira em uma economia urbano-comercial e expressou o pensamento de uma parte da elite dominante que queria modernizar o país.

Tratava-se de mudar as configurações culturais de um país ‘atrasado’ para ser civilizado, como uma sociedade moderna, urbana e industrial. Estes ideais eram externados

---

<sup>80</sup> A movimentação em torno da elaboração de leis para a proteção e assistência à infância também é intensa, culminando na criação, no Rio de Janeiro, do primeiro Juízo de Menores do país e na aprovação do Código de Menores, em 1927, idealizado por Mello Mattos – primeiro juiz de menores do país e de mais longa permanência, de 1924 até o ano de seu falecimento, em 1934. (RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irmã. **A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente**, São Paulo: Loyola, 2004).

através da imprensa que, enquanto formadora de opinião, conseguia construir no imaginário da sociedade o modelo de criança forte e saudável, pondo em circulação nas imagens e nos discursos dos anúncios publicitários assinados pelos médicos a convalidação dos benefícios dos alimentos.

Dentre as vozes responsáveis por ‘salvar’ as crianças na Paraíba identificamos o médico Walfredo Guedes Pereira<sup>81</sup>, o qual podemos considerar como o pioneiro da Pediatria neste estado e que, juntamente com o médico Francisco Coutinho de Lima e Moura, fundou na 1ª Secção, em novembro de 1912, o Instituto de Proteção e Assistência à Infância<sup>82</sup>.

O primeiro ambulatório ou Polyclínica foi inaugurado em 7 de janeiro de 1913, localizado à rua Duque de Caxias, nº 413. Deste lugar, o Instituto percorreu a cidade mudando-se em busca de um espaço mais adequado. Sendo, então, que em 1º de agosto de 1920, ocupou uma parte do antigo Hospital da Santa Casa, na Rua Duarte da Silveira, onde de posse de 17 leitos foi inaugurada a maternidade - ‘refúgio maternal’. O Instituto de Proteção e Assistência à Infância passou a ter sua sede própria após 14 anos, três meses e 28 dias de trabalho, atendendo mães e crianças. Sendo transferido para a Avenida João Machado, s/n, teve suas instalações ampliadas e passou a oferecer outros serviços, segundo relato do Dr. Walfredo Guedes Pereira.

Um ambulatório; consultorios de lactentes; consultorio medico cirurgico para creanças até 10 annos; gabinete de oto-rhino-laringologia; gabinete dentario; sala de curativos; uma enfermaria de lactentes; Enfermaria Fernandes Filgueiras- com 6 leitos e duas enfermarias geraes- ‘Moncorvo Filho’ e ‘João Pessoa’, com 20 leitos cada uma. Dispõe o Instituto de Capella, como patrimônio tem a Casa de Saúde São Vicente de Paulo, funcionando desde 1930. O serviço domestico do Instituto como o da Casa

<sup>81</sup> Dr. Walfredo Guedes Pereira nasceu no município de Bananeiras. Foi médico e administrador público. Estudou medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Defendeu a tese abordando: Pseudo-paraísia de Porrot<sup>83</sup>, da disciplina de Pediatria. Frequentou o Ambulatório da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Foi interno da Clínica Médica do Profº Paes Lemos e interno do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro, sob a orientação do Dr. Moncorvo Filho. Retornando à Paraíba, instalou um consultório na farmácia Rabelo, situado à rua das Convertidas nº44 (atual Rua Maciel Pinheiro), lá instalou o primeiro Laboratório de Análises Clínicas e Microscópicas da Paraíba, em 1912. Atendia principalmente crianças, despertando na Paraíba o olhar para este ser, fez da criança símbolo da sua atuação profissional. Em parceria com Francisco Coutinho de Lima e Moura, fundou em 1º de novembro de 1912, o Instituto de Proteção e Assistência à Infância da Paraíba, no prédio 413 da Rua Duque de Caxias. Daí foi transferido para a Rua do Carmo, nº 30 e depois para a Rua Visconde de Pelota, onde funcionava o Hospital Santa Casa de Misericórdia. A sede definitiva do Instituto foi na Av. João Machado, inaugurada em 9 de outubro de 1927, tendo por diretor por 27 anos o seu idealizador. No terreno anexo do Instituto foi construída a Casa de Saúde São Vicente de Paulo. Em 1938, após receber uma contribuição financeira do interventor do estado da Paraíba Argemiro de Figueiredo, o Dr. Guedes Pereira construiu o Abrigo de Menores Abandonados. Por Dr. Vicente Edmundo Rocco nos Anais da Academia Paraibana de Medicina. Ano II, Vol. II escrito em 31/07/1997 p. 126-130. Ano da publicação dos Anais 2006. Disponível em: <<https://issuu.com/apmed/docs/apmed-anais-volume>> Acesso em: 03 out. 2017.

<sup>82</sup> Informações adquiridas através da *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba*, Ano II, vol. 6, setembro de 1933.

de Saúde estão entregues à direção das irmãs 3ª ordem Capuchinhas. Até junho ultimo, inclusive o numero total de matriculados era 28.976 com benefícios inestimáveis [...] (*Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba*, Ano II, vol. 6, set. de 1933, p. 3).

Considerando a composição física do Instituto apresentada pelo Dr. Walfredo Guedes, imaginamos que este lugar se propunha a suprir as necessidades da mulher-mãe e das crianças de acordo com os princípios da higienização e da eugenia em sintonia com as projeções nacionais. Como instância de controle, o Instituto realizava as consultas e cuidava da imagem da criança com uma composição variada de atendimentos. Com essas práticas empregava-se a arte de governança sobre as famílias com alguns procedimentos<sup>83</sup> médicos.

Supomos que, pelo fato de existir a capela e pela administração doméstica estar aos cuidados das religiosas, certamente os valores da maternidade como ‘amor divino’ eram transmitidos às mães. E a medicina nos discursos de alguns médicos era vista como um sacerdócio. Cabe aqui apresentar parte do discurso do Dr. Lauro Wanderley<sup>84</sup>, para compreendermos a construção social e cultural em torno da importância do médico para a sociedade, pelo prisma do sacerdócio.

[...] Temos assim a firme convicção do que somos capazes e a consciencia do preço do nosso valor [...] A arte de curar não é entre nós, graças a Deus, um balcão onde se impinge uma ciência egoísta e deturpada a troco de sangrias mais ou menos desapietadas nas finanças dos que, confiadamente, nos procuram. Tiramos da profissão a subsistência honrada da família, mas, o fazendo regrado no escrúpulo que nos dita a consciencia de bem feitores e jamais de exploradores da humanidade. [...] A assistência medica na Paraíba é senhores, um dos maiores títulos de benemerência da nossa classe, sómente com os que transmudaram a profissão em apostolado[...] Somente em um nos estabelecimentos de caridade desta capital trabalham, diariamente, cerca de 10 medicos sem vantagens financeiras e nos outros, mesmo os custeados pelo governo a retribuição some-se diante do vulto e da projeção dos serviços técnicos prestados[...] (VANDERLEI, 1933, p. 11-12).

O discurso do Dr. Lauro Vanderlei exaltava o ‘poder’ do médico e a ‘valiosa’ contribuição para a saúde pública que este profissional oferecia ao estado da Paraíba. O mesmo apresentou os vínculos com o poder público salientando a importância dessa classe como promotora da saúde e da normatização do bem estar social. Assim, na perspectiva de Chartier (2002), os médicos se firmavam como ‘representação pública de algo ou de alguém’.

<sup>83</sup> Ver quadro nos anexos.

<sup>84</sup> Discurso do Dr. Lauro Vanderley, orador oficial na solenidade da inauguração da sede da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba (*Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba*, Ano II, vol. 6, setembro de 1933, p. 11-12). Na revista, o nome do médico está escrito com a letra ‘V’.

Ao destacar a ‘benemerência’ o ‘despreendimento’ e o exercício da profissão como ‘apostolado’, o médico deixava transparecer a estratégia de aproximação da prática científica em benefício dos mais carentes da sociedade paraibana e a imprensa local contribuiu para reforçar esses interesses e ‘compromissos’. Sobre essas representações sociais do médico narradas neste discurso, encontramos,

[...] o discurso de que as atividades da associação possuíam o “dever social”, em benefício da coletividade, de instruir a população e orientar os gestores públicos “para a defesa sanitária” dos paraibanos, sinaliza a percepção que os médicos locais então possuíam sobre suas possibilidades de intervir na produção e reprodução da vida social. (SANTOS, 2015, p. 145-146).

As palavras de Santos (2015) ressaltaram o discurso de poder dos médicos sobre a sociedade paraibana, que segundo o Dr. Lauro Vanderlei exercia o ofício da medicina como uma prática social que beneficiava o poder público com os serviços prestados. Então, identificamos essas maneiras de fazer medicina com as ideias de Foucault (1984, p. 79-80), quando diz que “[...] a medicina é uma prática social que somente em um de seus aspectos é individualista e valoriza as relações médico-doente. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica.”

De posse da ideia de Foucault (1994) sobre a medicina como uma prática social, cuja estratégia é a biopolítica, selecionamos alguns anúncios de alimentação infantil para analisar esse biopoder, direcionando a criança, no sentido de construir práticas culturais de alimentação na perspectiva da eugenia e da higiene, como princípios do fortalecimento e do crescimento para formar cidadãos saudáveis para o progresso da nação e do estado da Paraíba.

Ver as crianças como cidadãos que mereciam e precisavam de atenção era uma forma de prevenir outros males sociais, pois os registros históricos em torno deste ser já denunciavam as ‘mazelas’ que a ausência do poder público e a precariedade das famílias já havia relegado a estes pequenos. Então, era preciso construir a imagem de uma criança feliz, bela e saudável, e para isto a imprensa foi uma grande parceira, desde a divulgação de publicidades de alimentos e medicamentos para as crianças, como práticas educativas de cuidados com o corpo, com a estética física e com os padrões morais, tendo como aliados deste projeto os médicos que também prescreviam os alimentos.

A conclusão de milhares de observações clínicas! Uma opinião recente do Dr. Olindo Chiaffarelli. Sou da opinião que o Leite Condensado ‘Moça’, producto da Compahia Nestlé, é, de accordo com a sua composição actual e seu novo acondicionamento, um optimo alimento para os lactentes de todas as edades. A combinação de seus vários elementos corresponde a todas as

exigências do organismo do lactente [...] Sua conservação é perfeita e livre de ulterior contaminação. [...] O seu preço é mínimo, estando ao alcance do mais pobre, mesmo em péssimas condições hygienicas do ambiente, o Leite Condensado marca ‘Moça’ conserva a sua esterilidade impertubavel. Não hesito em recomendal-o, tendo-o empregado em todos os casos indicados com optimos resultados. (*Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba*, Ano II, vol. 6, set. de 1933. s/p).

Inicialmente, o que nos chamou a atenção no discurso do Dr. Olindo Chiaffarelli foi a legitimação de um alimento artificial para o lactente de todas as idades, num período em que os outros médicos incentivavam a amamentação. Identificamos uma articulação de interesses econômicos entre o médico e a empresa multinacional. Na busca de uma interpretação sobre o posicionamento deste médico constatamos que havia uma longa relação de apoio entre a Nestlé e a Sociedade Brasileira de Pediatria. Sobre essa parceria nos explicou Carneiro (2000, p. 27):

[...] inclusive patrocinando o Curso Nestlé de Atualização em Pediatria, surgiu da demanda de aperfeiçoamento, requerida por pediatras, devido às limitações financeiras de acessar grandes centros para frequentar os seminários.

Verificamos nesses esclarecimentos uma rede de interesses econômicos dos médicos e da indústria de alimentação infantil. O discurso do médico estava condensado no domínio científico das propriedades dos nutrientes na composição do leite. O mesmo utilizava a estratégia de persuasão da sua interação comunicacional com o público, intercalando a garantia da ‘qualidade do produto na conservação perfeita e livre de contaminação’ com o ‘preço mínimo’. Ou seja, o médico prescrevia este alimento como um produto viável para todos os cidadãos brasileiros, recomendado como ‘ótimo produto’, acessível a todos, independente da condição financeira. Da mesma indústria que fabricava o leite condensado ‘Moça, encontramos a Farinha Lactea, também prescrita por um médico.

FARINHA LACTEA NESTLÉ Atesto que tenho empregado em larga escala, na minha clinica, com resultados satisfactorios, Tanto em creanças como em adultos de avançada idade e também nos convalescente em geral sempre que não há contra indicação a Farinha Lactea Nestlé, considerando-a por isso um produto saudável, digestivo, assimilavel e de primeira ordem,do qual o clínico deve lançar mão com a maxima confiança e sem o menor receio,sempre que se lhe ofereça indicação. BRINDES: As pessoas que trouxerem em nosso escritório. 20 rotulos Leite MOÇA ou 30 de farinha Lactea NESTLÉ, receberão um lindo brinde. Prof. Dr. Miguel de Leonissa. – S. Paulo E. Gerson & Comp, Ltda. Agente. R. Maciel Pinheiro, n.177. (*A União*, 4 de nov. de 1922, p. 8).

Ao nomear como satisfatória a prescrição do uso da Farinha Lactea na alimentação da criança, o médico a tornava um objeto simbólico diferenciado. Daí destinava seu uso para uma coletividade envolvendo as crianças e os adultos. Para justificar esta indicação apresentava várias observações de benefícios, tais como: saudável, digestivo e assimilável. Os benefícios apresentados pelo Dr. Miguel de Leonissa nos levaram a concebê-los como representações, explicadas por Chartier (2002, p. 20), “[...] remetem todas as formas ou todos os signos graças aos quais a consciência constitui a realidade”.

A realidade deste anúncio era a tentativa de deixar transparecer que existia uma abertura ao receptor da informação do poder de decidir sobre o consumo desta Farinha, e o Dr. Leonissa usava o artifício da confiança como um jogo de sutilezas para convencer de que ‘vale lançar mão’ do produto, naturalizando o consumo. Com base nestas posições o produto foi indicado para outros profissionais da saúde, certamente envolvidos nos cuidados com o desenvolvimento das crianças e nos interesses econômicos que estas prescrições poderiam gerar para eles. Pois, conforme nos disse Gondra (2002, p. 113), “O cuidado com a criança passa a ser representado como investimento, tendo em vista gerar/produzir sujeitos que pudessem ser integrados produtivamente ao mundo do trabalho.”

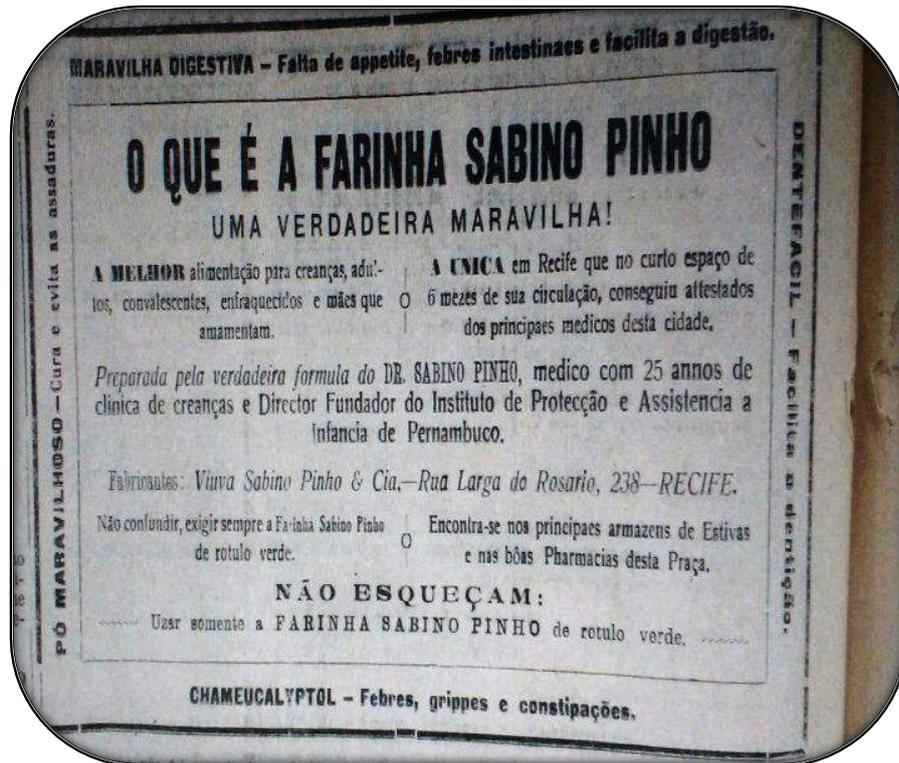
As informações encontradas em Gondra (2002) nos mostraram que o discurso médico esteve aliado aos interesses da política do governo republicano de modernizar o Brasil, tendo como sujeito protagonista a criança, com fins econômicos. Nessa perspectiva, o médico pediatra construía o ser robusto e sadio como virtudes para se fazer uma grande nação, baseado nos princípios eugênicos e higiênicos, com intuito de contribuir para a construção do ‘homem ideal’, ao mesmo tempo em que também se beneficiava dos patrocínios destas indústrias alimentícias.

Outro médico que teve grande influência sobre a pediatria brasileira foi o Dr. Martinho da Rocha, que presidiu a Sociedade Brasileira de Pediatria no ano de 1937. E, em 1963, lançou um compêndio, em dois volumes, de Puericultura e Medicina infantil que teve grande aceitação nas escolas médicas. Segundo Carneiro (2000, p. 168), “[...] o que o tornou famoso foi a tradução que ele fez dos clássicos da Pediatria alemã. O mundo médico brasileiro estava ávido por conhecer as ideias novas em Pediatria”. Ele escreveu, também, o livro ‘Cartilha das Mães’, (1935) de difusão dos conhecimentos da Puericultura, o qual usamos como uma das fontes deste estudo.

Os anúncios publicitários evidenciavam uma ação pedagógica sobre a maternidade, de maneira a não deixar invisível o ‘compromisso’ da mãe de cuidar da alimentação da criança. Enquanto isso, as indústrias alimentícias patrocinavam eventos médicos que discutiam sobre a

proteção e assistência da mãe e da criança. E com sugestões cientificamente orientadas, o leite artificial e as massas foram ganhando espaço na vida dos pequeninos, inclusive com as prescrições da fabricação pelo próprio médico, conforme constatamos no anúncio da farinha Sabino Pinho.

**Imagem 11 - O que é a Farinha Sabino Pinho<sup>85</sup>**



Fonte: *A União*, 11 dez. de 1929, p. 5.

Embora se apresentando como um alimento para a criança, o que nos chamou atenção neste discurso foi o fato de não apresentar o rótulo do produto, uma prática comum nos marketings da publicidade que servia de representação para o consumidor sobre a sua existência. No entanto, a divulgação do mesmo buscou firmar a sua credibilidade a partir do nome do Dr. Sabino Pinho, idealizador da fórmula desta farinha. Esta prática enfatizava a aceitabilidade e a credibilidade que os médicos conquistaram nessa época, reforçando seu saber em torno do que seria melhor para alimentar a criança.

O anúncio ressaltava, também, as prescrições de outros médicos para o consumo desta farinha, considerando o curto espaço de tempo de apenas 6 meses que este produto estava em

<sup>85</sup> A melhor alimentação para creanças, adultos, convalescentes e mães que amamentam. A Única em Recife que num curto espaço de 6 meses de sua circulação, conseguiu attestados dos principaes medicos desta cidade. Preparada pela verdadeira formula do Dr. Sabino Pinho, medico com 25 annos com clinica de creanças e Director e Fundador do Instituto de Protecção e Assistencia a Infancia de Pernambuco. NÃO ESQUEÇAM. Usar somente a Farinha Sabino Pinho de rotulo verde. (*A União*, 11 de dez. de 1929, p. 5).

circulação no mercado da cidade do Recife, apresentado como um produto atestado por profissionais de credibilidade na cidade, o que certamente já garantia a popularização do consumo. Ao prescrever a Farinha Sabino Pinho, os médicos perfilhavam o seu poder biopolítico, o que nos permite imaginá-los como forças regeneradoras apresentando soluções nutricionais por estarem ‘capacitados’ para atestar a eficácia do produto para as crianças, adultos convalescentes e às mães que estavam amamentando. Com estas práticas, o “poder” da ciência médica também era projetado sobre o produto. Com efeito, esta farinha foi apresentada no sentido do controle social mediante a necessidade de se alimentar.

A dimensão política e o ‘compromisso’ social deste anúncio estavam no destaque que foi dado ao médico ‘clínico com 25 anos de experiência, Director e Fundador do Instituto de Proteção e Assistência á Infância de Pernambuco’. As informações deixavam transparecer que do ponto de vista da ciência era uma pessoa de credibilidade incontestável, sendo, então, capacitado para prescrever esse alimento para as crianças. Identificamos nestas prescrições a prática da governamentalidade exercida sobre os supostos consumidores, ao encontrarmos essa ideia, na tática da credibilidade da farinha ser ‘uma verdadeira maravilha’, a melhor, a única associada à experiência do médico.

A comunicação do fabricante como anunciante do produto, dando a referência da escolha a partir do rótulo verde, construiu a representação do produto ausente na configuração gráfica do anúncio. No dizer de Chartier (2002, p. 20), “[...] a representação como exibição de uma presença [...] é instrumento de conhecimento imediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’”. No caso deste anúncio, a substituição da imagem não era a projeção de um rótulo, mas de uma cor verde, que intencionalmente representaria a cor da Pátria que precisava ser edificada. Nesta perspectiva, no universo discursivo do período histórico problematizado, o médico agia como um ‘educador’ das práticas alimentares e tinha seu ofício reconhecido pela sociedade onde atuava, sendo um disciplinador dos corpos da sociedade.

Na Paraíba, o Dr. Octávio de Oliveira assumiu a directoria de Saúde Pública<sup>86</sup> em 1927, tinha ideias sanitaristas e a incumbência de orientar o governo nas realizações de Saúde Pública do Estado. Por ocasião da sua posse, justificou no discurso a aceitação deste desafio dizendo, “[...] irei hyphotecar o melhor do meu esforços para corresponder a confiança em mim depositada pelo Sr. Governador do Estado. [...] Para a frente, pois. Corajosamente. Pela saúde dos nossos irmãos parahybanos!”.

---

<sup>86</sup> *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba* - Semana Médica de 3 a 9 de maio de 1927.

A frase demonstrava o entusiasmo do médico diante de um compromisso social e político, para enfrentar as más condições sanitárias que ainda existiam neste estado. O mesmo salientou alguns problemas existentes, tais como a pobreza e a ignorância da população rural e citadina que se aliam para tornar a situação mais calamitosa, o problema da alimentação, dizia ele: “Ninguém sabe ou se interessa pela maneira de alimentar o filhinho” (DR. OLIVEIRA, 1927). Alertava para a alimentação rústica e a atribuía às parcas condições financeiras da população.

Outro médico paraibano que demonstrava preocupação quanto às vitaminas na alimentação dos lactentes foi o Dr. João Soares, no artigo intitulado: ‘A banana na alimentação do lactente’.

[...] entre os alimentos medicamentos, que empregamos diariamente em clínicas pediátricas a banana merece ser citada em plano de destaque [...] não só com o fim de fornecer vitaminas, mas para completar a alimentação nas crianças com distúrbios alimentares. A combinação da banana e do de leite de vaca agem bem por se tornar um alimento mais completo [...] facilita a ingestão, tornando-o mais homogênea. Devido a grande quantidade de água nela existente (75%) poderá ser aproveitadas nas desydratações provocadas pelas dyspepicias distúrbios e intoxicações alimentares especialmente quando há vômitos[...]. (DR. JOÃO SOARES, 1927, p. 26).

As prescrições do alimento banana pelo Dr. João Soares (1927) com um aliado medicamentoso para as crianças com distúrbios alimentares contrariava os interesses das indústrias alimentícias e também quem condenava o leite de vaca, pois o mesmo indicava os dois para os lactentes que estavam em tratamento de desydratações, principalmente para o filho da classe proletária, que certamente não teria condições financeiras para comprar os alimentos industrializados. Como forma de justificar esta prescrição, o Dr. Soares apresentou neste artigo os nutrientes e vitaminas que estão na composição da banana. Portanto, a fim de completar as informações sobre este alimento apresentamos os dados citados por este médico no artigo: ‘A banana na alimentação do lactente’.

### Quadro 03 - Composição da banana

Magnésio, calcio	-
Gorduras, vitaminas A e C	-
Alubinas, phosphoro	-
Sais e Vitaminas, potássio	-
Hydratos de Carbono	21%

Proteínas	13%
Assucares	18%
Amido	3%
Sucrose	11%

**Fonte:** *A União*, fev. 1934, p. 26. Quadro elaborado pela autora.

Ainda no contexto da atuação dos médicos na vida dos ‘pequeninos paraibanos’, consideramos importante apresentar as sugestões do Dr. João Soares, inspetor do Serviço de Higiene Infantil, no artigo intitulado ‘Vida e hygiene do lactente’, na sessão: Para as Mães.

Durante varios meses são necessários cuidados minuciosos e constantes ao lactente, que nasce incapaz de viver só. Não obstante a hygiene alimentar do corpo contra os agentes externos como sejam: o frio, o calor, as infecções. O mau humor, a inquietude, a insônia, a falta de appetite as perturbações de intercambio nutritivo pela diminuição da secreção do succo digestivo são signaes precursor do calor [...] Os banhos em números de dois a três por dia representam a base fundamental da hygiene do lactente [...] (*A União*, jan. 1936, p. 8).

Esse conjunto de informações sugeridas pelo Dr. João Soares se adéquam ao que disse Foucault (2015, p. 303), “[...] os corpos dos indivíduos surgem como portadores de novas variáveis”. Ou seja, a boa saúde do corpo do lactente refletia o desejo das mães e a necessidade de atender às demandas do Estado, assegurada pelo saber médico que, a partir das prescrições, exercia o controle da hygiene e da alimentação sem a medicalização, apenas com as novas práticas educativas de cuidados de si. Tudo isso seria possível tendo como elemento central dessas práticas as mães, que fazendo uso do seu ‘instinto materno’ aprendiam a ler os sinais dos incômodos e insatisfação do lactente.

Não foram raras as demonstrações de agradecimentos públicos dadas aos médicos pelo desempenho do seu ‘sacerdócio’ na trajetória do exercício da medicina em favor do ‘Outro’, ao exercerem suas táticas de atendimentos, o que também justificava a sua existência. Sobre essa condição de reconhecimento do médico como benfeitor social, encontramos um agradecimento que nos chamou atenção. E embora não seja um anúncio publicitário, que é o objetivo deste estudo, consideramos pertinente apresentá-lo, já que o mesmo faz menção a um ‘importante médico’ da cidade de João Pessoa.

Um dever de gratidão.

Pedro Costa, negociante nesta capital [...] vem por meio destas linhas enaltecer do íntimo d' alma a competencia profissional e extraordinária dedicação do dr. Lauro Wanderley e seus auxiliares drs. Antonio Lins e Jaime Luna que procederam a melindrosa operação Cezariana em sua esposa Anna Costa a qual se submettêra na Maternidade, a 12 de janeiro passado.[...] Estou mais do que agradecido àquelles tres distinctos e bondosos medicos[...] João Pessoa, 8 de fevereiro de 1933.-Pedro Costa. (*A União*, 9 de fev. de 1933, p. 7).

Este comunicado nos chamou a atenção pelo fato de um cidadão comerciante estar agradecido pelo atendimento médico prestado à sua esposa. Não que sejamos contrários aos princípios da educação e da delicadeza, mas porque a atitude comprova-nos o reconhecimento da importância do médico pelo fato de ter salvado a vida da 'esposa Anna Costa'. Portanto, interpretamos que a tática do senhor Pedro Costa o colocou na condição de homem ordinário de Certeau (1994, p. 60), “[...] dá como representação o próprio texto, no e pelo texto ele reconhece o caráter universal e o lugar particular onde permanece o louco discurso de uma sabedoria sábia”. Essa sabedoria era reconhecida no médico pelo Sr. Pedro Costa, que o colocou como figura de poder em posição de destaque na sociedade paraibana, ao expor seus agradecimentos num jornal de grande circulação na cidade de João Pessoa e no estado da Paraíba.

Consideramos importante destacar que as intervenções na saúde das pessoas envolviam outros agentes sociais, com práticas diferenciadas no âmbito da saúde, onde cada um agia nos seus limites de conhecimentos. Embora não seja o foco deste estudo, abrimos um parêntese para destacar o papel das enfermeiras. A necessidade dos trabalhos desta função era reconhecida no município de João Pessoa, e como forma de capacitar mais profissionais, havia uma escola para preparar enfermeiras dentro do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, que contava com 22 alunas. No curso ofereciam orientações sobre a higiene ministrada pelo Dr. Oscar de Castro e o de anatomia pelo Dr. Alceu Navarro. Assim, mais uma vez, o saber médico prevalecia, desta vez capacitando outros profissionais que também iriam atuar no campo da saúde pública neste estado.

As reflexões que acabamos de expor se inspiraram na política higienista e da eugenia, cujos reflexos também foram vivenciados no estado da Paraíba. As discursividades das imagens e dos textos despertaram vontades e construíram necessidades para se consumir os produtos industrializados que supostamente agiam de forma preventiva na saúde das crianças. Estas se apresentaram como redentores para os pequeninos, protagonizando as mães nesta

missão, ampliando seus deveres com as vigilâncias nas práticas da maternidade sob a influência do discurso higienista.

Os médicos higienistas e eugenistas que se articularam com o projeto republicano de modernização do Brasil, com suas prescrições, buscaram normatizar ‘o ‘corpo social’, inculcando ‘novos’ valores culturais que lhes exigiam a criação de novas tecnologias de poder sobre as mães e as crianças, incentivando novas práticas educativas de se alimentar. Nos próximos capítulos problematizamos os anúncios considerando estas prescrições, no sentido de identificar as ‘novas’ representações construídas sobre as crianças.

## CAPÍTULO II

### O CORPO FALA SEM PALAVRAS: A REPRESENTAÇÃO DA SAÚDE E DA BELEZA DA CRIANÇA NOS ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DE ALIMENTAÇÃO INFANTIL



**Avante! Tendo a certeza  
De que se marcha seguro  
Pela estrada da grandeza  
Para o Brasil do futuro!...**

**Cuidemos dos pequeninos,  
Com o mais constante afã;  
Pois de agora, estes meninos  
São os homens de amanhã!**

**(Dr. Américo Falcão - 1927).**

## 2.1 Sem alimentação não há saúde: o corpo regado ao leite

As duas estrofes que ilustram a entrada deste espaço fazem parte do hino do Instituto de Assistência e Proteção à Infância, escritas pelo poeta Dr. Américo Falcão<sup>87</sup>, que foi cantado pelas damas protetoras após o discurso do Dr. Guedes Pereira, na ocasião da inauguração da sede própria deste instituto. Estas palavras nos remetem a observarmos a criança representada neste desenho que ilustra o capítulo, como uma referência de força e vigor num ambiente histórico de um Brasil sempre pensado para o ‘futuro’, o que muitas vezes ocultava as diferenças entre elas, unificando as práticas educativas a partir das prescrições de remédios e alimentação em torno de uma aparência construída com os parâmetros da eugenia que circulavam no país, com a concepção do “[...] neolamarckismo que prevalecia, particularmente nos círculos médicos na década de 1920.” (STEPAN, 2004, p. 346).

Os argumentos do Dr. Américo Falcão deixavam transparecer que cuidar dos ‘pequeninos’ deveria ser um desejo e vontade para se evitar as doenças corporais e sociais para garantir ‘os homens de amanhã’. Estes cuidados proclamados em torno da criança representavam um reflexo da política baseada na ciência eugênica e da higiene do governo federal, que associava a questão da saúde à ‘purificação racial’, pois esta questão era vista também como um problema político e social, que poderia vir a afetar a ordem pública pela falta de uma formação moral.

Neste cenário idealizado pelo Dr. Américo Falcão, percebemos que havia uma identificação com o discurso da ciência no ‘melhoramento biológico’, estudos que mensuravam as relações de corpo com as práticas morais. Como disse Foucault (2015, p. 144), “[...] o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo”. Nessa linha de pensamento, do ponto de vista cultural das práticas educativas, este estudo teve por objetivo interpretar como os discursos e as imagens dos anúncios publicitários de alimentação para a criança representaram a saúde e a beleza a partir das novas práticas educativas de se alimentar.

Sabemos que através dos anúncios publicitários é possível termos uma representação da construção histórica da Paraíba na perspectiva cultural por meio da alimentação artificial para o público infantil. Sem entrar no mérito da discussão teórica do termo anúncio ou

---

<sup>87</sup>. Escreveu a letra do hino que foi musicalizada pelo maestro Camillo Ribeiro. (*A União*, 11 de out. de 1927, p. 5).

publicidade, é importante dizer que ao usar um termo ou outro, estamos nos referindo aos textos e imagens de divulgação para vender a alimentação para o público infantil veiculadas no jornal *A União*, uma das fontes deste estudo. Para melhor esclarecer nossa concepção sobre publicidade, encontramos em Aucar, Rocha e Pereira (2015, p. 23) a compreensão que “[...] a publicidade é uma narrativa que dá forma e concretizam diversas imagens, elaborando representações coletivas e identidades, papéis sociais e estilos de vida, desejos e subjetividades, através de um incansável universo simbólico.”

Considerando este conceito de publicidade e a perspectiva de representações de Chartier (2002, p. 61), quando disse “[...] que todo o texto é o produto de uma leitura, uma construção do seu leitor”, construímos ressignificações dos discursos e das imagens dos anúncios a partir da nossa interpretação. Então, buscamos ler o corpo infantil como categoria discursiva, fazendo analogia com a beleza como representação simbólica da saúde.

A alimentação permaneceu com seu caráter cultural, concebida também pelas ideais de Maciel (2004, p. 26), de que “[...] alimentação refere-se a um conjunto de substâncias que uma pessoa ou grupo costuma ingerir, implicando a produção e o consumo, técnicas e formas de provisionamento, de transformação e de ingestão de alimentos”. Deste modo, alimentação ia além do biológico, relacionando com o social e o cultural.

A ideia de corpo foi articulada com Louro (2000, p. 14), para quem “[...] o corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença, com mudanças de hábitos alimentares e de vida [...] com novas formas de intervenção médica e tecnológica”. Sem flexionar o ‘modelo’ de criança idealizada na política da eugenia implantada no Brasil, a problematizamos como uma construção cultural a partir de Vigarello (2016). Embora este autor tenha priorizado no seu estudo o gênero feminino, interpretando gestos, comportamentos, consumo, entre outros, ele, ao escrever sobre a História da beleza, ressaltou os diferentes olhares e sensibilidades que demarcaram os gestos e comportamentos do corpo no ambiente privado e no espaço público, mostrou que os ‘novos’ tempos mudaram os critérios e suas finalidades. Para o historiador Georges Vigarello (2016, p. 142), “[...] indissociáveis dos temas de bem-estar e da saúde, a beleza e os cuidados decorrentes dela corresponderiam à demanda imperiosa e irremediável de estar bem dentro da pele [...] o corpo poria em cena sua própria liberdade”.

Esta concepção de Vigarello (2016), de que nos ‘novos’ tempos emergiu o discurso em favor de uma nova estética de fluidez e leveza ao corpo, contrapondo-se ao imobilismo renascentista, associando à saúde e bem-estar como reflexo da beleza, nos fez refletir que é possível que houvesse nos discursos dos anúncios uma pedagogização estatal que traduziu esse ‘belo’ construído como valor simbólico do corpo ‘ideal’ para as crianças.

As análises foram feitas a partir das três possibilidades de leituras que as publicidades propiciaram. Consideramos na composição não verbal que se refere ao signo das imagens, que aparentemente são ‘mensagens silenciosas’, mas problematizamos a linguagem corporal como representação das práticas culturais do discurso eugenista e higienista, como um ideal de beleza. Depois, a leitura verbal que se trata de uma comunicação por meio das palavras. O outro caminho nos foi apresentado por Mendes (2013, p. 14), quando este enfatiza que “[...] a imagem goza de certa liberdade [...] qualquer pessoa pode ter uma interpretação de uma imagem, mas sempre teremos o fator cultural como força motriz dessa leitura, criando uma diversidade de efeitos possíveis de sentido, muitas vezes imprevisíveis”. As questões apontadas nos serviram como referências nesta ‘operação historiográfica’. (CERTEAU, 1999).

Para registrarmos as observações das representações do corpo da criança, organizamos esta escrita em três tópicos com produtos do mesmo tipo, cada um em temporalidades diferentes, a partir dos quais interpretamos a ‘invenção do homem novo’, idealizado pelo discurso eugênico que teria como uma das missões ‘(re) construir a nação’. Ou seja, como bem observou Courtine e Haroche (2016, p. 137), “[...] seria um ‘megalantropogênese’, quer dizer, uma arte de identificar na criança os sinais precursores do grande homem”. Assim, no universo das imagens e nos discursos das publicidades, tendo como parâmetro a saúde e a beleza; e no diálogo com os princípios higiênicos de como cuidar do corpo, tecemos este estudo. Sobre esta trama, vejamos o que disse o Dr. Aprígio Camara, no artigo: ‘O estudo da creança’.

A creança não é mais considerada uma encantadora redução do adulto, como queria Malebranche. Do homem ela se distingue pela qualidade e quantidade dos elementos organicos e mentaes. É um tipo especial à parte da humanidade [...] Antes do cultivo da intelligencia, deve o mestre examinar, cuidadosamente, as forças phisicas dos seus discípulos, protegendo-as e estimulando-as, de acordo com os principios da hygiene infantil [...]. (*Era Nova*, anno V, nº 80, 1º de jun. de 1925, p. 17).

O artigo colocava em evidência o saber do médico Aprígio Camara como uma autoridade conhecedora e gabaritada para prescrever os preceitos necessários da higiene em favor da saúde do corpo e da mente. O ‘novo’ olhar deste médico para a criança, reconhecendo sua capacidade cognitiva, cujo corpo seria modelado a partir dos exercícios físicos, nos conduziu a pensar a criança trabalhada por Philippe Ariès, que problematizou a condição social da criança, iniciando pelas fases da vida “[...] a idade dos brinquedos [...] e a

idade da escola: onde os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar [...]” (ARIÈS, 1981, p. 9).

Ainda da perspectiva de Ariès (1981), é significativo esclarecer que no contexto histórico da idade Média, a criança teve sua identidade ‘negada’. E, no período moderno, a criança a partir dos 7 anos de idade passou a ter o reconhecimento da sua capacidade de entender as coisas e, conseqüentemente, passou a ser institucionalizada com o ‘direito de ser criança’, sob a supervisão do Estado, da família e da escola. O discurso do médico Aprígio Camara estava em função dos ideais capitalistas, preparando a criança para o mundo dos adultos, sem respeitar seu convívio social com as fases da infância, a fim de torná-la um indivíduo produtivo e consumidor.

Como destacou Janz Jr. (2001, p. 106), “[...] atuando além do seu campo de conhecimento, os médicos veiculavam a certeza de poder acabar com as máculas da nação, colaborando em todo o conjunto administrativo e social do Brasil”. Por este prisma, os discursos médicos exerciam a arte da governamentalidade com as ações sanitaristas, tendo como alvo a educação higiênica para os cuidados com a higiene, a saúde e a alimentação da criança.

Entendemos que os dispositivos saúde e doenças são complexos e apresentam múltiplas formas de serem abordados, como não temos a pretensão de problematizar estes conceitos, o melhor para este estudo foi aquele que conduziu nosso objeto e respondeu às interrogações. Então, consideramos pertinentes as colocações de Coelho e Filho (2003, p. 102), “[...] no que diz respeito à relação entre a saúde e a doença, a saúde tanto pode implicar a ausência de doença quanto a sua presença, desde que temporária. A ideia inicial da saúde entendida como ausência de doença é afirmada pela medicina”.

Esta concepção de saúde como a ausência da doença era diferente do conceito de saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1948. Segundo Segre e Ferraz (1997, p. 539), para a OMS “[...] a saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”. Assim, ter saúde não significava apenas combater as doenças, eram necessárias as reformas urbanas e as mudanças nas práticas disciplinares nos usos dos espaços e as práticas de cuidados de si, envolvendo a higiene corporal, ou seja, fazendo o asseio.

O texto “O sanitarismo e os projetos de nação”, de Carlos Fidelis Ponte (2007), que enfatizou o movimento sanitarista do Brasil iniciado na década de 1910, apresentou as precárias condições de saúde da população rural como um dos entraves para o desenvolvimento do Brasil, sendo que uma das saídas era a intervenção no sanitarismo do

espaço público urbano e rural, como um dos referenciais para se obter a saúde. Este princípio de saúde a partir da sanitização não estava presente nos discursos dos anúncios, partiram do princípio da saúde como ausência da doença, que poderia ser conquistada com alimentação. Sobre esta questão da alimentação para a criança como um fator necessário para se adquirir a saúde, encontramos o pronunciamento do Presidente do Estado da Paraíba João Suassuna, ao apresentar o relatório do director geral de hygiene Dr. José Teixeira de Vasconcellos.

As moléstias endêmicas continuam augmentando o obtuario. O impaludismo com 94 obitos e a grande devastadora da humanidade, a tuberculose, com 156 obitos. As estatísticas provam que ella vae crescendo, de anno para anno, mostrando, assim, que as medidas postas em pratica para debellar-a ou modifical-a nenhum bem resultado têm dado. A gastro-enterite e a debilidade congênita continuam a ceifar a vida das creanças de 0 a 1 anno de idade, cuja mortalidade sobe amais de um terço do obituário geral. Para o apparecimento da gastro-enterite, muito concorre a alimentação de má qualidade, em desaccôrdo com o organismo tenro das creanças, como a falta de cuidados dos Paes para a debilidade das creanças (Mensagem do Presidente do Estado da Parahyba João Suassuna à Assembléia Legislativa na abertura da 2ª Sessão Ordinária, 1927, p. 112).

Enquanto os discursos eugênicos e higienistas emergiam com os princípios de nação higienizada e saudável, as intervenções do poder público na saúde e na hygiene da população na Paraíba não conseguia os dados esperados. O que nos levou a refletir se realmente essas práticas de intervenção do poder público na saúde e na alimentação estariam ocorrendo ou não passavam de propaganda. Embora os resultados das ações desse governo não estivessem contribuindo para a redução do número de óbitos, considerando os dados do pronunciamento do Presidente do estado João Suassuna, o mesmo já vinha investindo no saneamento e embelezamento da cidade da Parahyba do Norte como uma ação protetiva sobre a hygiene da população contra as doenças da época: febre amarela, malária, tuberculose, lepra e doenças mentais que contavam com as ações dos médicos sanitaristas<sup>88</sup> intervindo nestes casos com o aval da autoridade governamental.

Sendo as mais fragilizadas, as crianças eram também o maior número de vítimas que aumentavam as estatísticas dos óbitos, assim apresentadas no relatório do Presidente do Estado da Parahyba João Suassuna, conforme os dados abaixo.

---

<sup>88</sup> O termo sanitarista substituiu progressivamente a referência tradicional aos higienistas, indicando especialização profissional e maior distinção entre as atividades científicas no laboratório e as atividades de saúde pública. LIMA, Nísia Trindade. O Brasil e a organização pan-americana da saúde: uma história em três dimensões. In: FINKELMAN, J. (Org.). **Caminhos da saúde no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Acesso em: 05 jun. 2017.

#### Quadro 04 - Óbitos Segundo as Idades

De 0 a 1 ano de idade	467
De 1 a 5 anos de idade	134
De 5 a 10 anos de idade	31
De 10 a 20 anos de idade	80
De 20 a 30 “ “ “	137
De 30 a 40 “ “ “	113
De 40 a 50 “ “ “	72
De 50 a 60 “ “ “	78
Mais de 60 “ “ “	149
Edade ignorada	5
1266	

**Fonte:** Mensagem do Presidente do Estado da Parahyba João Suassuna à Assembléia Legislativa na abertura da 2ª Sessão Ordinária, 1927, p. 112. Quadro produzido pela autora.

Uma das ações deste governo foi a criação da Repartição de Saneamento da Parahyba, pelo decreto 1.428 de 24 de abril de 1922, sob a responsabilidade do Dr. Saturnino Rodrigues de Brito que, entre outras obrigações, se encarregou das obras de esgoto e ampliação do abastecimento da água da cidade da Parahyba do Norte. “O volume d’água fornecido á cidade mensalmente é cerca de 94.500<sup>m3</sup>, que ao preço médio de 471 réis por metro cúbico, de accôrdo com o novo Regulamento e pelo valor locativo da aproximadamente 43:580s000”. (SUASSUNA, João. 1926, p. 156).

Estas ações do poder público na Parahyba do Norte marcavam um ‘novo tempo’ no processo de higienização nos espaços da cidade e no corpo da população, pois o acesso com mais frequência à água, certamente permitia novas práticas de cuidados diários possibilitando um corpo ‘são’. Contribuindo com estas reformas, mais uma vez, entrava em cena o saber médico, com os princípios eugênicos e higienistas de caráter social para a construção do corpo sadio de homens, mulheres e crianças. Com este propósito, a ciência médica, além de tentar combater as doenças, também intervia na organização social.

As intervenções dos médicos também institucionalizaram seu lugar social de disciplinador das práticas educativas das crianças, quando estes prescreviam os alimentos, as vestimentas, os exercícios físicos, o que podemos associar a uma experiência educativa a partir dos códigos gerais da higiene. Estas práticas nos levam a pensar que as coisas não são naturalizadas, pois saber e poder estavam envolvidos numa trama de interesses, inclusive para combater os atos viciosos das famílias pobres. Com essa ramificação, se exercia o biopoder na

tentativa de evitar a degeneração dos homens mulheres e crianças com uma ‘nova reconfiguração social’, sobretudo no desenvolvimento psíquico e moral da criança.

Em função do objetivo deste estudo, não nos aprofundamos neste diálogo da ‘nova reconfiguração social’, damos continuidade às análises dos discursos dos anúncios publicitários de alimentação para criança.

**Imagem 12 - Dryco é leite em pó<sup>89</sup>**



Fonte: *A União*, Domingo, 2 fev. de 1936, p. 4.

Após uma longa busca por estas imagens, nos apaixonamos no primeiro encontro. Fomos atraídas por este olhar da criança. Uma expressão da linguagem corporal que nos seduziu pela sublime inocência, que apresentava a expressividade de um ‘anjo’ que nos observava e queria dizer algo. O silêncio da imagem atravessado por este olhar nos chegou como um convite para a admiração dessa representação da criança. Para Courtine e Haroche (2016, p. 70), “[...] os olhos são a porta da alma: chama-os de ‘portas da alma’, porque pelos olhos ela se deixa ver o lado de fora”. Esta sensibilidade do olhar projetava a criança para um

<sup>89</sup> “APPETITE assim é signal de saúde. Quando a criança tem bom appetite, devemos dar-lhe alimentos de facil assimilação, ricos em saes minerais, que fortalecem os dentes e ossos. DRYCO é leite em pó. Com agua, forma um alimento de digestão rapida. Dê DRYCO ao seu filhinho, especialmente se lhe falta leite materno: dormirá tranquillo, estará sempre bem disposto e crescerá com os dentes e ossos fortes. Uns dizem DRICO, outros DRAICO, mas DRYCO é o bom leite em pó”. (*A União*, 2 de fev. de 1936, p. 4).

‘novo’ tempo, que dava outro sentido à sua existência, pois sendo a doença vista como um problema nacional era necessário haver um controle social para evitar os altos índices de mortalidade infantil que havia no país.

O apelo do slogan: ‘APPETITE assim é sinal de saúde’, simplificava que a conquista da saúde se restringia apenas às práticas alimentares. Este sentido simbólico da saúde, no entanto, não representava os resultados do movimento de reforma da saúde na Primeira República que, segundo Lima (2002, p. 44), “[...] destaca-se a consolidação da imagem de uma sociedade marcada pela presença das doenças transmissíveis [...]”. Em todo caso, o anúncio exaltava o consumo deste leite Dryco com postulados higiênicos, o qual garantia, ‘estará sempre bem disposto e crescerá com os dentes e ossos fortes’.

Ainda na composição textual foi apresentado um aspecto desafiador que sugeria que esse leite poderia substituir o leite materno. Este argumento contrariava os discursos dos médicos pediatras que estimulavam a prática da amamentação valorizando a função da mãe, como disse o Dr. Martinho da Rocha (1935, p. 25), “[...] a mãe é a única ama a quem podemos e devemos confiar nossos filhos”. Sobre estas colocações, destacamos a ideia de Freire (2009, p. 216), de que “[...] o médico garantia que a criança aleitada ao seio nunca é acometida de perturbação nutritiva grave e qualquer infecção decorre com maior benignidade do que no pequenino artificialmente nutrido.”

Os benefícios apresentados sobre o leite Dryco contrariavam as ideias dos médicos apresentadas por Freire (2009) e marcavam a influência das indústrias alimentícias voltadas para o público infantil, que circunscrevia uma existência singular a partir da escolha e do consumo deste leite, já que o mesmo ‘proporciona’: uma ‘vida saudável’, com ‘crescimento robusto’, ‘dentes fortes’, ‘ossos rijos’, ‘sono tranquilo’ e ainda ‘livra a criança de doenças’, dispensando, portanto, o aleitamento materno e fortalecendo as representações simbólicas de beleza adquiridas pelo alimento artificial como o Dryco.

Estas intervenções dos supostos benefícios que o leite artificial poderia causar no corpo da criança representavam a necessidade de superar o ‘atraso’ do Brasil com relação à saúde dos pequeninos, o que muitas vezes justificava a atuação da medicina higienista, visando uma mudança nos hábitos de cuidar e alimentar as crianças, legitimando a intervenção da vigilância no corpo da criança e, por extensão, no da família. Esta vigilância era defendida pelos médicos, a exemplo do Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães no Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância que, ao proferir o discurso representando os delegados oficiais dos Estados do Brasil, argumentou.

A creança é a sementeira do porvir, appliqueno-nos, com affinco com paixão e carinho, ao trabalho meritorio de formar em cada creança um homem digno de amanhã [...]. A esperança de dias melhores para a sociedade e para a Pátria encarna-se na creança, na juventude que é o porvir. Entreguemo-nos de coração, com todas as nossas energias e capacidades a esta obra, digna entre as mais dignas, meritória como nenhuma outra será em maior grao, obra patriótica de fazer homens para o futuro [...]. (MAGALHÃES, Dr. Alfredo Ferreira. Discurso 6º Boletim do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção á Infância, 1922, p. 34-35).

As configurações higiênicas propostas pelo Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães conferiam as práticas de higiene como uma ação primordial em prol da criança que refletiria no corpo social. Para Courtine e Haroche (2016, p. 52), “[...] o corpo é, ao mesmo tempo, objeto percebido e discurso feito, indicador e palavra da alma”. Com essa analogia, dizer que se tem um conhecimento do corpo é perigoso, uma vez que, sendo objeto percebido, se subtrai do olhar aquilo que é preciso ser dito ou esconder. Sendo o corpo resultado da construção de um discurso, ele pode ser representado pela sensibilidade de quem fala ou escreve esse corpo, e dá uma aparência pela vigilância de quem exerce o controle. Então, esta imagem da criança, por um lado representava o desejo da política social, voltadas para elas, manifestada continuamente nos discursos dos médicos, a exemplo do Dr. Alfredo F. Magalhães (1922) e, por outro, os interesses do poder público nacional e econômico, que frequentemente acabava ‘prevendo’ qual seria o futuro das crianças robustas e sadias, independente da condição social.

O olhar da criança na imagem da publicidade parecia distanciar-se do corpo, ao mesmo tempo em que o alimento era aproximado por ela enquanto se alimentava sozinha. Com este gesto, apreciamos pouco a pouco outras partes do corpo. Os braços eram fortes, exercitados pelo ato de se alimentar, induzindo uma beleza desejada para as crianças, previamente preparado para o exercício do trabalho, pois era o que se esperava na vida adulta. A representação do rosto apenas de perfil nos transmitiu tranquilidade, e isto era prometido pelo discurso do anúncio. “Dé DRYCO ao seu filhinho, especialmente se lhe falta leite materno: dormirá tranquilo, estará sempre bem disposto e crescerá com os dentes e ossos fortes”. Assim, foram construídas as representações do belo, como sinônimos de saúde para atrair o consumidor.

A visibilidade concedida à saúde da criança, sobretudo, foi enfatizada nos ‘ricos saes minerais’. Estas substâncias químicas eram responsáveis pelo bom funcionamento do metabolismo do corpo, e sem ele o corpo não reagiria de forma eficiente no combate das doenças. Certamente, garantia o que estava no anúncio, “[...] estará sempre bem disposto e crescerá com os dentes e ossos fortes”. Estes discursos (QUEIROGA, 2014, s.p.) “[...] podem ser traduzidos como signos representativos dos valores e das crenças de um tempo, daquilo

que a sociedade brasileira considerava importante”, isso “[...] sob os novos ares proporcionados pelo advento da ciência, cada vez mais próxima, e a iluminar as práticas não discursivas, a legitimar as verdades sobre a infância”.

**Imagem 13 - Primeiro Dente<sup>90</sup>**



Fonte: *A União*, 23 abr. de 1936, p. 4.

Com o título: ‘Primeiro Dente’, tendo o riso como traço cultural do ser humano para externar que estava bem, o anúncio priorizava seu ‘perfeito conhecimento’ sobre a necessidade da criança estar com saúde. Com um olhar cativante, que externava felicidade, a dentição não poderia ser negligenciada. ‘O período da dentição é perigoso, e a saúde da criança depende do leite materno ou do bom leite em pó DRYCO’. Sobre essa questão dentária, na Parahyba do Norte, um grupo de cirurgiões dentistas composto por Dr. Janson Lima, Dr. J.M. de Melo Lula e Dr. Francisco Ramalho, idealizaram a Clínica de Assistência Dentária Infantil<sup>91</sup>.

**Imagem 14 - Cirurgião Dentista Dr. Janson Lima**

<sup>90</sup> “Primeiro Dente. O período da dentição é perigoso, e a saúde da criança depende do leite materno ou do bom leite em pó DRYCO. DRYCO é leite puro e contém sais minerais, que facilitam a dentição e fortalecem os ossos. Dê DRYCO aos seus filhos, especialmente se faltar o leite materno. Tomando DRYCO, a criança cresce bem, não chora, dorme satisfeita e goza saúde e alegria. Evite as febres, vômitos e perda de peso com DRYCO. Uns dizem DRICO, outros DRAICO, mas DRYCO é o bom leite em pó” (*A União*, 23 de abril de 1936, p. 4).

<sup>91</sup> *Revista Era Nova*, ano IV, vol. 6 2, em 15 de maio de 1924.



**Fonte:** *Era Nova*, 15 nov. de 1925, p. 8.

Este serviço de cuidados com a dentição da criança era divulgado por meio da imprensa, conforme encontramos na *Era Nova* a matéria intitulada: ‘Uma iniciativa de um esforço dignos de louvor.’

A Assistência Dentária Infantil foi fundada em 20 de outubro de 1924. A ideia da sua fundação nasceu no seio da Associação Parahybana de Cirurgiões Dentistas, e graças ao amparo moral que logo mereceu. A iniciativa contou com os applausos mais espontâneos por parte da nossa sociedade. E assim é que se organizaram diversas festas de beneficência cujo producto reverteu em seu favor. O governo do Estado, por sua vez, veio ao encontro do elevado desejo da Associação dos Cirurgiões Dentistas [...] A Assistência Dentaria Infantil, que tão bons serviços vem prestando á infância pobre desta capital, representa o fructo de um bem orientado esforço, dignos dos mais altos elogios[...] já foram registrados por essa instituição 330 creanças, tendo prestado somente nesses dois ultimos meses 742 serviços. (*Era Nova*, 15 de Nov. de 1925, p. 21).

O foco dado aos dentes funcionava como recomendações com os cuidados higiênicos dentários e prevenção de doenças. Também tinha um sentido estético que emoldurava a formosura pensada para a criança. O discurso era representativo com a retórica de Vigarello (2016), para quem a beleza era estar bem. Conforme nos orienta Foucault (1999, p. 163), “[...] o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações,

proibições ou obrigações”. Este conjunto de aparências e comportamentos funcionava como práticas de governamentalidade (FOUCAULT, 2005). Então, era necessário conhecer, orientar, embelezar, para depois explorar.

### Imagem 15 - Prédio da Assistência Dentária Infantil<sup>92</sup>



Fonte: *Era Nova*, 15 nov. de 1925, p. 8.

A iniciativa destes dentistas poderia ser compreendida como uma valiosa contribuição social, já que os mesmos tinham como alvo atender as crianças carentes. Representava também um processo educativo de higiene e cuidado com a saúde bucal das crianças, pois as cáries poderiam ainda comprometer o futuro sadio destes que precisavam estar bem para as demandas econômicas do Estado. Cuidar dos dentes dos menores carentes não era apenas um benefício estético que emoldurava a beleza dos pequeninos, era um ato de prevenção de outras doenças decorrentes das inflamações que poderiam se alastrar pelo corpo e comprometer um ‘promissor trabalhador’.

Ao estimular os cuidados com a dentição, o leite Dryco provavelmente previa que a sucção, protótipo do prazer da criança ao mamar no seio da mãe, logo daria lugar ao prazer da alimentação através da mastigação e esta deveria ser conduzida de forma sadia. Para Poulain

<sup>92</sup> Localizada à Rua Duarte de Oliveira em João Pessoa-PB.

(2013, p. 184), “[...] a criança vai conhecer o dilema da sucção/mordida. [...] A mastigação marca a entrada no mundo do bem e do mal. A dentição, precedendo de pouco o desmame [...] talvez mais doloroso que o próprio desmame”. O leite Dryco aparentemente colocava em evidência seu interesse pelas condições de vida da criança, ou seja, a saúde acompanhada pela alimentação, ostentada pelos supostos benefícios nutricionais. Esvaziando-se de seus aspectos econômicos, as práticas alimentares com esse produto iriam, com efeito, atingir o biológico da criança.

O desmame já era previsto como resultado natural do crescimento da criança, mas poderia ser antecipado pelo fato da mãe trabalhar fora de casa e não poder dar continuidade a esse ‘ato divino’ até o sétimo mês, conforme a pediatria estabelecia. Era dosado cientificamente e propagados pelos médicos pediatras e divulgados às mães através das consultas, por meio das revistas e dos jornais, conforme encontramos no artigo: ‘As refeições e os primeiros meses de vida’.

As jovens mães devem lembrar-se de que o leite materno é absolutamente necessário aos seus filhos durante os primeiros 6 meses de vida. Depois desse tempo é necessário suprir com alimentação mista a partir do 7º mês, lentamente para não forçar as funções digestivas da criança. (*A União*, 21 de fev. de 1936, p. 3).

Se apropriando deste controle das fases da alimentação infantil, as publicidades divulgavam os produtos alimentícios e construíam novas práticas alimentares não só pelo prisma da saúde, mas, também, agregando informações dietéticas e estéticas envolvendo a dentição. Com os novos hábitos alimentares a criança iria precisar da dentição, pois na alimentação mista, além dos leites artificiais e dos farináceos, seriam introduzidos outros alimentos após as prescrições médicas. Este fato também já era alertado pelo jornal *A União*, que divulgou o artigo ‘Dente de Leite’.

É comum observar-se a pouca importância que os pais dão aos primeiros dentes de seus filhos não os levando ao dentista para o tratamento dos dentinhos que acaso estejam cariados. O mais que fazem, quando as crianças ficam com os rostinhos inflamados, devido a uma infecção dentária é mandá-las ao dentista para ser feita a extração do dente causador do sofrimento. Julgam essas pessoas que os dentes de leite, por terem uma vida curta, não merecem os mesmos cuidados que se tem com os permanentes e por isso se descuidam de mandar seus filhinhos ao dentista. [...] Muitas dores de dentes, distúrbios por deficiência de mastigação, anomalias na dentição permanente, desarmonia na estética facial, poderão ser evitados tratando-se convenientemente os dentes de leite, que são para o indivíduo, tão importantes como os que lhes sucederão [...] (*A União*, 21 de abr. de 1936, p. 3).

Com esta pedagogização dos cuidados com os dentes, *A União* (1936), mais uma vez, contribuía com os preceitos higienistas em prol da saúde. Esta interação nos ajudou a pensar quais seriam as verdadeiras causas desse suposto compromisso social deste periódico. A nossa leitura é de que as verdadeiras razões que conferem a esses atos de adotar práticas e divulgá-las seriam de ordem econômica e política. Ainda sobre a questão dentária, encontramos alguns alertas e credices apresentados pelo Dr. Martinho da Rocha.

Algumas mães colocavam xarope na gengiva da criança, colocava para mastigar raízes e borrachas. Para abrir as gengivas, juravam as vovós, nada melhor do que introduzir uma chave na boca da criança e torcer três neves. Sabemos que estas credices são desnecessárias, o nascimento dos dentes é resultado de um processo biológico que se processa bem antes dos dentes “nascerem”. (ROCHA, 1935, p. 130-131).

Outro aspecto estético se referia à ‘perda de peso’. O bebê sadio e robusto, necessariamente não deveria ser ‘gordo’. Para Vigarello (2012, p. 11), “[...] com a Modernidade o gordo vira um ser incapaz, mole, inerte. Sua ineficiência está ligada ao fazer, a uma insuficiência de poder ou de ação”. Então, os médicos e mães exerciam a vigilância sobre um corpo rechonchudo, seguindo os padrões da época. Conforme assinalado por Freire (2009, p. 235), “[...] a valorização do peso como indicador confiável da saúde das crianças [...] provocou a consolidação da pesagem como prática científica e da balança como novo objeto de saúde”.

### Imagem 16 - Balança Filizola



Fonte: *Cartilha das Mães* do Dr. Martinho da Rocha, 1935, p. 10.

Na legenda da imagem da balança estava escrito: ‘Mães - Pesem o seu bebê numa balança de confiança’. As balanças certamente tornaram-se objetos de desejo das mães que tinham condições financeiras de adquiri-las para acompanhar a saúde e o crescimento do seu petiz através do peso. O valor simbólico da balança a colocava como aliada das mães que nesta missão eram convocadas e recebiam como instrumento técnico tabelas de orientações e estimativas de pesos adequados para cada fase do crescimento, cujo sentido era disciplinar a alimentação da criança para garantir a saúde e a robustez.

A balança recomendada era a Filizola<sup>93</sup>, que passou a ser um símbolo de vigilância com a qual as mães exerciam a biopolítica do controle do peso da criança para que não houvesse a perda, conforme prescrevia também o leite Dryco. De acordo com Lima (2007, p. 113), “[...] o bom exercício da maternidade era valorizado pelo seu alto valor patriótico. Em seus discursos, os doutores afirmavam que apenas as mães estavam em condições de desempenhar adequadamente o papel de primeiras educadoras dos cidadãos da pátria [...]”. Caso a criança estivesse perdendo peso era um ‘sinal’ que a saúde estava comprometida e, nestes casos, o médico poderia intervir, tomando como referência os valores estabelecidos neste quadro 05. O acompanhamento sistemático deste controle do peso era representado pelos médicos para as mães através de uma tabela e servia como controle sanitário e social das famílias.

**Quadro 05- Referências para o Peso da Criança**

<b>Data</b>	<b>Edade</b>	<b>Peso normal</b>	<b>Peso do bebê</b>	<b>Estatura normal</b>	<b>Estatura do bebê</b>
	Nascimento	3.500		50 cent.	
	1 mez	4.250		54 ,,	
	2 mezes	5.200		57,,	
	3 mezes	6.050		60 ,,	
	4 ,,	6.750		62 ,,	
	5 ,,	7.350		64 ,,	
	6 ,,	7.900		66 ,,	
	7 ,,	8.350		68 ,,	
	8 ,,	8.750		70 ,,	
	9 ,,	9.200		71 ,,	
	10 ,,	9.500		72 ,,	

93 A empresa teve início com o imigrante italiano Vicente Filizola, em 1886. Disponível em: <www.grupovervi.com.br> Acesso em: 20 jun. 2017.

	11 „	9.900		73 „	
	12 „	10.200		74 „	
	2 anos	12.700		85 „	

**Fonte:** *Cartilha das Mães* do Dr. Martinho da Rocha, 1935, p. 19. Quadro construído pela autora.

Produzidas por interesses externos, baseados em métodos científicos que não levavam em consideração as individualidades, mas homogeneizava um padrão estético, a tabela construía os critérios do peso a partir das experiências da saúde, considerando a linguagem cultural da medicina especializada num projeto político social de construção de uma identidade nacional, baseado na exclusão dos ‘não belos’.

Numa sociedade que se afirmava um ‘ideal’ de saúde como fator de distinção social e econômica, era compreensível a ‘aliança’ entre as mães e os médicos em favor dos filhos e do Estado. Como disse Foucault (2015, p. 310), “[...] o médico se torna o grande conselheiro e o grande perito, se não na arte de governar, pelo menos na de observar, corrigir, melhorar o ‘corpo’ social e mantê-lo em permanente estado de saúde”.

A tabela exercia este controle que homogeneizava um padrão corpóreo de peso e estatura. Uma orientação desta natureza nos levava a ver a prática da abordagem neolamarckiana do desenvolvimento biológico na perspectiva da hereditariedade. Para Stepan (2005, p. 82), “[...] se o corpo sofre mudanças, elas afetam todas as partes, inclusive as células reprodutivas”. Em João Pessoa, as cozinhas dietéticas distribuíam alimentos para as crianças doentes e também fazia este controle do peso.

A higiene e a puericultura indicavam as regras da racionalização na alimentação de acordo com o compromisso na valorização da criança, cuja finalidade era evitar os erros que prejudicassem o ‘futuro’ da nação. E, sendo *A União* um periódico estatal, também contribuía com este projeto, divulgando anúncios publicitários e as ações governamentais.

Imagem 17 - Que garoto peralta!<sup>94</sup>

Fonte: *A União*, 25 jan. de 1936, p. 4.

No universo das imagens, os silêncios dos gestos refletem comportamentos e intencionalidades, neste, a estética não estava limitada ao rosto da criança, observamos que a combinação do corpo como um todo das partes, presente na representação da imagem, nos foi transmitida pelo discurso ao mencionar os benefícios que o consumo deste leite poderia proporcionar ao corpo da criança. Transmitiu-nos que a força e o vigor não poderiam existir numa parte isolada do corpo, os quais precisavam, também, de cuidados higiênicos. O leite se constituía em um elemento com nutrientes necessários ao desenvolvimento sadio que iria influenciar no peso.

Tal constatação estava revelada com o título: ‘Que garoto peralta!’ Assim, buscava associar que ser ‘levado’, ‘traquinas’ e fazer ‘travessuras’ eram representações de uma criança que demonstrava ter saúde. A existência das doenças inviabilizava estes gestos, o que certamente era esperada de toda criança sadia e robusta. Então, o leite Dryco, ao atuar no corpo da criança, moldava e fortalecia tornando-o vigoroso, ativo e autônomo, como emblema de uma cultura da saúde evocava a força e a agilidade como representação de bem estar. Ou

<sup>94</sup> “Que garoto peralta! Criança travessa é criança sadia. DRYCO torna seu filho sadio, para crescer robusto, traquinas, com os dentes fortes e os ossos rijos. DRYCO - leite puro em pó substitue o leite materno. Com DRYCO a criança dorme satisfeita, livre de febres e vômitos, e não perde peso. Uns dizem DRICO, outros DRAICO, mas DRYCO é o bom leite em pó” (*A União*, 25 de jan. de 1936, p. 4).

seja, o corpo reafirmado como uma realidade biopolítica ganhava a presença do belo e da mobilidade.

A criança representava um gesto ginástico dando movimento ao corpo em sintonia com o pensamento moderno em torno das práticas corporais, assim, poderia se contemplar a saúde, o vigor e a energia. Cabe observarmos também este gesto do corpo da criança na perspectiva de Soares (2005, p. 37), “[...] é o corpo que objetiva a ação educativa e moral por excelência [...] os gestos são signos e podem organizar-se em uma linguagem; expõem a interpretação e permitem um reconhecimento moral, psicológico e social da pessoa”. Esta associação entre vitalidade do corpo e saúde para a época parecia ser urgente e necessário se considerarmos os altos índices de mortalidade infantil e das doenças. No entanto, sabemos que promover a saúde da população acentuava, entre outras finalidades, regenerar a ‘raça’ tornando-a ‘capaz’ de servir a uma ‘ordem’ e um ‘progresso’ pensado por uma elite intelectual e econômica.

O corpo da criança refletia um rosto risonho, apresentado como um gesto natural da criança que transmitia pureza e satisfação pela sua boa condição de saúde, transformando-a numa figura cativante com ar de liberdade. Situado nos limites da cadeira que estava numa posição invertida, esta representação não seria mero entretenimento, mas uma forma de hierarquizar o domínio do ‘homem forte’ sobre as coisas e, porque não dizer, sobre as pessoas.

As práticas de dominação eram próprias de quem tinha o poder, resultado de uma seleção natural, em que vencia o ‘mais forte’ e o ‘mais apto’. Mas outra característica reforçava essa nossa visão hierarquizada do corpo da criança. Era a ideia de que esse comportamento estava associado ao consumo de um determinado produto e sob o efeito do vigor era que existiria a diferença. Nos discursos persuasivos, os signos ‘sadios’, ‘fortes’, ‘robustos’, estariam como moldura e seriam facilmente visíveis na imagem da criança que apresentava rosto risonho, com pernas e braços fortes, com uma ‘boa’ aparência visual, trajado com fino trato, ou seja, uma representação da criança elitizada, que pelos discursos do anúncio, certamente, seria alcançada por todas que consumissem este leite.

Outra particularidade da representação da criança foi a estética do olhar que dialogava com o público, convidando-o para o consumo do leite Dryco. Mas, também, refletia a alegria e a sensibilidade de ter experimentado os supostos benefícios que este leite oferecia, conforme estava dito: “Com DRYCO a criança dorme satisfeita, livre de febres e vômitos, e não perde peso”. Ao mencionar os efeitos benéficos deste leite contra as doenças, o discurso persuasivo

disciplinava a alimentação. E, parafraseando Foucault (1999, p. 166), “[...] é perigoso negligenciar as pequenas coisas”.

Estas ‘pequenas coisas’ poderiam ser estas doenças: febres e vômitos. Como pelo olhar da medicina estar com saúde era a ausência das doenças, estas também eram alertadas no anúncio e pelos médicos. Vejamos o que dizia o Dr. Martinho da Rocha (1935, p. 88-164), “Na febre a temperatura sobe, o rosto se mostra afogueado, os olhos lacrimosos, a respiração offegante. Num caso de vômitos lembrem-se da possibilidade de moléstias infecciosas; reveja a dieta. Na alimentação artificial encarem o vomito com desconfiança”. O alerta deste médico tinha a intenção de despertar nas mães a percepção de observar o filho e ter precaução na alimentação.

Com estas estratégias, o anúncio exercia a disciplina como dispositivo de poder, controlando o corpo da criança e dos pais que eram sensibilizados pelas representações dos ‘novos’ hábitos culturais de alimentar o filho para consumir os produtos divulgados. As referências estéticas foram apresentadas a partir dos ‘benefícios’ ao consumir o leite Dryco, prevenindo as doenças. Segundo Luna (2009, p. 240), “[...] as orientações quanto ao momento de introdução de cada alimento variavam conforme a interpretação dos médicos sobre a dinâmica digestiva e nutricional da criança”.

Mas, como muitos médicos contavam com o ‘amor materno’ nessa prática educativa de alimentar a criança e a publicidade não estava alheia a estes discursos, se difundiam os alimentos artificiais como substitutos do leite materno. ‘DRYCO-leite puro em pó substitui o leite materno’. A substituição do leite materno não excluía a mãe da sua obrigação maternal de alimentar o filho. Assim, a publicidade se apropriava deste determinismo ‘natural’ para ofertar os alimentos artificiais divulgados através dos anúncios publicitários. O uso da publicidade nesta direção poderia desencadear o que disse Mateus (2011, p. 10), “[...] a publicidade envolve a participação da sociedade e do indivíduo nos processos de decisão colectiva, permitindo a produção, reprodução e transformação de um imaginário comum potenciador de integração e coesão sociais”.

Imagem 18 - Pernas bambas...<sup>95</sup>

Fonte: *A União*, 10 nov. de 1935, p. 5.

Diferentemente dos anúncios anteriores, cuja representação da criança evidenciava vitalidade e beleza, este buscava sensibilizar as mães com a representação de uma criança com o olhar triste, carente de atenção, aparentemente sem cuidados higiênicos e eugênicos, representada como diz o título: com as ‘pernas bambas’. O anúncio alertava para a ausência de vitaminas, cálcio e phosphato que eram necessárias ao desenvolvimento sadio da criança. A partir da maneira de empregar a imagem, deduzimos que o anúncio alertava para os perigos do raquitismo, que provocava a deformação óssea, problemas dentários e, conseqüentemente, atraso no crescimento da criança. O que certamente justificasse a representação da criança com as pernas tortas.

Como disse Certeau (1994, p. 101), a arte de “dar um golpe” é o senso da ocasião, aproveitamos a intencionalidade desta imagem para insinuar ‘o insight de outra coisa’, ou seja, acrescentar que a partir das ‘pernas bambas’ podemos deduzir que isto também resultaria na perda de peso que enfraquecia a criança. A ideia de combater a deformação corporal seria, então, outra maneira de fazer os consumidores se interessarem por este leite, assegurando a

<sup>95</sup> “PERNAS BAMBAS... Cuide de seu filho, verifique seu peso, observe-lhe a conformação ossea, as pernas. É preciso dar-lhe vitaminas, calcio e phosphato, para que elle tenha pernas firmes. Dryco, o bom leite em pó, é o alimento adequado para que a criança cresça robusta, vigorosa. Dryco vem acondicionado em dois tamanhos. DRYCO”. (*A União*, 10 de Nov. de 1935, p. 5).

sobrevivência saudável da criança, com o artifício da necessidade que seria elevar o peso e fortalecer os ossos.

Considerando que a eugenia buscava, por meio do controle social, melhorar a formação física e mental das futuras gerações, esse modelo estético da criança não atendia às expectativas dos idealizadores dessa ciência nem do projeto de nação pensado para o Brasil. Como disseram Marques e Farias (2010, p. 86), “[...] eugenizar à moda paranaense significava higienizar a raça naquilo que dissesse respeito à contenção das doenças deformadoras da boa geração de depauperamento biológico dos corpos”.

O anúncio revelava seu poder de persuasão pela necessidade de se cuidar da saúde da criança e o leite Dryco, neste caso, funcionaria como alimento medicamentoso com a promessa de atuar no agravamento do raquitismo que estava representado nas ‘pernas tortas’, que seria proveniente da ausência de uma alimentação que contivesse ferro e vitamina D. Pregava-se que a falta de uma alimentação adequada e de cuidados com as crianças poderia comprometer o futuro da nação. A fim de evitar essas possíveis perdas, os médicos exaltavam seu ‘zelo’ e ‘preocupação’ com as crianças, como ‘esperança da Pátria’, conforme constatamos no discurso do Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães, no Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância (1922):

[...] Se não temos hoje homens é porque não foram bem aproveitados e dirigidos os meninos de ontem [...] Criança, nós crêmos que és a esperança da Pátria estremecida como estrella refulgente, a manhã em seu limpido céu, nós te queremos, aqui nos congregamos pelo desejo de concorrer para a tua máxima felicidade contribuindo dest’arte para a ordem e o progresso do Brasil. (MAGALHÃES, Dr. Alfredo Ferreira. Discurso no Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, 1922, p. 134).

Entretanto, não se pode apreender este discurso do Dr. Alfredo Ferreira Magalhães e do anúncio só pelo prisma da doença e da saúde, pois sendo o produto voltado para o consumo do ponto de vista do marketing, expôs seu subjetivismo servindo às condições financeiras de grupos distintos, quando apresentou o seguinte argumento: ‘Dryco vem acondicionado em dois tamanhos’. Esta possibilidade de tamanhos subtendia, também, uma variação de preços, supostamente acessível a todos.

Se o consumo do leite Dryco era algo indispensável para formar um corpo saudável, refletido também na aparência, o mesmo buscava atrair o consumidor apresentando os benefícios, com graça e doçura, ao representar uma criança branca, com olhar cheio de inocência, que aparentemente aprisionava um público mais sensível pela sua debilidade.

Então, era preciso superar esta condição da criança, reconstruindo sua imagem de beleza que, de acordo com a estética da robustez, para ter uma aparência sadia precisava estar nos padrões apresentados pelos médicos, conforme identificamos nos discursos do Dr. Martinho da Rocha (1935): frescura e matiz corada, pelle lisa, elástica, ligeiramente humida; bocca rosada, carnes rijas, manta gordurosa subcutânea farta; sonno longo e profundo, choro forte, movimentos enérgicos das pernas e dos braços excelente appetite.

**Imagem 19 - Qual dellas merece mais cuidado?<sup>96</sup>**

Domingo, 3 de maio de 1936

Qual dellas merece mais cuidado?

a roupinha do bebê ou a sua alimentação?  
 Quantas mães carinhosas e cheias de amor pelos seus filhinhos, mas pouco previdentes, concentram todos os seus cuidados na confecção e escolha da roupinha, deixando ao acaso, ou aos conselhos das "comadres" a indicação do alimento que lhe deve ser dado!  
 Da alimentação nos primeiros mezes de vida depende, não só a saúde, mas também o futuro do seu bebê!

Por isso, si não puder amamentar-o ao seio, dê a seu filhinho um leite de qualidade e pureza garantidas: o Leite Condensado Marca "MOÇA". Preparado segundo os processos científicos mais modernos, o Leite Condensado Marca "MOÇA" resolve perfeitamente o problema da alimentação das crianças desde os primeiros dias de vida.

LEITE CONDENSADO  
 MARCA MOÇA

NESTLÉ

MO-CEO-4

Fonte: *A União*, 3 mai. de 1936, p. 7.

Com o título “Qual dellas merece mais cuidado?”, o anúncio criticava as mães que dedicavam mais atenção e cuidados com o enxoval do bebê do que com a saúde e a alimentação, pois, na ordem da natureza humana, o que se esperava do ‘amor materno’ era que a prioridade fosse nestes aspectos. Este alerta codificava as condutas das mães e, ao mesmo tempo, funcionava como uma forma de controle social do corpo da criança, cuja ‘boa’

<sup>96</sup> “Qual dellas merece mais cuidado? A roupinha do bebê ou a sua alimentação? Quantas mães carinhosas e cheias de amor pelos seus filhinhos, mas pouco previdentes, concentram todos os seus cuidados na confecção e escolha da roupinha, deixando ao acaso, ou aos conselhos das ‘comadres’ a indicação do alimento que lhe deve ser dado! Da alimentação nos primeiros mezes de vida depende, não só a saúde, mas também o futuro do bebê! [...] Preparado segundo os processos científicos mais modernos, o Leite Condensado Marca “Moça” resolve perfeitamente o problema da alimentação das crianças desde os primeiros dias de vida. LEITE CONDENSADO MARCA MOÇA”. (*A União*, 3 de maio de 1936, p. 7).

aparência seria adquirida por meio do consumo do alimento e não pela superficialidade da roupa. A percepção simbólica do corpo da criança nesta publicidade estava representada no rosto do imaginário clássico, cujos traços fisionômicos eram ser branca, pelle lisa, olhos claros e cabelos loiros.

No universo da cultura material a roupa funciona como símbolo de distinção entre grupos e/ou pessoas, possibilitando um traço distintivo de uma posição social. Certamente, estes aspectos sensibilizavam as mães a terem um olhar mais delicado para este componente cultural. Do ponto de vista do asseio e do conforto, o vestuário da criança deveria merecer atenção. As roupas deveriam ser amplas e o tecido de acordo com as estações do ano. As imagens das vestes, que são os primeiros pontos de argumentação da crítica deste anúncio, demonstravam a elegância, com fitas e laços, certamente seguindo os padrões da moda na época que eram divulgadas nos periódicos.

Outro paradoxo alertado seria deixar a alimentação da criança pelos “conselhos das ‘comadres’”. Esta observância criticava os ‘saberes populares’, aos quais muitas famílias recorriam e eram combatidas pelos médicos. A ‘boa’ intencionalidade do alerta era para os perigos de que a alimentação mal orientada poderia provocar ‘embaraços’ intestinais nas crianças. Este discurso também era alimentado por outras práticas simbólicas do poder do capitalismo, quando apresentava a ‘roupa’ e as ‘comadres’ como concorrentes imperfeitas, que prejudicariam a saúde da criança.

Para apreciarmos as intencionalidades desta publicidade é bom lembrarmos que, além de vender o produto, os autores que a confeccionaram estavam sob os efeitos sociais e políticos da época, baseadas num padrão de bem-estar social em que o alimento de ‘boa qualidade’ era divulgado como sinônimo de saúde, iniciado no nascimento da criança e dando continuidade na vida adulta, conforme podemos constatar quando se enfatiza: [...] si não puder amamantal-o ao seio, dê a seu filhinho um leite de qualidade e pureza garantidas: o Leite Condensado Marca ‘Moça’ (*A União*, 3 de maio de 1936, p. 7).

Mais uma vez, a publicidade se apropriava do pensamento eugenista, e dizia: “Da alimentação nos primeiros meses de vida depende, não só a saúde, mas também o futuro do bebê!” De forma simbólica, evidenciava o processo de desenvolvimento biológico do corpo e através da ação do discurso exercia o poder disciplinar sobre as mães e as crianças em três condições. Primeiro, o reconhecimento humano e a fragilidade biológica do filho que precisava mais da alimentação do que da roupa, depois, a reação aos conselhos sem fundamentos da ciência, ditos pelas ‘comadres’ e, por fim, a fabricação de um alimento ‘ideal’ que ‘resolvia perfeitamente o problema da alimentação das crianças. Como não bastasse todos

estes apelos em sintonia com o ideário higienista, o anúncio ainda reforçava a ‘importância’ e a ‘qualidade’ deste produto pelo saber da ciência.

Na frase “O Leite Condensado Marca ‘Moça’ resolve perfeitamente o problema da alimentação das crianças desde os primeiros dias de vida”, contrariavam as prescrições do médico. E sobre esta discordância, encontramos os argumentos do Dr. Martinho da Rocha (1935, p. 68), que defendia que “[...] as diluições feitas com o leite condensado nunca são idênticas ao leite fresco”. Mesmo este médico que tinha muita influência sobre os demais pediatras no Brasil não prescrevendo esse tipo de leite, a indústria fabricante continuava produzindo e divulgando este produto, inclusive nas revistas de medicina.

Conforme nos explica Kirkpatrick (1997, p. 50):

[...] a propaganda teria de ser uma instituição moralmente boa, não porque contribui para o bem-estar da sociedade, mas porque apela ao interesse pessoal de consumidores individuais, para o ganho egoísta de produtores individuais.

A imagem ideal da criança descrita nas propagandas como um referencial de saúde e beleza representava um viés do capitalismo, de garantir o controle das futuras ‘massas trabalhadoras’. Para o anúncio, importante era o consumidor; para o médico, a mão de obra do futuro trabalhador e a proteção da elite, da qual ele também fazia parte. Diante desse quadro, interessa-nos pensar que havia uma intervenção social intensa no modo de educar, criar e alimentar uma criança por parte dos médicos, cujas práticas remetem ao século XIX. Conforme encontramos em Gondra (2004, p. 88):

Esta ampliação no leque de interesses da medicina pode ser interpretada como um movimento de invenção da dimensão médico-sanitária dos problemas sociais, o qual colaborou para o sucesso do projeto de popularização e de legitimação do saber médico, pois, transformar as respostas aos problemas sociais em uma das competências da medicina colaboraria para redefinir seu próprio conceito, prestígio e poder.

Se apropriando deste prestígio dos médicos junto à sociedade, as indústrias de alimentos para crianças patrocinavam os médicos como ferramentas de divulgação e prescrição dos seus produtos, que em nome de uma sociedade higienizada justificavam que grande parte dos males da saúde da criança passavam pela ausência de uma alimentação adequada, fruto da ‘ignorância’ de muitas mães.

Imagem 20 - Si elle pudesse fallar<sup>97</sup>



Fonte: *A União*, 10 mai. de 1936, p. 7.

Com o título: ‘Si elle pudesse fallar’, a criança apareceu como protagonista da sua história reconhecendo atuação da ‘maesinha’ na sua qualidade de vida cujos efeitos seriam, estar ‘contente’, ‘disposto’ e ‘forte’. Estes dispositivos representavam a vitalidade esperada das ações corporais para o futuro cidadão da Pátria. Com a harmonia destes dispositivos ocorreria a sujeição a partir da materialidade dos corpos moldados pelo consumo do leite “Moça”, a partir da ação do poder da ‘mãesinha meiga e dedicada’. Como disse Foucault (2015, p. 284), “[...] o indivíduo é um efeito do poder”. A figura da mãe ao exercer este poder propagado neste anúncio realizando o controle sobre a alimentação do filho, os benefícios estariam refletidos na composição corporal pela estética da beleza, representada na criança da imagem.

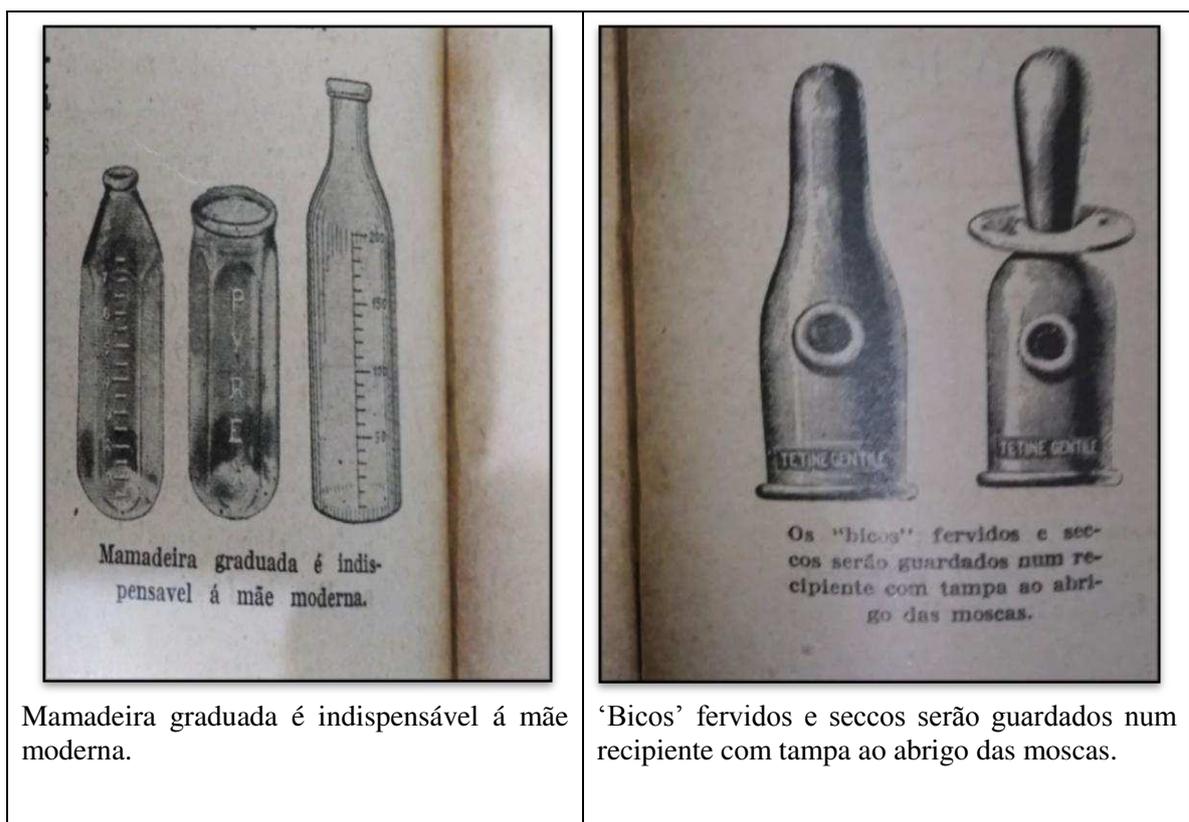
Diferente do anúncio anterior, que culpava a mãe pelas deficiências na alimentação da criança, este exaltava o compromisso e a atuação dela ao alimentar o filho com o ‘Leite

<sup>97</sup> “Si elle pudesse fallar. Exprimiria certamente o seu contentamento por sentir tão forte, bem disposto e querido por todos, especialmente pela sua bôa mãesinha... por essa mãesinha meiga e dedicada que sabe adivinhar todos os seus desejos! Mãesinha sabe muito bem a impaciencia com a qual elle espera a hora de tomar a sua mamadeira, preparada com o delicioso e purissimo Leite Condensado Marca ‘Moça’! Foi também com o Leite Marca ‘Moça’ que foram criados os seus dois irmãosinhos, que hoje são dois garotos sadios e robustos. Por isso mãesinha elogia sempre o leite ‘Moça’, que é preparado pela Nestlé com leite da melhor qualidade e pelos processos mais modernos. É um leite puro e garantido, que merece toda a confiança. Leite Condensado Marca ‘Moça’” (*A União*, 10 de maio de 1936, p. 7).

Moça’. Com o apelo: “Mãesinha sabe muito bem a impaciência com a qual elle espera a hora de tomar a sua mamadeira preparada com o delicioso e puríssimo Leite Condensado Marca ‘Moça’”. Exaltava-se o compromisso social da mãe com os filhos, resultado do afeto maternal naturalizado nas mulheres e sensibilizado para o consumo do Leite “Moça”.

Do ponto de vista higiênico, a representação da criança estava fortemente vinculada aos padrões estéticos idealizados, da criança sadia com bochechas salientes, sorridente, olhar cativante, exalando saúde e alegria. O ativismo maternal da mãe foi evidenciado pelo fato de já ter ‘criado os seus dois irmãosinhos, que hoje são dois garotos sadios e robustos’. Com esta sentença, o comer apareceu como um ato de escolhas que ofereceria benefícios, já vivenciados por esta mãe com os outros dois filhos, mesmo que para isto tenham sido usadas mamadeiras.

**Imagem 21 - Mamadeiras e bicos**



**Fonte:** *Cartilha das Mães* do Dr. Martinho da Rocha, 1935, p. 54-55.

Temos aqui uma representação do tipo de mamadeiras e ‘bicos’ que eram indicados pelos médicos para a mãe utilizar quando fosse alimentar o filho que não estivesse amamentando, ou seja, como dizia o Dr. Martinho da Rocha (1935), com ‘alimentação

artificial'. As mamadeiras 'graduadas' se referiam às medidas para a dosagem adequada do volume da alimentação que a criança deveria consumir.

A criança alimentada artificialmente fazia uso da mamadeira e, para evitar as diarreias e infecções gastrointestinais, era necessário livrar as mamadeiras das contaminações que poderiam ocorrer pela inadequada higienização. De acordo com Larocca e Marques (2010, p. 648), "[...] o conceito de limpeza passou a refletir o processo de civilização de uma sociedade, moldando gradualmente as sensações corporais. Refinou comportamentos e desencadeou, sutilmente, seu polimento [...]". Portanto, ao pensar em higienizar o corpo era necessário, também, prevenir as doenças por via oral.

Este 'novo' manejo alimentar atribuía às mães práticas de cuidados com a higiene no manuseio do alimento, mesmo sendo o 'Leite Moça' 'preparado pela Nestlé com leite da melhor qualidade e pelos processos mais modernos'. Este fato não insentava a mãe de realizar a higiene da mamadeira e dos bicos, conforme estava prescrito pelo Dr. Martinho da Rocha. Nas mamadeiras, utilizavam-se 'bicos' flexíveis como forma de adaptar a criança a esta nova forma de se alimentar, pois a ideia era manter uma aproximação com o seio da mãe, a fim de evitar a rejeição do 'novo' alimento.

Para evitar a rejeição da mamadeira, o Dr. Martinho da Rocha (1935) prescreveu na *Cartilha das Mães* o que ele chamou de manejo da alimentação artificial e composição das mamadeiras, que consideramos pertinente apresentar neste espaço porque identificamos nestas prescrições um conjunto de dispositivos, em certo sentido, apresentados como medidas de segurança, mas também como prática disciplinar da alimentação da criança.

Na alimentação artificial empreguem o leite de vacca. Tratando-se de criança de baixa idade, juntem ao leite além de assucar, parte igual de cozimento de cereaes (cevada, cevadinha, aveia, gomma de arroz, de congica). A quota de assucar (5 a 8%), a concentração dos cozimentos (2 a 3 %) e mingãos (3 a 5%), assim cada refeição deve ser fiscalizada pelo medico. No primeiro mez de vida, o petiz deve ingerir como volume total de alimento em 24 horas, 1/5 a 1/6 de seu peso; do 2º ao 6º 1/7 e dahi por deante 1/8 a 1/9. (ROCHA, 1935, p. 59).

**Imagem 22 - Leite Condensado marca ‘Moça’<sup>98</sup>**



**Fonte:** *A União*, 18 nov. de 1937, p. 3.

Nesta reflexão, mais uma vez, fomos convidadas a contemplar o corpo da criança como um mapa da vida saudável representado através do sorriso, mediado pelo princípio da saúde, reforçada pela sentença: ‘o lactente sadio resiste gargalhadamente a todas as infecções, raramente adoeca’. Este discurso construía no imaginário social que o sorriso era uma tendência estética de um estado de bem estar, funcionando inclusive como metáfora da saúde. Para Souza (2014, p. 406):

[...] isso nos ajuda a pensar que na domesticação ou na disciplinarização dos sentidos estimula-se e fabrica-se [...] os sujeitos a se sentirem competentes e autônomos ao reafirmar e reproduzir seus elementos, seus códigos, seus gestos.

Com o pensamento de Souza (2014), percebemos que o corpo da criança destacava-se pelos códigos da higiene com pele clara, braços fortes, nos quais eram depositadas as esperanças dos ‘bons cidadãos’ sadios e disciplinados. Todos estes esquemas atuavam em

<sup>98</sup> “O lactente sadio resiste gargalhadamente a todas infecções. Raramente adoeca. Não deixe seu filhinho perder sua capacidade de resistência com uma alimentação fraca ou defeituosa. Na falta do Leite materno, use o Leite Condensado ‘Moça’, da Nestlé. O Leite Condensado ‘Moça’ é fabricado com o melhor leite fresco, dele conservando todas as vitaminas por um processo especial de condensação a baixa temperatura. E têm a vantagem de ser bacteriologicamente puro e de conservação perfeita. LEITE CONDENSADO MARCA ‘MOÇA’” (*A União*, 18 de novembro de 1937, p. 3).

torno do projeto de nação, mas também de valorizar um produto com dimensões medicamentosas para evitar que a criança ficasse ‘fraca’ e ‘defeituosa’. Ser defeituoso era um estigma, empecilho ao avanço social e um atraso para a família, tal defeito poderia ser de origem moral e provocada pela promiscuidade do casal através da sífilis, que poderia passar para a criança ou de ordem genética.

Na imagem também se destacava a receptividade da beleza da mãe, na qual constatamos de forma simbólica o reforço dado ao vínculo maternal pelo seu olhar ao contemplar o filho. A ação disciplinar estava representada na frase: “Não deixe seu filhinho perder sua capacidade de resistência com uma alimentação fraca ou defeituosa”. A partir daí, a criança estava inserida na construção de um ‘mundo’ dos mais ‘fortes’ e a propaganda exercia sobre a mãe a governamentalidade, visando à unificação das práticas alimentares das crianças.

### Imagem 23 - O Somno do bebê deve ser calmo<sup>99</sup>

ado, 23 de maio de 1936

**O SOMNO DO BÊBÊ DEVE SER CALMO**

Si não dorme bem, si se accorda com frequencia, e chora sem motivo plausivel (calor, frio, roupa molhada ou apertada, etc) não passe as noites em claro embalando-o. A causa pode ser o seu estado de saude. Convem, pois, consultar o medico.

Varias causas podem influir para alterar a saude de uma criança e a mais frequente é um regime alimentar inadequado.

Indague do seu medico qual o producto Nestlé que convem para o seu bebê. Apesar de serem de uso muito facil, conforme o caso, a idade e a constituição das crianças ha indicações especiaes. Talvez seja o Lactogeno, excellente leite em pó meternizado, que sirva... Mas é possivel que venha começar com o Nestogeno igualmente leite em pó de excellent qualidade, mas parcialmente desnatado. Consulte o seu medico.

**LACTOGENO** **Nestogeno**

Lg Ne-CEO-3

AGENTES NESTE ESTADO:  
**L I S B O A & C I A**  
RUA MACIEL PINHEIRO, 13 — JOAO PESSOA  
End. Teleg. — L I S B O A

Fonte: *A União*, 23 mai. de 1936, p. 7.

<sup>99</sup> “O SOMNO DO BÊBÊ DEVE SER CALMO. Si não dorme bem, si vê se accordado com frequência e chora sem motivo plausivel (calor, frio ou roupa molhada ou apertada, etc) não passe as noites em claro embalando-o. A causa pode ser o seu estado de saude. Convem, pois, consultar um medico. Varias causas podem influir para alterar a saude de uma criança e a mais frequente é um regime alimentar inadequado. Indague do seu medico qual o producto Nestlé que convem para o seu bebê. Apesar de serem de uso muito fácil, conforme o caso a idade e a constituição das crianças, há indicações especiaes. Talvez seja o Lactogeno, excellente leite em pó meternizado, que sirva... Mas é possivel que venha começar com o Nestogeno igualmente leite em pó de excellent qualidade, mas parcialmente desnatado. Consulte o seu medico. ‘LACTOGENO’, ‘NESTOGENO’”. (*A União*, 23 de maio de 1936, p. 7).

Atenta a toda composição corporal e necessidade biológica do ser humano, com o título: ‘O somno do bebê deve ser calmo’, este anúncio assumiu seu caráter pedagógico apresentando o sono como um dispositivo de controle que deveria despertar o interesse da mãe, mas também representava a condição sadia em que se encontrava esta criança. Os possíveis sinais de desconforto deveriam funcionar como advertência sobre a condição de saúde. Mais uma vez, a presença do médico como personalidade pública foi exaltada como aquele que tinha o ‘poder’ de avaliar os sintomas e dar um diagnóstico. Zelar pelo sono também funcionava como uma prática educativa de higiene, pois, além do ambiente do quarto da criança ter de estar limpo, o sono tranquilo contribuía para o crescimento e o peso da criança. Esta condição do sono poderia ser conquistada, também, através da alimentação e era disciplinada pelos adultos, conforme estava no artigo: Cuidados a ter com as crianças: somno- berço.

A criança deve sempre dormir no berço. Nunca com a mãe ou com a ama, porque isto é prejudicial á sua saúde e até pode morrer esmagado. A posição mais conveniente é de lado, de preferência do lado direito. Nunca de costas porque o mais pequeno vômito a pode asphixiar. O berço não deve ter movimento algum. Quanto mais pequena é a creança, mais deve dormir não só de noite, mas também de dia. Se dorme pouco é porque não está bem. (*Era Nova*, 15 de junho, anno 1, nº 6, 1921, p.12).

A imagem projetou a criança ideal de acordo com o que estava no discurso desta revista no ambiente privilegiado, ou seja, uma criança bela, que dormia no berço o ‘sono dos anjos’, com uma fragilidade que poderia ser fortalecida pelo consumo de um ‘alimento adequado’. No artigo, estar bem era sinônimo de dormir muito. Mas, esta prática requiritava cuidados. O consumo deste leite era para a criança, principalmente as pequenas que ainda estavam em processo de formação corporal e do caráter. Segundo Certeau (1999, p. 98), “[...] contabiliza-se aquilo que é usado, não as maneiras de utilizá-lo”.

Para Mansanera e Silva (2000, p. 129), “[...] recomendavam um acompanhamento cuidadoso na fase da infância, por ser esse o momento da formação do psiquismo, o momento em que se estruturaria a personalidade”. Nessa dinâmica, foi construída a ‘arte do bem viver’, era o que se esperava de toda criança alimentada de acordo com os padrões da higiene estabelecidos pelos médicos. Sobre esta importância dada aos médicos, consideramos importante apresentar como eles se auto proclamavam na Paraíba.

Nós já estamos no inicio de uma phase, em que nos voltamos para as cousas economicas, sociaes e mentaes, nas suas relações com a saúde. A sciencia

marcha em progressão geométrica; cada dia, novos fatos justificam outros, que se multiplicam na medicina como na hygiene. Nós, médicos parahybanos, que vemos tão claramente como se ampliam o tão magestosos horizontes da medicina preventiva, [...] não podemos deixar de penetrar neste estonteamento de luz, levando, como o nosso esforço, o nosso concurso pela saúde da raça. Aqui estamos pelo sentimento do patriotismo, batalhando pelo soerguimento do nosso homem. [...] (CASTRO, Dr. Oscar. Discurso pronunciado como orador oficial da Semana Medica. 1927, p. XIII)<sup>100</sup>.

No discurso do Dr. Oscar de Castro (1927) constatamos a importância que os médicos atribuíam ao seu trabalho perante a sociedade paraibana, assumindo posição social de destaque e influenciando no poder público. Corroborando com a importância do médico, o anúncio sugeria que para consumir o leite divulgado, em caso de dúvidas, era melhor consultar um médico. Ao ter sua capacidade reconhecida ao prescrever o alimento adequado para o crescimento sadio da criança o médico contribuía para moldar o seu corpo de acordo com os padrões da eugenia, como disse o médico: “[...] levando com o nosso esforço, o nosso concurso pela saúde da raça”.

#### Imagem 24 - Um bebê Nestlé<sup>101</sup>



Fonte: *A União*, 24 nov. de 1937, p. 7.

<sup>100</sup> Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba – Semana Medica – Período de 3 a 9 de maio de 1927-*Imprensa Oficial da Parahyba*.

<sup>101</sup> “Um bebê NESTLÉ. A jovem mamãe sempre diz: Não há criança mais tranquila que filhinho! Dorme a noite inteira um somno único e profundo. É a característica das crianças saudáveis e bem nutridas. Foi alimentada exclusivamente com o LACTOGENO, depois que mamãe perdeu o leite. O LACTOGENO é o leite maternizado da Nestlé, indicado especialmente para as crianças sadias e normaes”. (*A União*, 24 de novembro de 1937, p. 7).

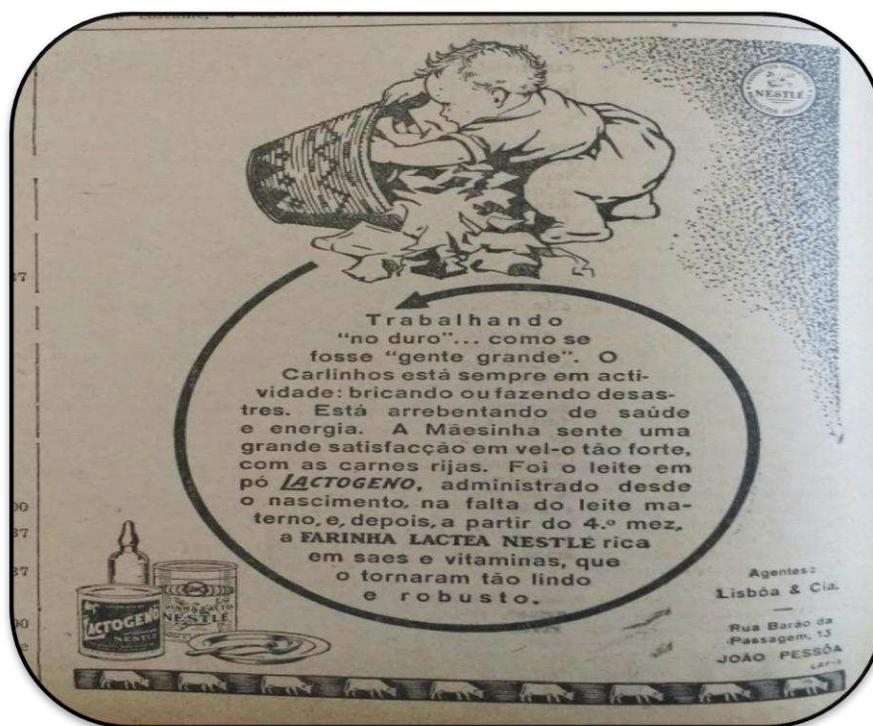
O título: ‘Um bebê Nestlé’, exaltava a beleza pelo consumo do produto, sendo, então, como diz Certeau (1999, p. 101), “[...] a estratégia organizada pelo postulado de um poder”. Com este aspecto, o apelo para o consumo não teve por base o saber científico, mas o reconhecimento da empresa. Ou seja, houve uma mudança estratégica colocando a empresa distinta das outras. Com efeito, um ‘bebê Nestlé’ seria uma criança diferente que provavelmente se distinguia das outras pela composição corporal, certamente conquistada através do consumo do leite Lactogeno, que embora fosse artificial, era prescrito para substituir o leite materno.

A expressão do rosto da criança com pele branca, com ar de serenidade, talvez justificasse a retórica do anúncio atribuído à mãe quando diz: “[...] não há criança mais tranquila que filhinho! Dorme a noite inteira um sono único e profundo”. O dispositivo do sono, mais uma vez, apareceu como uma expressão do corpo e do rosto marcado pela reação do consumo deste leite, no qual a ‘criança seria saudável e bem nutrida’. Esta era uma condição, objeto do desejo de todas as mães que pensavam no bem estar do filho, que certamente não poderia ser alcançada com o consumo de outro leite, e com este a tranquilidade seria uma arte possível.

Ao apresentar o leite Lactogeno como um leite maternizado, o anúncio recorreu à categoria da representação, como disse Chartier (2002, p. 22), “[...] faz tomar o logro pela verdade, que ostenta os signos visíveis como prova de uma realidade que não o é”. Neste caso, a ordem do discurso foi invertida para fornecer evidência de que a mãe estaria segura das ‘boas’ propriedades deste leite para alimentar o filho. Então, essa fronteira entre o leite artificial e o leite materno seria superada pelos supostos ‘benefícios’, ‘especialmente para as crianças sadias e normaes’.

O argumento da normalidade que conclui o discurso nos apareceu como fruto de preconceito, numa sociedade que construiu padrões estéticos de beleza pela abordagem biológica do eugenismo, na qual as características desejáveis eram as aparências físicas e as práticas morais, sendo resultado da transmissão hereditária dos que eram providos de ‘qualidades superiores’. Para Stepan (2005, p. 52), “[...] dentro da família, o enfoque nas mulheres e nas crianças parecia bastante natural, uma vez que as mortes de ‘fraqueza’ e os natimortos respondiam a 70 da mortalidade de todas as crianças recém-nascidas”.

**Imagem 25 - Trabalhando no duro... como se fosse gente grande.<sup>102</sup>**



**Fonte:** *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba* - João Pessoa, Ano V, nº 1, 1936, s.p.

Entre os anúncios pesquisados, este inaugurou um ‘novo modo’ de apresentar o corpo da criança. Se observarmos apenas a imagem, diríamos que representava uma criança brincando, mas o texto escrito remetia a uma prática simbólica do trabalho num esforço de colocar o corpo da criança sob a perspectiva social do trabalhador. Esta representação comungava com a ideia do Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães (1922, p. 135), de que era necessário fazer-se “Physicamente fortes as creanças, não deixando de utilizar os ensinamentos da eugenia e da eugenetica, da puericultura em todos os seus detalhes”. Por este prisma, o corpo belo da criança trazia as ‘qualidades’ que se esperava do cidadão trabalhador brasileiro. Nesta trajetória, a força persuasiva da publicidade construía um ‘ideal de cidadão’ representado na figura de Carlinhos, vinculado aos códigos do capitalismo.

Nos discursos destes anúncios entravam em cena o viés do capitalismo, que se apropriava do ‘modelo’ político que estava sendo desenhado para o Brasil e fazia deste cenário seu espaço de lucro. Pelo prisma do projeto de modernização do país, os médicos

<sup>102</sup> “Trabalhando ‘no duro’ ... como se fosse ‘gente grande’. O Carlinhos está sempre em actividade: brincando ou fazendo desastres. Está arrebrandando de saúde e energia. A Mãesinha sente uma grande satisfação em vel-o todo forte, com as carnes rijas. Foi o leite em pó LACTOGENO, administrado desde o nascimento, na falta do leite materno, e, depois, a partir do 4º mez, a FARINHA LACTEA NESTLÉ rica em saes e vitaminas, que o tornaram tão lindo e robusto. (*Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba* - João Pessoa, Ano V, nº 1, 1936, s.p).

aliados do governo desempenhavam seu papel de ‘sanear’, ‘eugenizar’ e ‘moralizar’ as famílias. Então, podemos compreender, como disse Le Goff (1996, p. 173), o termo 'moderno' assinala a tomada de consciência de uma ruptura com o passado, por outro, não está carregado de tantos sentidos como os seus semelhantes 'novo' e (o substantivo) 'progresso'. Mas foi o apelo ao ‘novo’ e ao progresso, movido pelos interesses econômicos que fez o governo brasileiro, aliado com a elite, a convocar o saber da ciência para intervir no corpo social e do indivíduo, preparando-os para o mundo do trabalho.

Nesta perspectiva, o governo tinha o controle do corpo da criança, o que remonta ao domínio externo do poder público sobre o indivíduo que mobilizava um aparato tecnológico munido de um saber científico para justificar suas ações. Possibilitando uma governamentalidade que, na compreensão das ideias de Foucault, “[...] não era só o Estado que exercia a função de governo, mas múltiplos agentes e ou instituições<sup>103</sup>”. Estes disciplinavam e moldavam os corpos tornando-os dóceis, a partir do disciplinamento das práticas de higiene e alimentação.

Para Certeau (1999, p. 179), “[...] a arte de ‘moldar’ frases tem como equivalente uma arte de moldar percursos”. Então, a caminhada até aqui nos insinua outras viagens sobre o corpo da criança, em que só o leite não era suficiente para deixá-la sadia e com ossos hijos. Sendo o corpo um lugar de passagem, que se ajustou e se modelou com outros alimentos, saímos do leite e problematizamos outros discursos envolvendo os farináceos.

## 2.2 Corpos robustos: esculpidos com massas

Cuidemos dos pequeninos,  
Com o mais constante afã;  
Pois de agora, estes meninos  
São os homens de amanhã!<sup>104</sup>

A ideia dos ‘homens de amanhã’, do Dr. Américo Falcão, era um discurso recorrente para os médicos, tanto nos anúncios como por parte do governo que exercia sua arte de governar tendo como aliadas as práticas médicas na missão regeneradora. Para Foucault (2015, p. 417), “[...] o governo implica, em primeiro uma pluralidade de fins específicos, por exemplo, fazer com que se produza a maior riqueza possível, que se forneça às pessoas meios de subsistência suficientes”. Estes meios também eram divulgados através dos periódicos que estampavam artigos e propagandas com medidas terapêuticas e instruções práticas de higiene

<sup>103</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. (Org.). Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2015.

<sup>104</sup> Outra estrofe do hino escrito pelo Dr. Américo Falcão (*A União*, 11 de out. de 1927, p. 5).

para tornar o corpo da criança sadio, robusto, com ossos rijos e belos. Os cuidados com o corpo se propagavam pelo país e encontraram nos periódicos meios de divulgação, entre estes, encontramos na revista *Era Nova*, de 1926, algumas prescrições com o título: Cuidados a ter com as crianças: lavagens e banhos.

É muito útil banhar a criança todos os dias, desde o seu nascimento. [...] A temperatura da água será de 35 graus durante o primeiro mez e nos seguintes de 32 no inverno e 30 no verão. Para evitar resfriado ao dar o banho é preciso que estejam bem fechadas portas e janelas. A duração do banho deverá ser de 4 a 5 minutos. A lavagem da cabeça deve fazer-se diariamente, com água temperada e sabão de cozinha, utilizando-se uma esponja fina ou algodão hidrophílico. Assim, evita-se as crostas repugnantes e que testemunhava a falta de limpeza das mães. (*Era Nova*, 15 de junho, anno 1, nº 6, 1926, p. 12).

Nessa linha de pensamento do artigo, fomos atraídas pela circularidade da estética da beleza das crianças representadas pelas tecnologias de disciplinamento do banho, que além de garantir a saúde e o bem estar, as tornavam mais belas e asseadas. Para Foucault (2015, p. 411), “[...] essas observações, que parecem simplesmente terminológicas, têm de fato implicações políticas importantes”. Então, de posse da arte de governar, os médicos exerciam a governança sobre as mães em mais esta missão sobre os filhos.

A alimentação da criança não só fortalecia o corpo, mas preparava este corpo infantil para ser protagonista de uma sociedade que se apresentava em sintonia com a modernidade, e a higiene através dos banhos completava estes ideais. Para Rocha (2016, p. 38), “[...] a higiene deve ser a primeira das artes”. A higiene passava a ser compreendida como uma medicina social, que procurava estabelecer o bem comum de forma coletiva e possibilitava a intervenção através de ações primárias, na aplicação dos conhecimentos para fazer saúde e prevenir as enfermidades”.

**Imagem 26 - Farinha Lactea Nestlé: alegria, força, vivacidade**

<p>Farinha Lactea Nestlé é agora mais que nunca o alimento ideal para as crianças.</p> <p><b>FARINHA LACTEA NESTLÉ</b></p> <p>Jornal <i>A União</i>, nov. de 1937, p. 7.</p>	<p>Nova na fabricação Moderna na composição Sempre em dia com o progresso da sciencia.</p> <p><b>FARINHA LACTEA NESTLÉ</b></p> <p>Jornal <i>A União</i>, nov. de 1937, p. 7.</p>	<p>Alegria, força, vivacidade graças a</p> <p><b>FARINHA LACTEA NESTLÉ</b></p> <p>Jornal <i>A União</i>, out. de 1937, p. 7.</p>

Na hierarquia do alimento para as crianças pequenas, as farinhas não eram prescritas pelos médicos, tendo em vista que na fase lactente o mais indicado era o leite materno. Alguns médicos atribuíam que as doenças na criança seriam resultado do uso das farinhas. Assim, encontramos na fala do Dr. Nascimento Gurgel<sup>105</sup> (1922, p. 213), o seguinte argumento: “[...] na pathogenia do escorbuto infantil não podemos deixar de admittir o factor-farinhas manufacturadas.” Outro médico que também contestava o uso das farinhas na alimentação dos pequeninos era o Dr. Martinho da Rocha (135, p. 53), “[...] se vierem amigas recommendar essa ou aquella farinha apregoada em cartazes ou cantada pelo ‘radio’, como ‘substituto do leite materno’, não lhe dêem credito”. Porém, as indústrias alimentícias pareciam ignorar estes alertas e investiam nos anúncios com o uso das imagens de crianças ‘belas’, saudáveis e sorridentes para estimular o consumo das farinhas divulgadas.

<sup>105</sup> Sessão de 4 de setembro de 1922, no Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância.

Estes três anúncios da Farinha Lactea cativaram nosso olhar, primeiro pela estrutura gráfica destacando-se os rostos das crianças e, depois, pelo fato de não ter slogan. As estéticas dos textos também traduziram uma brevidade informativa para atrair o comprador, que certamente vivia a dinâmica da vida moderna e as informações teriam que ser rápidas, mas sem omitir a ‘boa’ qualidade do produto. Como dispositivo (FOUCAULT, 2015) de convencimento utilizavam o reconhecimento científico, o resultado na vida das crianças e atribuíam características de bem estar ao consumidor.

As imagens destas três crianças loiras, olhos claros, cabelos aparentemente macios e expressão sorridente foram usadas como referenciais, deixando transparecer que as mudanças nos hábitos alimentares influenciavam na aparência e na dinâmica social, tornando a criança bela como expressão para uma ‘nova’ vida quando fosse adulta. Assim, o alimento Farinha Lactea ia além do biológico e estaria relacionando o social ao cultural, aos padrões europeus.

Com o discurso: ‘Farinha Lactea Nestlé é agora mais que nunca o alimento ideal para as crianças’, evidenciava-se que os cuidados com a alimentação e nutrição dos brasileiros, além das mudanças nas práticas, também passavam pelas trocas e substituição dos produtos. Então, tendo por objetivo induzir o consumo, estes anúncios publicitários imprimiam nas mentes do público o nome do produto - Farinha Láctea, destacado na propaganda com ‘letras garrafais’, com um apelo visual mais forte. Como disse Kirkpatrick (1997, p. 69), “[...] o trabalho da propaganda é persuadir os consumidores a preferir ou querer a marca específica do fabricante que vai ao encontro de uma dessas necessidades genéricas”.

Com esta persuasão explicada por Kirkpatrick (1997), a Farinha Lactea era apresentada como ‘alimento ideal’. Em torno deste ‘ideal’ podemos interpretar que não havia concorrente para os seus ‘benefícios’ ao garantir o crescimento biológico da criança em torno do projeto de nação higienizada. Esta suposta higienização, no segundo anúncio, estava ‘garantida’ pelos métodos modernos e científicos da produção desta farinha. Ou seja, relacionava-se alimentação e nutrição com os fatores econômicos e sociais atestados pelo cientificismo ‘redentor’ dos brasileiros.

Para Foucault (2015, p. 364), “[...] dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre elementos”. Com este aspecto prescritivo, o anúncio construiu a rede entre os dispositivos: alegria, força, vivacidade, condutas atribuídas ao bem viver com saúde, cujo foco estava estampado nos rostos das crianças. Com pequenas variações nas expressões, apresentando-se como saudáveis e fortes, as imagens padronizavam uma estética a partir deste alimento. Castro (1934, p. 14 apud BEZERRA, 2012, p. 162) “[...] acentua que não se poderia esquecer de que [...] a alimentação é um dos fatores externos mais importantes na constituição dos biótipos



Os dispositivos ‘gostosa’ e ‘deliciosa’ impulsionavam o consumo como um atrativo para a ‘felicidade’ e, mesmo diante dos ‘conselhos’ do irmão, Joãozinho não perdia a vontade. Este discurso parecia respeitar a individualidade das crianças, argumento que também era defendido pelo Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães (1922).

[...] dae ao menino luz e caminho” Formae-lhe o espírito incuti-lhe bons hábitos, cultivae os germens das virtudes em seu coração, apurae-lhe o carater. Devemos respeitar na criança a sua individualidade e jamais dizer-lhe que “menino não é gente” [...] Deste modo, teremos o desprazer de formar homens incapazes de tomar qualquer iniciativa, de praticar e executar a verdade. (MAGALHÃES, Dr. Alfredo Ferreira. Discurso no Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção á Infância, 1922, p. 135).

De posse da sua individualidade ‘Joãozinho’ foi conduzido a ser desobediente. Esta prática certamente desconstruía a ideia de pureza infantil e docilidade da criança e reforçava a tese do médico Alfredo Ferreira de Magalhães de que era necessário ‘formar homens capazes’ de tomar decisões em favor dele e do país. Ficou, então, explícito em Brites e Nunes que:

[...] o consumir não seria apenas suprir necessidades, mas “aprender” a ser e a viver de um modo idealizado e disciplinado. Há, portanto, na publicidade infantil uma dimensão pedagógica formadora de hábitos e modos de viver na qual o componente mercantil é um veículo para novas práticas de vida social. (BRITES E NUNES, 2012, p. 91).

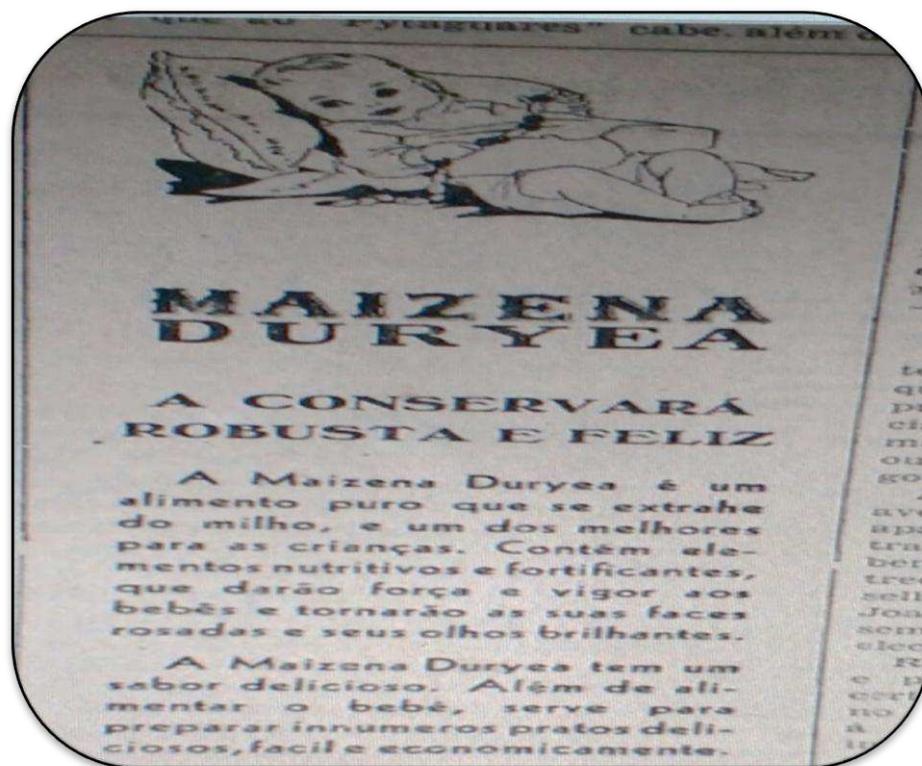
Pelo prisma de Brites e Nunes (2012), este anúncio apresentava uma dimensão pedagógica que conduzia a criança a tomar decisões. No entanto, ao exaltar a tentação ao consumo da farinha láctea, fez ponderações isentando ‘Joãozinho’ da culpa pela desobediência. Portanto, o corpo infantil era disciplinado para seduzir outros corpos, elegendo benefícios, a partir do prazer, cientificamente dosados. Ou seja, o anúncio envolvia a indústria e o saber médico em torno de um alimento ‘necessário’ a regenerar e educar a criança, tornando-a robusta e bela como uma estrela do amanhã e esperança da Pátria que se encontrava em processo de construção social e edificação econômica.

O discurso do anúncio publicitário foi além da simples venda do produto. Ele atuou como forma de conduzir o consumidor a mudar seu modo de vida, que ao consumir a farinha láctea, a criança teria uma ‘vida normal’. O suposto diálogo entre os irmãos não garantiria a realidade proposta, mas produziu de forma simbólica a necessidade de consumir este produto.

Consideramos interessante, também, as argumentações que deram vida ao produto que, através do poder de convencimento, argumentava: ‘A culpa é, porém, da Farinha Láctea

Nestlé que é tão gostosa’. Este controle disciplinar estimulava o consumo pela sensibilidade do sabor que seria ‘irresistível’ e deixava evidente a contribuição da ciência no domínio da saúde da criança ao testar a eficácia do produto, tendo o controle do consumo. O discurso deixava explícito o poder simbólico da política nacional sobre a alimentação das crianças reforçada pelo incentivo para consumir a farinha láctea, colocando o corpo da criança como futuro de uma força produtiva.

**Imagem 28 - Maizena Durya<sup>107</sup>**



**Fonte:** *A União*, set. de 1932, p. 5.

Diferente dos anúncios alimentícios anteriores, este usou como estratégia de divulgação a origem da sua composição, já que seria produzido do milho, um grão natural composto por vitaminas e minerais, do qual se extrai o amido que é o principal carboidrato. Para Certeau (1999, p. 101), “[...] a estratégia é organizada pelo postulado de um poder.” Este postulado de poder tinha por objetivo a auto valorização da Maizena Durya sobre os demais produtos, pois este era um alimento ‘completo’ por elementos nutritivos e fortificantes’. Assim, divulgava suas vantagens para dar ‘força e vigor’ e formar o corpo ‘ideal’ do bebê,

<sup>107</sup> “MAIZENA DURYA A CONSERVARÁ ROBUSTA E FELIZ. A Maizena Durya é um alimento puro que se extrai do milho, e um dos melhores para as crianças. Contem elementos nutritivos e fortificantes, que darão força e vigor aos bebês e tornarão suas faces rosadas e os olhos brilhantes. A Maizena Durya tem um sabor delicioso. Além de alimentar o bebê, serve para preparar inumeros pratos deliciosos, facil e economicamente”. (*A União*, set. de 1932, p. 5).

continuando na vida adulta, conforme estava previsto no título do anúncio: ‘a conservará robusta e feliz’.

Em sintonia com os discursos da complexidade das práticas de higiene em prol da saúde divulgadas pela medicina social e as precárias condições sanitárias das populações, contemplando uma visão global da saúde, da aparência e do bem estar da criança, a Maizena Durya apresentava seu poder para modelar o corpo da criança tornando “Suas faces rosadas e os olhos brilhantes.” Este discurso também funcionava como um ‘novo’ horizonte na expectativa do progresso da criança em torno da igualdade que cegava os discursos higienistas, e não reconhecendo as diferenças, trataram de construir um padrão corpóreo para os brasileiros, iniciando pelas crianças.

O anúncio divulgava a imagem de uma criança robusta e branca, deitada no berço esplêndido da nação, enquanto se preparava para realizar o sonho da ciência e da política brasileira na Primeira República, cujo horizonte era uma nação moderna, com a formação da identidade do povo brasileiro, com desenvolvimento científico proporcionando saúde e ‘boa’ educação à população. A Maizena Durya se enquadrava neste cenário, pois, ‘além de alimentar o bebê, serve para preparar inumeros pratos deliciosos, facil e economicamente’.

A Maizena Durya apresentava-se pronta para alimentar todos os brasileiros. Ou seja, beleza e saúde estariam garantidas a toda a família. Estes discursos reforçavam os princípios eugenistas e higienistas que foram ganhando força no país e na Paraíba, disciplinando os corpos com a ideia de progresso e modernidade, a fim de regenerar a nação do atraso e da fealdade aos moldes dos países civilizados. Na base destas articulações estavam os interesses capitalistas, que ritualizavam e inventavam um padrão alimentar como uma suposta necessidade de restaurar os ‘bons hábitos’, com a ‘maxima’ de que todos poderiam consumir e ainda eram ‘livres’ para escolher.

### **2.3 Que bella creança: o corpo com a emulsão de scott**

O Brasil agigantado, A caminho da bonança,  
Implora, ordena cuidado. Pela vida da creança<sup>108</sup>.

A estrofe da poesia do Dr. Américo Falcão – 1927, que abre este item, se aplica aos ideais propagados pelos discursos construídos com os princípios eugênicos e higienistas como possibilidade de melhoria da sociedade brasileira. Em sintonia com os ideais do seu tempo, em que os discursos políticos pregavam que o Brasil ‘caminhava para o progresso’ e para a

<sup>108</sup> Autoria do Dr. Américo Falcão - *A União*, terça-feira, 11 de out. de 1927, p. 5.

formação da sua identidade nacional que poderia se iniciar por uma reforma racial, este doutor acenava, através da sua poesia, que um dos caminhos seria cuidar das crianças. Sob os efeitos dos discursos do saber médico em sintonia com o ‘modelo’ idealizado para as crianças, a Emulsão de Scott também revelou sua aliança com a política brasileira em torno da construção de uma nação moderna e higienizada, cuja representação estava no título: Que bella creança!

**Imagem 29 - Que bella creança!<sup>109</sup>**



**Fonte:** *A União*, 27 jan. de 1929, p. 3.

O termo criança se fez presente em todos os anúncios analisados, através dos quais podemos perceber que se tratava de um ‘ser’ de pouca idade que precisava ser adestrado nos comportamentos e nas práticas culturais de se alimentar. Desse modo, sendo envolvida pelas transformações sociais, econômicas e culturais da sociedade na qual estava inserida. No entanto, em nenhuma das fases em que as crianças foram representadas nas imagens, foi possível diagnosticar o gênero. Porém, a sensibilidade do nosso olhar nos fez enxergar a

<sup>109</sup> “**Que bella creança!** Não há nada que dê maior prazer aos Paes do que a admiração que os seus filhos despertam. Criar ‘uma formosa creança’, já não é tanto uma questão do acaso, como é o resultado natural da previsão e do cuidado inteligente e constante para salvaguardar a saúde dos nossos filhos. Uma creança bella é sempre forte e saudável. Quatro gerações de creanças com a Emulsão de Scott, que é do que ha de mais precioso para robustecer e assegurar um bom desenvolvimento. Foi isso que tornou indispensável a **Emulsão de Scott**” (*A União*, 27 de Janeiro, de 1929, p. 3).

representação dominante do gênero masculino, mas este da Emulsão de Scott especificou o gênero feminino.

Este anúncio deixava transparecer que houve, por parte deste produto, um acompanhamento na trajetória do crescimento biológico da criança, construindo a cultura da beleza de que, ‘uma criança bela é sempre forte e saudável’. E que o consumo do alimento tônico Emulsão de Scott estaria ao alcance de todas. Com uma conotação de independência, foi a criança que buscou alcançar o produto. Esta também era uma prática comportamental em favor da saúde a partir do exercício corporal, para o fortalecimento dos ossos e para disciplinar o corpo, como ‘esperança da Pátria’. E este não era um discurso voltado só para os filhos das classes menos favorecidas financeiramente, os filhos da elite também eram apresentados à sociedade através dos periódicos por este mesmo discurso.

### Imagem 30 - A Esperança da Pátria...



Fonte: *Era Nova*, anno V, nº 83, 15 de julho de 1925, p. 20.

A criança sentada na primeira imagem chamava-se Joãosinho, filho de Dr. João Fernandes, delegado auxiliar. A criança do meio chamava-se Luiz, filho do Dr. João Damascena de Lima, doutor do Estado do Rio Grande do Norte. Na terceira foto são os irmãos Ivan e Yêdda, filhos do Dr. José Maria Neves, clínico em Borborema. Estas representações das crianças nos fizeram ver o que disse Stepan (2005, p. 46), que “[...] o

Brasil entrou no século XX como uma sociedade altamente estratificada tanto social quanto racialmente”.

Nesta imagem 31 percebemos pelas legendas que se tratavam de crianças da elite paraibana e sobre elas também existiam as expectativas de serem o ‘futuro da Pátria’. O que certamente fez da família um objeto de saúde pública, tendo como alvos as mulheres e as crianças, vistas como ‘corpos doentes e frágeis’ que precisavam ser higienizados, moralizados e disciplinados. Para o fortalecimento do corpo da criança, além da alimentação, eram estimulados os exercícios físicos, por meio das brincadeiras, tidas também como um aspecto do vigor e saúde da criança.

**Imagem 31 - Para as crianças brincar é viver...<sup>110</sup>**



**Fonte:** *A União*, 1 fev. de 1929, p. 3.

Segundo Stepan (2005, p. 86), “[...] as crianças, especialmente, eram vistas como recursos biológicos-políticos da nação, e considerava-se que o Estado tinha a obrigação de

<sup>110</sup> “**Para as crianças brincar é viver...** Para um desenvolvimento são e normal da criança, é preciso deixal-a brincar, exercitando-se ao ar livre, e quanto mais, melhor. Nada no mundo pode comparar-se com este excellent systema para a saúde e robustez da infancia. Há uma outra ajuda para as crianças, que a recebem com avidez, - a Emulsão de Scott. Convem dal-a ás crianças sadias, afim de mantel-as robustas; mas para os pequenos rachiticos a doentios, ou de crescimento retardado, Ella é *indispensavel*. Cuidado, não a deixe faltar aos seus filhos! **Emulsão de Scott**” (*A União*, 1º de fevereiro de 1929, p. 3).

regular a saúde delas”. Com a circulação destas informações, floresceu nas propagandas um sentimento em prol da vida das crianças, delegando um sentimento de bem estar através do consumo dos produtos que prometiam a transformação do corpo e a conquista da saúde.

No aspecto cultural, o consumo de alimentos com nutrientes e vitaminas era estimulado como sinônimo de saúde. No contexto histórico deste estudo, o saber científico contribuiu com estas escolhas a partir da divulgação de informações sobre os alimentos nos periódicos da época. Assim como com os leites, as massas e a Emulsão de Scott, alimentos que agiriam no biológico desde a infância, proporcionando saúde e robustez, características muito exploradas nos anúncios em sintonia com os discursos da ciência médica.

O título: ‘Para as creanças brincar é viver...’, ilustrado pela criança que pulava de corda, associou as práticas de exercitar o corpo com um requisito para se obter ‘saúde e robustez na infância’. Estes fundamentos do cuidado com o corpo pelos exercícios físicos também estavam prescritos desde a primeira infância. Sobre isto, encontramos o artigo intitulado: ‘Cuidados a ter com as creanças - passeios e andar’.

A partir dos sete ou oito mezes, a creança necessita fazer algum exercício. Para esse fim, o melhor é colocá-la no chão, sobre um tapete ou manta, onde brinca e termina por andar de gatas, e ao fim de um anno, ou mais começará a andar só. (*Era Nova*, anno I, nº 6, 15 de junho de 1921, p. 12).

Esta preocupação em fortalecer o corpo da criança refletia a marca da identidade de uma nação obediente. Havia nos discursos dos periódicos, dos médicos e por parte dos governos, a concepção de que as doenças nas crianças representavam um atraso para o progresso econômico e social do país e comprometia a construção de uma nacionalidade moderna. Então, era necessário construir um ideal de corpo como marca identitária de uma nação ‘forte e higienizada’. Para transformar este corpo, foram incentivadas ações pelo trato com as ‘novas’ práticas de cuidados envolvendo a higiene e a alimentação, preparando as crianças para serem adultos disciplinados e higienizados, pelos princípios dos higienistas e da eugenia que despertavam um ‘novo olhar’ para o corpo da criança, esta que deveria ser sadia e robusta e, por extensão, da futura sociedade, conforme veremos no próximo capítulo.

### CAPÍTULO III

#### “APETITE ASSIM É SIGNAL DE SAÚDE”: A CRIANÇA SADIA E ROBUSTA NOS DISCURSOS DOS ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DE ALIMENTAÇÃO INFANTIL DE 1918 A 1937



“A robustez do menino se prende estreitamente á maneira como é guiada sua vida, desde o nascimento. Um bebê sadio se distingue pela frescura e matiz corada da pelle lisa, elástica, ligeiramente humida; bocca rosada, carnes rijas, manta gordurosa subcutânea farta; sonno longo e profundo, choro forte, movimentos enérgicos das pernas e dos braços excelente appetite”.

(Dr. Martinho da Rocha, 1935, p. 159).

### 3.1 Robusteza sua criança: dê-lhe a Emulsão de Scott

A epígrafe que ilustra a entrada deste diálogo foi transcrita da *Cartilha das Mães*<sup>111</sup>, de 1935, produzida pelo Dr. Martinho da Rocha. Esta obra estava organizada como um manual de puericultura, em que se destacavam informações sobre os hábitos higiênicos e a alimentação da criança, mas o médico a denominava de ‘conselhos’, justificados como sendo frutos da larga experiência na especialidade e interesse na causa da criança. Estas palavras nos oportunizaram saber como eram representadas e idealizadas as crianças na temporalidade deste estudo. Nesta perspectiva, o objetivo deste capítulo foi explicar como os anúncios publicitários representaram a eugenia e a higienização nas práticas educativas de alimentar a criança para ser robusta e sadia.

Uma boa representação da criança eugenizada é a imagem que ilustra a entrada deste capítulo, que nos envolveu pela beleza estética do olhar expressivo, sensibilizando o consumidor pelo contato visual. Além deste aspecto convidativo, o outro apelo foi o paladar ao exaltar o apetite da criança que se alimentava como o leite Dryco. Com estes dispositivos o anúncio publicitário construiu a representação de uma criança robusta de acordo com os padrões eugênicos e higiênicos idealizados nos discursos do Dr. Martinho da Rocha, descritos abaixo da imagem e que, certamente, funcionavam como referenciais de padrão a serem seguidos.

É interessante destacarmos que durante as pesquisas constatamos nos anúncios publicitários, entre 1918 a 1937, mudanças na composição textual, nos designers gráficos e com relação aos sentidos e intencionalidades dos produtos para a criança. Para Aucar, Rocha e Pereira (2015, p. 25):

[...] a organização de uma cadeia de atividades profissionais, o início da produção capitalista de massa, o aprimoramento da tecnologia, a solidificação do consumo, o crescimento urbano, eram outros fatores que contribuíram com as mudanças nos anúncios.

Acreditamos que essas mudanças estavam também associadas à fase incipiente da chegada dos alimentos industrializados para criança no país, os baixos níveis salariais da maioria da população ou até mesmo a ausência de rendimentos e a própria política da eugenia, cujos debates polarizaram as discussões em torno da maternidade na qual a mulher, além de

---

<sup>111</sup> Nosso encontro com esta *Cartilha das Mães* foi motivado quando, durante as pesquisas no jornal *A União*, a encontramos nas indicações de livros para as mães. Assim, em busca de site com vendas de livros, foi possível adquiri-la.

gerar o filho, também era a provedora da alimentação com a amamentação, conforme nos disse Freire (2009, p. 211), “O estímulo ao aleitamento materno ganharia novo rumo em meados de 1870 impulsionado pela pediatria como especialidade médica”. Considerando as observações de Freire (2009), percebemos que a amamentação era estimulada pelos médicos como fonte principal da alimentação infantil, o que certamente retardou o consumo dos alimentos industrializados oferecidos às crianças.

No ano de 1918, que é a temporalidade inicial deste estudo, encontramos poucos anúncios de alimentação para o público infantil nos diversos exemplares do jornal *A União* a que tivemos acesso. O que predominava eram os anúncios da Emulsão de Scott, apresentada como alimento tônico ou como alimento medicamento. Encontramos, entre 1918 a 1925, a *Farinha Láctea e o Leite Condensado “Moça”*, mas as composições gráficas dos rótulos não traziam representações da criança através das imagens e os discursos textuais eram mensagens subliminares curtas.

Com as mudanças nos discursos dos preceitos da eugenia a partir dos avanços da ciência, os anúncios também mudaram seus argumentos persuasivos e passaram a enfatizar o ‘cuidar bem’ da infância, envolvendo a saúde, a alimentação, a aparência física, cuidados com a dentição, a higiene corporal, o funcionamento intestinal e o acompanhamento do crescimento biológico. Assim, buscava construir no imaginário coletivo do cotidiano dos indivíduos a necessidade de consumir os produtos divulgados.

Ao analisarmos os discursos dos anúncios buscamos responder qual/quais a(s) estratégia(s) por eles utilizada (s) para conduzir as práticas educativas de alimentar as crianças? Os fundamentos pensados para problematizar essas estratégias foram encontrados em Certeau (1994, p. 99), “[...] como o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder pode ser isolado.” Com essa concepção, interpretamos as estratégias de persuasão nos discursos dos anúncios como relação de poder sobre as crianças, idealizadas para serem sujeitos ativos de um projeto de nação sadia e robusta.

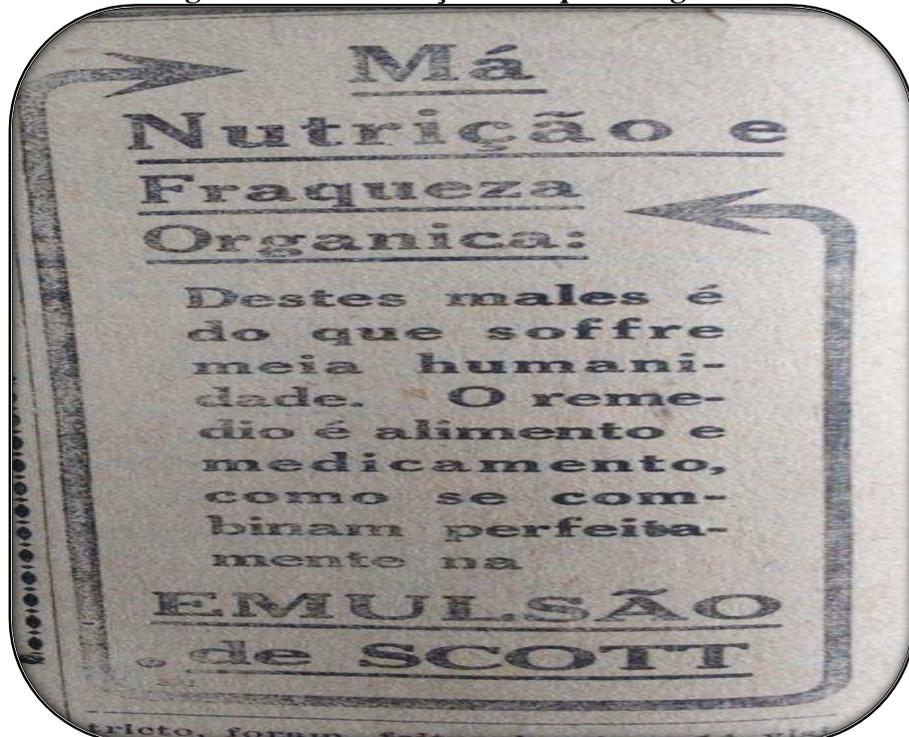
Neste primeiro tópico analisamos alguns anúncios do produto Emulsão de Scott, cujos discursos estabeleciam as relações de poder com tecnologias de governamentalidade no plano social da política higienista para a criança. É interessante frisar que a Emulsão de Scott<sup>112</sup> ainda é produzida a partir do óleo de fígado de bacalhau, vendida como garantia de ser “um

---

<sup>112</sup> “[...] a fabricação da Emulsão de Scott teve início desde 1830 em um pequeno laboratório aberto por John Smith. Em 1875 foi incorporado pela empresa de Mahlon Kline, transformando-se no maior atacadista de farmácias da Filadélfia. No Brasil, ela foi fabricada pela primeira vez em 1908, em São Paulo”. (ACCIOLLY 2000 apud KREUTZ, 2007, p. 10).

fortificante e reconstituinte físico, rico em vitaminas, cálcio, fósforo” e atualmente continua sendo vendida no Brasil. Vejamos as contribuições dos discursos desta emulsão para a construção deste diálogo entre ser sadio e a robustez.

**Imagem 32 - Má nutrição e fraqueza organica<sup>113</sup>**



**Fonte:** *A União*, 11 abr. de 1918, p. 5.

Com o título: ‘Má Nutrição e Fraqueza Organica’, a Emulsão de Scott evidenciava as precárias condições da saúde das populações, principalmente nas áreas rurais, conforme foram constatadas na campanha sanitária da Primeira República com as expedições pelo saneamento, da qual participou Belisário Penna com a Liga Pró-Saneamento do Brasil, criada em 1918. Segundo Hochaman e Lima (1996, p. 26), a frase “‘O Brasil é um imenso hospital’, do médico Miguel Pereira, proferida em outubro de 1916, é apontada como o marco de origem da campanha do saneamento rural”. A proposta era conduzir uma ampla reforma dos serviços sanitários para combater as doenças que predominavam nos sertões e eram concebidas como principais obstáculos ao progresso econômico e social do país e na construção de uma nação sadia.

O abandono das populações rurais pelo Estado e as doenças endêmicas construíram a imagem de um ‘Brasil doente’ e as propagandas se apropriavam deste contexto sensibilizando

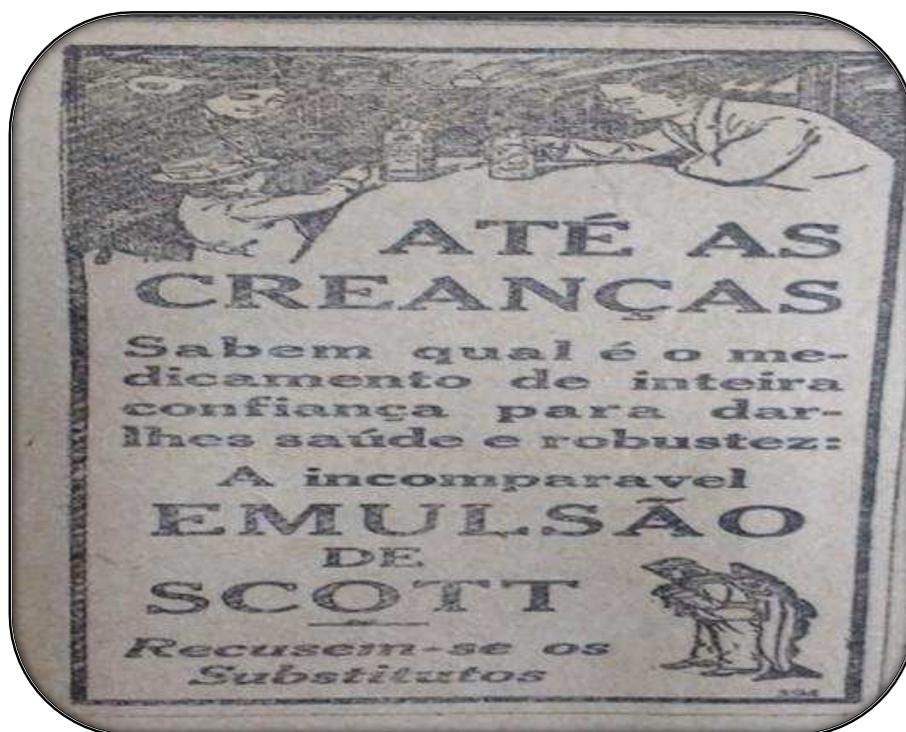
<sup>113</sup> “Má Nutrição e Fraqueza Organica: Destes males é do que soffre meia humanidade o remedio é alimento e medicamento, como se combinam perfeitamente na Emulsão de Scott”. (*A União*, 11 de abr. 1918, p. 5).

o consumo dos produtos, o que podemos verificar no complemento do discurso da Emulsão de Scott: “Destes males é do que soffre meia humanidade”. Na Paraíba, esses acontecimentos também estavam presentes, conforme constatamos no pronunciamento do Presidente do Estado da Paraíba, Francisco Camillo de Holanda, em 1919.

A situação financeira, agravada por circunstancias especiaes, impediu que se prestasse á hygiene publica a atenção reclamada e a tornar-se dia por dia de maior urgência. Ainda o anno passado tentamos algumas providencias de assistência medica aos impaludados e opilados, isto mesmo não foi possível continuar este anno. (HOLANDA, 1919, p. 12).

Estes fragmentos do pronunciamento do presidente da Paraíba nos mostraram o descaso com que as autoridades políticas tratavam as questões de saúde pública, em que a população era abandonada à própria sorte. Nessa brecha da ausência de medicamentos e cuidados por parte dos governos municipais, estaduais e federais, entraram em cena os anúncios publicitários, construindo novas práticas de cuidados de si e difundindo em múltiplas direções os supostos ‘benefícios’ do consumo dos produtos divulgados.

### Imagem 33 - Até as creanças<sup>114</sup>



*Fonte: A União, 7 mai. de 1918, p. 3.*

<sup>114</sup> “ATÉ AS CRENÇAS Sabem qual é o medicamento de inteira confiança para dar lhes saúde e robustez: A incomparável - EMULSÃO DE SCOTT. Recusem-se os substitutos”. (A *União*, 7 de maio de 1918, p. 3).

Como instrumento de persuasão para convencer e seduzir o consumidor apareceu neste anúncio a criança. Ela era a protagonista que anunciava os benefícios do produto e atestava a confiança do mesmo aos seus pais. O apelo para o consumo exercia sobre o consumidor a confiança, por ser um produto ‘incomparável’. Estas representações reforçavam a credibilidade que esta Emulsão buscava construir na sociedade, quando era anunciado como alimento tônico e como medicamento, deixando transparecer que serviria para todos os males em todas as idades.

O aspecto saúde mencionado foi significativo para o espaço geográfico desta pesquisa, tendo em vista que nesta temporalidade o estado da Paraíba enfrentava as endemias e as infecções intestinais que atingiam adultos e crianças e as ações do poder público para sanar esse problema eram constantemente divulgadas na imprensa e destacava a atuação do médico sanitário Dr. Flávio Maroja. Nesta perspectiva, encontramos vários informes dos quais apresentamos estes dois.

As endemias na Parahyba- Exames de sangue e fezes realizados nos hospitais da Santa Casa.

No actual momento em que as atenções e esperanças dos interessados e responsáveis pelo progresso do nosso país se dirigem para o problema do saneamento da nossa população como o único ponto de partida eficaz e racional, pareceu-nos por demais oportuno o convite que nos dirigiu o distinto facultativo e insigne higienista dr. Flavio Maroja afim de realizarmos nos hospitais de que s.s. é muito digno director dos serviços médicos algumas pesquisas microscópicas na verminoses em geral [...]. (*A União*, 23 de fev. de 1918, p. 5).

A saúde das crianças. Vermes intestinaes. Cifra que apavora. Dever imperioso dos paes.

Os jornaes publicam estatísticas alarmantes sobre a mortalidade das crianças em nosso Estado e mesmo no Brasil inteiro. Entre as diferentes causas dessa mortalidade, destaca-se em primeiro lugar as das molestias do aparelho digestivo. São raras as crianças que não soffrem de vômitos, diarrhéa, fermentações intestinaes, etc, e que muito fazem as crianças se tornarem magras, pálidas e nervosas. O mal, entretanto, nem sempre é do aparelho digestivo. Os vermes intestinaes são, na maioria das vezes os causadores das moléstias infantis. Os jornaes notificaram há pouco tempo o caso de uma criança que, atingida por mal súbito e violento foi levado ao hospital a fim de ser operada, pois o diagnostico dera-lhe volvo intestinal (nó na tripa). (*A União*, 23 de ago. de 1928, p. 5).

Os informes apresentados são de temporalidades diferentes. O primeiro era uma notícia que colocava em evidência a atuação do médico sanitário Flávio Maroja, que preocupado com as endemias na capital do estado, a cidade da Parahyba do Norte, incentivou a realização de exames na população. Este médico teve importante atuação na saúde pública

paraibana na estrutura médica e sanitária do estado, sendo reconhecido pela sua atuação social, assim apresentado por Silva (2014, p. 67), [...] possuía atributos por pertencer a uma cultura de elite na virada do século, na qual fazia da caridade e do cuidado com os desvalidos uma ética de gente instruída e de boa índole, já nos anos de 1920 [...].

O outro informativo divulgava os benefícios de um medicamento para os males intestinais das crianças. Por se tratar de um anúncio, não podemos confirmar se as informações divulgadas com relação aos males intestinais da criança eram realmente solucionadas com este remédio, porém, o discurso deixava transparecer as precárias condições de saúde dos pequeninos, o que certamente justificava as ações por parte do poder público e os oportunismos explorados pelos anúncios publicitários que divulgavam os alimentos como soluções nutricionais para as crianças.

**Imagem 34 - Saúde**<sup>115</sup>



**Fonte:** *A União*, 3 fev. de 1930, p .8.

Como elemento discursivo da articulação com o contexto social do país, em que se constatava nas áreas rurais e urbanas as doenças endêmicas, apareceu o dispositivo: saúde. Este transmitia a ideia de que a saúde era um ‘dom’ para todos. Neste sentido, tratava-se de algo que as pessoas já nasciam com ela, ou seja, era um fator hereditário. Por este viés, a intencionalidade do discurso se colocava em sintonia com os princípios da eugenia

<sup>115</sup> “SAUDE. O dom mais precioso da vida e do qual mais nos descuidamos. De muita ajuda para conserval-a através as idades será o uso frequente do alimento medicinal concentrado, a Emulsão de Scott” (*A União*, 3 de fev. de 1930, p .8).

neolamarckismo. Para Teixeira (1997, p. 241), “[...] essa concepção serviria de possibilidade de regeneração do país pela melhoria da raça. Regeneração essa vinculada, de pronto, pelos nossos médicos e intelectuais à questão da saúde por transmissão hereditária”.

Como forma de destacar a eficiência do produto, a Emulsão de Scott evocava a saúde como um ‘dom’ precioso à vida, mas refletia um problema nacional anunciado por grande parte da intelectualidade<sup>116</sup> brasileira e constatado pelos médicos higienistas através da Liga Pró-Saneamento do Brasil. Esta mensagem com apelo à saúde buscava incentivar o comportamento do consumidor persuadindo ao ‘uso frequente’ desta Emulsão. Neste sentido, esse ‘alimento tônico’ assumia uma posição ‘regeneradora’ supostamente trazendo sua contribuição para a melhoria das garantias eugênicas da população, iniciando com os bebês, conforme podemos constatar no próximo anúncio.

**Imagem 35 - Bebês<sup>117</sup>**



**Fonte:** *A União*, 11 ago. de 1927, p. 5.

<sup>116</sup> Um exemplo dessa intelectualidade foi Gilberto Freyre no livro *Casa-Grande & Senzala*, que apresenta alguns argumentos sobre as questões da saúde dos brasileiros. Para Teixeira (1997, p. 234), “[...] a obra de Freyre incorpora sistematicamente as questões de saúde, que são centrais em suas explicações sobre o processo de constituição de nossa sociedade”. Para maiores informações ver: FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**, 50ª edição. Global Editora. 2005.

<sup>117</sup> “Sadios e robustos, cheios de vida que temos o prazer em contemplar. São inumeros os que assim crescem, graças á Emulsão de Scott”. (*A União*, 11 de ago. de 1927, p. 5).

Com o título: ‘BEBES’, esta divulgação já direcionava seu público alvo e preconizava seus benefícios desde a primeira infância. As estratégias de persuasão estavam na contemplação de olhar para a criança que apresentava formosura representada nas palavras ‘prazer em contemplar’. Identificamos nestes discursos a prática da governamentalidade exercida sobre a mãe para alcançar o bebê, já que ele ainda não era independente. A Emulsão de Scott se colocava como um praticante da puericultura<sup>118</sup> como medida eugênica preventiva, já que o mesmo, ao se referir à vida, enfatizava também o crescimento, ou seja, sugeria um acompanhamento sistemático da criança com cuidados que iriam refletir nos benefícios da saúde representados pelo poder dos dispositivos sadios e robustos.

As más condições de saúde da população construíram ambientes favoráveis à divulgação de medicamentos e alimentos para evitar os males. Diante desta realidade, esses tipos de anúncios funcionavam como tecnologias de poder que interferiam nas práticas educativas para construir nos sujeitos padrões de higiene e novas práticas alimentares. Por esse prisma, também ganhavam evidência os discursos dos médicos que atestavam que ter saúde era estar robusto e essa condição era pensada para a criança, desde a tenra idade. Como alimento concentrado, a Emulsão deixava transparecer seu potencial para todos os males, reafirmando sua identidade, o que lhe conferia qualidade, fazendo uso do caráter científico, atribuindo à ciência médica a sua ‘eficácia’. Colocando a saúde sob a responsabilidade do consumidor, só não a preservava quem não queria. Ou seja, não havia espaço de escolha, para garantir a saúde era necessário fazer uso desta emulsão.

No contexto da política de higienização e da eugenia, era um desafio assegurar a robustez a todas as crianças, principalmente se considerassem os adjetivos apresentados pelo Dr. Martinho da Rocha (1935). Acreditamos que para proporcionar à criança os atributos apresentados por esse médico eram necessárias novas práticas de alimentação e de higienização. O poder dos dispositivos ‘sadios e robustos’ usados para sensibilizar e estimular o consumo desta Emulsão não refletia um poder negativo, pois, como disse Foucault (1979), os micros poderes podem ser exercidos de forma positiva para produzir corpos, adestrando, normatizando, classificando. Então, este anúncio aos poucos estava exercendo seu biopoder sobre os potenciais consumidores - as crianças, envolvendo os interesses do Estado e das elites.

---

<sup>118</sup> “O termo ‘puericultura’ etimologicamente quer dizer: puer = criança e cultur/cultura = criação, cuidados dispensados a alguém. Ele foi utilizado pela primeira vez por Ballexserd, ao publicar na Suíça, em 1762, seu livro Tratado de Puericultura, abordando questões gerais de higiene da criança. Esta expressão ganhou força ao ser retomada pelo médico francês Caron, que, em 1865, publicou um manual intitulado A puericultura ou a ciência de elevar higienicamente e fisiologicamente as crianças. Disponível em: <<http://www.unasus.unifesp.br/biblioteca./Danrley/pdf.>> Acesso em: 09 abr. 2017.

Para as elites, estas crianças representaram um patrimônio econômico e socialmente significativo, graças à sua potencialidade produtiva: eram a matéria-prima de que se construiria uma força de trabalho confiável e leal. Subjacente ao discurso que pretendia salvar a sociedade do perigo representado pelas crianças indisciplinadas e mal orientadas e livrar a infância da morte, delinquência e corrupção moral urbana, havia um evidente o anseio por uma força de trabalho passiva. (WADSWORTH, 1999, p. 110).

Estes interesses funcionavam como práticas do biopoder exercidas sobre o corpo da criança para ser normatizado e adestrado, iniciando com as instituições que cuidavam das crianças através das disciplinas cotidianas do acompanhamento médico, tendo como aliadas às mães. Este poder sobre as crianças buscava gerir toda a trajetória da infância, preparando-a para a vida adulta, a fim de conduzir os interesses do Estado que, a partir da assistência a elas, produzia uma ‘massa’ de futuros trabalhadores para restabelecer a ordem social e o desenvolvimento econômico da nação.

**Imagem 36 - Emulsão de Scott- rica em vitaminas<sup>119</sup>**



Fonte: *A União*, 20 jan. de 1929, p. 3.

A identificação do rótulo do homem forte com o peixe nas costas ressaltava uma imagem ilustrativa da origem e da composição desta emulsão que continha as vitaminas A e D

<sup>119</sup> “Para conseguir o verdadeiro Oleo de Fígado de Bacalhão, guie-se por esta marca. O preparado que contem o oleo puro, em forma saborosa e de facil digestão, e no qual se pode ter a maxima confiança para crear saúde e robustez. Emulsão de Scott. RICA EM VITAMINAS”. (*A União*, 20 de jan. de 1929, p. 3).

extraídas do óleo de bacalhau. Estão visíveis neste anúncio as práticas disciplinares dos corpos das crianças, operando como práticas de incentivo ao consumo, construindo no consumidor um padrão de normalidade, diferenciando-o dos não consumidores que, conseqüentemente, não conquistariam a energia física e moral.

No contexto histórico em que este anúncio circulou, se justificava o vínculo entre o ‘homem forte’ com o ‘alimento saudável’, que representava saúde, vigor e beleza, pois estes funcionavam como elementos de sintonia com as discussões em torno da formação do homem brasileiro, pensados a partir das crianças que deveriam ser preparadas para o crescimento do país. Então, para a perspectiva capitalista que se preparava o futuro da nação, as crianças eram idealizadas para terem firmeza, coragem e disposição para transformar a nação, isso a partir da atuação no trabalho e na sociedade. Estes argumentos também foram evidenciados no próximo anúncio, em formato de artigo, intitulado: ‘Prepare o seu filho para as duras provações da vida’.

A natureza é severa na seleção dos mais capazes; desde ou daquelle modo, Ella vae aos poucos pondo de parte os fracos, os débeis, os menos aptos para a vida. O primeiro ‘test’ a que se submete o homem é logo nos primeiros annos da existência; o crescimento, a dentição, as doenças da primeira infancia, os contínuos resfriados, as repetidas bronchites. Defenda o seu filho [...]. Dê-lhe, desde os primeiros annos a providencial Emulsão de Scott de Oleo de Fígado de Bacalhau. Faça o que têm feito milhões de paes que depois, se orgulharam da robustez dos seus filhos. A Emulsão de Scott é riquíssima em vitaminas A e D. As vitaminas A constituem o elemento vital que defende o organismo contra as infecções; as vitaminas D são essenciaes ao desenvolvimento dos ossos e dos dentes. A Emulsão de Scott fará os seus filhos rosados e sadios. Fuja dos fortificantes alcoolicos, que atacam os rins, o fígado e os nervos. O homem com o peixe ás costas é ha 60 annos, no mundo inteiro, um symbolo de saude e robustez. (*A União*, 9 de fev. 1936, p. 5).

Identificamos no título: ‘Prepare o seu filho para as duras provações da vida’, uma provocação dos sentimentos modernos com relação à criança, cujo foco era destinar para ela as práticas de cuidados específicos preparando-a para a vida adulta, que provavelmente a envolveria no mundo capitalista do trabalho e no retorno dessa produtividade para o progresso do país. Nesta perspectiva, o anúncio construiu um ideal de criança cada vez mais dependente do adulto representado pela mãe no espaço familiar, pelo médico pediatra e o higienista nas instituições disciplinadoras da saúde, como o Instituto de Proteção e Assistência à Infância e pela imprensa que, muitas vezes, com as suas publicações de anúncios publicitários e artigos exercia seu caráter pedagógico.

Para Nascimento (2001, p. 147), “[...] o modo de vida capitalista acentuou a diferenciação entre a pessoa adulta e a pessoa criança, investindo na seleção de características e necessidades peculiares a cada indivíduo”. Envolvidos nessa teia, a Emulsão de Scott apresentava que “O primeiro ‘test’ a que se submete o homem é logo nos primeiros anos da existência; o crescimento, a dentição, as doenças da primeira infância, os contínuos resfriados, as repetidas bronchites”. Com estes dispositivos encarregou-se de traçar o contexto histórico que a criança estava vivenciando, materializando as práticas consideradas fundamentais para a constituição da ‘criança ideal’ para o ‘futuro da Pátria’ e também para a sua inclusão nessa sociedade capitalista e urbana que se construía com ‘ares de modernidade’.

Estes discursos do anúncio enfatizavam os interesses pelas espécies a partir da seleção das ‘qualidades’ raciais nos aspectos físicos e morais das futuras gerações, cuja proposta era selecionar os capazes e ‘eliminar os fracos e débeis’. As estratégias desses argumentos buscavam sensibilizar o consumidor fundamentado no saber da ciência baseado no recurso biológico. Então, a possível solução dos problemas da criança seria resolvida com o consumo deste alimento tônico que ‘fortalecia para a vida’, justificada no seguinte argumento: “Defenda o seu filho desses males que lhe vão debilitando o organismo em formação tornando-o doente e comprometendo-lhe o futuro” (*A União*, 9 de fev. 1936, p. 5).

A criança aparecia como uma espécie de ‘semente’ que seria testada desde o nascimento cultivada para salvar a sociedade da delinquência moral e para isto ela deveria ser disciplinada desde o nascimento com práticas de cuidados higiênicos para formar esse ‘novo corpo’. No sentido Foucaultiano as práticas, segundo Veiga-Neto (2003, p. 54), “[...] designa a existência objetiva e material de certas regras a que o sujeito está submetido desde o momento em que a prática é o ‘discurso’”. O discurso buscava construir a criança ‘ideal’ cujos atributos eram ser saudável, forte e robusta, mas para isto precisava ser bem cuidada também na alimentação.

Outro aspecto a ser observado no anúncio são os discursos dos saberes, como, por exemplo, ‘defenda o seu filho desses males’, a ‘Emulsão de Scott fará seus filhos rosados e saudios’. Em todos esses momentos o corpo foi colocado como alvo do poder disciplinar com objetivo de formar corpos dóceis, que para Foucault (1999, p. 163), “[...] é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Os corpos dóceis necessariamente não são obedientes, mas são maleáveis, adaptáveis e a partir deles se estabelecia um modelo de sociedade pensada para o Brasil.

Do ponto de vista da função social, os discursos das ciências eram praticados como ideal de crescimento da criança e evidenciados nos anúncios e nos artigos dos jornais, a

exemplo de *A União*, que enfatizava as práticas de cuidados das mães sobre os pequeninos. Essas práticas com relação a este ser, problematizadas neste estudo, envolviam as práticas da alimentação, mas outros tipos de cuidados também eram anunciados. Constatamos através da leitura da *Cartilha das Mães*, de 1935, do Dr. Martinho da Rocha, que esses cuidados e a preparação da criança para ao ‘futuro da Pátria’ iam além desses argumentos. Um exemplo dessas práticas que consideramos pertinentes para ilustrar essa constatação ocorreu no comunicado da Campanha Nacional pela Alimentação da Criança (1936):

As jovens mães devem lembra-se de que o leite materno é absolutamente necessário aos seus filhos durante os primeiros seis meses de vida. Depois desse tempo, é necessário suprir com a alimentação mista certas deficiências de substâncias minerais (o ferro, por ex.) que o leite começa a apresentar. O desmame será iniciado a partir do 7º mês, lentamente para não forçar as funções digestivas da criança [...]. (*A União*, 21 de fev. de 1936, p. 3).

Neste discurso da Campanha Nacional pela Alimentação da Criança, constatamos as preocupações sociais que existiam entre os médicos com as questões da saúde da criança, assunto muito discutido no Primeiro Congresso Brasileiro de Assistência e Proteção à Infância em 1922<sup>120</sup>. A campanha chamava a atenção para a importância da alimentação da criança com o leite materno, alertando também para os cuidados com a fase do desmame, quando então deveria ser suprida a ausência do leite materno com uma alimentação mista, eficaz para a saúde e o desenvolvimento da criança. E, em sintonia com essa problematização, estava o discurso deste anúncio, que para evidenciar a difícil condição da criança apresentava as doenças de ‘resfriados, as repetidas bronchites’, nas quais o consumo da Emulsão poderia evitá-las. Assim, o produto iria sensibilizando os pais, com a promessa da robustez. Ou seja, garantiria que a criança ficasse forte e vigorosa.

Ao apresentar as ‘riquíssimas vitaminas’ A e D a Emulsão de Scott utilizava como estratégia para atrair o consumidor a concepção de ‘necessidade’, as apresentava como “Elemento vital que defendia o organismo contra as infecções”. ‘Servia’ para todas as idades, independente do gênero. Estabelecia, assim, um laço de confiança transmitindo a sensação da

---

<sup>120</sup> “Precisamos ser coerentes e previdentes; o aproveitamento e o avigoreamento de criança representam a economia, o accrescimento das forças vivas da nacionalidade. Do que vale sacrificios para trazer ao Brasil imigrantes quando deixamos emigrarem para a eternidade as creancinhas por falta de cuidados?” (Discurso do Prof. Dr. Alfredo. Ferreira de Magalhães, em nome dos delegados officiaes dos Estados do Brasil na abertura do Primeiro Congresso Brasileiro de Protecção á Infancia, em 27 de agosto de 1922, 6º Boletim, p. 132) - Grupo de Estudos e Pesquisas Higiene Mental e Eugenia (GEPHE). Disponível em: <<http://www.ppi.uem.br/gephe>> Acesso em: 20 abr. 2017.

proteção à criança, estando em sintonia com os discursos médicos higienistas e eugênicos da época.

Nesta paisagem imaginária do corpo dócil da criança robusta e com pele rosada, construída pela a Emulsão de Scott, não se esgotava a capacidade de persuasão para atrair o consumidor, e como procedimento de defesa da sua qualidade, apontava os perigos de se consumir outros alimentos. A Emulsão de Scott apresentava sua credibilidade junto à sociedade, enfatizando sua identificação com a representação gráfica do ‘homem com o peixe às costas’. Privilegiando sua história de existência, enfatizando os ‘60 anos no mundo’, parecia se adaptar às novas necessidades dos consumidores, pois era indicada para todas as fases do processo de desenvolvimento humano.

### **3.2 O futuro do bebê depende da alimentação! Os leites e os farináceos industrializados**

Alimentar uma criança, no primeiro ano de vida é coisa difícil e cheia de perigos e responsabilidade<sup>121</sup>.

Esta epígrafe, retirada do anúncio do leite Condensado Marca ‘Moça’, colocava como protagonismo os cuidados que se deveria ter ao alimentar um lactente. Como se tratava da divulgação de um alimento artificial, estes alertas funcionavam como estratégia diretiva de sensibilizar as mães para o consumo do alimento artificial, os quais vamos problematizar neste tópico.

Compreendemos por aleitamento artificial a prática de suprir as necessidades de nutrientes de uma criança, através do leite industrializado ou de origem animal. Essa era uma prática contrária aos discursos científicos da ‘ciência moderna’ em torno das atribuições da maternidade, na qual a mãe, ao atuar na missão pública civilizadora dos filhos, teria que zelar pela higiene corporal e alimentar da criança. Então, falar do aleitamento artificial no contexto histórico que envolveu este estudo em torno da alimentação da criança, no sentido que era propagado nos discursos médicos, é mais uma oportunidade de percebermos como foram construídas as práticas educativas de alimentar a criança no Brasil e, conseqüentemente, na Paraíba, já que os produtos também tinham representações de vendas neste estado, sendo divulgados nos periódicos de circulação local.

A modernidade que trouxe novos ornamentos para a paisagem e a arquitetura da Paraíba também presenteou a população com os ‘novos’ valores culturais pelas narrativas dos

---

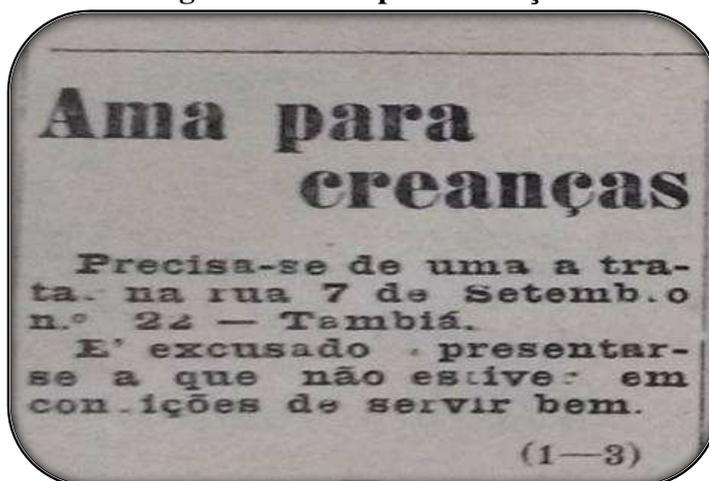
<sup>121</sup>A *União*, 31 de out. de 1937, p. 7.

meios de comunicação que cada vez mais anunciavam as experiências urbanas pelo incentivo ao consumo, construindo no imaginário coletivo que os produtos eram acessíveis a todos. Assim, o jornal *A União*, um dos canais dessas divulgações, ampliou os signos e as representações dos alimentos como referências para um novo ‘estilo de vida’, e incentivando a alimentação artificial redimensionava as representações das mães na vida da criança, pois a ela era atribuída a sublime missão de cuidar e amamentar o filho nos primeiros seis meses de vida.

Contrariando as mensagens dos anúncios impressos nos jornais e nas revistas que associavam o consumo do produto à identidade do consumidor, criando signos ilusórios, enaltecendo o leite artificial como um conforto da vida moderna e instigando um padrão social para a mulher, muitos médicos ainda não concordavam com esta prática para alimentar a criança, mesmo quando a mãe não podia amamentar. O Dr. Martinho da Rocha (1935) dizia que as mães alegavam que o leite era insuficiente, porém, ele não concordava com esta justificativa. Defensor da amamentação, o mesmo alegava que bastava prescrever um lactagogo<sup>122</sup>. Não aconselhava a contratação de uma ama, com o seguinte argumento, “[...] a ama é recrutada nas mais baixas camadas sociais”. (ROCHA, 1935, p. 26).

Esta preocupação quanto às condições de saúde das amas de leite era divulgada pelos interessados em contratar uma até mesmo nos jornais, o que deixava transparecer que era uma prática já naturalizada da necessidade do trabalho dessas mulheres.

**Imagem 37 - Ama para crianças<sup>123</sup>**



**Fonte:** *A União*, 2 fev. de 1921, p. 4.

<sup>122</sup> Remédio para fazer aumentar o leite e contornar as dificuldades. (ROCHA, Martinho. **Cartilha das Mães**, 1935, p. 26).

<sup>123</sup> “Ama para Crianças. Precisa de uma, a tratar na rua 7 de setembro, nº 24- Tambiá. É excusado apresentar-se a que não estiver em condições de servir bem”. (*A União*, 2 de fev. de 1921, p. 4).

Ao estabelecer no comunicado que seria recusada a ama que ‘não estivesse em condições de servir bem’, estariam aí, de forma subliminar, os possíveis riscos de contaminação da criança. Também ocorreria uma exposição pública da mulher que iria prestar esse serviço, embora se precisasse dele. Percebemos, então, ações discriminatórias baseadas no determinismo biológico que comungava com os princípios eugênicos de Galton, cuja ideia era conduzir a uma perfeição cada vez maior a criança, e, por extensão, a humanidade. Vejamos o que pensava o Dr. Martinho da Rocha, sobre essa prática de alimentar a criança.

Uma ama de leite em casa representava uma época turbulenta na família [...] a ama era recrutada nas mais baixas camadas sociais e mesmo rigorosamente examinada pelos médicos, isso não se constituía segurança para o bebê, a ama poderia adquirir e transmitir-lhe molestias contagiosa. (ROCHA, 1935, p. 27-28).

Embora o ato simbólico de amamentar representasse, na visão dos médicos, uma relação de afeto da mãe com o filho, essa prática realizada pela ama de leite, segundo estes médicos, representava um perigo aos preceitos higiênicos para a criança. Ao enfatizar a origem da ama, percebemos o discurso higienista de que era necessário certificar-se das condições de higiene e saúde dela, alegando que os princípios morais da nutriz seriam transmitidos para a criança através da amamentação. Este discurso estava em sintonia com os pressupostos da eugenia preventiva, conforme explicação de Stepan (2005, p. 106), “[...] tratou os resultados sociais altamente complexos da miséria e da pobreza com metáforas biológicas de hereditariedade”. Ou seja, com estes fundamentos, se justificavam as transmissões negativas da ama por meio da amamentação.

O Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães<sup>124</sup> defendia a regulamentação dos serviços de amas de leite, dizendo que “[...] enquanto não se convencerem todas as mães de que têm o dever de amamentar seus filhos [...] a ama de leite mercenária será um mal necessário.” Nos argumentos do Dr. Alfredo Ferreira (1922), interpretamos que o aleitamento artificial não era tão inusitado para a época, pois certamente a amamentação não era uma prática natural ou confortável para as mães brasileiras. Neste sentido, o médico apelava para uma prática que havia na Europa, sobre a qual encontramos em Badinter (1985, p. 64-66), “[...] havia o hábito de contratar amas-de-leite na França, [...] é no século XVIII o envio das crianças para a casa de amas se estende por todas as camadas da sociedade urbana”.

---

<sup>124</sup> Delegado representante do Estado da Bahia no Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância. 6º Boletim do Congresso em 27/08/1922, p. 161. Disponível em: <<http://old.ppi.uem.br/gephe/>> Acesso em: 20 abr. 2017.

Ao escrever sobre o interesse das famílias da sociedade francesa em contratar amas de leite para cuidar e alimentar a criança, Badinter (1985, p. 64) ressaltou que “[...] o primeiro sinal da rejeição do filho está na recusa materna a dar-lhe o seio”. No Brasil, essa prática era criticada pelos médicos e, apesar de alguns incentivarem para se contratar uma ama de leite, eles prescreviam que a alimentação da criança na tenra idade fosse realizada pela mãe através da amamentação natural.

Diferentes dos motivos econômicos e sociais que desmotivavam as mães francesas para amamentarem seus filhos, no Brasil, as mães alegavam ‘a deformação do seio’, ‘o leite era fraco’, ‘a insuficiência do leite’, ‘mães que se acreditam fracas’, julgavam seu leite aguado, ‘as restrições sociais’, ‘leite impróprio’<sup>125</sup>. Aliadas a esses ‘mitos’ estavam também as transformações sociais, econômicas e urbanas que colocavam a mulher no espaço público do trabalho.

Essas inquietações e as inseguranças por parte das mães, certamente contribuíram para despertar nas indústrias de alimentos um mercado promissor, tendo como alvo a criança, utilizando as estratégias de sensibilizá-las a partir do discurso médico, cujo poder de convencimento estava fundamentado no projeto de modernização do país, alicerçado pelas práticas da política da eugenia e da higienização que exaltavam a criança como representação do futuro da nação e, também, nos incentivos das formações médicas, das quais a indústria alimentícia Nestlé era uma das patrocinadoras. Assim, aliando interesses econômicos e a justificativa científica, a indústria Nestlé disponibilizava uma série de leites em pó, conforme veremos na figura seguinte.

---

<sup>125</sup> Mais informações sobre o tema no livro *Cartilha das Mães*, do Dr. Martinho da Rocha, 1935 p. 25-26.

Imagem 38 - Leites em pó Nestlé<sup>126</sup>



**Fonte:** *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba*- João Pessoa, Ano VIII, nº 1, Jan. 1939, p. 12.

Envolvidos por interesses econômicos, a partir da premissa de que o país caminhava para a modernização, os anúncios publicitários disseminavam nos jornais e revistas mensagens subliminares do aleitamento artificial a partir do leite em pó, passando a incentivar novas práticas de alimentar a criança. Ao inaugurar essa tendência do aleitamento artificial também se construiu uma ‘nova’ cultura alimentar, submetida à racionalidade médica que prescrevia esse tipo de alimentação para suprir a ausência do leite materno e para o tratamento de algumas enfermidades do aparelho digestivo.

Apesar deste anúncio publicitário estar numa fonte fora da temporalidade deste estudo, optamos em apresentá-lo porque ele demonstrava os diferentes leites em pó que já circulavam no Brasil, antes de 1937, disponibilizados pela indústria Nestlé<sup>127</sup> e eram prescritos pelos médicos para as crianças que não estavam sendo amamentadas pelas mães, nem pelas amas de leite ou apresentavam ‘embarços gastro-intestinais’. Eram esses os leites: Lactogeno (1928),

<sup>126</sup> “Milhares de observações clínicas, feitas pelos vultos mais eminentes da medicina, atestam a superioridade dos leites em pó NESTLÉ na alimentação infantil. Porque Nestogeno, Lactogeno, Molico e Eledon constituem a mais perfeita e racional série de leites em pó para a alimentação das crianças”. (*Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba* - João Pessoa, Ano VIII, nº 1, Jan. 1939, p.12).

<sup>127</sup> A inauguração da primeira fábrica NESTLÉ® no Brasil, em Araras (SP), foi em 1913. Disponível em: <<https://www.nestle.com.br/site/anestle/historia/>> Acesso em: 21 abr. 2017.

Molico (1928), Nestogeno (1931) e Eledon (1932). Observamos que o anunciante, alicerçado pela condição biológica da criança, utilizou como estratégia o saber científico da medicina como autoridade legitimadora da indicação para o consumo destes leites em pó.

Na *Revista da Sociedade Médica da Parahyba*<sup>128</sup>, um artigo assinado pelo Dr. João Soares, prescrevendo o leite Eledon, dizia:

Está provado empiricamente ser o leite Eledon o melhor sucedâneo do leite humano. Empregado no tratamento das diarreias verdes [...] já tendo tratado mais de cem crianças com dispepcias, não só curando como evitando a desnutrição.

O aval público deste médico para o leite Eledon como sendo o mais próximo do leite humano para a criança e atestando a sua eficácia o colocava como agente da publicidade e, ao mesmo tempo, tomava para si a missão de normatizar os princípios da higiene alimentar artificial. Sobre essa realidade, vejamos o que nos diz Freire (2009, p. 226), “[...] os puericultores mantinham concordância, quanto à necessidade da orientação médica para a alimentação artificial alegando que mesmo os alimentos mais adequados poderiam ser perigosos se não fossem utilizados corretamente”.

No caso deste anúncio, o fato de ser publicado numa revista de medicina daria mais credibilidade quanto ao seu uso para as crianças, pois colocava a figura do médico com os ideais da medicina social como quem teria legitimidade para prescrever estes produtos, mesmo considerando que nos bastidores desta divulgação também tinham os interesses econômicos. Vale salientar que a circulação destes saberes estava sendo propagada pelo médico que representava uma elite intelectual, cujos receptores também eram da elite letrada que tinha acesso aos jornais e periódicos e, certamente, poderiam comprar os produtos divulgados.

Este anúncio publicitário estava em sintonia com a propaganda eugênica no Brasil, desenhada pelos intelectuais envolvidos no movimento sanitário, e também visava sensibilizar os médicos que tinham acesso a esta revista para prescreverem estes leites para os seus pacientes que tivessem condições de adquiri-los, pois eles também tinham que preservar-se da degeneração, ou seja, este discurso se adequava ao estilo de “eugenia preventiva”, que predominava no pensamento da elite brasileira durante os anos de 1920 e 1930.

---

<sup>128</sup>*Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba* - João Pessoa, Ano V, nº 1, 1936, p. 11.

Imagem 39 - Leite Eledon<sup>129</sup>

**Fonte:** *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba*- João Pessoa, Ano VIII, nº 1, Jan. 1939, s.p.

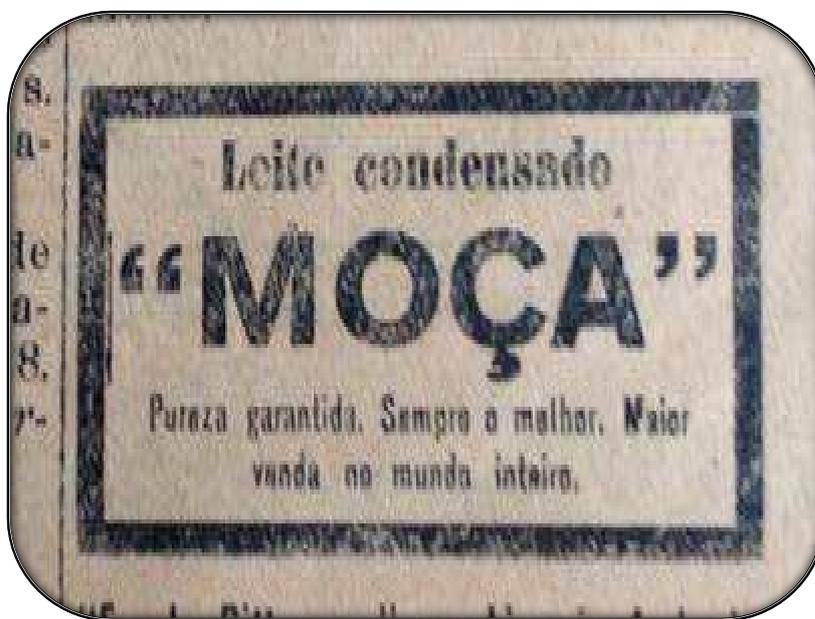
O apelo à pediatria moderna como forma de garantir a eficácia do consumo do leite Eledon apresentava ao provável consumidor que se tratava de um alimento reconhecido por autoridades protagonistas da medicina urbana, treinados na especialidade da criança, exercendo a arte de governar, pois como diz Foucault (2015, p. 411), “[...] a prática de governo são, práticas múltiplas, à medida que muita gente pode governar [...] todos esses governos estão dentro do Estado ou da sociedade”. Assim, apoderando-se dessas práticas de governar, os médicos como representantes do Estado atuavam como articulistas dos interesses capitalistas da indústria alimentícia e da política de modernização idealizada para o país, tendo como alvo deste futuro a criança.

O leite Eledon era indicado tanto para os ‘lactentes sãos ou doentes, normaes ou anormaes, como para adultos’. Ou seja, naturalizava-se o consumo independente da condição, uniformizava as diferenças, sem a distinção das pessoas, algo que não era tão simples nem corriqueiro nos discursos da eugenia, que atribuía o melhoramento das características biológicas por meio da hereditariedade e agrupavam as pessoas considerando, entre outros

<sup>129</sup> “Na pediatria moderna o leitelho assumiu um dos mais importantes papeis como alimento dietético. O ELEDON, fabricado pela Nestlé é o leitelho mais empregado pelos pediatras de todo o mundo. O ELEDON é indicado, tanto para os lactentes sãos ou doentes, normaes ou anormaes, como para adultos”. *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba* - João Pessoa, Ano VIII, nº 1, Janeiro, 1939, s.p.

fatores, as características físicas prevendo o controle da reprodução, cuja ideia era promover as reproduções dos ‘superiores’.

**Imagem 40 - Leite condensado Moça<sup>130</sup>**



**Fonte:** *A União*, 23 nov. de 1918, s.p.

Este anúncio exaltava a ‘boa’ qualidade que a indústria alimentícia atribuía a este produto. Esta estratégia ao mesmo tempo em que divulgava o leite ‘Moça’ construía um prestígio social de projeção mundial do seu fabricante. Interpretamos que alertando para a ‘pureza garantida’, este leite fazia uso dos preceitos eugenistas que criticavam o aleitamento natural através da amamentação oferecida pelas amas de leite, cujas justificativas eram os riscos expostos às crianças de adquirir os ‘vícios do alcoolismo’ ou doenças transmissíveis, como, por exemplo, a sífilis.

Vejamos o que nos apresentava o próximo anúncio divulgando também o leite ‘Moça’ como um alimento para criança. Este nos causou estranhamento, tendo em vista que nas nossas vivências só o conhecíamos como um produto para se fazer sobremesas. Outro aspecto significativo é que este leite é muito pastoso e, certamente, após a sua diluição com água não teria as propriedades das vitaminas de que a criança precisava. Além do mais, é um leite que possui muito açúcar, conseqüentemente, carboidratos e sódio, o que certamente contribuiria para o aumento de peso na criança.

<sup>130</sup> “Leite condensado ‘Moça’. Pureza garantida, Sempre o melhor, Maior venda no mundo inteiro”. (*A União*, 23 de Nov. de 1918, s.p.).

Imagem 41 - O Leite Moça protege a criança<sup>131</sup>



Fonte: *A União*, 1 nov. de 1919, p. 4.

Ao especificar a origem da composição deste leite o anúncio deixava transparecer a qualidade higiênica do produto. Para entendermos essa construção discursiva, recorremos a Chartier (2002, p. 22), “[...] a representação confundida pela acção da imaginação [...] faz tomar o logro pela verdade, que ostenta os signos visíveis como provas de uma realidade que não é”. Então, a representação deste leite buscava construir uma imagem de perfeição do produto, enfatizando sua origem, que seria do ‘puríssimo leite de vacca’, e, com efeito, substituiria o leite materno com verdadeira semelhança. Por este prisma, constatamos um poder de persuasão para atrair o suposto consumidor ao associar este leite o mais próximo do leite materno.

A importância da individualização deste alimento que o diferenciava dos outros leites estaria, portanto, na sua ‘perfeição’, de ‘proteger as crianças das moléstias’. Nesta prescrição, este leite assumiu o ‘poder’ de remédio e passava a intervir sobre o corpo da criança. Certamente, a garantia desta eficácia estaria na origem da sua composição que tinha como matéria prima o uso do leite de vaca. Acreditamos que esta informação funcionava como

<sup>131</sup> “O leite “MOÇA” compõe-se exclusivamente de purissimo leite de vacca e assucar de canna. O leite MOÇA protege a creança contra as molestias dando-lhe o alimento que substitue, com maior perfeição possivel, o leite materno” (*A União*, 1 de nov. de 1919, p. 4).

credibilidade deste leite, pois, segundo Freire (2009, p. 230), “[...] o Dr. Octavio Gonzaga era taxativo: o leite de vaca é universalmente considerado como base da alimentação artificial da criança”.

Ao prescrever o leite de vaca como substituto do leite materno, o médico Octavio Gonzaga interferia na prática cultural da mãe alimentar o filho, ao mesmo tempo, colocava sobre ela os cuidados que deveria ter sobre a procedência do leite e as condições intestinais da criança. Sobre essas questões da saúde da criança encontramos o artigo ‘Notas sobre nutrição e distúrbios nutritivos das crianças’.

A dieta, ou restrição alimentar, é a primeira conducta a adoptar nos casos de manifestações gastro-intestinaes [...] O leite de vacca, nessa ocasião é perigoso, não só porque, muitas vezes, elle se encontrar contaminado, mas também porque a quantidade de gordura e de lactose (assucar de leite) o torna capaz de agravar o estado do doentinho. (*A União*, 6 de set. de 1936, p. 6).

Acreditamos que o alerta sobre os perigos do leite de vaca neste artigo, embora não estivesse assinado por nenhum médico, buscava ter as mães como aliadas dos pediatras na questão da higiene alimentar das crianças. A puericultura e a hygiene orientavam estes preceitos, a fim de evitar os distúrbios intestinais nas crianças, sobretudo no consumo dos alimentos artificiais. Os cuidados com o consumo do leite de vaca estavam vinculados aos interesses mercadológicos que a venda deste produto poderia dar aos produtores na Paraíba, como, por exemplo, o Dr. Isidro Gomes, um dos maiores proprietários de estábulos da cidade que liderou uma comissão para elaborar um projeto de lei municipal, para se realizar a pasteurização do leite de vaca. Vejamos o resultado desta proposta.

O Sr. Dr. prefeito Ávila Lins, reunião as 14 horas no prédio do Departamento de Assitencia Publica, os srs. Drs. Isidro Gomes, José Maciel, Oscar de Castro Josa Magalhães, Xavier Pedrosa, Heitor Santiago e o Sr. Walfredo Guedes Sobrinho, e expondo o motivo daquela reunião o qual era discutir a tubercunilização sem causar prejuizos aos proprietários de estábulos, quis antes de mandar iniciar esse serviço ouvir a opinião de alguns interessados médicos e veterinários. O assunto foi discutido largamente concluindo-se afinal pela não realização da prova por vários motivos: a falta de um hospital veterinário onde os animais fossem ser melhor observado, a impossibilidade da Prefeitura indenizar os animais julgados, e, sobretudo a impossibilidade de se tornar extensivo o combate á tuberculose aos rebanhos de Santa Rita, Espírito Santo e Entroncamento centros abastecedores de leite á capital. Bem em vista dos motivos expostos e acceitos, ficou resolvido como medida mais efficientes sob o ponto de vista da hygiene alimentar e também acauteladora de interesses econômicos, proceder-se á pasteurização de todo o leite vendido nesta cidade, a exemplo do que se faz em varias

capitales, como no Rio. Com a adoção dessa útil medida, que só benefícios pode trazer á população, mormente ás creanças, a Prefeitura proibirá o uso de leite de cru, como se faz actualmente conduzindo a vacca pelas ruas de porta em porta. (*A União*, 19 de jul. de 1929, p. 2).

Compreendemos que a natureza desta solução de inversão da lógica do consumo do leite de vaca, proibindo as vendas de porta em porta, certamente resultava nos desejos materiais dos produtores de leite da Paraíba, que viam nesta pasteurização uma garantia de ganhos com a venda do leite para se produzir os alimentos industrializados. Estas intervenções certamente justificariam a prescrição do status de universalidade apresentado na propaganda do leite ‘Moça’. Esta competência figurativa invertia a lógica econômica do consumo visando uma sociabilidade através das ‘novas práticas’ culturais de se alimentar com o alimento de origem animal em outra composição.

Ao fazer uso das tecnologias do poder, como, por exemplo, a linguagem, este artigo funcionava como um informativo pedagógico que, com bastante propriedade, buscava informar as mães sobre os cuidados com o consumo do leite de vaca para as crianças pequenas, sob o risco de contrair ‘distúrbios intestinais’.

Esta forma de divulgação deixava as mães mais informadas e estas poderiam adotar estratégias de defesa do seu filho não adquirindo leite de má qualidade. Como já dissemos antes, ciente da sua missão do ‘amor materno’, a mãe foi convocada para mais esta missão, ser vigilante também das ações do poder público, que deveria fiscalizar os espaços de comércio do leite de vaca para ter controle da higiene do produto comercializado na cidade de João Pessoa.

Voltando às interpretações da representação da distinta pureza do leite ‘Moça’, composto com adição de açúcar de cana, acreditamos que esse diferencial funcionaria como um atrativo particular e ‘seguro’ do consumo deste leite pelas crianças. Mas, do ponto de vista de alguns médicos, por exemplo, o Dr. Martinho da Rocha (1935, p. 68), “[...] bebês criados com leite condensado dispõem de pequena resistência ás molestias [...] o leite condensado não é idêntico ao leite fresco [...] muitas vezes, as fabricas occultam a verdadeira percentagem de assucar”.

As justificativas do Dr. Martinho da Rocha (1935) refletiam a falta de consenso entre os médicos, pois o mesmo não corroborava com os discursos sobre o leite ‘Moça’, enfatizando que o consumo deste leite provocava nas crianças pouca ‘resistência às moléstias’. Interpretando a posição deste médico, compreendemos que consumir o leite condensado ‘Moça’ não contribuiria para a robustez da criança, conseqüentemente, não atendia ao projeto de cuidar da saúde dos pequeninos. Identificamos nesta contestação uma

relação de poder do médico contra os interesses capitalistas da indústria alimentícia que representava o poder do capitalismo sobre o incentivo às novas práticas alimentares das crianças, argumentos muito debatidos pelos articulistas das campanhas em prol da melhoria nas condições de vida e alimentares das crianças.

As preocupações dos médicos com a alimentação das crianças giravam em torno dos primeiros meses de vida, e muitas eram as justificativas com relação a essa prática, principalmente como uma forma de ‘educar’ o lactente para os horários das refeições. Sobre esse aspecto, o artigo: ‘As refeições e os primeiros meses de vida’, dizia:

É preciso educar, isto é, disciplinar. Devendo ser alimentada até o 6º mês com leite materno, o infante precisará habituar desde logo cedo a um trabalho digestivo methodico [...] devendo ser servido o seio de três em três horas, sendo a primeira refeição as 6 horas [...] não se deve acordar o bebê para alimentar-o. Isso equivale a domesticar o aparelho digestivo da criança, possibilitando-lhe uma digestão completa e proveitosa [...] (*A União*, sexta-feira, 21 de fev. 1936, p. 3).

Apesar de exaltar a alimentação da criança com o leite materno, este artigo, ao apresentar o disciplinamento quanto aos horários desta alimentação, contribuía para as mães que alimentavam o filho com o leite artificial. Pensamos que uma das estratégias da indústria alimentícia para vender seus produtos era sempre apresentar às mães os benefícios à saúde da criança, proporcionados pelo consumo do produto anunciado. Para isto, prevalecia a ideia de necessidade em que o alimento tornava-se um complemento indispensável à vida do pequeno consumidor passivo, cujos cuidados e horários deveriam ser realizados pelas mães que, muitas vezes, estimulavam o apetite com musicalização. A mediação simbólica do alimento artificial assumia uma dimensão cultural na vida da criança com finalidades políticas e econômicas e para alcançar tais ideais valia até a fabricação artificial do apetite evocado no próximo anúncio.

As crianças têm bom apetite.  
O recém-nascido, a criança nova, chora porque quer ser alimentada. Quando há falta do leite materno, a criança chora desesperadamente. Muitos médicos de nomeada e não poucas mães experientes sabem que não há nada melhor que Dryco. Dryco é saudável, nutritivo e de fácil digestão. Dryco fornece calcio aos dentes e ossos. Dryco é um alimento rico em vitaminas. Com Dryco a criança cresce bem disposta, não chora e dorme satisfeita. (*A União*, quinta-feira, 06 de fev. 1936, p. 5).

O componente disciplinar das práticas educativas de alimentar a criança neste anúncio se realizava na representação manipulada de forma simbólica da vontade da criança comer. A

frase apelativa: ‘As crianças têm bom appetite’ representava um sentido invisível do controle e da vigilância que o anunciante buscava inculcar na mãe para atender às necessidades da criança, mesmo quando esta não disponibilizasse do leite materno. No desejo de sensibilizar as mães sobre a necessidade da criança se alimentar, a propaganda utilizou como dispositivo o choro.

Acreditamos que o uso do choro como instância de controle do corpo do recém-nascido, no discurso do anúncio, implicava que não deveria ser negligenciado. O choro em uma criança que ainda não sabia se expressar através da fala o que sentia, além de motivos de doenças, também estava associado à dor da fome. Como salienta Farge (2009, p. 23), “[...] a dor não é um dado, é, o mais das vezes, dada, tem imediações e se insere em fenômenos de genealogia que podem se explicar e, ser eventualmente combatida”. Assim, sensibilizando o ‘amor materno’ para a eliminação deste suplício para a mãe que não dispunha do leite materno ‘não haveria nada melhor do que o Dryco’. Essa dimensão da existência e necessidade da criança a partir do choro foi reafirmada pela presença do médico como legitimador dos benefícios deste leite, que certamente evitava essa dor da fome. Os discursos sobre o leite Dryco atuavam como agentes de controle social, envolvendo o médico, a mãe e a criança.

Fazendo uso da liberdade que a propaganda tinha nesta época em propagar os benefícios dos seus produtos aliando aos interesses da eugenia positiva de se formar filhos desejáveis e capazes, o leite Dryco era apresentado com todos os atributos que se julgavam necessários para se alcançar esses preceitos. ‘Dryco é saudável, nutritivo’. A ideia de saudável atribuída ao leite Dryco denota o contexto social em que os médicos apontavam essa condição como indispensável para a criança robusta. A prática da higiene alimentar era defendida para todos os produtos e era um atributo aclamado também pela imprensa como explicaria esse informe encontrado no jornal *A União*, em 1918.

Pela hygiene alimentar

A farinha é amontoadada dentro dos armazéns, sem ter forrado o chão e, mais, os vendedores sobem paio acima com os pés descalços, empoeirados e soados. Ora, tal processo constitui um atentado contra a hygiene alimentar, e de certo um grande perigo para os consumidores. (*A União*, Domingo, 27 de out. de 1918, s.p).

Ainda na linha de pensamento da proteção à saúde da criança, o leite Dryco foi apresentado como ‘nutritivo e de fácil digestão’, esta associação benéfica representava sua distinção entre os demais produtos, cuja força dessa diferença seria comprovada no bem estar

da criança. Outro aspecto significativo seria o fornecimento de vitaminas deste leite, considerado necessário às ‘qualidades humanas’, que deveriam começar por proteger as boas sementes - as crianças. Enfatizava também a questão dos dentes, fato importante para a saúde das crianças, mas que não foi mencionado em outros produtos.

Ativando a compulsão para o consumo do leite Dryco, o destinatário da propaganda era a mãe e o beneficiado seria a criança. A figura do médico, mais uma vez, foi exaltada a partir do seu saber científico projetado como especialista social nas questões da saúde e da higiene da criança no contexto do discurso do projeto de nação, contribuindo para com a ‘regeneração moral, social e higiênica do povo brasileiro’. (BRITES E NUNES, 2012). Neste contexto do anúncio publicitário do leite Dryco, ao disciplinar todo o ser biológico da criança contendo o choro, tornando-a disposta e garantindo sono satisfatório, agia na formação completa do ‘futuro da nação’.

A construção de um discurso de modernidade para o Brasil cruzava os interesses econômicos com a necessidade de construir uma sociedade com o ‘novo’ modelo de Brasil republicano, para Herschmann e Pereira (1994, p. 12), “[...] capaz de romper com o esquema das oligarquias regionais, consagrando a emergência de uma sociedade urbano-industrial”. Ou seja, era necessário colocar o país num patamar de destaque científico, cultural, social e econômico aos modos europeus, considerado nessa época como referência de desenvolvimento. Estes ideais pareciam contaminar o mercado econômico atraindo a instalação das indústrias de alimentos, como, por exemplo, a Companhia Ararense.

Acompanhando a lógica da política brasileira na Primeira República, o estado de São Paulo, que já se destacava com a produção e exportação do café, também viu florescer as indústrias, entre as quais destacamos neste estudo a Companhia Ararense de Laiteria, a “Laiteria”, segundo Silva e Costa (2007, p. 119), “[...] fundada em 1909, no município de Araras, pelo francês Louiz Nougés. A fábrica passou a produzir o leite condensado que a Nestlé vendia no mercado brasileiro sob o nome de Milkmaid”.

A chegada dessa indústria refletia o lugar privilegiado inventado para a criança que deveria ser preparada para uma vida adulta como possibilidade de atuar de forma produtiva na sociedade urbana e industrial que emergia no país. No centro destas iniciativas figurava a preocupação com a alimentação, que justificaria o interesse de uma indústria que produzia alimentação infantil com a garantia de um mercado promissor. Considerando as informações sobre a Companhia Ararense, podemos perceber que ela também participou do momento da busca da identidade nacional que caracterizou o Brasil entre os anos 1920 e 1930, no aspecto

econômico, com a industrialização, cujo produto de destaque para este estudo foi o leite Nacional Ararense.

**Imagem 42 - Leite Nacional Ararense<sup>132</sup>**



Fonte: *A União*, 25 jul. de 1919, p. 4.

Para nosso estudo, a importância deste leite se situa pelo fato de ser uma produção nacional que surgiu como uma arte brasileira de imitar o ‘Leite Moça’. Ou seja, um francês, imitando uma produção americana para produzir um leite brasileiro e resultou no Leite Ararense<sup>133</sup>. E como outros leites desta época, que eram comercializados no país, ele era apresentado como um alimento para crianças.

<sup>132</sup> “Leite Nacional Ararense. Fabricado pelos inimitáveis processos do Leite ‘Moça’, de fama mundial, o Leite ARARENSE é um dos alimentos preferidos para alimentação das crianças, dos convalescentes e das pessoas débeis. A Nestlé & Anglo-Swiss Condensed Milk Co lançará no mercado oportunamente, o leite ‘MOÇA’ de fabricação nacional, com puro leite mineiro. Agente e depositário: Pyragine Lemos & Cº. Rua Maciel Pinheiro, 177-Caixa nº 8Endereço teleg: ‘GILBERTO’ Parahyba”. (*A União*, 25 de jul. de 1919, p. 4).

<sup>133</sup> “A Companhia Ararense de Leiteria foi vendida à multinacional Suíça Nestlé em 22 de janeiro de 1921, A negociação da Lacerda, Soares & Nougues, razão social da Companhia Ararense de Leiteria, com a Nestlé and Anglo-Swiss Condensed Milk Co foi selada entre os representantes de cada empresa: João de Lacerda Soares e Louiz Nougues, os maiores acionistas, em nome da indústria ararense e, pelo lado da multinacional suíça, Edouard Dutilh. O primeiro produto feito no município de Araras foi o Milkmaid, leite condensado já consagrado no mercado, que no Brasil, teve seu nome mudado para Leite Moça. SILVA, Gustavo Pereira da Silva; COSTA, Armando Dalla. Companhia Ararense de Leiteria (1909-1920): Louiz Nougues e a realização de um sonho. In: *Revista História Econômica & História de Empresas*. São Paulo: ABPHE. Vol. X, no 1, p. 117- 141, jan./jun. 2007.

Os discursos da divulgação do Leite Arareense traziam a metáfora da saúde, dispositivo muito explorado nos discursos dos médicos higienistas e pediatras nessa temporalidade e ganhava visibilidade nos anúncios publicitários. Ao ser apresentado como alimento preferido, o anunciante deixava transparecer que já havia o consumo deste produto para os males de fraqueza ou para a recuperação de alguma doença. Por este prisma, o ato de consumir este leite funcionaria como uma prática de poder sobre o corpo da criança, gestado nas tramas discursivas desde o início do projeto político de construção de uma nação sadia, propagada nos anúncios de alimentos e reafirmada pelo saber dos médicos que legitimavam as intervenções no corpo da criança.

O que podemos verificar desde o início destas análises é que os diferentes discursos dos anúncios, sejam nos conteúdos explícitos ou subliminares, apesar de terem uma dimensão econômica, imbricavam a ‘invenção’ de uma nação com ‘novos’ ‘códigos sociais’, os quais “[...] passaram a orientar os indivíduos em direção a um cotidiano ‘civilizado’, tendo como um dos pilares o discurso médico com estratégias normalizadoras para a construção de um corpo social sadio” (HERSCHMANN, 2007, p. 51).

Com uma retórica inspirada na eugenia preventiva e a crescente valorização da ciência médica aliada aos interesses sociais e econômicos, os anúncios publicitários aqui analisados foram aperfeiçoando suas estratégias persuasivas. Apesar de algumas limitações textuais, em determinados anúncios estavam visíveis as conotações políticas e as evidências de sintonia com o projeto de modernização do país. Eles alimentavam os ideais da robustez como sinônimo de saúde e desenvolvimento. Havia uma recorrência nos enunciados, com apelo às indicações científicas para a comprovação da eficácia dos leites divulgados nos anúncios, mas as farinhas também conquistaram seu espaço.

O primeiro alimento na linha dos farináceos que encontramos nas pesquisas foi a Farinha Lactea Nestlé, os anúncios publicitários estavam estampados em todas as edições dos jornais utilizados neste estudo, inicialmente com mensagens subliminares, mas os discursos evoluíram em tamanho, nas informações e nas representações de imagens com crianças, se adequando ao contexto histórico da política da eugenia e higienização no Brasil, sob os argumentos de preservar a vida e a saúde, cujas finalidades eram transformá-los em adultos úteis ao país. A frase que ilustra este tópico estava registrada em um dos anúncios que faz parte destas análises. A ideia de ‘tentação’ na frase funcionava como algo que atraía a criança para um alimento irresistível, mesmo quando ainda não fosse apropriado para a idade consumir tal produto.

Para o Dr. Martinho da Rocha (1935, p. 52), “[...] era profundamente lamentável que mães sadias, tendo farta secreção, privem seus filhos do seio, seu alimento natural”. Mas vale salientar que esse aleitamento natural tinha uma temporalidade definida também pelos próprios médicos, que estabeleciam prazos e orientações para se proceder com o desmame e, conseqüentemente, com a ingestão de outros tipos de alimentos oferecidos às crianças.

O desmame poderia ocorrer a partir do 5º mês e a mãe, cautelosamente, iria adicionando outros ingredientes na alimentação da criança, começando pelo leite artificial e dando continuidade com adição de farinhas. Esta ‘nova’ opção de alimentar a criança precisava ser cautelosa, pois, além da fase de adaptação, o ‘novo’ alimento também teria que suprir os nutrientes que ela passaria a precisar para continuar se desenvolvendo sadia e robusta. Sobre os cuidados e orientações dessa prática, vejamos o que prescrevia o Dr. João Soares na Paraíba, no artigo intitulado: Desmame. Na sessão do jornal *A União* identificada pelo título: ‘Para as Mães’, do qual destacamos alguns fragmentos pertinentes a esta discussão.

#### DESMAME - Dr. João Soares

O desmame será posto em prática toda vez que o leite humano não for suficiente para cobrir as necessidades orgânicas do lactente a fim de manter seu normal desenvolvimento. Quanto a idade, varia pela nutrição de cada um. No entanto, poderá começar aos seis meses e terminar dos nove aos doze. Será o leite materno capaz de fornecer a quantidade precisa de substancias calcareas, ferruginosas, fosfóricas do lactente mais de seis mezes? Não. [...] E por isso somos obrigados a lançar mão de outros alimentos, que possam emprestar tais substancias. O desmame poderá ser feito com o leite de vaca ou outros leites artificiais [...] (*A União*, 3 de set. de 1933, p. 3).

Considerando os relatos do Dr. João Soares (1932), constatamos que oferecer o alimento artificial à criança era uma mudança na prática alimentar necessária ao desenvolvimento do lactente, tendo em vista que após o 6º mês o aleitamento materno não supria as necessidades de vitaminas que ela precisava. Este médico sugeria o leite de vaca ou outros tipos de leites artificiais, mas isso deveria ser ajustado às condições intestinais da criança.

O discurso deste médico estava em sintonia com os preceitos da higiene e da puericultura que indicavam as regras na racionalização da alimentação para os lactentes, pois assim evitariam os distúrbios intestinais muito frequentes nessa fase da vida com os alimentos artificiais, o que contribuía com a mortalidade infantil. O artigo do médico na sessão ‘Para as Mães’ funcionava como prática de governamentalidade e de forma pedagógica orientava as

práticas alimentares das crianças, tendo como alvo as mães. Seduzidas pelo emocional, acreditando que estavam ofertando aos filhos uma alimentação melhor, as mães eram manipuladas ao mudar seu comportamento natural de alimentar a criança através do leite materno, construindo um novo comportamento social, prescrito pela figura de credibilidade na sociedade que era a dos médicos.

Partindo do pressuposto que o desmame do lactente oportunizava outras práticas culturais de alimentá-lo, como já discutimos sobre o aleitamento artificial, considerando os anúncios publicitários selecionados para este estudo, continuamos as reflexões em torno da alimentação artificial com as farinhas industrializadas. Contrariando as indicações médicas que ainda defendiam a amamentação como fonte principal da alimentação infantil, a indústria alimentícia Nestlé já havia lançado os alimentos farináceos, como, por exemplo, a Farinha Lactea, apresentada como projeção mundial.

**Imagem 43 - Farinha Lactea Nestlé<sup>134</sup>**



**Fonte:** *A União*, 7 mai. de 1919, p. 3.

Compreendemos por farináceos o pó resultado da trituração de grãos alimentícios. Essa trituração pode ser realizada de forma manual ou através de máquinas, quando se estabelece uma produção em grande quantidade visando um mercado comercial, conforme

<sup>134</sup> “Farinha Lactea Nestlé tem fama mundial como alimento para Crianças, Anciãos e Convalescentes”. (*A União*, 7 de mai. de 1919, p. 3).

podemos constatar na invenção da Farinha Lactea Nestlé<sup>135</sup> de Henri Nestlé. Esta farinha foi inventada em 1876, resultado dos experimentos que combinavam leite de vaca, farinha de trigo e açúcar, lançada em Vevey na Suíça, marcando o início das atividades da companhia Nestlé no mundo.

Considerando os demais anúncios da Nestlé selecionados para este estudo percebemos que a intencionalidade do Henri Nestlé era criar um alimento que substituísse o leite materno. Mas o consumo desta farinha era apresentado como sendo apropriado a um público maior, o que nos levou a imaginar que se tratava de um experimento do qual não se tinha a certeza dos benefícios na composição biológica do lactente. Estas observações nos levaram a conceber esta prática como ‘astúcias da inteligência’ que, na perspectiva de Certeau (1994, p. 156), é “[...] onde se combinam o faro, a sagacidade, a previsão, a esperteza [...] o senso de oportunidade [...]”.

Podemos observar estas ‘astúcias da inteligência’ do Henri Nestlé nas informações do anúncio da Farinha Lactea Nestlé, o qual encontramos em 1919, quando o produto foi divulgado como um alimento, mas seu poder de nutrientes funcionaria como um medicamento, já que o mesmo, ao direcionar seu uso aos convalescentes apresentava também como sendo adequada a recuperação de alguma enfermidade, por exemplo, o raquitismo anunciado em outras propagandas. Outro aspecto significativo é a representação da vaca como forma de mostrar a qualidade da fonte do leite, uma das matérias primas para se produzir esta farinha.

Reportando um pouco a história da alimentação humana, veremos que a farinha já era um ingrediente há muito tempo usado como alimentação humana. Segundo Flandrin e Montanari (1998, p. 48), “[...] o início do neolítico surge no Oriente Próximo, no Oriente Médio e depois na Europa, a ‘revolução’ econômica que lança as bases da nossa alimentação tradicional a cultura do trigo e do centeio”. Como se vê, os grãos já eram usados para se extrair farinhas, e um bom exemplo da ilustração desse uso é o trigo na representação do ‘pão’, um alimento com várias simbologias no contexto cultural religioso.

No caso da alimentação da criança, a farinha passaria a ser um componente também prescrito pelos médicos, que como conhecedores das necessidades nutricionais da criança, reforçavam os discursos da indústria de alimentação infantil, corroborando com os interesses

---

<sup>135</sup> O início da importação da NESTLÉ® FARINHA LÁCTEA no Brasil foi nove anos após seu lançamento na Suíça, em 1876. Disponível em: <<https://www.nestle.com.br/site/aneagle/historia.aspx>.> Acesso em: 24 abr. 2017.

do capitalismo e construindo a representação da criança sadia e robusta como sinônimo de ‘boa’ qualidade de vida.

Imagem 44 - Observações clínicas recentes<sup>136</sup>



**Fonte:** *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba*- João Pessoa, Ano V, nº 1, nov. de 1936, s.p.

Com o título: ‘Observações clínicas recentes’, este anúncio iniciava sua divulgação com a estratégia de atribuir a credibilidade do produto pelo reconhecimento do saber médico. Apresentava-se a Farinha Lactea como um alimento indispensável, ao mesmo tempo, reforçava-se a ideia que ela seria um complemento na alimentação da criança. Nesta orientação, exercia o poder disciplinar operando seus limites, controlando o consumo justificado pelo seu ‘alto valor nutritivo’. E ao enfatizar o combate ao raquitismo para a conquista do crescimento normal, esta farinha assumia a conotação de remédio.

Para Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2010, p. 65), “o temor do raquitismo imperava. Um pouco de gordura rimava com formosura e um ventre proeminente podia soar como um ostensório de poder e riqueza”. Assim, na concepção dos produtores eles contribuíam de

<sup>136</sup> “Demonstram que o emprego da farinha é indispensavel como complemento da alimentação artificial desde os primeiros mezes. Para esse fim a FARINHA LACTEA Nestlé, universalmente conhecida, é muito indicada porque possui, a par do seu alto valor nutritivo propriedades anti-rachiticas que asseguram á criança um desenvolvimento normal”. (*Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba* - João Pessoa, Ano V, nº 1, nov. de 1936, s.p).

forma ‘eficaz’ para as mudanças nas práticas alimentares, fortalecendo a criança de acordo com os padrões eugênicos estabelecidos como fonte de robustez valorizada nessa temporalidade.

A veiculação deste anúncio numa revista escrita por médicos nos mostrou a dimensão da conexão do saber científico da medicina que construía uma aura de verdade ao discurso anunciado e, por extensão, atestava a eficácia do produto divulgado. Tais práticas reforçavam a relação mercantil entre as indústrias de alimentos infantis e os médicos que exerciam as práticas de controle no desenvolvimento da criança e, ao mesmo tempo, disciplinavam as práticas sociais de se alimentar.

**Imagem 45 - Farinha dos Petizes<sup>137</sup>**



**Fonte:** *A União*, 7 out.1937, p. 8.

A estratégia do nome dado a este produto já anunciava seu público alvo: a criança. No desejo de comprovar e direcionar o seu consumo de forma garantida, foi utilizado como artifício o reconhecimento científico da pediatria moderna. Segundo Carneiro (2000), até os

<sup>137</sup> “Farinha dos Petizes. Esse producto, única formula scientifica, de accordo com a pediatria moderna, é sem rival. A farinha dos petizes é fabricada com absoluta escrupulosidade e hygiene, pelo laboratorio-szestack. Representante em João Pessoa: Francisco A. Araújo, praça Anthenor Navarro, n.102 - 2º andar. Nota: - A’ pessoa que colleccionar 20 rotulos será dado um pacote do referido produto”. (*A União*, 7 de out.1937, p. 8).

anos 1940 as noções da moderna Pediatria<sup>138</sup> que prevaleciam eram as da escola alemã, a qual conferia destaque à dietética infantil, atribuía aos pediatras a alcunha de papistas devido a mistura butiro-farináceo nos livros de receitas para as mães contendo sopas e mingaus.

As ideias da Pediatria alemã, interpretavam as diarreias infantis como causa principal da mortalidade infantil, ocasionadas por distúrbios do intercâmbio nutritivo, desviando assim os estudos e a terapêutica da área infecciosa para a metabólica (CARNEIRO, 2000, p. 167).

Outro aspecto importante foi a questão da higiene alimentar, uma prática muito debatida nos anos 1920, cobradas pelos médicos higienistas ao poder público e divulgados através da imprensa como um requisito básico necessário à saúde dos consumidores. Além da questão da falta de higiene alimentar, o uso de farinha para as crianças era visto como um agravante à saúde dos pequeninos, que poderia ocasionar os transtornos intestinais. Sobre esta situação nos esclareceu Freire (2009, p. 227) que “[...] o desafio seria estabelecer o tipo e a proporção ideal de farinha a ser acrescentada ao leite de forma a suprir as necessidades nutricionais das crianças”.

Tal preocupação certamente conduziria a mãe a procurar um médico pediatra, cuja importância era enfatizada por eles, conforme identificamos no Dr. Martinho da Rocha (1935, p. 10-12), “[...] é indispensável escolher um medico para o seu bebê desde o primeiro dia de vida [...] para acompanhar o desenvolvimento de um bebê normal não é indispensável o pediatra”. As ideias deste médico colocavam estes profissionais como uma espécie de bem ‘feitor da população’, cuja atuação estava pautada em ações educativas com orientações e prescrições de práticas de higiene e de alimentação a serviço do desenvolvimento econômico e social do país.

Segundo Rocha (2016), na Paraíba, os discursos médicos com os preceitos da higiene e da eugenia se destacam com a atuação da Comissão de Higiene e Profilaxia Rural instituída pelo Decreto de nº. 14. 354, de 15 de setembro de 1920, regulamentado pelo governo do Estado, ficando a direção confiada ao Dr. Accacio Pires, cuja atuação encontramos que,

---

<sup>138</sup> A pediatria é uma especialidade médica relativamente nova, surgindo somente em meados do século XIX. Abraham Jacobi (1830 – 1919) é sabido como o pai da pediatria. A pediatria (do grego paidos – criança e iatreia – processo de cura) é a especialidade médica dedicada à criança e ao adolescente, nos seus diversos aspectos, sejam eles preventivos ou curativos. Os aspectos preventivos envolvem ações como aleitamento materno, imunizações (vacinas), prevenção de acidentes, além do acompanhamento e das orientações necessárias a um crescimento e desenvolvimento saudáveis (puericultura). Já os curativos correspondem aos diversos procedimentos e tratamentos das mais diversas doenças exclusivas ou não da criança e do adolescente. Disponível em: <[www.bibliotecadigital.ufmg.br/tese\\_doutorado\\_junia\\_sales\\_pereira](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/tese_doutorado_junia_sales_pereira)> Acesso em: 10 mai. 2017.

Esse serviço contemplava a educação sanitária como um instrumento de intervenção como disciplinador [...] Foi criado com a intenção de empregar a Educação sanitária com a proposta de modificar o comportamento higiênico de homens e mulheres na cidade da Parahyba e no interior do Estado. (ROCHA, 2016, p. 49-50).

Os argumentos de Rocha (2016) demonstram que a política sanitária idealizada para o Brasil tinha como alvos a constituição física e moral dos brasileiros, e isto só seria possível com a superação das péssimas condições de saúde, alimentação, higiene corporal e ambiental. Então, cabia à Comissão de Hygiene e Profilaxia Rural da Paraíba estimular a adoção de hábitos de higiene além dos domínios urbanos, evidenciando a intervenção do poder do Estado brasileiro no âmbito da saúde pública nas áreas rurais.

**Imagem 46 - Pondo a boca no mundo!<sup>139</sup>**

**Ponde a Bocca no Mundo!**  
AS CRIANÇAS NÃO CHORAM SEM CAUSA

NUNCA maltrate suas creanças por chorarem sem causa aparente. Vai nisso uma grande injustiça dos paes. As creanças são naturalmente alegres, se estão com saude e bem alimentadas.

Uma alimentação deficiente, com farinhas improprias, torna-as doentias e irritaveis. Consulte o seu medico sobre a conveniencia de uma alimentação phospho-vitaminada para o seu filhinho.

A "Farinha das Creanças" realiza integralmente esse typo de alimentação. É entre os productos de real valor, o mais barato: peça-o immediatamente ao seu fornecedor.

**Gratis!** Envie-nos um envelope para UMA ALIMENTAÇÃO. Mandê-nos 15200 em sellos, lhe enviaremos 1 pacote para 10 alimentações.

PEDIDOS  
à Caixa Postal, 40  
João Pessoa — Parahyba

**FARINHA das CRIANÇAS**  
\* Alimento Racional Phospho-Vitaminado \*

A' venda nas principaes Pharmacias e Mercearias  
desta praça.

Fonte: *A União*, 12 set. de 1937, p. 6.

<sup>139</sup> "Pondo a Bocca no Mundo! AS CRIANÇAS NÃO CHORAM SEM CAUSA. Nunca maltratemos sua criança por chorarem sem causa aparente. Vai nisso uma grande injustiça dos paes. As crianças são naturalmente alegres, se estão com saude e bem alimentadas. Uma alimentação deficiente com farinhas improprias torna-as doentias e irritaveis. Consulte o seu medico sobre a conveniencia de um alimento phospho-vitaminado para o seu filhinho. A 'Farinha das Creanças' realiza integralmente esse typo de alimentação. É entre os productos de real valor o mais barato: peça-o imediatamente ao seu fornecedor. Pedidos à Caixa Postal -40. João Pessoa-Parahyba. FARINHA DAS CRIANÇAS. Alimento Racional Phospho-vitaminado". (*A União*, 12 de set. de 1937, p. 6).

Segundo Denise Bernuzzi de Sant'Anna<sup>140</sup> (2010, p. 64), “[...] entre as décadas de 1920 e 1930, a propaganda impressa descobriu um novo filão para a venda: a alegria”. Foi justamente a falta da alegria que esse anúncio utilizou como apelo para as mães alimentarem seus filhos com a ‘Farinha das Creanças’. A preocupação em garantir uma alimentação com nutrientes adequados às crianças também era a justificativa do anúncio que se apoderava simbolicamente da alimentação associando-a à saúde, um dispositivo muito explorado nos discursos dos governos e na imprensa nesta época.

Em lugar de oferecer a alegria como recompensa do consumo, ela foi naturalizada na criança, que seria interrompida pelo choro. Este, por sua vez, deixava de ser apenas um referencial para o anunciante para ser um dispositivo de controle que, de forma subliminar e como estratégia persuasiva, deixava transparecer que ao consumir esse produto a criança voltaria a ser feliz, o que certamente justificaria a necessidade deste consumo, pois manter a criança alegre também era garantia de estar bem alimentada. Assim, foi construído o apelo emocional direcionado às mães, já que foi sobre elas que se construiu a responsabilidade de alimentar e cuidar do filho.

As regras e as convenções apresentadas em torno da alegria associada à saúde indicavam que essa conquista seria possível a partir de uma prática educativa na forma de se alimentar. A ‘boa’ nutrição poderia funcionar como elemento preventivo tanto das doenças biológicas quanto das mazelas sociais. Esta estratégia efetivava as prescrições dos médicos e potencializava os discursos em torno do fortalecimento da criança como alicerce de um Brasil melhor, socialmente e economicamente.

Com o seguinte argumento: ‘Uma alimentação deficiente com farinha imprópria torna-as doentias e irritáveis’, este alerta funcionava como dispositivo de controle da criança, exercendo a biopolítica a partir da suposta preocupação com a saúde. Para Bastos e Bezerra (2016, p. 167), “[...] por meio desses discursos e de práticas consideradas legítimas de educação alimentar se pretendia que os receptores se tornassem portadores de um saber que os colocaria na condição de indivíduos sadios, fortes, produtivos”.

O pressuposto era que ao se alimentar com esta farinha legitimada pelo saber médico, a criança estaria vitaminada, ou seja, robusta. A ideia de robustez, pensada como um ser forte e vigoroso era um argumento muito explorado nas propagandas e nos discursos médicos, tendo em vista a constatação do grande número de mortalidade infantil, era necessário ‘salvar

---

<sup>140</sup> SANTA’ ANNA, Denise Bernuzzi de. **A força e a alegria na construção histórica das representações corporais**. Niterói, v. 10, n. 2, p. 63-77, sem. 2010. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br>> Acesso em: 10 mai. 2017.

as criancinhas’ e, para isto, os fundamentos da eugenia focalizavam na resistência biológica e no disciplinamento do corpo, o que certamente seria possível com uma alimentação com nutrientes adequados que para este anúncio seria ‘a conveniência de um alimento phospho-vitaminado para o seu filhinho’. O acesso a este tipo de alimento não era tão disponível à ‘criança pobre’, o que certamente impactava de forma negativa o projeto de nação idealizado pela intelectualidade brasileira.

Na linha dos farináceos encontramos vários anúncios sobre a Quaker Oats, devido à dimensão persuasiva da sua credibilidade atribuída aos 50 anos de existência e por se apresentar no contexto da política nacional na temporalidade deste estudo envolvendo diferentes signos representativos do projeto de formação da nação, escolhemos este para ser problematizado no contexto deste estudo. Outra particularidade foi a forma subliminar de apresentar o produto para alimentação infantil sem mencionar o nome criança, bebê ou filho.

#### Imagem 47 - 50 anos de confiança<sup>141</sup>



Fonte: *A União*, 27 nov. de 1929, p. 4.

<sup>141</sup> “50 anos de confiança. Há meio século que Quaker Oats está merecendo a máxima confiança e admiração dos médicos, dos higienistas, dos educadores e, o que não é somenos importância, das mães e donas de casa. Quaker Oats é constituído por natureza, das mais puras e essenciaes substancias nutritivas. Sabe deliciosamente ao paladar e é de facilima digestão. Desenvolve a energia, cria ossos e músculos, effectua, emfim, o perfeito equilibrio orgânico. Milhões de pessoas saboreiam Quaker Oats diariamente. Siga tão criterioso exemplo, na certeza de que o seu sabor delicioso lhe agradará immediatamente e lhe despertará o appetite. Exija a lata Quaker. Verifique a marca e a conhecida figura do Quaker, adquirindo assim a certeza de obter genuino Quaker Oats”. (*A União*, 27 de nov. de 1929, p. 4).

Ao especificar os ‘hygienistas’, profissionais de atuação especializada em saúde pública e administração sanitária, como admiradores da Quaker Oats exaltava-se a sintonia que este anúncio publicitário buscava mostrar com a política higienista que estava em evidência no Brasil, com a qual se buscava disciplinar os indivíduos com relação aos cuidados de si, no tocante à saúde e à higiene a partir de novos hábitos. Esta perspectiva dos ‘novos hábitos’, sobre os quais os higienistas também poderiam atuar como ‘educador’, certamente envolveria a alimentação, o que poderia abrir um precedente para a indicação da Quaker Oats como alimento eficaz para a criança.

Outra figura que intervinha na saúde e na educação da população destacada pela Quaker Oats para dar credibilidade junto ao consumidor foi a do médico, que no exercício da medicina social, prescrevia ‘novas práticas educativas’ de cuidados com a saúde, com a higiene dos espaços individuais e coletivos. Ou seja, conduzia a população a um ‘processo civilizatório’. Como disse Foucault (2000, p. 302), “[...] A medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população [...]; isto por meio de discursividades que possuem efeitos de verdade”. Como tecnologias do poder, os anúncios agiam representando o Estado para disciplinar, higienizar e educar as crianças nas condições físicas e morais, preparando-as para serem cidadãos normais e de ‘boa linhagem’.

Esta prática do desvio do discurso tomou o caminho da arte que estava representada na imagem da criança como figura emblemática que deveria se alimentar com este produto e do médico que atestava a eficácia do mesmo. Neste caso, ocorreu, como diz Certeau (1999, p. 88), “[...] a ordem do poder dominante representada por uma arte”. Com esta estratégia o consumidor seria identificado até mesmo por quem não tivesse o domínio da leitura. Assim, se apresentava uma racionalidade em conformidade com a ocasião e a realidade do país, principalmente nas regiões Norte e Nordeste.

Como bem enfatizou o anúncio, ‘sem menos importância’, eram as mães e as donas de casa. Estas eram representações emblemáticas de grande importância neste contexto histórico, pois, conforme já comentamos, foi atribuída às mães a missão social de procriar, alimentar e educar a criança. A Quaker Oats, por sua vez, também prestigiava estas protagonistas como mediadoras da alimentação da criança com esse produto, apresentado como ‘puro, essencial e com substâncias nutritivas’. Assim, exerceria forte poder sobre o corpo do consumidor. Não se tratava de um poder repressor, mas como disse Foucault (2015, p. 239), “[...] se ele é forte é porque produz efeitos positivos no nível do desejo”.

Interpretamos que este desejo mencionado por Foucault (2015) estava representado na dimensão biológica apresentada pela Quaker Oats, que supostamente poderia agir no corpo do

consumidor para ‘desenvolver a energia, criar ossos e músculos, effectua, emfim, o perfeito equilíbrio orgânico’. Era visível o objetivo de construir o indivíduo ‘ideal’ para atender às demandas da modernidade no setor industrial com o aval da medicina social, com a prática da política higienista anunciada como disciplinadora do corpo do consumidor, que neste caso era a criança.

De posse das estratégias discursivas, a Quaker Oats buscava atrair o consumidor além dos limites das fronteiras do espaço da publicação com a representação de ‘milhares de consumidores’, ou seja, fazendo uso do signo ausente - a criança. Sobre esta foram construídas as práticas da alimentação que serviriam como alicerce das transformações corporais, sociais e políticas. Desse modo, consumir esta farinha funcionaria como um rito de passagem do corpo infantil para o corpo adulto, persuadido para a aceitação do produto com a retórica do ‘sabor delicioso’ e do despertar do ‘appetite’, e funcionava como fórmula que provocaria reações emocionais com objetivo de convencer o consumidor e como expressão de um discurso institucional em defesa da alimentação infantil.

### **3.3 Institucionalização da alimentação para criança: o caso do lactário**

Esta ideia de institucionalizar a alimentação infantil nos remeteu para apresentarmos a atuação do poder público nesta prática na capital do estado da Paraíba, João Pessoa. Cremos que para fins deste trabalho é importante lembrar que as más condições de saúde e higiene da população brasileira, diagnosticadas a partir de 1918 com a criação da Liga Pró-Saneamento do Brasil, repercutiu nos jornais e no poder público a necessidade de sanar estes problemas. Para Lima e Hochman (1996, p. 36), “[...] o ano de 1920 marcou o início da nacionalização das políticas de saúde e saneamento e da definição de uma nova identidade profissional para um grupo de médicos, a de profissionais de saúde pública.”

A presença dos profissionais da saúde na reorganização dos serviços de saneamento e na educação higiênica, impactados pela epidemia da gripe espanhola em 1918, colocou em cheque a estrutura de saúde pública existente no Brasil. Após vários debates e controvérsias, em fins de dezembro de 1919, segundo Lima e Hochman (1996, p. 36),

[...] foi criado o (DNSP) Departamento Nacional de Saúde Pública, reorganizando e dando mais amplitude aos serviços sanitários federais, mantendo acordos com os estados para que os serviços de profilaxia fossem realizados pela União.

Na Paraíba também houve a circulação destas ideias por meio da imprensa, a exemplo do jornal *A União*, neste circulavam as ações públicas da Repartição de Hygiene Pública na Parahyba<sup>142</sup> no controle e intervenção nas práticas de cuidados e prevenções contra as doenças junto à população. A atuação dos representantes do governo federal na questão da saúde na Paraíba foi evidenciada no pronunciamento do presidente do estado, Francisco Camillo de Hollanda<sup>143</sup>.

Trabalha nesta capital uma comissão de polícia sanitária a serviço do govêrno federal. Incubida da prophylaxia dafebre amarella. Essa comissão chefiada pelo ilustre Dr. Vital de Mello está prestando relevantes serviços a esta Capital. Sendo efficazmente auxiliada pelos dignos profissionaes da Repartição de Hygiene do Estado[...] Tudo quanto se fizer contra o impaludismo e ancilostomiase, que tanto perseguem o nosso homem do campo, valerá por obra de humanidade e providencia econômica (HOLLANDA, Francisco Camillo de. 1919, p. 13).

Este projeto de integração do Brasil em torno de uma nação higienizada pressupunha também a construção de uma consciência nacional, cuja moldura eram os interesses econômicos, especificados também no discurso do Dr. Francisco Camillo de Hollanda. Ilustrando essa moldura estava a criança, que despertava os cuidados dos ‘homens das ciências e do poder público’, que alertavam para os altos índices de mortalidade infantil, fato comentado no Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção á Infância, pelo ministro do interior Dr. Ferreira Chaves.

Si é grande o coefficiente de mortalidade infantil nos centros urbanos, mesmo nos de maior população, melhor provido de assistência idonea, essa mortalidade apresenta no interior do paíz números tão elevados que reclamam providencias talvez mais complexas e dependentes de estudos mais demorados<sup>144</sup>. (CHAVES, 1922, p. 121).

Esta preocupação com a mortalidade infantil e com a higienização física e moral dos brasileiros se prolongava no contexto das políticas de modernização social e econômica do país, sendo criados dispositivos legais, de maneira que o Estado pudesse manter o controle sobre a população, iniciando pela invenção de modelo institucional de criança e de família.

<sup>142</sup> Esta Repartição foi regulamentada e institucionalizada através do Decreto n. 494, de 08 de junho de 1911. (ROCHA, 2016, p. 43).

<sup>143</sup> Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba, na sessão de abertura da 4ª Sessão Ordinária, em 1º de setembro de 1919. Ele governou o estado da Paraíba de 22 de outubro de 1916 a 22 de outubro de 1920.

<sup>144</sup> Discurso do senhor ministro do interior o Dr. Ferreira Chaves, na Sessão de abertura do Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção á Infância, em 27 de agosto de 1922, p. 121. GEPHE - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Higienismo e o Eugenismo. Disponível em: <<http://www.ppi.uem.br/gephe>> Acesso em: 27 set. 2017.

Uma representação destes dispositivos que surgiu envolvendo também as questões sanitárias foi a Constituição de 1934<sup>145</sup>, que no art. 138, conforme Senado Federal, p. 174-175, incumbiu à União, estados e municípios, os seguintes serviços:

- a) assegurar amparo aos desvalidos, criando serviços especializados e animando os serviços sociais, cuja orientação procurarão coordenar;
- b) estimular a educação eugênica;
- c) amparar a maternidade e a infância;
- d) socorrer as famílias de prole numerosa;
- e) proteger a juventude contra toda exploração, bem como contra o abandono físico, moral e intelectual;
- f) adoptar medidas legislativas e administrativas tendentes a restringir a mortalidade e a morbilidade infantis; e de higiene social, que impeçam a propagação das doenças transmissíveis;
- g) cuidar da higiene mental e incentivar a luta contra os venenos sociais.

Estes dispositivos legais institucionalizavam a saúde, a higiene e a instrução da criança como um investimento social baseado num discurso da medicina social como etapas do processo de civilizar a família brasileira. Estas práticas convergiam para as ações entre os educadores escolares e os médicos que, pelos discursos das práticas educativas, buscavam conscientizar as populações com medidas higiênicas e instruíam, a fim de evitar os males sociais que viessem a prejudicar o desenvolvimento da nação dos estados e municípios.

Portanto, podemos interpretar que essas medidas não visavam apenas o bem comum, mas representavam uma infinidade de fins específicos de governar, que pelo olhar de Foucault (2015, p. 417), “[...] por exemplo, implica fazer com que se produza a maior riqueza possível, que se forneça às pessoas meios de subsistência suficientes”. Ou seja, essa ‘arte de governar’ por meio da lei atingia os fins do governo, que adentrava na privacidade das famílias com os argumentos de amparar, educar e proteger.

Estas medidas foram acolhidas por vários governos, entre eles destacamos, na Paraíba, o Dr. Argemiro de Figueiredo, que investiu em obras públicas, como efetivação do seu programa de assistência social no estado, com as quais faziam a propaganda do seu governo como aquele que tinha um ‘compromisso’ com a população. Entre elas podemos mencionar a construção do Abrigo de Menores, o Instituto de Educação e na questão alimentar criou a primeira cozinha dietética para distribuir alimentação para as ‘crianças pobres’, inaugurada em 15 de junho de 1937.

---

<sup>145</sup>Disponível em: <camara.leg.br/legin/fed/consti/1930-1939/constituicao-1934-16-julho-1934> Acesso em: 5 out. 2017.

## Imagem 48 - Inauguração da Cozinha Dietética



Fonte: *A União*, 16 jun. de 1937, nº 106, p. 5-8.

Por se tratar de um jornal com vínculo institucional do governo do Estado, essa matéria que fez referência à inauguração da Cozinha<sup>146</sup> Dietética do Departamento de Saúde Pública, em alguns momentos, exaltava com ‘louvor’ essa construção, apresentando como um notável empreendimento do governo Argemiro de Figueiredo que integrava a Paraíba nas tendências e objetivos do Estado Moderno. “Uma legítima obra social amparando a infância desvalida, que poderá assim contribuir para a grandeza e progresso do Brasil de amanhã”. Como a matéria era muito extensa, destacamos alguns pontos pertinentes a este estudo.

O primeiro lactário foi inaugurada às 9 horas da manhã do dia 15 de junho de 1937, instalado ocupando três salas do Departamento de Saúde Pública do Estado, sob os cuidados do diretor de saúde pública o sanitarista Dr. Octavio de Oliveira, o lugar recebeu o título de Cozinha Diética. Contou com as presenças do governador, dos doutores Raul de Goes e Severino Guimarães oficial do gabinete, do arcebispo D. Moysés Coelho, representantes do comandante da Polícia e do 22º B.C, políticos, familiares e outras figuras de destaque da sociedade.

“Meus senhores. Minhas senhoras, o futuro de uma nação depende dos cuidados que se tenham com as crianças”. Nesta frase de abertura do discurso do Dr. Octavio de Oliveira

<sup>146</sup> Transcrição conforme está no jornal *A União*, 1937.

estava nítida a pretensão dos ideais de nação em ‘salvar’ da morte as crianças através das mudanças nas práticas alimentares, pois eram visíveis os dados da mortalidade infantil do município de João Pessoa.

Consultados os informes estatísticos relativos a lactentes mortos, em João Pessoa, durante o quinquênio de 1932-1936 verificaremos que o percentual de óbitos por diarreias e enterite sobre óbitos por doenças em geral orçou sempre em crescendo, por 42,1 em 1932; 47,6 em 1933; 49,0 em 1934; baixou em 40,6 em 1935; para grimpar até 55,2 em 1936. Fixae em vossa retentiva esta desoladora noticia: em cada 100 creanças de 0 a 1 anos que pereceram em João Pessoa, cerca de 47 foram victimadas por diarrhéas e enterite. Se eu vos adeantar. Srs. que a causalidade dessas diarrhéas e enterite em infantes decorre de distúrbios alimentares provocados por alimentação inconvenientemente conduzida com a sua errada propinação tanto em quantidade como em qualidade. (*A União*, 15 de jun. de 1937, p. 5-8).

Os dados mencionados pelo Dr. Octavio de Oliveira certamente justificavam a necessidade da existência desta cozinha. Mas não se pode esquecer que se tratava de uma obra assistencial e que os problemas da infância neste Estado não eram somente referentes à questão da alimentação, as famílias também enfrentavam os baixos salários e o alto custo no valor do leite, que inclusive foi mencionado nesta matéria. “Como um regime orçamentario de 3\$500 a 4\$00, que é o quanto o cabeça do casal ganha por dia se poderia comprar leite a 1\$200 o litro? O que seria da alimentação do restante da família?” Ou seja, o poder público reconhecia sua ineficiência econômica em favor das famílias carentes e buscava solução nas obras assistenciais que certamente registrariam seu nome na história como benfeitor da ‘causa da criança’.

Sob a organização da enfermeira-chefe Dra. Nadyr Coutinho, a Cozinha Dietética tinha a finalidade de preparar seis refeições diárias e entregar às mães das crianças enfermas em mamadeiras esterilizadas com as recomendações indispensáveis, segundo prescrição médica. Elas eram cadastradas e depois examinadas pelos Drs. João Soares e Damasquinho Maciel, que lhes receitavam a alimentação cientificamente apropriada.

Este serviço era destinado aos filhos de pais reconhecidamente pobres ou desempregados. Segundo o que foi noticiado de início, a Cozinha Dietética iria distribuir 60 litros de leite diariamente, que poderia ser puro ou preparado com leite fresco, com butiro de farináceo e leite Moll. Caso houvesse sobra do leite das crianças, fazia-se a distribuição para as mães ‘enfraquecidas’ e os matriculados no Dispensário de Tuberculose, preferencialmente as crianças.

### Imagem 49 - Entrega do leite às mães



Fonte: *A União*, quarta-feira, 11 ago. de 1937, p. 8.

A legenda da imagem 29 dizia, “Em cima auxiliares enchendo as mamadeiras, na secção de manipulação”. Já “Em baixo - o representante desta folha assistindo á distribuição dos regimes alimentares, iniciada pela encarregada do serviço, senhora Isaura Patrício”. De forma demonstrativa, tentava-se transmitir uma representação da criança sadia e robusta na Paraíba, resultado do atendimento prestado pela cozinha dietética. Como ilustração concreta deste modelo, *A União* estampava a enfermeira distribuindo leite com as mães e deixava transparecer o ‘compromisso’ do governo de alimentar as crianças. Com essas práticas de governamentalidade o Estado atuava no sentido de regulamentar estas famílias e as crianças, tendo em vista um ‘bom’ resultado para se adequar aos padrões do Estado moderno pensado para a criança, para serem vigorosas. Em uma das sessões desta matéria encontramos o seguinte título: ‘As Rações Alimentares’, nela constatamos o atendimento prestado por esta cozinha.

De todos os regimes o mais importante e nutritivo é o leite, destinados às crianças doentes e com menos de um anno de idade. As outras rações que se prescrevem são leite em lactato de cálcio, leite engrossado, sopa de farinha de verdura, leite desnatado e acifcado, leite de Moll e mingau de moro da Cozinha Dietética de accôrdo com a prescriptação medica. No mês de julho foram atendidas 2.704 crianças, tendo sido distribuídas 12.165

mamadeiras e consumidos 2.090 litros de leite com uma média diária de 90 crianças. (*A União*, 15 de jun. de 1937, p. 5-8).

Estes dados do atendimento da cozinha dietética, mais do que revelar resultados, parecia contrariar a aplicabilidade prática dos discursos da ciência médica que insistia em manter o aleitamento materno. No entanto, o procedimento parecia ser vantajoso para o governo Argemiro de Figueiredo<sup>147</sup> consolidar seu papel de ‘bem feitor’, pois se tratava de ‘ajudar mães pobres’ que poderiam recorrer a uma alimentação artificial inadequada para a criança. E a ‘prevenção’ neste governo foi a cozinha dietética.

### Imagem 50 - Mães alimentando os filhos no lactário



Fonte: *A União*, 11 ago. de 1937, p. 8.

Com a legenda ‘Um expressivo flagrante de mães alimentando os filhinhos com o leite distribuído pela Cozinha Dietética’, nesta imagem ficava explícito que a proposta da Cozinha Dietética estava sendo efetivada. Ou seja, ajudar a criança na sua tenra idade seria uma ‘virtude’ da ação deste governo. O discurso parecia exaltar o duplo objetivo: atender às

<sup>147</sup> Argemiro de Figueiredo nasceu em Campina Grande (PB), no dia 9 de março de 1901, filho de Salvino Gonçalves de Sousa Figueiredo e de Luísa Viana de Figueiredo. Durante 20 anos seu pai foi o chefe político da oposição ao coronel Cristiano Lauritzen, que, gozando de prestígio junto ao Governo Federal, dominava o cenário político de Campina Grande. Eleito governador empossado em 25 de janeiro de 1935. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/figueiredo-argemiro->> Acesso em: 06 out. 2017.

crianças ‘pobres’ com vistas a torná-los futuros trabalhadores ‘fortes’ e ao projeto do governo estadual, que registrava seu nome na história com um projeto social em prol da criança paraibana com os ideias da eugenia e da higienização, em sintonia com o projeto do governo federal, alicerçado pelos ideais da elite que via nessas práticas um meio de também se prevenir dos ‘cidadão indesejados’.

Diferente dos discursos dos anúncios publicitários que divulgavam os alimentos artificiais sem fazer referência ao nível social econômico da criança, pois seu objetivo era sensibilizar o consumo e garantir as vendas, a legenda da matéria no jornal *A União* já evidenciava que esta distribuição de alimentos era para as ‘crianças carentes’, estas práticas se espalhavam pelo país. Segundo Nunes (2011, 72), “[...] ao introduzir o objeto assistência seria o cuidado e atenção das crianças abandonadas ou desatendidas por seus familiares”, posto que “[...] esse público representava um ‘problema de vital importância’ e preocupava profundamente a Sociedade”. Então, a inauguração desta cozinha dietética concebia a vida da criança como prioridade, vislumbrando o ser adulto, higienizado e com vigor.

No desejo de orientar cientificamente essa questão da alimentação, havia um controle e disciplinamento da quantidade oferecida às crianças, com a vigilância dos médicos higienistas sob a tutela das mães. Desse modo, o corpo da criança era moldado através da alimentação artificial que envolvia leites e farinhas dosados e oferecidos em mamadeiras esterilizadas, certamente se presumia um controle da higiene e a construção de ‘novas’ práticas alimentares.

Constatamos nesta matéria a influência e o poder que a alimentação exercia sob a saúde pública e como a criança pobre em João Pessoa tornava-se alvo do projeto social na tentativa de torná-las sadias para o futuro da cidade. A falta de higiene e a subalimentação eram fatores que contribuíam para as altas taxas da mortalidade infantil e, segundo o discurso deste jornal, esta situação e o problema do menor abandonado impediam que a Paraíba se integrasse às tendências e aos objetivos do Estado moderno, que idealizava a grandeza e o progresso do Brasil de amanhã.

Como tecnologia de controle, a criança, ao se matricular na cozinha dietética, era pesada e convenientemente fichada para posteriores observações e para começar a receber a alimentação, a fim de evitar os altos índices de mortalidade de lactente que foram constatados na cidade de João Pessoa entre os anos de 1932 a 1936 e apresentadas pelo Dr. Octavio de Oliveira, diretor da Saúde Pública, na ocasião da inauguração do Lactário.

Os informes estatísticos relativos a lactente mortos, em João Pessoa, durante o quinquênio de 1932- 1936, verificamos que o percentual de óbitos por diarrhéa e enterite sobre o obitos por doenças em geral, orçou, sempre em crescendo, por: 42.1 em 1932, 47,6 em 1933, 49,0 em 1934, baixoi a 40.6 em 1935, para grimparaté 55,2 em 1936. Fixaa-se em cada 100 crianças de 0 a 1 anno que perece em João Pessoa cerca de 47 foram vitimadas. [...] a causalidade dessas diarrhéas e enterites em infantes decorre de distúrbios alimentares, provocados por alimentação errada tanto em quantidade quanto em qualidade de prompto concluireis commigo que benemevita obra será aquella que conseguir modificar esta ordemde coisas poupando as criançinhas[...] (*A União*, 16 de jun. de 1937, nº 106, p. 5-6).

Segundo *A União* (1937), a finalidade das cozinhas dietéticas era preparar, de acordo com as prescrições dos médicos, alimentação destinada às crianças enfermas. Elas eram cadastradas e examinadas pelos Drs. João Soares e Damasquinho Maciel, “[...] que lhes receitavam a alimentação cientificamente apropriada. Manipulado o alimento para seis refeições diárias, era entregue a ‘mãe do doentinho’ em mamadeiras esterilizadas com as recomendações indispensáveis” (*A União*, 16 de junho de 1937, p. 8). Este periódico trouxe ainda alguns resultados da cozinha dietética na vida das crianças matriculadas, entre eles, destacamos estes três.

#### Quadro 06 - Os Efeitos da Cozinha Dietética

<p><b>Maria Selma</b>, 3 meses de idade. Tinha o pêso estacionado em 3kilos e 500 grammas. A mãe não podia alimentar-a. Estando atualmente com 5 kilos e 800 grammas, pélles mucosas coradas e humor alegre.</p>	<p><b>Crysaldo Salles</b>, 4 meses de idade. Pesava 4 kilos e 900 grammas. Actualmente pesa 5 kilos e 900 grammas.</p>	<p><b>João Baptista</b>, 1 anno de idade, começou a receeber o leite e sopa, pesava 5 kilos e meio. Actualmente pesa oito quilos.</p>
--	--	---

**Fonte:** *A União*, 16 jun. de 1937, p. 8. Quadro produzido pela autora.

Não temos como confirmar a veracidade destas informações sobre a cozinha dietética, porém, os argumentos da matéria deixavam transparecer que existiam ações práticas do governo em prol da criança carente, cuja manchete dizia: ‘A proteção e assistência à infancia na Parahyba’. Esta funcionava como dispositivos de controle social, desenvolvendo e fortalecendo forças produtivas. Também agregava valor à política pública do governo Argemiro de Figueiredo, tornando potencialmente a criança como alvo do seu programa assistencial e servia de barganha política como um ‘outro caminho para o progresso’, atento aos padrões da criança robusta e bela, conforme tentou repassar com os dados representados neste quadro, enfatizando principalmente a questão do peso.

O saber médico divulgava que a maioria das crianças que se desenvolviam eram as que as mães tinham mais dedicação e melhor manejo com as práticas alimentares. Tanto nos anúncios quanto nos artigos eram recorrentes as prescrições e orientações que para um bebê ser nutrido eram necessários alimentos abundantes em vitaminas e sais minerais, pois estes nutrientes proporcionavam uma ossificação perfeita evitando que a criança tivesse raquitismo e esteticamente desenvolveria estatura e uma dentição ‘perfeita’. Este aspecto da ‘boa’ qualidade de vida e saúde da criança no estado da Paraíba, associada ao aumento do peso pelos benefícios da alimentação concedida pela cozinha dietética, construía a imagem da criança saudável a partir da robustez, com a materialização da saúde, como um conceito que exaltava a beleza.

Com efeito, as circulações dos anúncios sensibilizavam as mães apelando para o ‘amor materno’ e usando os discursos médicos que representavam os anseios da elite brasileira e do poder público de querer a ‘purificação da raça’ forjada pela perspectiva de cuidar da saúde e do bem estar da criança. Construíram uma ‘nova’ representação social para a criança, que deveria ser sadia, robusta e bela, como subterfúgio dos verdadeiros motivos desta idealização.

Em suma, o que quisemos mostrar nesta operação historiográfica através das interpretações foi que os anúncios publicitários de alimentação para o público infantil, entre os anos de 1918 a 1937, se apropriaram das ideias biológicas e sociais com influência da eugenia e do higienismo para construir seus discursos de persuasão e vender os produtos. Sendo a alimentação problematizada pelo seu valor simbólico no contexto cultural, identificamos as prescrições de novas práticas alimentares, reiterando os discursos da fragilidade da criança.

Então, construíram uma ‘nova’ biotipologia com o propósito de assegurar as ‘boas’ características psíquicas e morais para se gerar uma nação mais forte e eficiente. Para isto, o Estado e a medicina agiam como vigilantes construindo valores, estabelecendo novas práticas culturais inclusive nos casamentos, ao determinar os exames pré-nupciais como forma de gerar famílias saudáveis, que viessem a contribuir para elevar a nação ao patamar de dinâmica e moderna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Realizar este estudo nos levou por caminhos desconhecidos, encontros agradáveis e inesperados. Nos ajustes desses processos vislumbramos em diferentes lugares as fontes que saciaram a sede da pesquisa. De posse deste refrigero vieram as leituras, as interpretações que, por alguns momentos, deixaram nossos olhos ofuscados, a mente cansada, mas não podíamos desistir. Em alguns momentos, tivemos que ficar nos bastidores apreciando a escrita de outros autores que viveram a experiência do cansaço da escrita dos seus trabalhos. Em outros momentos, tivemos que subir no palco e assumir o protagonismo da escrita, enfrentando a ausência das palavras que relutavam em aparecer no papel e que, em determinados momentos, impediam que o debate entre a teoria e os discursos das publicidades se conectassem e ‘novos’ textos fossem construídos.

Foi preciso vencer as limitações de conhecimentos da história, a inabilidade emocional sobre a força racional para compreender as ‘verdades’ construídas nos discursos das ‘ciências modernas’, das instituições e das políticas públicas submetidas aos interesses econômicos de uma elite que atribuía sua permanência no poder a partir do controle e disciplinamento de uma ‘pobre sociedade’ que nada tinha, e assim mesmo era vista como uma ameaça. E tudo parecia confuso e incerto. Nossa ideia era apenas falar sobre alimentação, ordenar alguns discursos das publicidades, colocar a criança sadia e robusta no centro das atenções e narrar as invenções construídas sobre elas.

Mas as leituras dos anúncios nos levaram a conhecer outros acontecimentos históricos, caminhar pelas dores das doenças através das representações de imagens de crianças fragilizadas e também nos surpreender por imagens que refletiam a criança bela com altivez, forte e vigorosa. Encontramos um corpo infantil marcado por diferentes histórias que foram retiradas do anonimato, da condição de ‘brinquedos dos adultos’, do estigma do passado para se tornar o centro dos interesses mercadológicos a partir da emergência do discurso médico que, de posse da sua força intelectual, submeteu as mães a um jogo de interesses.

Portanto, enquanto leitora das fontes que nos levou à construção deste trabalho, tendo em vista a diversidade de narrativas históricas sobre práticas culturais pelo viés da alimentação, sobretudo explorando os sabores, costumes à mesa, os diferentes modos de se preparar, também ousamos construir uma narrativa histórica com esse objeto. Para isto, seguimos com o objetivo de analisar como os anúncios publicitários de alimentação infantil, que circularam em revistas e jornais no estado da Paraíba, entre 1918 a 1937 do século XX, divulgavam práticas educativas para alimentar as crianças.

Problematizamos as questões relacionadas às prescrições dos alimentos divulgados através dos anúncios publicitários utilizando as categorias saúde, beleza, robustez, sadio e maternidade, com as quais identificamos nos discursos dos anúncios as conexões com a política da eugenia e da higienização no Brasil, que também repercutiram no estado da Paraíba. Utilizamos como fontes os periódicos *A União* e a revista *Era Nova*, que circularam informações de caráter pedagógico para os leitores que compunham uma ‘pequena’ elite paraibana.

Através das interpretações dos discursos nos anúncios publicitários de alimentos constatamos a invenção de uma cultura alimentar para a criança na Paraíba a partir dos produtos industrializados como fontes para se conquistar a saúde e a robustez. Neste contexto, identificamos que para sensibilizar as mães a adquirir os produtos como alimentos ‘ideais’ para os filhos, as indústrias de alimentos apelavam para a ‘nobre missão’ da maternidade, cujo maior preceito era que uma ‘boa’ mãe preocupava-se com as práticas alimentares do filho, além dos cuidados com a higiene corporal e moral.

Ao produzirmos estas narrativas de como foi construída a cultura alimentar da criança na Paraíba a partir dos produtos industrializados como fontes para se conquistar corpos sadios, identificamos que os discursos dos intelectuais e cientistas estavam articulados com os pressupostos eugênicos em circulação no Brasil e através deles defendiam a formação econômica, urbana e industrial. Ou seja, a construção de uma nação moderna, com um ‘novo’ padrão físico, moral e racial. Neste contexto, foi importante o papel do médico que, credenciado pelo saber da ciência eugênica e da higiene, agia prescrevendo alimentos e ‘novas práticas de cuidados com o futuro dos ‘filhos da Pátria’.

Os anúncios assinados por médicos prescrevendo os alimentos industrializados para crianças numa época em que se incentivava a amamentação, nos levou a crer que havia uma teia de interesses mercadológicos por parte dos médicos e das indústrias alimentícias, entre as quais predominava a Nestlé, que usava os problemas sociais vivenciados pelas crianças, tais como: a mortalidade infantil, os perigos de infecções, a questão alimentar, as doenças congênitas e, muitas vezes, a ignorância das genitoras. Estas prescrições eram manipuladas como forma de persuadir o consumidor e era recorrente a perspectiva científica voltada para uma ‘eugenia preventiva’.

Para entendermos a teia histórica de que o ‘futuro da nação’ dependia de ter crianças saudáveis, robustas, com ossos rijos, dentes fortes e moralmente higienizadas, fomos conduzidas a conhecer informações sobre o Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, ocorrido em 27 de agosto de 1922. Porém, constatamos que ao projetar a degeneração dos

brasileiros a partir da doença os intelectuais construíram a ‘esperança’ de que era possível ter ‘novos’ brasileiros e essa possibilidade estaria em regenerar não só as crianças, mas a família. Na Paraíba, esta bandeira foi propagada por muitos médicos, entre eles, destacamos a atuação do Dr. Flávio Maroja e Dr. Walfredo Guedes Pereira, este um dos fundadores e diretor por muitos anos do Instituto de Proteção e Assistência à Infância da Parahyba-IPAIP, que acolhia criança ‘carente’ nesse estado.

Embora houvesse a divulgação de alimentação para criança nos periódicos que circulavam pelo estado da Paraíba, isto não nos deu a certeza que os produtos foram consumidos por todas as crianças deste lugar, pois sabemos que tanto os jornais quanto as revistas eram escritas por uma elite letrada e para esta mesma elite. E bem sabemos que neste estado, na temporalidade desta pesquisa, ainda havia um grande número de pessoas analfabetas e com baixo poder aquisitivo de compra.

Feitas essas observações, concluímos a investigação identificando que os princípios da eugenia pensados para o Brasil se apropriaram das ideias de ‘evolução da raça’ para construir uma nação moderna, um povo civilizado e com progresso para eliminar os ‘males’ sociais. Esta política tinha princípios biológicos como uma forma de controlar a vida e os corpos das pessoas, legitimando a biopolítica sobre a nação considerada uma ‘raça atrasada’. Com este cenário, construímos uma operação historiográfica para se pensar o lugar da ‘criança burguesa’ na Paraíba nas questões que envolviam as ‘novas’ práticas educativas de se alimentar a partir do incentivo do marketing das publicidades de alimentação infantil.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Juliane Pagliari et al. História da saúde da criança: conquistas, políticas e perspectivas. In: **Revista Brasileira Enfermagem**. [online]. 2014, vol.67, n.6, pp.1000-1007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2014670620>> Acesso em: 16 set. 2016.
- AUCAR, Bruna; ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. Os anúncios nas revistas Ilustradas: Imaginários e Valores brasileiros no início do século XX. In: MORAES, Ana Luiza Coiro; FILHO, Flavi Ferreira Lisboa; PAVAN, Maria Angela. **História e reflexões da publicidade e propaganda e da comunicação institucional**. EDURFN. Natal-RN, 2005.
- BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o mito do amor materno**. (D. Waltensir - Trad.). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.
- \_\_\_\_\_. **XY: sobre a identidade masculina**. Tradução: Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARROS, José D'Assunção. **Nova História Cultural** – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. Cadernos de História, Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1º sem. 2011.
- BASTOS, Tiago; BEZERRA, José Arimatea Barros. Aprender a comer, comendo: análise sócio histórica de cartilhas sobre educação alimentar e nutricional, 1938-1946. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá-PR, v. 16, n. 3 (42), p. 144-172, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br>> Acesso em: 05 abr. 2017.
- BEZERRA, José Arimatea Barros. Educação alimentar e a constituição de trabalhadores fortes, robustos e produtivos: análise da produção científica em nutrição no Brasil, 1934-1941. In: **História Ciência Saúde** -Manguinhos [online]. 2012, vol.19, n.1, pp. 157-179. ISSN 0104-5970. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702012000100009>> Acesso em: 26 dez. 2016.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo (séculos XV – XVIII)**. Trad. Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- BRITES, Olga. **Infância, higiene e saúde na propaganda (usos e abusos nos anos 30 a 50)**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 20, nº 39, p. 249-278, 2000.
- BRITES, Olga; NUNES, Eduardo Silveira Netto. Infâncias e propagandas em revistas: anos 1920 – 1950. In: **Revista Tempos Históricos**, Volume 16 - 1º Semestre – 2012 – p. 87 - 118 Históricos. ISSN 1517-4689 (Versão impressa) 1983-1463 (versão eletrônica).
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Prefácio de Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; Tradução: André Telles. – Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BURITI, Iranilson; RICARTE, Juciene Apolinário; NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. (Orgs.). **Modos de Ver, formas de escrever (Notas em torno da história da educação e do ensino de história)**. Fortaleza, CE: RDS Editora, 2013.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sérgio Goes de Paula, 2ªed. Ver. Ampl, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2008.

CAMARA, Sônia. Sementeira do Amanhã: o primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância e sua perspectiva educativa e regeneradora da criança pobre. In: **Anais do Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação**. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 757-769. Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/pdf>> Acesso em: 04 jul. 2016.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para a história do Brasil. Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, 1969, Campinas. In: **Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**. Portos, rotas e comércio. São Paulo: FFLCH-USP, 1971.

CARNEIRO, Glauco. **Um compromisso com a esperança**: História da Sociedade de Pediatria, 1910/2000, Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2000.

CARVALHO, Kátia de. **A imprensa feminina no Rio de Janeiro, anos 20**: um sistema de informação cultural. Ciência da Informação, Brasília, DF, v.24, n.1, 1995.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da história**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. Série Princípios da Editora Ática, São Paulo, 15ª edição, 2002.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; FILHO, Naomar de Almeida. Análise do Conceito de Saúde a partir da Epistemologia de Canguilhem e Foucault. In: GOLDENBERG, Paulete (Org.). **O Clássico e o Novo**: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde/Organizado por Paulete Goldenberg, Regina Maria Giffoni Marsiglia, Mara Helena de Andréa Gomes. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

CORAZZA, Sandra Mara. **História da infância sem fim**. Ijuí: Unijuí, 2000.

COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, Claudine. **História do rosto - Expressar e calar as emoções**: (do século 16 ao começo do século19). Tradução: Marcus Penchel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução: Viviane Ribeiro. EDUSC, Bauru, 1999.

DEL CONT, Valdeir. **Francis Galton: eugenia e hereditariedade**. Scientiæ zudia, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 201-18, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v6n2/04>> Acesso em: 04 abr. 2017.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FARIA, Ivan Dutra; MONLEVADE, João Antônio Cabral. **Módulo 12: higiene, segurança e educação**. Brasília: Universidade de Brasília, 2008. p. 75 Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/higiene.pdf>> Acesso em: 12 mar. 2017.

FERNANDES, Priscila Dantas; OLIVEIRA, Kécia Karine S. de. "**Movimento higienista e o atendimento à criança**". 2012. Disponível em: <<http://simposioregionalvozesalternativas.pdf>> Acesso em: 4 abr. 2017.

FINKELMAN, J. (Org.). **Caminhos da saúde no Brasil [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 328 p. ISBN 85-7541-017-2. Available from SciELO Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

FIUZA, Denis Henrique. A Propaganda da Eugenia no Brasil: Renato Kehl e a implantação do racismo científico no Brasil a partir da obra "Lições de Eugenia". In: **Revista Aedos**. Porto Alegre, v. 8, n. 19, p. 85-107, Dez. 2016. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/>> Acesso em: 04 abr. 2017.

FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo. **História da alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. 1926-1984. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução: Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: 16ª edições Graal, 2015.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª ed. - São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. 1984. **Resumo dos cursos do Collège de France - 1970-1982**. Tradução: Daher, Andrea; consultoria Roberto Machado - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, E. 1997.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território e População**. Curso dado no Collège de France (1977-1978) Tradução: BRANDÃO, Eduardo. São Paulo: Martins Fontes, 2008, (Coleção tópicos).

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicas: discurso maternalista no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). **História social da infância no Brasil**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, Regina M. Giffoni; GOMES, Mara Helena A. (Orgs.). **O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 444 p. ISBN 85-7541-025-3. Available from SciELO Books. 2003.

GONDRA, José Gonçalves. (Org.). **Infância e escolarização**. 1ª edição, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte imperial**/José Gonçalves Gondra. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. O imaginário moderno no Brasil. In: HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Orgs.). **A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOCHMAN, Gilberto. **Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945)**. Educar, Curitiba, n. 25, p. 127-141, 2005. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n25/n25a09.pdf>> Acesso em: 05 jun. 2016.

JANZ JR., Dones Cláudio. **O valor da eugenia: eugenia e higienismo no discurso médico curitibano no início do século XX**. Cordis. História, Corpo e Saúde, n. 7, jul./dez. pp. 87-120, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php.>> Acesso em: 05 mai. 2017.

KIRPATRICK, Jerry. **Em defesa da propaganda: argumentos a partir da razão, do egoísmo ético e do capitalismo laissez-faire**. Tradução: Madureira, Gisela. Ed. Geração Editorial, São Paulo, 1997.

KREUTZ, Elizete de Azevedo; WAGNER, Diana; MUHLER, Leonel Von. **Reconstrução da História da Publicidade veiculada no Jornal O Taquaryense, no período de 1900 a 1909**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em: <[www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007)>. Acesso em: 09 jun. 2017.

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996. [Original dos ensaios: 1987-1982] [Original do livro: 1990]. Disponível em: E-Book site: LeLivros.Info Acesso em: 15 ago. 2016.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo V. (Orgs.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; CCBB, 1996.

LIMA, Nísia Trindade. O Brasil e a Organização Pan-Americana da Saúde: uma história de três dimensões. In: FINKELMAN, J., (Org.). **Caminhos da saúde no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

LIMA, Ana Laura Godinho. Maternidade higiênica: natureza e ciência nos manuais de puericultura publicados no Brasil. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 47, p. 95-122, Editora UFPR. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo Educado - Pedagogias da sexualidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, 2ª Edição, Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LUENGO, Fabiola Colombani. **A vigilância punitiva: A posição dos educadores no processo de patologização e medicalização da infância**. [online] São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

MACIEL, Maria Eunice. Uma cozinha brasileira. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n.33, p.25-39. 2004. Disponível em: <[bibliotecadigital.fgv.br](http://bibliotecadigital.fgv.br)> Acesso em: 18 jun. 2017.

MANSANERA, Adriano Rodrigues; SILVA, Lúcia Cecília da. **A influência das idéias higienistas no desenvolvimento da psicologia no Brasil**. *Psicol. estud.*, vol.5, no.1, p.115-137. Mar. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v5n1/v5n1a08.pdf>> Acesso em: 03 mar. 2017.

MARQUES, Vera Regina Beltrão; FARIAS, Fabiana Costa de Senna Ávila. A Eugenia e a doença dos escolares nos anos 1920. In: MONTEIRO, Yara Nogueira (Org.). **História da Saúde: olhares e veredas**. Instituto Saúde, São Paulo, 2010.

MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. Ser Mulher é Ser mãe: a maternidade como uma atribuição científica. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/ArtigoANPUHNacional2011.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2017.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Políticas públicas para a maternidade e a infância no Brasil na primeira metade do século XX. In: MONTEIRO, Yara Nogueira (Org.). **História da Saúde: olhares e veredas**. São Paulo. pp. 99- 122, 2010.

MATEUS, Samuel. **Publicidade e Consumo nas Sociedades Contemporâneas**. Covilha: Livros LabCom. Books 2011.

MENDES, Emília. Análise do discurso e iconicidade: uma proposta teórico-metodológica. In: MENDES, Emília (Coord.) et al. (Orgs.). **Imagem e discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

MOURA, Vera Lúcia Braga de. **A Invenção da infância: as políticas públicas para a infância em Pernambuco (1906-1929)**. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, CFCH. Programa de Pós-graduação em História, 2011.

NASCIMENTO, José Mateus do. O jardim de infância modelo de Natal e o cultivo de uma pedagogia para a educação infantil. In: PAIVA, Menezes Marlúcia et al.(Orgs.). **Infância, escolarização e higiene no Brasil**, Brasília-DF: Liber Livro, 2011.

OLIVEIRA, Elza Regis de. **Teoria, história e memória** - João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti. **Façamos a família à nossa imagem**: a construção de conceitos de família no recife moderno (décadas de 20 e 30). Tese Doutorado em História, FCH. Recife, UFPE, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PONTE, Carlos Fidelis; LIMA, Nísia Trindade; KROPF, Simone Petraglia. **O sanitarismo redescobre o Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. Disponível em: <<http://www.ebookscenter.co.uk/download/>> Acesso em: 09 out. 2017.

POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologias da Alimentação**: os comedores e o espaço social alimentar. Tradução: PROENÇA, Rossana Pacheco da Costa; RIAL, Carmem Sílvia; CONTE, Jaimir. 2 ed. – Florianópolis: Ed. Da UFSC,2013.

QUEIROGA, Maria do Socorro Nóbrega. Discursos republicanos e governo da infância. In: **Revista Educação em Questão**. Natal, v. 50, n. 36, p. 3-8, set./dez. 2014. Disponível em: <[www.revistaeduquestao.educ.ufrn.br/pdf](http://www.revistaeduquestao.educ.ufrn.br/pdf/)> Acesso em: 19 jun. 2017.

REIS, José Carlos. O tempo histórico como “representação intelectual”. In: **Fênix – revista de história e estudos culturais**. Maio/ junho/ julho/ agosto de 2011, vol. 8 ano viii nº 2, ISSN: 1807-6971. Disponível em: <[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)> Acesso em: 03 mar. 2017.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução: GREGOLIN, Maria do Rosário; MILANEZ, Nilton; PIOVESANI, Carlo. São Carlos: Clara luz, 2005.

ROCHA, Francineide Rodrigues Passos. **A “oficina da nacionalidade”**: higienização das crianças e das mães na Parahyba (1911 a 1927). fls 115. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SAGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. In: **Revista Saúde Pública** [online]. Vol.31, nº5. Out., pp. 538-542, Universidade de São Paulo-Faculdade de Saúde Pública. 1997. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034>> Acesso em: 16 jun. 2017.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **A força e a alegria na construção histórica das representações corporais**. Niterói, v. 10, n. 2, p. 63-77, 1. sem. 2010. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/>> Acesso em: 01 jun. 2017.

SANTOS, C. R. A. dos. A alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa. In: **História: Questões & Debates**, Curitiba, Editora UFPR. n. 42, p. 11-31, 2005.

SANTOS, Leonardo Querino Barbosa Freire dos. **Entre a ciência e a saúde pública: a construção do médico paraibano como reformador social – 1911- 1929**. Dissertação de Mestrado, 254f. - Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Campina Grande, PB. 2015.

SANTOS, Luiz Antônio de Castro. O pensamento sanitaria na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. **Dados - Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v.28, n.2, p.193-210. 1985.

SILVA, Gustavo Pereira da; COSTA, Armando Dalla. Companhia Ararense de Leiteria (1909–1920): Louiz Nougues e a realização de um sonho. In: **Revista História Econômica & História de Empresas**. São Paulo: ABPHE. Vol. X, no 1, p. 117- 141, jan/jun. 2007. Disponível em: <[www.abphe.org.br/revista/](http://www.abphe.org.br/revista/)> Acesso em: 15 abr. 2017.

SILVA, Paloma Porto. **A higiene como missão: fundação rockefeller, filantropia e controvérsia científica – Paraíba do Norte (1923 – 1930)**. 150 fls. Tese - Ciência e Cultura na História, Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais- Belo Horizonte. 2014.

SILVEIRA, Fernando de Almeida. **Michel Foucault e a construção discursiva do corpo do sujeito moderno e sua relação com a psicologia**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 4, p. 733-742, out./dez. 2008. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722008000400011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400011)> Acesso em: 06 set. 2016.

SOARES, Dr. João. A Banana na Alimentação do Lactente. In: **Revista da Sociedade e Medicina**, anno III, nº6- João Pessoa- PB, 1934.

SOARES JR., Azemar dos Santos. **Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História - UFPB, 2011. p.193. Disponível em: <[www.cchla.ufpb.br/ppgh/2011\\_mest\\_azemar\\_soaresjr.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/2011_mest_azemar_soaresjr.pdf)> Acesso em: 07 out. 2016.

SOARES JR., Azemar dos Santos; ARRUDA, Ramon Limeira Cavalcanti de. “Sobre a necessidade de cuidar da perfeita educação”: Flávio Maroja e sua política médico-pedagógica. In: **Sæculum - Revista de História** [31]; João Pessoa, jul./dez. 2014. p.121-140.

SOUZA, Rogério Luiz. A arte de disciplinar os sentidos o uso de retratos e imagens em tempos de nacionalização (1930-1945). In: **Revista Brasileira de Educação** v. 19 n. 57, pp- 239-416, abr.-jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/>> Acesso em: 25 jun. 2017.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Em nome da raça: a propaganda eugênica e as ideias de Renato Kehl nos anos 1910 e 1920. In: **Revista de História Regional**, 11(2): 29-70, Inverno, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.>> Acesso em: 15 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. **A política biológica como projeto: a “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)**. pp. 250. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/

Fiocruz. Rio de Janeiro. 2006. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/pdf.>> Acesso em: 03 mar. 2017.

STEPAN, N. L. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., (Orgs.). **Cuidar, controlar, curar:** ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde - SciELO Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org>> Acesso em: 15 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. **A hora da eugenia:** raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

TEIXEIRA, Luiz Antonio. Da raça à doença em Casa Grande e Senzala. In: **História Ciência Saúde - Manguinhos** [online]. 1997, vol.4, n.2, pp.231-243. ISSN 0104-5970. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701997000200003>> Acesso em: 14 abr. 2017.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza.** Tradução: Leo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WADSWORTH, James E. Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. In: **Revista Brasileira de História** [online]. 1999 vol.19, n.37, pp.103-124. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102->> Acesso em: 17 jul. 2017.

## Fontes:

### Arquivos Documentais:

Arquivo da Biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB –PB.

Arquivo da Biblioteca Municipal do Município de Esperança – PB.

Arquivo Maurílio de Almeida – João Pessoa –PB.

Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro- João Pessoa – PB.

### Periódicos:

Jornais *A União* de 1918 a 1937.

Revista *Era Nova* - Ano 1- volume 03, 01 de maio, 1921.

Revista *Era Nova*, Parahyba, Ano 1, nº 13, 01 de outubro de 1921.

Revista *Era Nova*, Parahyba, nº 01 de 27 de março de 1921.

Revista *Era Nova*, Parahyba, nº 06 de 25 de agosto 1925.

Revista *Era Nova*, Parahyba, Anno V, nº 90 15 de novembro de 1925.

Revista *Era Nova*, Parahyba, Anno V, nº 83, 15 de julho de 1925.

### Revistas de Medicina:

*Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba*, Ano II, vol. 6, setembro de 1933.

*Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba*, João Pessoa, Ano V, nº 1, 1936.

*Revista da Sociedade e Medicina*, Anno III, nº6- João Pessoa- PB, 1927. Artigo do Dr. João Soares. A Banana na Alimentação do Lactente.

**Documentos oficiais:**

Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa da Parahyba pelo Dr. Francisco Camillo de Hollanda, em 1 de setembro de 1919.

Documentos oficiais: Mensagem do Presidente do Estado João Suassuna, apresentada à Assembleia Legislativa da Parahyba, em 1 de outubro de 1926.

Documentos oficiais: Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado da Parahyba, da 4ª sessão ordinária da 8ª legislatura pelo Dr. Solon Barbosa de Lucena, presidente do Estado da Paraíba em 1º de setembro de 1923.

Documentos oficiais: 6º Boletim: Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância em 27 de agosto de 1922, Disponível em: GEPHE - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Higienismo e o Eugenismo. Site: <<http://www.ppi.uem.br/gephe>>

Documentos oficiais (Mensagem do Presidente do Estado da Parahyba João Suassuna à Assembléia Legislativa na abertura da 2ª Sessão Ordinária, p. 112, 1927).

**Manual de puericultura**

ROCHA, Martinho da. *Cartilha das Mães*: cuidados, educação e alimentos do bebê. Civilização Brasileira S/A- Rio de Janeiro, 1935.

**ANEXOS**

**ANEXO I**

**PRÉDIO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ESPERANÇA**



**Fonte:** Registro fotográfico particular. Esperança-PB, set. 2016.

**ANEXO II**

**ACERVO DO JORNAL A *UNIÃO* - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO  
DE ESPERANÇA**



**Fonte:** Registro fotográfico particular. Esperança-PB, set. 2016.

## ANEXO III

## FRASE DO DORMITÓRIO INCENTIVANDO A AMAMENTAÇÃO



Fonte: *Era Nova*, Anno 1, nº 13, 1º de outubro de 1921.

## ANEXO IV

## INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES SOBRE O INSTITUTO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA

MÉDICA 3

**INSTITUTO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA DO ESTADO DA PARAHYBA**

Lr. Guedes Pereira

O Instituto de Protecção e Assistencia à Infancia tem por fim amparar à infancia principalmente a desvalida sob todos os aspectos.

Fundado em 1.º de novembro de 1912, foi inaugurada a sua 1.ª secção — o ambulatório ou polyclinica — em 7 de janeiro de 1913, nos baixos do predio á rua Duque de Caxias, n. 413, de onde mudou-se tempos depois, para a rua do Carmo, n. 50, depois para a rua Visconde de Pelotas, n. 9, e, mais tarde, para uma parte do antigo hospital da Santa Casa, á rua Duarte da Silveira, cedida gratuitamente por esta instituição, onde, em 1.º de agosto de 1920, também inaugurou, numa parte do pavimento superior, com 17 leitos, a 2.ª secção — a maternidade ou, melhor, refugio maternal — e dahi, em 9 de outubro de 1927, mudou-se definitivamente para a sua sede propria, á avenida João Machado s/n, cuja pedra fundamental tinha sido collocada em 11 de junho de 1913, sendo assim passados, do inicio da construção á inauguração, 14 annos, 3 meses e 28 dias em lento, constante e persistente trabalho. Ahi ficaram, desde logo, installados e ampliados os serviços existentes e começadas as installações de outros.

Em 1.º de outubro de 1931, em virtude da falta, em parte, da cooperação da Diretoria de Saúde Publica, com esta instituição para a execução dos serviços de hygiene infantil e consequente installação da maternidade do Estado (no hospital construido para molestias infecto-contagiosa agudas), foi extincto, provisoriamente, o refugio maternal, por falta de maiores recursos e, mesmo, por ter desaparecido a presente necessidade em que viviam as mães desvalidas em nosso meio, tendo, entretanto, durante os seus 10 annos de existencia, amparado mais de 1.500 parturientes e, na maioria, suas respectivas crianças.

Tem, actualmente, essa instituição, com funcção regular e efficiente, os seguintes serviços:

Um ambulatório, tendo: consultorio de lactentes; consultorio medico cirurgico (para creanças até 10 annos); gabinete de oto-rhino-laringologia; gabinete dentario; sala de curativos; uma enfermaria de lactentes — “Enfermaria Fernandes Filgueira”, — com 6 leitos, e duas enfermarias geraes — “Moncorvo Filho” e “João Pessoa”, com 20 leitos cada uma.

Até junho ultimo, inclusive, o numero total de matriculas era de 28.976, com beneficios inestimaveis.

Dispõe o Instituto de capella e, para o seu bom andamento, de serviços outros, que melhoram sempre, dentro das possibilidades financeiras.

Como patrimonio, além da sede propria, tem esta instituição a Casa de Saúde S. Vicente de Paulo, funcionando, em parte, desde 20 de junho de 1930.

O serviço domestico do Instituto como o da Casa de Saúde estão entregues á direcção de irmãs 3.ªs Capuchinhas.

E' a seguinte a sua actual diretoria:

Presidente e director fundador — Dr. Walfredo Guedes Pereira;

1.º vice-presidente — Dr. José de Seixas Maia;

2.º vice-presidente — Dr. Alceu de França Navarro;

1.º secretario — Dr. José Teixeira de Vasconcellos;

2.º secretario — Dr. Antonio de Avila Lins;

Orador — Dr. José Maciel;

Bibliothecario — Dr. Oscar de Castro;

Thesoureiro — Major José de Barros Moreira.

Comissão de Syndicancia e Contas: — Prof. Coriolano de Medeiros, — Dr. Flavio Marója, Dr. Irineu Joffily, Des. Paulo Hypacio e Des. José Ferreira de Novaes.

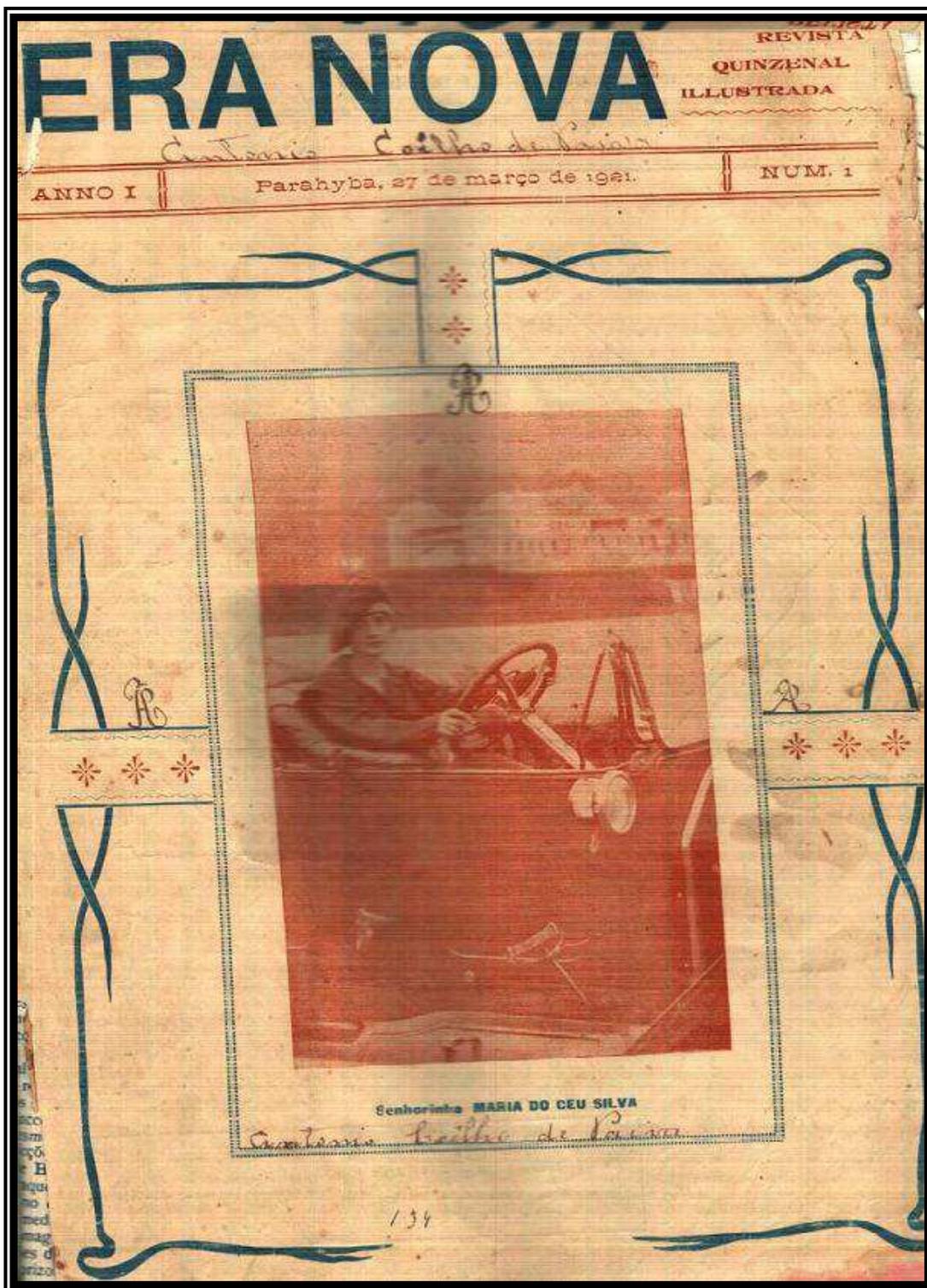
Commungando as mesmas idéas e fazendo parte integrante e indispensavel á esta instituição, existe o “Departamento das Damas Protectoras”, com a actual diretoria:

Presidente — D. Alice Cunha;

1.º vice-presidente — D. Corinha Rosas Monteiro;

ANEXO V

CAPA DA REVISTA ERA NOVA



Fonte: Era Nova, nº 01, 27 de março de 1921.

## ANEXO VI

### BULA - EMULSÃO DE SCOTT

#### Emulsão Scott

#### Tradicional, Laranja e Morango

óleo de fígado de bacalhau + associação

#### APRESENTAÇÃO

Emulsão em frascos de 200 mL e 400 mL

**USO ORAL - USO ADULTO E PEDIÁTRICO ACIMA DE 2 ANOS**

#### COMPOSIÇÃO

Cada 15 mL de Emulsão Scott contém óleo de fígado de bacalhau (0,882g), vitamina A - palmitato de retinol (3795UI), vitamina D - colecalciferol (379UI), óleo de soja, fosfato monossódico, fosfato dicálcico, hipofosfito de sódio, ácido oleico, sacarina sódica, glicerina, metilparabeno, propilparabeno, álcool benzílico, hidróxido de sódio, propilgalato, ácido cítrico, hexametáfosfato de sódio, sorbato de potássio, hidroxipropilmetilcelulose F 4000, hidroxipropilmetilcelulose F 50, salicilato de metila, água purificada.

Excipientes adicionais Emulsão Scott Tradicional: óleos essenciais de amêndoas amargas e de cássia. Excipientes adicionais Emulsão Scott Laranja: aroma laranja, corantes FD&C vermelho nº 40 (CI 16035), FD&C amarelo nº 5 (CI 19140) e FD&C amarelo nº 6 (CI 15985). Excipientes adicionais Emulsão Scott Morango: aroma morango, corantes FD&C vermelho nº 40 (CI 16035).

#### 1. PARA QUE ESTE MEDICAMENTO É INDICADO?

Emulsão Scott é indicado para prevenção e tratamento das doenças resultantes da carência de vitaminas A e D.

#### 2. COMO ESTE MEDICAMENTO FUNCIONA?

Emulsão Scott funciona como fonte de vitaminas A e D, que são assimiladas pelo organismo.

#### 3. QUANDO NÃO DEVO USAR ESTE MEDICAMENTO?

Você não deve usar este medicamento se você tiver história de alergia a quaisquer componentes da fórmula, incluindo o corante amarelo de tartrazina, presente apenas no sabor laranja. **Este produto contém o corante amarelo de TARTRAZINA que pode causar reações de natureza alérgica, entre as quais asma brônquica, especialmente em pessoas alérgicas ao ácido acetil salicílico.**

#### 4. O QUE DEVO SABER ANTES DE USAR ESTE MEDICAMENTO?

Você não deve tomar mais do que a dose recomendada deste medicamento. Você deve consultar seu médico antes de tomar este medicamento se você tiver problema nos rins, no coração, se estiver usando suplementos de vitaminas A e D, ou se estiver grávida ou amamentando. **Este medicamento não deve ser utilizado por mulheres grávidas sem orientação médica ou do cirurgião-dentista. Informe ao seu médico ou cirurgião-dentista se você está fazendo uso de algum outro medicamento.**

#### **5. ONDE, COMO E POR QUANTO TEMPO POSSO GUARDAR ESTE MEDICAMENTO?**

Você deve conservar Emulsão Scott em temperatura ambiente e protegido da luz. **Número de lote e datas de fabricação e validade: vide embalagem. Não use este medicamento com o prazo de validade vencido. Guarde-o em sua embalagem original.** Emulsão Scott é apresentado como um líquido viscoso de cor branca (tradicional), alaranjada (sabor laranja) ou rósea (sabor morango). **Antes de usar, observe o aspecto do medicamento. Caso ele esteja no prazo de validade e você observe alguma mudança no aspecto, consulte o farmacêutico para saber se poderá utilizá-lo. Todo medicamento deve ser mantido fora do alcance das crianças. BU0496-01.**

#### **6. COMO DEVO USAR ESTE MEDICAMENTO?**

Você deve agitar bem o frasco e tomar Emulsão Scott nas doses recomendadas a seguir:

- Adultos e crianças de 12 anos ou mais: 1 colher de sopa (15mL) ao dia, após uma das refeições.
- Crianças de 2 a 11 anos: 1 colher de sobremesa (10mL) ao dia, após uma das refeições.

Para crianças menores de 2 anos, você deverá consultar o médico. **Siga corretamente o modo de usar. Em casos de dúvidas sobre este medicamento, procure orientação do farmacêutico. Não desaparecendo os sintomas, procure orientação de seu médico ou cirurgião-dentista.**

#### **7. O QUE DEVO FAZER QUANDO EU ME ESQUECER DE USAR ESTE MEDICAMENTO?**

Caso você esqueça de tomar este medicamento após uma refeição, você pode tomá-lo após a refeição seguinte. **Em caso de dúvidas, procure orientação do farmacêutico ou de seu médico, ou cirurgião-dentista.**

#### **8. QUAIS OS MALES QUE ESTE MEDICAMENTO PODE ME CAUSAR?**

Este medicamento é em geral bem tolerado, desde que as doses recomendadas sejam seguidas. **Informe ao seu médico, cirurgião-dentista ou farmacêutico o aparecimento de reações indesejáveis pelo uso do medicamento. Informe também à empresa através do seu serviço de atendimento.**

#### **9. O QUE FAZER SE ALGUÉM USAR UMA QUANTIDADE MAIOR DO QUE A INDICADA DESTES MEDICAMENTOS?**

Se você tomar uma dose excessiva deste medicamento, você poderá ter fadiga, irritabilidade, vômito, dor de cabeça, náusea, transpiração, sede e tonteira. **Em caso de uso de grande de quantidade deste medicamento, procure rapidamente socorro médico e leve a embalagem ou bula do medicamento, se possível. Ligue para 0800 722 6001, se você precisar de mais orientações.**

MS. 1.0107.0070

Farm. Resp.: Milton de Oliveira CRF-RJ 5522

Fabricado por GlaxoSmithKline Brasil Ltda., Estrada dos Bandeirantes, 8464 - Rio de Janeiro - RJ

CNPJ 33.247.743/0001-10

Indústria Brasileira

SAC 0800 021 15 29

**Siga corretamente o modo de usar, não desaparecendo os sintomas procure orientação médica.**

## ANEXO VII

**MOVIMENTO DO INSTITUTO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA  
DURANTE O ANO DE 1936, SENDO O DE HIGIENE INFANTIL EM  
COOPERAÇÃO COM A DIRETORIA DE SAÚDE PÚBLICA**

<b>Higiene Infantil</b>	
Existiam	1.387
Matricularam-se durante o ano	1.305
Consultas	3.600
<b>Ambulatório Médico Cirúrgico</b>	
Existiam matriculados	4.697
Matricularam-se durante o ano	5.548
Tiveram alta curados	1.527
Tiveram alta por falecimento	255
Tiveram alta por outros motivos	3.192
Ficaram matriculados	5.271
<b>Movimento da Farmácia do Instituto</b>	
Receitas	950
Fórmulas	1.523
<b>Gabinete Dentário</b>	
Tratamento	2.250
Obturações a porcellana	81
Obturações almagama	134
Obturações provisórias	91
Extrações de dente de leite	436
Extrações definitivas	99
<b>Serviços outros</b>	
Curativos	7.150
Injecções	6.325
Exame de urina	265
Exame de fezes	368
Exame de sangue	20
Exame de pus	5
Exame de escarro	4
Medicações para vermes	1.908
Otorrino	204
Oftalmologista	878
Receitas	25.526
Consultas	30.303
Pequenas intervenções	17
Grandes operações	7

**Fonte:** Quadro produzido pela autora com as informações vinculadas no Jornal *A União*, 6 de jan. de 1937.

## ANEXO VIII

**QUADRO DEMONSTRATIVO DOS ANÚNCIOS UTILIZADOS NESTE ESTUDO,  
FOTOGRAFADOS DO JORNAL A UNIÃO**

<b>Nº</b>	<b>TÍTULOS DOS ANÚNCIOS</b>	<b>PRODUTO</b>	<b>DIA DA SEMANA, DATA, MÊS E ANO</b>	<b>PÁGINA DO JORNAL</b>
01	“Leite MOÇA”	Leite Condensado Moça	Terça-feira, 5 de junho de 1919	p. 3
02	As Crianças De Hoje	Emulsão de Scott	Quinta-feira, 4 de julho de 1935	p. 5
03	Mães que amamentam	Toddy	Domingo, 30 de setembro de 1934	p. 7
04	Dae ao vosso filho um producto superior! ...	Farinha BÉBÉ	Quinta-feira, 5 de julho de 1928	p. 3
05	MÃES!	Farinha bébé	Quarta-feira, 11 de julho de 1928	p. 3
06	Mortalidade Infantil É, no Brasil o perigo nº 1	Leite Lactogeno ou Nestogeno	Sabbado, 9 de maio de 1936	p. 7
07	Como preparar o alimento...	Leitelho Eledon	Terça-feira, 21 de julho de 1936	p. 5
08	Como alimentar o seu bébé?	Leite condensado ‘Moça’	Domingo, 23 de junho de 1935	p. 3
09	Para cada caso um leite em pó NESTLÉ	Leite	Terça-feira, 19 de junho de 1934	p. 15
10	FARINHA LACTEA NESTLÉ	Farinha	Sabbado, 4 de novembro de 1922	p. 8
11	O QUE É A FARINHA SABIDO PINHO UMA VERDADEIRA MARAVILHA	Farinha	Quarta-feira, 11 de dezembro de 1929	p. 5

12	O medico disse que estou magrinho...	Farinha Lactea Nestlé	Terça-feira, 24 de julho de 1934	p. 10
13	Má Nutrição e Fraqueza Organica	Emulsão de Scott	Quinta-feira, 11 de abril 1918	p. 5
14	ATÉ AS CRIANÇAS	Emulsão de Scott	Terça-feira, 7 de maio de 1918	p. 3
15	SAUDE	Emulsão de Scott.	Sexta-feira, 3 de fevereiro de 1930	p. 8
16	BEBES	Emulsão de Scott	Quinta-feira, 11 de agosto de 1927	p. 5
17	Emulsão de Scott RICA EM VITAMINAS	Emulsão de Scott	Domingo, 20 de janeiro de 1929	p. 3
18	Prepare o seu filho para as duras provações da vida	Emulsão de Scott	Domingo, 9 de fevereiro, 1936	p. 5
19	Leite condensado 'Moça'	Leite condensado 'Moça'	Sabbado, 23 de novembro de 1918	Sem página
20	O leite "MOÇA	Leite condensado 'Moça'	Sabbado, 1 de novembro de 1919	p. 4
21	As crianças têm bom appetite	Leite em pó Dryco	Quinta-feira, 06 de fevereiro, 1936	p. 5
22	LEITE NACIONAL ARARENSE	Leite em pó	Sexta-feira, 25 de julho de 1919, p. 4	p. 4
23	FARINHA LACTEA NESTLÉ	Farinha	Quinta-feira, 7 de maio de 1919, p. 3	p. 3
24	Farinha dos Petizes	Farinha	Quarta-feira, 7 de outubro de 1937	p. 8
25	Pondo a Bocca no Mundo!	Farinha das creanças	Domingo, 12 de setembro de 1937	p. 6

26	50 anos de confiança	Farinha de aveia Quaker Oats	Quarta-feira, 27 de novembro de 1929	p. 4
27	APPETITE assim é sinal de saúde	Leite em pó Dryco	Domingo, 2 de fevereiro de 1936	p. 4
28	Primeiro Dente	Leite em pó Dryco	Quinta-feira, 23 de abril de 1936	p. 4
29	Que garoto peralta!	Leite em pó Dryco	Sabbado, 25 de janeiro de 1936	p. 4
30	PERNAS BAMBAS...	Leite em pó Dryco	Domingo, 10 de novembro de 1935	p. 5
31	Qual dellas merece mais cuidado?	Leite Condensado Marca 'Moça'	Domingo, 3 de maio de 1936	p. 7
32	Si elle pudesse fallar	Leite Condensado Marca 'Moça'	Domingo, 10 de maio de 1936	p. 7
33	LEITE CONDENSADO MARCA 'MOÇA'	Leite Condensado Marca 'Moça'	Quinta-feira, 18 de novembro de 1937	p. 3
34	O SOMNO DO BÊBÊ DEVE SER CALMO	Leite em pó Lactogeno e Nestogeno	Sabbado, 23 de maio de 1936	p. 7
35	Um bebê NESTLÉ	Leite em pó Lactogeno e Nestogeno	Quarta-feira, 24 de novembro de 1937	p. 7
36	FARINHA LACTEA NESTLÉ	Farinha	Terça-feira, 9 de novembro de 1937	p. 7
37	FARINHA LACTEA NESTLÉ	Farinha	Terça-feira, 23 de novembro de 1937	p. 7
38	FARINHA LACTEA NESTLÉ	Farinha	Terça-feira, 19 de outubro de 1937	p. 7
39	A Farinha Lactea Nestlé é uma tentação...	Farinha	Quinta-feira, 7 de maio de 1936	p. 7
40	MAIZENA DURYA A CONSERVARÁ	Farinha	Domingo, 25 de setembro de 1932	p. 5

	ROBUSTA E FELIZ			
41	Que bella creança!	Emulsão de Scott	Sexta-feira, 27 de janeiro de 1929	p. 3
42	Para as creanças, brincar é viver...	Emulsão de Scott	Sexta-feira, 1º de fevereiro de 1929	p. 3

**Fonte:** O quadro foi organizado de acordo com os anúncios analisados na dissertação. Os títulos foram transcritos de acordo com a ortografia original.

## ANEXO IX

**QUADRO DEMONSTRATIVO DOS ANÚNCIOS UTILIZADOS NESTE ESTUDO -  
FOTOGRAFADOS DA REVISTA DA SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA  
DA PARAHYBA - JOÃO PESSOA**

<b>Nº</b>	<b>TÍTULOS DOS ANÚNCIOS</b>	<b>PRODUTO</b>	<b>DIA DA SEMANA, DATA, MÊS E ANO</b>	<b>PÁGINA DO JORNAL</b>
<b>01</b>	A conclusão de milhares de observações clínicas!	Leite condensado 'Moça'	Setembro de 1933	Sem página
<b>02</b>	O ELEDON	LEITE em pó	Janeiro de 1939	Sem página
<b>03</b>	NESTLÉ	Leites Nestogeno, Lactogeno, Molico e Eledon	Domingo, Janeiro de 1939	p. 12
<b>04</b>	Observações clínicas recentes	FARINHA LACTEA Nestlé	Novembro de 1936	Sem página
<b>05</b>	FARINHA LACTEA NESTLÉ e o leite em pó LACTOGENO	Farinha Lactea e leite em Pó Lactogeno	Novembro de 1936	s.p.

**Fonte:** *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba* - João Pessoa, Ano VIII, nº 1, 1935.